UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO
FACULDADE DE FILOSOFIA, LETRAS E CIÊNCIAS HUMANAS
DEPARTAMENTO DE SOCIOLOGIA
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM SOCIOLOGIA

CLAUDINEI CARLOS SPIRANDELLI

**Trajetórias intelectuais: professoras do Curso de Ciências Sociais da FFCL-
USP (1934-1969)**

São Paulo (SP)
2008

UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO
FACULDADE DE FILOSOFIA, LETRAS E CIÊNCIAS HUMANAS
DEPARTAMENTO DE SOCIOLOGIA
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM SOCIOLOGIA

**Trajetórias intelectuais: professoras do Curso de Ciências Sociais da FFCL-
USP (1934-1969)**

CLAUDINEI CARLOS SPIRANDELLI

Tese submetida ao Departamento de Sociologia da
Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências
Humanas, da Universidade de São Paulo (USP),
como parte dos requisitos para a obtenção do Grau
de Doutor em Sociologia.

Orientadora: Prof.^a Dr.^a Maria Arminda do Nascimento Arruda

São Paulo (SP)
2008

RESUMO

O presente trabalho, cujo objetivo principal é interpretar sociologicamente a atuação de produtores da chamada ciência social *uspiana*, investiga aspectos da trajetória intelectual de algumas professoras do Curso de Ciências Sociais da *Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras*, da *Universidade de São Paulo*, examinando *disputas simbólicas* – típicas de grupos intelectuais e voltadas para a conquista da afirmação acadêmica – nas *Cátedras* do Curso. Tais disputas seriam inerentes à busca de afirmação, poder e legitimação, por parte dos cientistas sociais em geral, e corresponderiam a clivagens que são analisadas a partir das origens sociais dessas professoras e das relações de sociabilidade em que elas se enredavam. O autor mostra que tais origens e relações teriam interferido na carreira delas (posições, cargos, títulos conquistados e obras produzidas). Ele usa como referenciais teóricos, principalmente, obras de Pierre Bourdieu e de Norbert Elias, e se vale de textos biográficos, autobiográficos, depoimentos, entrevistas, memoriais e cartas. O trabalho se insere no âmbito dos estudos da sociologia da cultura, mais especificamente na chamada *história intelectual* ou *sociologia da vida intelectual*.

Palavras-chave: campo intelectual; grupos acadêmicos; história intelectual; pensamento sociológico brasileiro; trajetórias intelectuais

Abstract

*This paper, whose principal objective are make a sociological interpretation about the actuation of producers of Social Sciences from USP, research aspects of the intellectual trajectories of female professors from the Socials Science' course of **Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras**, of the **Universidade de São Paulo**, inquire symbolic arguments – typical of intellectual groups and with the intention obtaining academic affirmation – in the **Cathedras** of this Course. In addition, such arguments matches would be inherent in the search of affirmations, power and legitimation, by social scientists in general, and they would correspond to cleavages that are analyzed starting from the social origins of these female professors and from the sociability relationship in which they are entangled. The author shows which these origins and relationships would have been interferenced in their careers (positions, achieved titles and produced works). He uses like theoretical references, mainly, works of Pierre Bourdieu and Norbert Elias, and to have recourse of biographical and autobiographical texts, testimonies, interviews, memorials and letters. The paper is inserting in the environment of studies of sociology of culture, more specifically in the called **intellectual history** or **intellectual life sociology**.*

Key words: *intellectual field; academic groups; intellectual history; Brazilian Sociological thought; intellectual careers*

Résumé

*Ce travail, dont principal objectif est de faire une interprétation sociologique sur les producteurs de la science social uspiana, c'est à dire, qui concerne l' USP, recherche aspects des trajectoires intellectuelles de professeurs du cours de Sciences Sociales de la **Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras**, de l'**Universidade de São Paulo**, est examiné symboliques – typiques de groupes intellectuels et tournées à la conquête de l'affirmation académique – dans les **Cathedras** du Cours. Ces disputes serient inhérentes à la quête d'affirmation, pouvoir et légitimation, de la part de scientifiques sociaux en général, et correspondraient à des clivages qui sont analysés selon les origines sociales de ces professeurs et des rapports de sociabilité dans lesquels ils s'impliquaient. Le auteur marque que ces origines et relations auraient s'intervenir sur les carrières (positions, postes, titres conquis et ouvrages produits). Il utilise comme référentiels théoriques, principalement, ouvrages de Pierre Bourdieu et de Norbert Elias, et use textes biographiques, autobiographiques, témoignages, interviews, mémoires et courriers comme sources. Le travail s'insère dans la sphère des études de la sociologie de la culture, plus spécifiquement de l'**histoire intellectuelle** ou **sociologie de la vie intellectuelle**.*

***Les mots-clés :** champ intellectuel ; groupes académiques ; histoire intellectuelle ; pensée sociologique brésilienne ; trajectoires intellectuelles*

SUMÁRIO

RESUMO	3
<i>Abstract</i>	4
<i>Résumé</i>	5
Epígrafe	7
Dedicatória.....	8
Agradecimentos.....	9
INTRODUÇÃO.....	11
O problema, o objeto e o campo da pesquisa	11
Constituição das <i>gerações</i> e das professoras pesquisadas.....	34
Quadros	43
CAPÍTULO 1: AS CÁTEDRAS.....	54
Introdução.....	54
A Cátedra de Sociologia II	56
A Cátedra de Sociologia I.....	62
A Cátedra de Antropologia	71
A Cátedra de Política	77
Considerações sobre as Cátedras	82
CAPÍTULO 2: TRAJETÓRIAS	88
Introdução.....	88
<i>Primeira Geração</i>	88
<i>Segunda Geração</i>	114
Análises e considerações	137
Modelos de trajetórias: precursoras e rotinizadas.....	141
CAPÍTULO 3: OBJETOS E OBRAS.....	147
Introdução.....	147
Objetos e obras: diferenças	148
Objetos e obras: identidades.....	172
CONSIDERAÇÕES FINAIS	179
FONTES CONSULTADAS	184
BIBLIOGRAFIA	196

Epígrafe

MULHERES DE ATENAS (Chico Buarque/Augusto Boal-1976)

Mirem-se no exemplo daquelas mulheres de Atenas
Vivem pros seus maridos, orgulho e raça de Atenas
Quando amadas se perfumam
Se banham com leite, se arrumam
Suas melenas
Quando fustigadas não choram
Se ajoelham, pedem imploram
Mais duras penas, cadenas
...

Mirem-se no exemplo daquelas mulheres de Atenas
Temem por seus maridos, heróis e amantes de Atenas
As jovens viúvas marcadas
E as gestantes abandonadas, não fazem cenas
Vestem-se de negro, se encolhem
Se conformam e se recolhem
As suas novenas
Serenas
Mirem-se no exemplo daquelas mulheres de Atenas
Secam por seus maridos, orgulho e raça de Atenas

HOLLANDA, Chico Buarque de; WERNECK, Humberto. **Chico Buarque: letra e música**. São Paulo: Companhia das Letras, 1989, p. 144.

“O puritano *queria* ser um profissional – nós *devemos* sê-lo. Pois a ascese, ao se transferir das celas dos mosteiros para a vida profissional, passou a dominar a moralidade intramundana e assim contribuiu [com sua parte] para edificar esse poderoso cosmos da ordem econômica moderna ligado aos pressupostos técnicos e econômicos da produção pela máquina, que hoje determina com pressão avassaladora o estilo de vida de todos os indivíduos que nascem dentro dessa engrenagem – *não* só dos economicamente ativos – e talvez continue a determinar até que cesse de queimar a última porção de combustível fóssil.”

Weber, Max. **A ética protestante e o “espírito” do capitalismo**. São Paulo: Companhia das Letras, 2004, p. 165. Trad. de José Marcos Mariani de Macedo; rev. téc. de Antônio Flávio Pierucci.

Dedicatória

À Prof.^a Dr.^a Maria Arminda do Nascimento Arruda

Agradecimentos

À minha Orientadora, Prof.^a Dr.^a Maria Arminda do Nascimento Arruda, que, com sua grande paciência, cortando-me os excessos, ajudou-me a chegar à consecução desta Tese. Certamente, sem seu apoio, talvez eu tivesse desistido. Desde o início, ela sempre acreditou em mim, instigando-me a continuar. “Esse caráter é coisa de berço”, disse-me certa vez. Orgulho-me dela e do “berço”, sem nenhuma modéstia, com muita vaidade.

Aos professores Luiz Carlos Jackson e Heloisa Pontes (pelas enormes e ricas sugestões expostas em nosso Exame de Qualificação), Sergio Miceli Pessoa de Barros e Mario Antonio Eufrásio, grande amigo e excelente “bom-papo”.

À Gabriel Cohn, que, como Diretor da FFLCH-USP, inúmeras vezes autorizou minhas pesquisas e trabalhos nos Arquivos da Seção de Protocolo, na Administração da Faculdade. Ao eficiente Clóvis, a quem todo o agradecimento será pouco. Na figura dele, aproveito para estender a seus colegas da Direção esta minha gratidão; também ao pessoal da Biblioteca Central, do CAPH (Centro de Apoio à Pesquisa Sergio Buarque de Hollanda), do IEB (Instituto de Estudos Brasileiros) e da Biblioteca Comunitária/Fundo Florestan Fernandes da UFSCar.

Aos professores que, gentilmente, concederam-me a honra de entrevistá-los para a pesquisa e coleta de dados: Zeila de Brito Fabri Demartini, Maria Helena Rocha Antuniassi, Maria Christina Siqueira de Souza Campos, Maria Hermínia Brandão Tavares de Almeida, Maria Tereza Aino Sadek, Irene de Arruda Ribeiro Cardoso, Celso de Rui Beisiegel, Eva Alterman Blay, José Fernando Martins Bonilha, Maria Angela D’Incao, Maria da Conceição D’Incao, Eunice Ribeiro Durham; Heloisa Rodrigues Fernandes, João Baptista Borges Pereira, Roberto Schwarz, Célia Nunes Galvão Quirino dos Santos, Lúcia Campello, Renate Brigitte Viertler, Paula Beiguelman, Antonio Candido de Mello e Souza e Luzia Helena Herrmann de Oliveira.

Aos amigos Andrea Ciacchi, Maria José de Rezende, Renato Brandão do Amaral, Alfredo Fernandes, Cynthian, Maria Irma Hantke, Silvinha, Tony,

Terumi, Douglas, Luzia Herrmann, Rodrigo (de São Carlos), Eduardo, Rodrigo Passos, Reynaldo Zorzi, Luiza, Francisco José Ramires, Edu, Valdinei, Yumi, Guilherme, os Dimis, Chico, Ênio, Maria, Ângela, Ana, Dri Thomazotti, Adriana, Ângela, Irani, Juliana, Leci, ao pessoal do CRUSP, aos velhos amigos da Fundação Educacional de Jahu (SP) e aos novos amigos da Universidade Estadual de Londrina (UEL-PR).

Ao CNPq, que financiou a pesquisa durante 48 meses.

À minha mãe, ao meu pai, às minhas irmãs, à querida e doce Suzi Hantke e aos bichinhos Terry, Estelinha e Miquinho.

***

INTRODUÇÃO

O problema, o objeto e o campo da pesquisa

No universo temático da Sociologia da cultura, há um domínio que abarca estudos sobre intelectuais, abordando suas relações profissionais ou pessoais nos ambientes em que atuam, ou seja, universidades, grupos, partidos, igrejas, instituições e outras organizações.¹ Este trabalho concentra-se no ambiente acadêmico ou, mais precisamente, nas relações entre professores da Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras (FFCL) da Universidade de São Paulo.²

De modo mais específico, esta Tese trata das relações e, particularmente, de disputas entre as quatro Cátedras (ou Cadeiras) do Curso de Ciências Sociais da FFCL, examinando *biografias* ou *trajetórias intelectuais*, notadamente de professoras, sobretudo de *professoras com histórias paradigmáticas, modelares ou exemplares*, que atuaram no decorrer do período que chamaremos de *duas gerações*.

As *histórias paradigmáticas, modelares ou exemplares* que construíram, nós as definimos a partir de critérios ou balizas dados pelas relações inerentes ao sistema de Cátedras, pela *geração* a que pertenceram, pelo *habitus* trazido de suas origens sociais e pelo *gênero* (ou relações que este comporta), que foi posto como mediador entre os dois anteriores.

Originalmente, quando na fase de elaboração do Projeto, esta pesquisa pretendia dar conta de uma supremacia masculina, advinda de *disputas simbólicas* entre cientistas sociais de ambos os sexos, no Curso de Ciências Sociais da FFCL-

---

¹ MICELI, Sergio. Intelectuais e classe dirigente no Brasil: 1920-1945. In: **Intelectuais à brasileira**, 2001b: 69-291; MICELI, S. **A elite eclesiástica brasileira**, 1988; BOMENY, Helena. **Guardiães da razão: modernistas mineiros**, 1994; PONTES, Heloisa. **Destinos mistos: os críticos do Grupo Clima em São Paulo, 1940-1968**, 1998; entre outros, referidos mais à frente.

² A Faculdade manteve esse nome de 1934 a 1969, quando foi transformada na atual Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas (FFLCH) da Universidade de São Paulo.

USP. Tendo partido de estudos sobre *relações de gênero* na trajetória intelectual e na produção científica sociológica dos professores da Faculdade, pretendíamos um desvelamento dos motivos da grande consagração dos homens, mesmo estando as mulheres em número equivalente ou maior que o deles no Curso, ou mesmo detendo atributos intelectuais de igual porte.

Posteriormente, trabalhando de modo particular com *gênero* – a qual está articulada aos pressupostos acima referidos³ – estabelecemos que ele (e suas relações) pesou mais em determinados casos, e menos em outros. O *gênero* será um componente mediador das diferenças nas carreiras masculinas e femininas, mas não explicará tudo. A noção *gênero* com a qual trabalhamos pretende apenas recobrir “as relações construídas a partir de identificações ou atribuições de masculinidade e feminilidade a todos os seres humanos, isto é, entre “mulheres”, entre “homens” e entre “mulheres” e “homens” (...)”⁴.

Importa estabelecer que nossas interpretações não trabalham, de forma alguma, com um suposto “machismo”, simplesmente, para os relacionamentos da época, bem entendido (pelo fato de cada época ou período histórico possuir relações e dinâmicas singulares, as quais, em muitas classificações posteriores, se não forem criteriosas, podem vir a resvalar em anacronismo, por jogar num passado temas e valores do presente). Lembramos também que *gênero* diz respeito a algo que permitiria pensar um sistema de relações diferenciadas – e as assimetrias em questão não seriam suficientes para o pleno entendimento da problemática desenvolvida se não fossem trabalhadas junto a noções como as de *habitus* (de classe) e de *geração*.

As professoras teriam constituído sua trajetória intelectual através de um processo de “negociação”, com certas margens de manobra, em que dilemas, energias, tensões e pulsões haveriam de se manifestar. E, ao elegermos a trajetória intelectual das referidas professoras como objeto de pesquisa, as questões relativas às relações de *gênero*, como uma clivagem, no interior das Cátedras entre elas no

---

³ Como sabemos, a noção *gênero* opera sistemas de relações dinâmicas para além de simples diferenças biológico-sexuais; e está ligado a diferenças social e culturalmente construídas.

⁴ CORRÊA, Mariza, **Antropólogas & antropologia**, 2003: 28.

Curso de Ciências Sociais, de modo mais amplo, acabaram sendo vistas como elemento não central, mas, mesmo assim, importante.

Tornado isso claro, reconhecemos que a trajetória intelectual de cada professora foi trabalhada e circunscrita uma em relação às outras e todas em relação aos homens, abarcando origens sociais e inserções no sistema de Cátedras. Supomos, com isso, que, no interior deste, as relações de *gênero* ajudam a entender parte das assimetrias nessas Cátedras e entre elas.

Outros motivos que nos intrigavam, na origem do Projeto, estavam ligados a especulações sobre a possibilidade de haver alguma tendência *feminina* nos objetos de pesquisa e nas obras dessas professoras. Contudo, no desenvolvimento da pesquisa, esse aprofundamento no estudo das relações de *gênero* demandou uma complexificação na conformação do objeto e da problemática estudados, pois observamos que carreiras e obras do período estiveram também balizadas, referidas ou ligadas a questões de origem de classe e de relações de poder na estruturação do *campo* científico, no referido sistema. Deste modo, a proposta posterior de investigação (ligada às situações por que passaram as referidas cientistas sociais para conseguir se impor, divulgar trabalhos, valorizar-se, consolidar e legitimar carreiras) teve como problematização *o reconhecimento da existência de disputas simbólicas pela obtenção de projeção, liderança, prestígio e cargos, no interior do sistema⁵ de Cátedra*.

Esta caracterização das Cátedras e das disputas, no seu interior, entre classes sociais, foi importante para a configuração das Ciências Sociais paulistas, para a institucionalização delas como disciplinas científicas e para a constituição de objetos de pesquisa e de obras significativas. Esses objetos e obras seriam, em suma, reflexos dos embates nas Cadeiras, das origens sociais dos atores envolvidos e das relações de *gênero* nelas, embora com o predomínio dos dois primeiros motivos. Esta é uma interpretação que nos parece bastante consistente como originadora de todas essas construções; isso torna questões referentes a relações de *gênero* importantes, mas não preponderantes, para o caso do recorte que pretendemos, qual seja, entender a projeção e o poder das professoras.

---

⁵ Este sistema sendo visto como um *locus* prenhe de disputas e assimetrias.

Identificamos como o peso da origem social (ou tudo aquilo que ela traz, como recursos e capitais políticos, sociais, intelectuais), no interior do sistema em questão, teria balizado trajetórias intelectuais e “escolhas” ou construções de objetos e áreas de pesquisa dessas mulheres (e dos homens também). Considerar apenas as assimetrias nas relações de *gênero* resolveria o problema? Seria o começo.

Assim, a partir das relações no interior desse sistema, podemos entender que a regência interina da Cadeira de Sociologia I, obtida por Florestan Fernandes após o ano de 1953, daria a ela “colorações” mais nítidas e distintas. Na Cadeira começariam a predominar pessoas de origens sociais mais diversificadas (elites econômicas e intelectuais, classes médias e proletariado). Já a Cadeira de Sociologia II teria um caráter mais homogêneo em relação à origem social de seus integrantes, porque, em sua maioria, contava com pessoas oriundas das elites da sociedade paulista (Maria Isaura Pereira de Queiroz, Ruy Galvão de Andrada Coelho, Antonio Candido de Mello e Souza, entre outros). Essa forte dicotomia, claro, deve ser minimizada. Havia, naturalmente, na Sociologia II, pessoas de origens não tradicionais/aristocráticas ou elitistas, mas elas não predominavam. O mesmo vale para a outra Cadeira – isso justifica nosso esquematismo algo rígido⁶.

Por todas estas constatações, é hipótese preliminar que as disputas simbólicas (balizadoras das carreiras das professoras) teriam ocorrido por causa de relações assimétricas *em geral* nas Cátedras, e seriam também oriundas das diversidades – de classes e de gerações – de seus integrantes. Limitações, constrangimentos e tensões entrariam em jogo nas relações profissionais, acabando por constituir o divisor de águas no espaço das Ciências Sociais *uspianas*, construindo ou estruturando o “campo acadêmico” na Faculdade, na forma como o conhecemos hoje. Esses teriam sido, frisamos, os condicionamentos necessários para compreender os percursos das carreiras das cientistas sociais (conquistas de cargos, títulos, tomadas de posição) de nossa pesquisa.

---

⁶ Nosso trabalho é pensado, também, de uma forma que pretende abarcar outro sentido à idéia de *rede* (de pessoas convivendo). Em verdade, nossa tecitura inverte a equação, e desmembramos as redes de relações, como o leitor poderá entender mais frente. Tratou-se de uma opção.

A hipótese se reforça com a suposição de que as disputas, tendo sido responsáveis pelo balizamento ou recorte do conhecimento acadêmico desenvolvido no período, teriam se incorporado nos trabalhos das cientistas sociais (a escolha de temas, de objetos de pesquisa e feitura de obras). Em outras palavras, as articulações entre momentos históricos e suas formas e regras de sociabilidade poderiam ser responsáveis por grande parte do conjunto de idéias e de interpretações dos intelectuais, de ambos os sexos. Esse estado de coisas permitiria entender o problema proposto sobre as disputas simbólicas e seus reflexos nas obras das professoras, bem como uma maior compreensão dessas mesmas obras.

Como veremos a seguir, as cientistas sociais do período estariam envolvidas num “jogo”, cujos objetivos seriam, entre outros, o desenvolvimento das suas potencialidades intelectuais, a afirmação de ambições de poder e a realização pessoal. Como diz Lúcia Lippi Oliveira,

“A análise dos marginalizados e a compreensão dos debates e dos processos pelos quais foram colocados à margem informa muito sobre os padrões dominantes e as regras implícitas que regem as consagrações e transformam autores em clássicos. As circunstâncias sociais que marcam a elaboração de obras e as relações de poder que guiam sua circulação se contrapõem à crença do intelectual, assim como do artista, que tende a considerar seu sucesso como resultado da qualidade intrínseca de sua obra e/ou de sua pessoa.”⁷

Ademais, como afirma Heilborn,

“gênero, como uma categoria de análise, também foi usado pelas acadêmicas feministas para criticar os pressupostos que informam os principais paradigmas da teoria social. Em outras palavras, não se trataria apenas de entender a relevância das relações de gênero na organização da vida social, mas como o gênero afeta o próprio conhecimento produzido pelas ciências sociais.”⁸

---

⁷ OLIVEIRA, Lúcia Lippi. “Interpretações sobre o Brasil”. In: MICELI, S. (org.). **O que ler na ciência social brasileira 2 (1970-1995)**, 1999: 165.

⁸ HEILBORN, Maria Luiza; SORJ, Bila. “Estudos de gênero no Brasil”. In: MICELI, *op. cit.*, 1999: 188.

As afirmações precedentes fazem-nos entender ser necessário mencionar a existência, na universidade, da presunção de que ela seja democrática e aberta a todas as minorias, orientações sexuais, religiosas, étnico-culturais, de *gênero*, políticas *etc.* Na retórica, um *locus* de convivência harmoniosa. Na contramão de tal e óbvia crença, naturalmente, pretendemos pensar o espaço acadêmico *uspiano* das Ciências Sociais como uma área de disputas e de conflitos, ou seja, nada harmoniosa ou equilibrada (o que, de resto, é que deve ser o esperado). Nossa posição se sustenta nas “regras do campo”, como poderá ser visto ao longo do trabalho. De maneira que, seguindo tal argumentação, os processos de *conflito* e de *conciliação* corresponderiam às margens de manobras ou de negociações, por parte das mulheres (que são objeto desta Tese), para as situações em que se enredavam no espaço acadêmico em questão. Maria Helena Bueno Trigo⁹, em sua Tese sobre a sociabilidade no espaço social da então recente FFCL, procura ver o lado das conciliações. Nós, entretanto, nos concentramos nos *conflitos*, que entendemos como perenes, com interesses contraditórios eternos¹⁰.

E, como trabalhamos recuperando a história de vida das cientistas sociais, lembramos que nos relatos de vida, contidos nas fontes pesquisadas, estariam presentes os discursos vistos por seus narradores, com suas representações e concepções de mundo. Será possível perceber, em tais narrativas, o *habitus*¹¹, a incorporação da experiência social vivida por essas professoras. Estimamos muito

---

⁹ TRIGO, M. H. B. **Espaços e tempos vividos: estudo sobre os códigos de sociabilidade e relações de gênero na Faculdade de Filosofia da USP: 1934-1970**, 1997.

¹⁰ A própria conciliação já pressuporia a presença do conflito.

¹¹ Segundo Bourdieu, para que as relações sociais se tornem possíveis no *campo*, é preciso que as pessoas pertencentes a ele sejam portadoras de um conjunto de características, o *habitus*. Esse *habitus* por ele propugnado refere-se ao indivíduo deter os procedimentos peculiares das regras dos embates e dos citados objetos de disputas, e representaria um “sistema de disposições socialmente constituídas” e um “produto da interiorização das estruturas objetivas” do campo, que enredam tanto o indivíduo quanto sua classe social. O *habitus* não poderia ser adquirido por qualquer pessoa, de modo simples. Seu possuidor só poderia desempenhar bem seu papel nas relações sociais se fosse um conhecedor das “regras” desse campo. Bourdieu afirma que a vivência das mesmas condições objetivas organiza nos indivíduos um *sistema de disposições duráveis*, em que o social se incorporaria, de modo contumaz, nos indivíduos. Eis por que o conceito de *habitus* nos é muito caro. Desse modo, como a dimensão artística, além da científica, não seria impermeável à influência das experiências pessoais ou às demandas originadas nas instâncias políticas, por exemplo, não poderíamos distinguir a obra dos “intelectuais”, de suas vidas (BOURDIEU, Pierre, **As regras da arte: gênese e estrutura do campo literário**, 1996), o que torna necessário mencionar o fato de que pretendemos um estudo dos processos de *diferenciações*, recuperando as formas como seriam feitas as consagrações e os afastamentos de “intelectuais” no seu mundo acadêmico – eis as “disputas” simbólicas.

essa idéia pelo fato de o ambiente universitário paulista de meados do século XX ter sido um *espaço plural*¹², de múltiplas experiências identitárias, que se forjavam e se misturavam. De forma que a proposta da pesquisa, em termos mais gerais, norteia-se pelo tratamento das relações de sociabilidade existentes entre cientistas sociais da antiga FFCL-USP.

Naturalmente, como toda reflexão, resulta de interlocuções com estudos e pesquisas nesse campo temático. Trabalhando pontos da concepção com a qual nos apoiamos (em termos das recentes discussões na área em questão), pretendemos mostrar um pouco do estado em que se encontram essas discussões e apontar o lugar da problematização dessa pesquisa, frisando alguns eixos de estudo dominantes. Para tanto, é importante que nossa discussão teórica retome o enfoque da Sociologia da cultura relativo à história intelectual, feito por Sergio Miceli – cuja marca interpretativa, numa expressão sintética, é desvelar os condicionantes sociais que estão por trás das condutas e atitudes dos indivíduos produtores de cultura¹³. Segundo suas palavras:

“(...) Fomos aprendendo na prática o quão movediça era a paisagem social e intelectual desenhada por cada informante na medida que a “informação” liberada não podia deixar de estar marcada por todos os condicionantes que a tornavam característica, competitiva e comprometida. Não havia bons e maus informantes, informações pouco ou muito confiáveis, sendo possível puxar o fio da meada por intermédio de uma multiplicidade de perspectivas e vocalizações. E nesse passo fomos nos inteirando das representações e hierarquizações com que também os cientistas sociais buscam (re)construir o passado de seus antecessores como parte de seu presente, selecionando mentores, patronos e heróis intelectuais e políticos, firmando reputações e nulidades, estabelecendo filiações, parentescos e linhas de influência, celebrando alianças, rompendo coalizões, num trabalho sistemático de ordenamento e racionalização que cada geração de produtores procura fazer como que tentando moldar a sua própria posição e firmar o valor

---

¹² Devemos a expressão a Maria Helena Bueno Trigo. Cf. TRIGO, M. H. B., *op. cit.*, 1997.

¹³ MICELI, S., “Por uma Sociologia das Ciências Sociais no Brasil”; “Condicionantes do desenvolvimento das Ciências Sociais”. In: MICELI, S. (org.). **História das Ciências Sociais no Brasil**, v. 1, 2001: 11-28; 91-133; MICELI, S., “O cenário institucional das Ciências Sociais no Brasil”. In: MICELI, S. (org.). **História das Ciências Sociais no Brasil**, v. 2, 1995: 7-24. Em nosso trabalho assumimos posição semelhante a Miceli (e aos outros autores dessas obras em questão).

de sua contribuição para a história intelectual de que se sentem e se vêem como participantes.”¹⁴

Munidos desses operadores conceituais, decidimos privilegiar estudos sobre trajetórias intelectuais de gerações de estudantes e professores da FFCL da Universidade de São Paulo. Nesse sentido, há o trabalho **Destínos mistos: os críticos do Grupo Clima em São Paulo (1940-1968)**, de Heloisa Pontes¹⁵. A autora opera numa perspectiva de análises relacionais (e a dimensão *gênero* é uma delas). Pontes estudou o *Clima*, um grupo de amigos formado pelos primeiros estudantes da Faculdade, jovens cultos e de “boa cepa”, críticos de cultura, que se reuniam em torno de revista homônima, sendo seus principais integrantes Antonio Candido de Mello e Souza, Gilda Rocha de Mello e Sousa, Décio de Almeida Prado, Lourival Gomes Machado, Paulo Emilio Salles Gomes e Ruy Galvão de Andrada Coelho. Em sua compreensão, toma por base o ponto de vista de seus membros nas suas trajetórias e nos “contrastes” de interesses entre homens e mulheres com uma “experiência contemporânea” diversa, a experiência de Florestan Fernandes.

Pontes mostra que certos temas, classificados por ela como mais “nobres”, eram trabalhados de modo quase exclusivo pelos alunos homens. Com

---

¹⁴ MICELI, S., *op. cit.*, 2001: 14. E em **Intelectuais e classe dirigente no Brasil: 1920-1945** (*In*: MICELI, S., *op. cit.*, 2001b). Nesse estudo, o autor analisa o funcionamento das estratégias de inserção no poder, por parte da elite cultural, no Brasil do início do século passado, revelando como os escritores ou literatos da época seriam “membros secundários das elites”. Segundo o autor, a partir do período final da República Velha, o poder recrutava seus intelectuais mais por seus trunfos escolares/culturais do que pelas relações sociais de que fizessem parte. O que faria com que escritores oriundos de famílias em decadência usassem de tais trunfos para serem “cooptados” pelo poder. De forma inédita, inaugurando um estilo de análise, Miceli relaciona as carreiras dos intelectuais ao tipo de inserção no mercado de trabalho (um mercado em expansão, nas primeiras décadas do século XX, período inicial do modernismo brasileiro e das políticas culturais do governo Vargas). Numa síntese, podemos perceber que as injunções ou circunstâncias, de diversas ordens (origens na estrutura social, regras de sociabilidade, formações e diplomações), podem articular-se para construir formas e conteúdos da produção artística, cultural e científica de uma época e lugar. Esses constructos de Miceli, baseados em autores como Bourdieu, revelariam que *distinção* seria muito mais importante que *vocação*, por exemplo, o que acabaria pondo em xeque as modalidades de construção das celebrações de intelectuais, de escritores e mesmo do modernismo brasileiro. Além desse trabalho, o autor realizou outros estudos sobre grupos específicos das elites, como membros do clero, políticos, artistas, intelectuais e matrizes institucionais das ciências sociais. *Cf.* MICELI, S., *op. cit.*, 1988; MICELI, S. “Carne e osso da elite política brasileira pós-1930”. *In*: FAUSTO, Boris (org.). **História geral da civilização brasileira: o Brasil republicano: sociedade e política (1930-1964)**, 1996. v. 3, t. 3: 557-596; MICELI, S. **Imagens negociadas: retratos da elite brasileira, 1920-1945**, 1996b; MICELI, S., **Nacional estrangeiro: história social e cultural do modernismo artístico em São Paulo**, 2003; MICELI, S., *op. cit.*, 2001; MICELI, S., *op. cit.*, 1995; MICELI, S., *op. cit.*, 2001b.

¹⁵ PONTES, H., *op. cit.*, 1998.

isso, destrincha os mecanismos internos desse grupo, o que acaba demonstrando as marginalizações das jovens talentosas da Faculdade. Ela procura compreender a divisão do trabalho intelectual valendo-se das diretrizes colocadas pela liderança do grupo e esmiúça as relações de gênero do *círculo*, esclarecendo, com base nelas, que não apenas determinados temas eram objetos de estudo dos homens, mas cargos, títulos, Cadeiras¹⁶ etc. Isso revelaria sinais, segundo a autora, de que as alunas teriam sido relegadas a posições secundárias (a exemplo da produção da professora Gilda Rocha de Mello e Souza, esposa de Antonio Candido de Mello e Souza).

As análises de Heloisa Pontes¹⁷ explicitam as expectativas dominantes sobre muitas mulheres, em especial a reprodução de trajetórias como a de esposas e mães exemplares. Pontes aí aponta a questão do duplo caminho de obrigações sociais da mulher como um novo dilema: ser educada para se tornar dona de casa e mãe, e as novas promessas de mercado de trabalho e de realização profissional da Faculdade, as quais supunham que muitas de suas egressas seguiriam carreira acadêmica – não compatível, de resto, com os destinos “femininos”. Só o fato de a mulher seguir um curso, profissionalizar-se, construir uma trajetória que não fosse a usual *do lar* já seria impactante¹⁸. Isso geraria conflitos, inseguranças e dilemas, em razão de o campo intelectual ser predominantemente masculino¹⁹.

Essas constatações de disputas podem ser percebidas em tensões e conflitos nas Cadeiras e cursos da Faculdade. No período englobado pela pesquisa, o Curso de Ciências Sociais da FFCL-USP, principalmente após a década de 1950,

---

¹⁶ “Naquela época, havia o slogan ‘mulheres são ótimas assistentes... e péssimas catedráticas’”. PEREIRA, João Baptista Borges. **Depoimento concedido ao autor**. 04/03/2009.

¹⁷ PONTES, H., *op. cit.*, 1998.

¹⁸ Nem todas as egressas da FFCL seguiriam carreira acadêmica. Entre as **normalistas**, muitas retornariam ao seu trabalho. Mas, deste, ainda algumas tornaram a voltar para a Universidade, caso de Gioconda Mussolini.

¹⁹ Nessas linhas, há pesquisas discutindo assimetrias nas relações de *gênero* para a conquista de espaço e de posições mais altas nas hierarquias de poder de um campo constituído - no caso, nos campos artístico e universitário. São os trabalhos de Maria de Lourdes Eleutério, sobre a mulher letrada na virada do século XX (**De esfinges e heroínas: a condição da mulher letrada na transição do fim do século**, 1997); Ana Paula Cavalcanti Simioni, sobre pintoras e escultoras de período similar (**Profissão artista: pintoras e escultoras brasileiras entre 1884 e 1922**, 2004); Maria de Fátima Costa de Paula (**A modernização da universidade e a transformação do perfil de intelligentsia universitária: casos USP e UFRJ**, 1998) e Tânia M. de Carvalho Netto (**Universidade: a misoginia em desconstrução – gênero e poder na Universidade do Estado do Rio de Janeiro**, 1999).

tendo já consolidado sua experiência no País, era constituído por estratos sociais diferentes travando disputas, tanto em relação a estilos na feitura do texto acadêmico (a crítica ao ensaio, por exemplo, realizada pelos integrantes da Cadeira de Sociologia I) quanto em relação à utilização social da ciência e às ligações desta com a ideologia e o poder. Nestes casos, referimo-nos à consolidação do estilo e da concepção de mundo da (posterior e chamada por alguns) “escola sociológica paulista”, às discussões com os membros do ISEB e às relações entre os intelectuais *uspianos* e políticos dos períodos históricos *populista* e *militar*, que se sucederam.

Alguns desses conflitos podiam ser resolvidos por meio de migrações de profissionais para outros cursos, faculdades e universidades, ou pela criação e “desdobramentos” de novas Cadeiras nos cursos²⁰. Como exemplos, temos a transferência de Gilda Rocha de Mello e Souza²¹, de primeira assistente da Cadeira de Sociologia I, para a Cadeira de Estética, no Curso de Filosofia – a escolha do tema “moda” como sua Tese de Doutorado foi considerada, na época, segundo Heloisa Pontes, em **Destinos mistos: os críticos do Grupo Clima em São Paulo, 1940-1968**²², “menor”, fútil, em relação a Florestan Fernandes e a seu tema, o da análise funcionalista da guerra entre os Tupinambá²³.

A transferência, contudo, não se constituiu na resolução dos problemas da professora, ressaltemos. No novo espaço, outros questionamentos surgiram. Enquanto era vista na Cadeira de Sociologia I como “ensaísta” ou ligada demais à Filosofia, na recente Cadeira de Estética, ainda que não tivesse a companhia de pessoas como Florestan Fernandes (ao contrário, nela predominavam as de estirpe aristocrática), a professora seria vista como ligada em demasia à Sociologia. Ou seja, a luta por seu espaço continuaria dura²⁴.

---

²⁰ PONTES, H., *op. cit.*, 1998.

²¹ Cf. ARANTES, Otília, 2006; ARANTES, Paulo E. & ARANTES, O., 1997; GALVÃO, Walnice Nogueira, 2006; PONTES, H., 1997; PONTES, H., *op. cit.*, 1998; PONTES, H., 2003; PONTES, H., 2004; PONTES, H., 2006.

²² Cf. PONTES, H., *op. cit.*, 1998.

²³ Referimo-nos, especificamente, à Tese de Doutorado (e livro) de Florestan Fernandes **A função social da guerra na sociedade tupinambá**, de 1951.

²⁴ No caso de Lucila Herrmann, apesar dela seguir os mais rigorosos padrões metodológicos da sociologia “nobre”, foi parar na Faculdade que continha os Cursos de Ciências Econômicas e de

Outro exemplo é a transferência de Antonio Candido de Mello e Souza para o então Instituto Isolado de Ensino Superior do Estado, em Assis-SP (atual UNESP dessa cidade), em fins da década de 1950, somente retornando à USP para o Curso de Letras, no início da década seguinte²⁵. Houve também alunas (formandas e professoras), na área de Filosofia, que, na dificuldade ou impossibilidade de permanecer nas Cadeiras desse curso, bem como nas do Curso de Ciências Sociais, transferiam-se para as de Psicologia²⁶, mais abertas a elas.²⁷

Por esses fatos, é crível supor haver algo a ser desvelado, nessas *disputas simbólicas* entre as Cátedras, sobre as formas e estratégias que essas professoras analisadas em nossa pesquisa utilizaram para se legitimar e poder se realizar na profissão que abraçavam. Em grande parte, é o que podemos ver num estudo de Luiz Carlos Jackson²⁸. Este autor discute, em termos relacionais, o

---

Administração de empresas da USP. Em 1939 ela foi convidada por Paul A. Bastide e por Roger Bastide para dirigir o Centro de Pesquisas e Documentação Social das Cadeiras de Sociologia I e Sociologia II da FFCL, ficando comissionada como segunda assistente até 1947 (a primeira era a Lavinia Costa Villela). Em 1948 saiu da sociologia e foi admitida na Faculdade de Ciências Econômicas e Administrativas da USP para a função de Técnica de Administração. Efetivamente, lá ela dirigia o setor de pesquisas sociais, conforme atestam seu *curriculum vitae* e entrevistas da atualidade. Ela ficou nessa função até sua morte, em 1955. Não temos informações de por que ela saiu do Curso de Ciências Sociais, nem por que exercia um cargo considerado técnico, embora seu trabalho fosse o de coordenação de pesquisa. Cf. BASTOS, Élide Rugai, ABRUCIO, Fernando *et alii*. **Conversas com sociólogos brasileiros**, 2006: 70-71; HERRMANN, Lucila. **Documentos de Lucila Herrmann**, s/d.

²⁵ Cf. PONTES, H., *op. cit.*, 1998. A transferência, contudo, verdade seja dita, também configurava importante momento para o crítico literário, pois estavam sendo escalados bons profissionais para a formação de centros de excelência no Interior paulista, e o cargo viria bem a calhar.

²⁶ Cf. TRIGO, M. H. B., *op. cit.*, 1997: 85.

²⁷ É o caso da professora **Annita de Castilho e Marcondes Cabral** (licenciada em Filosofia e em Ciências Sociais em 1939, “Mestre” em Psicologia e Doutora em Sociologia em 1945, vinculada à Cadeira de Psicologia). A título de complementação, cursaram Ciências Sociais, mas seguiram carreira em Cadeiras fora do curso **Maria Suzana de Barros Eliezer** (licenciada em 1943, Mestre em Sociologia em 1968), bem como **Zenith Mendes da Silveira** (licenciada em 1939) e **Diva Benevides Pinho** (licenciada em 1949, Mestre em Sociologia e Doutora em Economia), estas vinculadas à Cadeira de Economia Política e História das Doutrinas Econômicas. Cf. Inventários dos Arquivos da Seção de Protocolo e na Seção de Apoio aos Ex-Alunos, do Setor de Administração da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da USP. E é fato que muitas eram normalistas de origem, com conhecimento iniciado nesse setor; a área de Psicologia, por sua vez, contava com grande prestígio social na época. Agradecemos esta lembrança, feita por João Baptista Borges Pereira. PEREIRA, João Baptista Borges. **Depoimento concedido ao autor**. 17/10/2007. E, de qualquer forma, também aqui, após todos esses fatos citados, a idéia de *rede* em que havia um grupo fechado dividindo homogêneas visões, não pode ser desprezada.

²⁸ JACKSON, Luiz Carlos. *In: Representações do mundo rural brasileiro: dos precursores à Sociologia da USP*. São Paulo: FFLCH, 2003. Tese (Doutoramento em Sociologia): 57-93. Também cf. JACKSON, L. C. “A Sociologia paulista nas revistas especializadas”. **Tempo Social**; Rev. Sociol. USP, São Paulo, USP, v. 16 (01), pp. 263-283, Jun. 2004. Jackson cita o caso de Florestan Fernandes, que procurou dar início à carreira lançando na *Revista Sociologia* seus primeiros artigos “estritamente sociológicos”, centrados na análise da única dimensão da cultura que então dominava, por sua origem e

desenvolvimento das Ciências Sociais em São Paulo tendo por base as publicações de periódicos, analisando disputas, tensões e estratégias de legitimação dos cientistas, adotadas no âmbito dessas publicações.

Contando com temática semelhante às nossas está a pesquisa de Carolina M. Pulici **De como o sociólogo deve praticar o seu ofício: as Cátedras de Sociologia da USP entre 1954 e 1969**²⁹. A autora analisa as antigas *Cadeira de Sociologia I* e *Cadeira de Sociologia II* e as relações destas com o surgimento de distintas práticas acadêmicas em decorrência das origens sociais dos professores e das filiações e trajetórias intelectuais deles. Pulici centraliza as atenções nas identidades e exclusões feitas nessas Cadeiras³⁰.

Com todos esses relatos, consideramos que o período em questão caracteriza-se pela irrupção de uma nova geração de cientistas sociais brasileiros, formados agora por maioria de professores do País, não mais por estrangeiros integrantes das missões fundadoras da Universidade. Naquele momento estava em construção o campo acadêmico em São Paulo – pensado segundo a terminologia sociológica de Pierre Bourdieu³¹. De outro lado, pelo fato de ter sido na

---

experiência social, qual seja, o folclore da cidade de São Paulo. Isso ajudaria a desvelar, em certo sentido, as formas mobilizadas por Florestan Fernandes, Maria Isaura Pereira de Queiroz, entre outros, para fazer valer, cada qual, sua inserção no campo acadêmico, permeado por disputas.

²⁹ PULICI, C. M., **De como o sociólogo deve praticar o seu ofício: as Cátedras de Sociologia da USP entre 1954 e 1969**, 2004.

³⁰ Outros trabalhos recentes dão continuidade a essas linhagens de disputas na constituição de um campo, no interior do estudo da vida intelectual. O reprocessamento dos “espaços”, com disputas simbólicas por hegemonia e ou pela construção e autonomia do campo artístico, é visto nos estudos de Enio Passiani sobre Monteiro Lobato e a constituição do campo literário no País (**Na trilha do Jeca: Monteiro Lobato e a formação do campo literário**, 2003), Caleb Faria Alves, sobre Benedito Calixto (**Benedito Calixto e a construção do imaginário republicano**, 2001) e João Paulo Rodrigues, sobre a Academia Brasileira de Letras (**A dança das Cadeiras: literatura e política na Academia Brasileira de Letras: 1896-1913**, 2001). Da mesma forma, enfocando relações entre o campo científico e a política estão os trabalhos de Alexsandro Pereira, sobre o ISEB (**O ISEB na perspectiva de seu tempo: intelectuais, política e cultura no Brasil, 1952-1964**, 2003), Wagner de M. Romão, sobre o CESIT (**A experiência do CESIT: Sociologia e política acadêmica nos anos 1960**, 2003) e Milton Lahuerta, sobre o CEBRAP (**Intelectuais e transição: entre a política e a profissão**, 1999).

³¹ Para Bourdieu, as práticas sociais se dariam num ambiente determinado, o “campo”, um espaço social estruturado com base em posições de poder e de trocas simbólicas, e palco em que se desenrolariam as relações constituidoras da estrutura social (ORTIZ, Renato. “Pierre Bourdieu: a procura de uma Sociologia da prática”. *In: Ciências sociais e trabalho intelectual*, 2002: 149-174). O campo é um constructo teórico, uma representação da realidade, onde forças simbólicas e relações de poder se manifestariam em condições objetivas. E o campo que nos interessa é o da produção cultural; no interior dela, mais especificamente o científico ou acadêmico, que é o lugar da produção científica, e que é semelhante aos demais, com suas disputas, relações de força e estratégias e a finalidade de realizar, beneficiar ou ampliar os interesses dos que neles se enredam (BOURDIEU, Pierre. **Coisas ditas**, 2004;

Universidade de São Paulo que se desenvolveu o estilo acadêmico, podemos dizer que aí se gestavam os princípios da carreira universitária no Brasil.

No entanto, cabe a ressalva de Sergio Miceli³², segundo a qual seria difícil, no Brasil, falar-se em um *campo acadêmico* estruturado. Isso porque, no caso brasileiro, o *campo* não seria autônomo como, por exemplo, era o *campo* francês, estudado por Bourdieu. Aqui, o campo científico encontrava-se em processo de formação. Já na década de 1930, em São Paulo, há um momento que serve para demonstrar a importância adquirida pela classe média urbana, que demandava participação e representatividade na vida política e social do País, bem como ampliava o consumo cultural. O estabelecimento dessa nova classe média urbana teria tornado preponderantes os valores, a concepção liberal e burguesa de mundo, seus objetos de distinção, além de emergir um novo mercado, o das obras científicas³³. Foi nesse ambiente em formação que as professoras analisadas nesta Tese buscaram suas afirmações e legitimações.

Além da inspiração na noção de *campo* e na categoria de *habitus*, as perspectivas analíticas do autor francês no que concerne às suas análises sobre relações de poder e de dominação simbólica e sobre estratégias de reconversão de *capitais*³⁴ serão guias analíticos desta pesquisa. Para tanto, outro pressuposto de que

---

BOURDIEU, P. In: ORTIZ, R. A **Sociologia de Pierre Bourdieu**, 2003: 7-29; 112-143). Todo campo teria um “objeto de disputa”, de desejo. E o desse seria, no caso, a posse da exclusividade da *autoridade científica* (de uma condição em que seria reconhecida, pelos outros, a capacidade técnica de “produzir ciência” e o poder social disso advindo) e da *competência científica*, ou seja, a capacidade de falar/agir com autoridade (BOURDIEU, P. In: ORTIZ, R., *op. cit.*, 2003: 112). As posses agregariam a seu detentor um poder social; e os julgamentos que se fizessem sobre a capacidade científica do pesquisador dependeriam da posição que este ocupasse nas “hierarquias constituídas” do seu campo científico (BOURDIEU, P. In: ORTIZ, R., *op. cit.*, 2003). O que nos fez pensar a construção dos espaços, das lideranças e das conquistas de cargos e publicação de obras, por parte das cientistas sociais da Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras da USP, em contraposição aos colegas cientistas sociais masculinos. A partir dessas idéias, podemos supor uma ligação com a obra de Bourdieu **As regras da arte: gênese e estrutura do campo literário** (BOURDIEU, P., *op. cit.*, 1996), em que o autor francês analisa a difícil constituição dos complexos campos artísticos em seu país (os campos da literatura e da pintura), numa portentosa criação paradigmática para o estudo do surgimento de diversos outros campos. No limite, um mundo de regras, num jogo em que um dos grandes objetivos é o poder. Com esse seu estudo, podemos perceber que os seres sociais não seriam gênios criadores, mas pessoas que conduzem e constroem, nas relações com os outros indivíduos, as suas carreiras e obras.

³² In: BASTOS, Élide Rugai, ABRUCIO, Fernando *et alii*. **Conversas com sociólogos brasileiros**, 2006: 231.

³³ MICELI, S. (org.), **História das Ciências Sociais no Brasil**, *op. cit.*, v. 1, 2001.

³⁴ A Sociologia *bourdiana* veria os fenômenos sociais como uma estilização de regras de um jogo. Interagindo e “trocando” bens simbólicos (*status*, profissão, poder *etc.*), acumular-se-ia “capital social”

partimos é o dos modelos de pensamento como frutos, em grande medida, das formas de sociabilidade³⁵ de uma época, especialmente no espaço acadêmico. Essas formas de sociabilidade engendrariam disputas cujos objetivos seriam a obtenção de legitimação (por parte dos construtores dos modelos de pensamento) perante o restante da Academia e da sociedade mais ampla.

Em outras palavras, um novo padrão de comportamento começou a orientar as práticas dos cientistas, predominando a nova concepção dos “cientificistas *florestanianos*”. Dava-se início, dessa forma, a uma nova área de luta, uma disputa simbólica pelo domínio ou hegemonia da concepção de mundo da classe social do futuro grupo dominante, o dos integrantes da Cadeira de Sociologia I, em comparação aos grupos “aristocráticos” anteriores. Esse novo padrão teria legitimado sua dominação fazendo uso de novas lógicas de distinção, caracterizadas pela maior utilização prática do conhecimento científico e pela intervenção social a partir do próprio saber.

(ou simbólico, e daí educacional, cultural *etc.*). Bourdieu pretendeu, com isso, colocar em evidência a criação e a inventividade do indivíduo participante do campo, relacionando-as ao “conjunto de posses” (ou o *quantum* social) socialmente incorporado nesse participante. Esse conjunto foi por ele batizado de “capital social” (BOURDIEU, P. In: ORTIZ, R., *op. cit.*, 2002), algo em que o universo social e as relações de poder delimitariam a estrutura e definiriam um valor intrínseco, ou que determinaria a posição que o indivíduo ocupa no seio do campo. No caso do campo da ciência, o capital social se refere à autoridade científica, repetimos. E, mediante a distribuição do “capital” (como o econômico, o social, o cultural simbólico), os indivíduos integrantes desse campo poderiam obter capacidades adequadas para desempenhar as funções desejadas.

³⁵ Maria Helena Bueno Trigo, em sua Tese de Doutorado (TRIGO, M. H. B. **Espaços e tempos vividos: estudo sobre os códigos de sociabilidade e relações de gênero na Faculdade de Filosofia da USP: 1934-1970**, *op. cit.*, 1997), afirma haver, da parte dos ingressantes e primeiras gerações da Faculdade de Filosofia da USP, disputas que estariam, muitas vezes, inscritas nos códigos ou regras de sociabilidade, as quais, vistas tomando por base uma perspectiva de *gênero*, desvelariam um predomínio masculino (aliás, nessa linha orientada por origens de classe e por *gênero*, incluímos seu outro trabalho, **Os paulistas de quatrocentos anos: ser e parecer**, de 2001, sobre as formas como as famílias da elite paulista do início do século XX viviam seus dramas e dilemas). Na tese, podemos dizer que a autora procura evidenciar a construção dos papéis sociais e sexuais num período rico de modificações nas regras de sociabilidade, qual seja, o período abrangido pela existência da antiga Faculdade de Filosofia, de 1934 a 1969. Por essa época, segundo a autora, os alunos, de ambos os sexos, demonstrariam suas fragilidades ao verem-se na iminência de construir novas relações de amizade, de romance e de trabalho, similares às dos mestres das universidades estrangeiras. E essas relações eram diferentes das que traziam como referência, a das famílias tradicionais paulistas. Dilemas e tensões aflorariam nessas relações cotidianas de amizade, casamento ou trabalho, o que não excluía, segundo a autora, as formas particulares como cada qual resolvia as tensões. E nessa obra podemos perceber as características das regras de sociabilidade e das relações de *gênero* no interior de um grupo acadêmico, em que as mulheres procuravam corresponder às exigências profissionais e conjugais, na sua interação com maridos, colegas e competidores do campo acadêmico ou intelectual.

O nosso tratamento da sociabilidade e das suas formas de relacionamento dominantes guiou-se pela noção de *figuração*³⁶, de Norbert Elias³⁷ e está respaldado nos estudos de W. Lepenies e F. Ringer, e em suas respectivas obras **As três culturas** e **O declínio dos mandarins alemães: a comunidade acadêmica alemã, 1890-1933**³⁸. Esses constructos teóricos e proposições podem ser vistas em

---

³⁶ Essa noção de Norbert Elias que utilizamos para as análises foi desenvolvida a partir da recuperação das diferentes dimensões que impregnam as formas de sociabilidade; ela refere-se a uma formação social de tamanho variável, em que os indivíduos se encontram ligados por dependências recíprocas e por interações; a reprodução dessa formação dependeria de um equilíbrio precário, prenhe de tensões. A internalização de normas e regras, os conflitos, a interdependência, o equilíbrio de tensões e a criação de padrões negociados de procedimentos de vida ajudaram a compor a interpretação da figuração das formas de sociabilidade na Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras da USP. Ao interagir, cruzando os universos de referências com o dos semelhantes, os indivíduos desenvolveriam seus modos de inserção no mundo, e, pelas mediações, construiriam relações sociais e formações sociais. Um conjunto de pontos de vista e de posições sociais forma uma figuração social, com laços de interdependência que hierarquizam, unem e separam os indivíduos e seus grupos sociais. As trocas, a maleabilidade, a fluidez, formariam uma boa caracterização para essas situações sociais, menos estáticas que o termo *sociedade* – com isso, podemos dizer que não haveria construção social pronta, mas em constantes e dinâmicos processos de *fazer-se*. Cf. **A sociedade dos indivíduos** (ELIAS, N., 1994); **O processo civilizador: uma história dos costumes** (ELIAS, N., 1994b, v. 1); **O processo civilizador: formação do Estado e civilização** (ELIAS, N., 1993, v. 2); **A sociedade de corte: investigação sobre a Sociologia da realeza e da aristocracia de corte** (ELIAS, N., 2001). Para nosso estudo é essencial a menção ao livro **Mozart: Sociologia de um gênio** (ELIAS, N., 1995), tendo em vista o fato de ser possível atentar às relações que os balizamentos, constrangimentos, exigências e necessidades ou demandas de um grupo teriam para com a produção individual de um “intelectual” ou de artista, como o foram, por exemplo, a Corte e a sociedade da época do compositor, impedindo, de certa forma, sua autonomia. A dramática trajetória de vida de Mozart caracterizaria sobremaneira a Sociologia de Elias, por bem mostrar, quase paradigmaticamente, até que ponto as tensões nas relações humanas poderiam ser sentidas e refletidas em seus “produtos”, ou até que ponto as realizações humanas seriam “produtos” negociados entre determinações sociais e escolhas individuais.

³⁷ Elias, dialogando com autores como Simmel, Weber, Freud e Mannheim, minimizando fronteiras entre disciplinas, modificou padrões e articulou complexos processos de relações entre a estrutura de personalidade do indivíduo e a estrutura social mais ampla, na qual esse indivíduo estaria inserido. No caso de Simmel, identificava-se com a preocupação deste autor em estudar as grandes formas de organização social, que ele chamou de formas de *sociação*, as quais Simmel considerava instáveis e fluidas, constantemente reformadas, reconstruídas e representando uma organização de elementos unidos precariamente por um arranjo que definiria as relações recíprocas e as respectivas esferas de ação de cada indivíduo. Assim, ao interagir, o indivíduo cruzaria seu universo de referências com o de seus pares, e dessa relação surgiria seu modo de inserção no mundo. Tal faria derivar a idéia de contínua mudança, dinamismo, fluidez, não havendo, portanto, sociedade feita, acabada, mas em processos constantes e dinâmicos de *desfazer*, *fazer* e *refazer* a vida social, através das múltiplas interações por parte dos indivíduos. Permeabilidade, interdição, processo, reciprocidade, dinamismo: é dessa forma que noções como *habitus*, *figuração* e *geração* se comunicariam. Todas elas seriam detentoras desse dom de se fazerem através da mediação, no intuito de construírem relações sociais. Desse modo, as relações e regras de sociabilidade do período considerado na pesquisa, articuladas às trajetórias de vida e às obras das referidas cientistas sociais, conformam um quadro analítico que nos capacita tecer reflexões sobre o que teria permitido a reprodução e a perpetuação dos desequilíbrios entre os sexos. Cf. SIMMEL, Georg. In: MORAES FILHO, Evaristo de (Org.). **Simmel: Sociologia**. São Paulo: Ática, 1983; WAIZBORT, Leopoldo. “Elias e Simmel”. In: NEIBURG, 2001: 89-111.

³⁸ Cf. LEPENIES, Wolf. **As três culturas**, 1996; RINGER, Fritz. **O declínio dos mandarins alemães: a comunidade acadêmica alemã, 1890-1933**, 2000. A primeira enfoca complexas relações entre intelectuais na construção de fronteiras entre campos do conhecimento (literatura e Sociologia), na

obras como o ensaio “A Sociologia no Brasil: Florestan Fernandes e a ‘escola paulista’”³⁹, de Maria Arminda do Nascimento Arruda, a qual, analisando o sociólogo, aponta questões para a nossa análise. Segundo ela, as instituições “modelam os estilos de reflexão e não parece casual que, nos momentos de surgimento e de consolidação desses estabelecimentos”⁴⁰, o entendimento do trabalho intelectual se modifique.

Para Arruda, a construção da instituição também acabaria lastreando-se “em processos sociais amplos responsáveis pela construção de novos padrões de sociabilidade”, os quais, por sua vez, modificariam os destinos da incipiente ciência sociológica no Brasil. Isso, no caso, pelo fato de Florestan Fernandes, antes um *outsider*, vir a tornar-se o típico profissional universitário, cuja característica seria a expressão precisa e rigorosa das idéias. É de todos conhecido que ele provinha das camadas proletárias mais baixas, um dos mais pobres entre os colegas estudantes e, posteriormente, professores. Não teve como método de sobrevivência naquele meio de disputa intelectual outro que não o domínio de um hermético saber sociológico; de tal forma que sua figura se tornaria paradigmática para os processos de construção desse saber.

Em outro recente trabalho de Arruda, **Metrópole e cultura: São Paulo no meio do século XX**⁴¹, abordando a história cultural da cidade de São Paulo em meados do século passado, centralizada em movimentos culturais do período, a autora busca articular o processo de metropolização da cidade ao

---

França, na Inglaterra e na Alemanha; o livro de Ringer enfoca as relações dos “letrados” (ou intelectuais acadêmicos elitistas) entre si, com a sociedade e com o Estado alemão. Esses autores operam, em termos históricos e geográficos, com os séculos XIX e XX, nos países europeus ocidentais *modernos*. E pertencem a tradições que se embrenham na história social das classes – no caso, de classes produtoras de cultura, sobretudo no que diz respeito ao universo dos “intelectuais” (ou letrados) e da dinâmica de suas relações, no interior do complicado xadrez da estruturação de um universo intelectual. De modo mais amplo, intentamos diálogo com Max Weber, precisamente seus estudos sobre os “letrados” chineses ou mandarins, que correspondem aos integrantes das camadas instruídas, pensantes, intelectualmente treinadas, na maioria oriundos de setores econômicos e políticos dominantes ou mantendo relações de grande proximidade com estes. E que, além disso, eram compostos ou formados nos quadros da religião confuciana. No caso, desses “letrados” provinham a capacidade especializada para as atividades burocráticas do Estado ou mesmo justificações teológicas para a situação de todos os outros estratos sociais. Cf. WEBER, Max. **Ensayos sobre sociología de la religión**, 1991, v. 1 e 2.

³⁹ ARRUDA, Maria Arminda do Nascimento. “A Sociologia no Brasil: Florestan Fernandes e a ‘escola paulista’”. In: MICELI, S. (org.). **História das Ciências Sociais no Brasil**, 1995: 107-231, v. 2.

⁴⁰ ARRUDA, M. A. N. In: MICELI, S., *op. cit.*, 1995: 115.

⁴¹ ARRUDA, M. A. N., 2001.

aparecimento de novas linguagens culturais – como o teatro, o cinema, a ciência, já diferenciados do Modernismo da década de 1920. Arruda analisa as trajetórias de Jorge Andrade, de Florestan Fernandes e do movimento concretista, tendo como cenário a cidade de São Paulo. E, como as obras dessa socióloga trabalham os entrelaçamentos das relações entre a metrópole, a modernidade, as origens sociais, os elementos culturais e o momento histórico, todos formando um denso instrumental analítico para pensar a questão dos agentes produtores de cultura da grande cidade moderna, temos, em termos mais amplos, imbricações que denotam diálogos com Carl E. Schorske, notadamente com sua obra **Viena fin-de-siècle: política e cultura**⁴².

Nestas vertentes, porém numa linha de trabalho de visada dialógica, Arruda realizou seu ensaio “Desafios de uma geração e a originalidade da interpretação”⁴³, a respeito do diálogo que circunscreve obras de Maria Isaura Pereira de Queiroz, Florestan Fernandes e Antonio Candido de Mello e Souza, e revelado nos recortes que esses intelectuais elegeram para seus trabalhos de Mestrado e de Doutorado. Para Arruda, as semelhanças entre esses cientistas residiriam em suas noções de *estrutura social*, de *organização* e de *mudança* (*grifos nossos*), as quais seriam centrais ao andamento analítico de suas respectivas teses, razão pela qual teriam instituído um campo conceitual comum a eles, o conhecimento da vida dos “dominados”, no universo da cultura rústica, das relações agrárias (nos estudos de Antonio Candido de Mello e Souza e de Maria Isaura Pereira de Queiroz) ou dos índios, dos negros, do proletariado (nos estudos de Florestan Fernandes)⁴⁴.

---

⁴² V. também, de Arruda, o artigo “Empreendedores culturais imigrantes em São Paulo de 1950”. In: **Tempo Social**; Rev. Sociol. USP, São Paulo, USP, v. 17 (01), pp. 135-158, junho de 2005.

⁴³ ARRUDA, M. A. N. “Desafios de uma geração e a originalidade da interpretação”. In: KOSMINSKY, Ethel Volfzon (org.). **Agruras e prazeres de uma pesquisadora: ensaios sobre a Sociologia de Maria Isaura Pereira de Queiroz**, 1999: 37-50.

⁴⁴ Operando, da mesma maneira, numa perspectiva dialógica, outro excelente trabalho ligado à história intelectual é o livro de Fernanda Arêas Peixoto **Diálogos brasileiros: uma análise da obra de Roger Bastide**, que examina a constituição do pensamento brasileiro de Roger Bastide valendo-se dos diálogos deste com intelectuais como Mário de Andrade, Gilberto Freyre e Florestan Fernandes. Nesse livro, a autora recupera as obras e idéias originadoras do pensamento de Bastide com base na restauração de sua rede de relações. Para Peixoto, a obra de Bastide sobre o Brasil nasce do “corpo-a-corpo” com outras obras por meio de discordâncias, debates, interlocuções, enfim, dos sistemas de relações pessoais e intelectuais e da inserção do sociólogo em grupos, bem como do afastamento em relação a outros. V.

Essas orientações revelariam forte unidade na formação de tais cientistas sociais⁴⁵. Uma das razões para isso, segundo a autora, seriam as origens familiares rurais de Antonio Candido de Mello e Souza e de Maria Isaura Pereira de Queiroz – ambos oriundos de setores da elite, sendo esta pertencente a uma tradicional família paulista, e o primeiro, de tradicional família de mineiros e fluminenses. Esses dois cientistas acabariam levando para a Sociologia a concepção de mundo de seus estratos sociais de origem, a qual teria orientado suas escolhas. Algo nada casual. E, como os focos de análise desses dois sociólogos sobre o mundo rústico estavam nutridos de experiências sociais próprias, eles se diferenciariam de Florestan Fernandes, por exemplo, originado na camada imigrante e humilde da cidade de São Paulo⁴⁶.

Desse modo, a partir das proposições teóricas expostas, trabalharemos em perspectiva semelhante por admitirmos que a análise dos intelectuais não pode se desprender de suas origens e experiências sociais, das posições nas famílias, das aquisições de capital, tudo isso sendo reorientado na confecção das carreiras e se refletindo nas suas obras, bem como em seus posicionamentos e inserções nos quadros institucionais

O enquadramento histórico e formal nos quais as cientistas sociais consideradas se inseriram foi construído pela questão-limite ligada à obtenção da liderança da Cátedra de Sociologia I por Florestan Fernandes, que viria a modificar sobremaneira as relações entre todas as Cadeiras do Curso de Ciências Sociais da USP. Desse modo, o recorte temporal mais amplo inicia-se com as que se tornaram professoras da Faculdade, nos fins da década de 1930, mas se centra no período em

---

PEIXOTO, Fernanda Arêas. **Diálogos brasileiros: uma análise da obra de Roger Bastide**. São Paulo: EDUSP, 2000.

⁴⁵ ARRUDA, M. A. N. In: KOSMINSKY, E. V., *op. cit.*: 40-41.

⁴⁶ Nos últimos anos, produziu-se também uma clivagem de estudos, no Brasil, no que tange às relações entre produção intelectual, trajetórias intelectuais e seus contextos, aos grupos e movimentos dos intelectuais, com seus diálogos e disputas, e numa amplitude maior, ligada ao modernismo e ao pensamento social brasileiro. Além das obras de Miceli e de Pontes, temos Helena Bomeny (**Guardiães da razão: modernistas mineiros**, *op. cit.*, 1994), que trabalha com grupos e gerações mais específicas, quais sejam, os modernistas mineiros; Luís R. P. Vilhena (**Projeto e missão: o movimento folclórico brasileiro, 1947-1964**, 1997), sobre o grupo dos folcloristas do período de 1947 a 1964, bem como Élide Rugai Bastos (**Gilberto Freyre e a formação da Sociologia brasileira**, 1986) e Ricardo Benzaquen Araújo (**Guerra e paz: casa-grande e senzala e a obra de Gilberto Freyre nos anos 30**, 1994), ambos sobre o intelectual pernambucano, além de Lúcia Lippi Oliveira (**A Sociologia do guerreiro**, 1995), sobre Guerreiro Ramos.

que predominou a Cadeira de Sociologia I. Isso ocorreria a partir de 1954, momento em que Florestan Fernandes adquire maturidade profissional, institucional e intelectual, tornando-se o condutor do programa de pesquisas de sua Cátedra. O recorte se prolonga até 1968/69, quando a FFCL se transformou na atual FFLCH.

Aliás, temos um dado de realidade muito importante: devido ao quadro imensamente pobre de dados, obras e depoimentos sobre os primeiros anos da Faculdade (pelo menos no que concerne às construções do objeto e problemática adotados), o período posterior é quem acabou privilegiado para as análises.

E, dando prosseguimento, admitimos, nessa medida, que o aparecimento de uma figura como Florestan Fernandes, bem como a posição hegemônica que adquiriu ao longo dos anos 1950, alterou todo o universo das relações entre os cientistas sociais⁴⁷, desdobrando-se no âmbito das relações de *gênero*. Na construção dos marcos temporais, absorvemos outros critérios, como as proximidades de convivência entre as mulheres quando estudantes da Faculdade de Filosofia da USP, bem como a similaridade de experiências ao longo de suas trajetórias familiares, isto é, vivências socialmente aproximadas.

Nos termos das relações de sociabilidade, é importante mencionar o fato de que parte das professoras estudadas, a *Primeira Geração*, esteve relativamente próxima, fazendo o Curso de Ciências Sociais da USP no prédio da então Escola Normal Caetano de Campos, na Praça da República, centro da capital paulista⁴⁸. Já a *Segunda Geração* graduou-se e iniciou carreira na Faculdade da Rua Maria Antonia – caso da maioria das cientistas sociais. Nesse local, a proximidade entre as pessoas (alunos, professores e funcionários) criaria laços de convivência e de intimidade, tornando difícil separar tal ambiente, marcado por relações fraternas, das escolhas intelectuais e acadêmicas.

---

⁴⁷ Florestan Fernandes “vence” não só porque é homem, mas porque ele tinha um *habitus* (proletário) que o permitia competir, de um lado; e, de outro, ele tinha que “vencer”. Maria Isaura Pereira de Queiroz é o contraponto. Isso tudo numa época em que o “mercado” e a competição profissional já se prenunciavam aguerridos.

⁴⁸ De 1934 a 1938, a Faculdade de Filosofia da USP funcionou precariamente na Faculdade de Medicina da USP, situada na Avenida Dr. Arnaldo e em outros prédios públicos da região central da cidade de São Paulo. De 1938 a 1948, ela se estabeleceu na Escola Normal Caetano de Campos, da Praça da República. E, em junho de 1948, a Faculdade foi deslocada para a Rua Maria Antonia, aí ficando até fins de 1968/início de 1969, quando foi, por sua vez, transferida para a então recente *Cidade Universitária Armando de Salles Oliveira*, no bairro do Butantã.

Essa construção precedente diz respeito a uma apropriação do conceito de *geração*, de Karl Mannheim, que foi utilizado para compreender a problematização. Tal conceito compõe-se, como se verá, de uma *situação ou status de geração* (num paralelo com a situação de classe social, dada pela “localização” comum dos indivíduos na mesma estrutura econômica e de poder da sociedade); de *unidade de geração* (o grupo dos que vivenciariam similaridade de situações num determinado todo social e numa realidade histórico-social, exposto às experiências dos mesmos acontecimentos); de *geração enquanto realidade*; e, finalmente, de *grupo concreto* (“união de indivíduos através de laços naturalmente desenvolvidos ou conscientemente desejados”, porém mais restrito que o de situação social)⁴⁹.

De forma que as *duas gerações* consideradas foram conformadas pela época e pelo ano de nascimento das professoras, de sua graduação, de início da atuação e, principalmente, delimitadas pelo ano-base de 1953. Esse momento marca um ponto de viragem, visto que é nele que Florestan Fernandes assume a Cadeira de Sociologia I, dando a ela diretrizes e balizas que moldariam trabalhos e carreiras dos cientistas sociais em geral da Faculdade.

Essas são balizas de identidade e de diferenciação em relação à referida Cadeira. Ou seja, no trânsito entre essas *gerações* moldou-se um estilo de trabalho acadêmico, no qual professoras foram atores importantes.⁵⁰

***

---

⁴⁹ MANNHEIM, Karl. “O problema sociológico das gerações”. In: FORACCHI, Marialice M. **Mannheim: Sociologia**, 1982: 67-95.

⁵⁰ Os outros critérios se encontram explicitados mais à frente. E para que o leitor tenha uma base e possa visualizar, de maneira mais completa, as cientistas sociais, contabilizando 22, estão contidas nesses dois momentos. Na *Primeira Geração* (entre 1934-1952) estão **Gioconda Mussolini** (da Cadeira da Antropologia), **Paula Beiguelman** (da Cadeira de Política), **Lavinia Costa Villela**, **Lucila Herrmann** e **Gilda Rocha de Mello e Souza** (todas da Cadeira de Sociologia I), **Maria Isaura Pereira de Queiroz** e **Aparecida Joly Gouveia** (da Cadeira de Sociologia II; mas ela entraria somente em 1966). No momento posterior, a *Segunda Geração* (entre 1952-1969), estão **Ruth Correa Leite Cardoso**, **Eunice Ribeiro Durham**, **Thekla Olga Hartmann** e **Renate Brigitte Nützler Viertler** (todas na Cadeira de Antropologia); **Célia Nunes Galvão Quirino dos Santos**, **Nely Pereira Pinto Curti**, **Maria do Carmo Campello de Souza**, **Cecy Martinho** e **Marly Martinez Ribeiro Spinola** (na Cadeira de Política); **Marialice Mencarini Foracchi**, **Maria Sylvia de Carvalho Franco** e **Lourdes Sola** (na Cadeira de Sociologia I); **Lia de Freitas Garcia Fukui**, **Eva Alterman Blay** e **Heloisa Helena Teixeira de Souza Martins** (na Cadeira de Sociologia II).

Isto posto, a Tese se estrutura abarcando os termos *sistema de Cátedras, origens sociais-sociabilidade e objetos de pesquisa-obras*. O primeiro deles diz respeito às amplas relações existentes nesse sistema que vigia na Universidade, principalmente as relações acadêmicas e as de poder. O eixo analítico relaciona os temas e interesses que balizaram o percurso intelectual das professoras, em suas respectivas carreiras.

O segundo eixo, sobre as origens e experiências sociais das professoras (classes sociais, tipos familiares), é relacionado aos fatores ligados a elas, de diversas ordens (relações na estrutura da Universidade, participações em grupos acadêmicos, políticos), a fatores geracionais, redes e relações de sociabilidade (parcerias de amizade, familiares ou matrimoniais). Procuramos saber como a articulação de todos eles teria atuado, positiva ou negativamente, em suas trajetórias e na construção de seus espaços institucionais⁵¹. Essas análises todas pretendem dar conta das formas de poder e da produção intelectual na área das Ciências Sociais da USP – eis o terceiro eixo, os *objetos de pesquisa e obras* das professoras.

O avanço dessas perspectivas nos levará a entender que, da experiência social comum, partilhada pelos membros das formações sociais em questão, nasceria uma concepção mais homogênea, típica de um determinado estrato social⁵², que seria o predominante. No caso, o núcleo de sociabilidade da FFCL nas

---

⁵¹ Bourdieu, em **A dominação masculina** (BOURDIEU, P., 2003), realiza importante análise, segundo a qual a reprodução desse tipo de dominação seria conseguida pelo fato de as mulheres serem educadas na assimilação de um viver pautado por categorias masculinas de pensamento e de ser – um *habitus* interiorizado, em outras palavras. Isso faria da dominação masculina uma dominação simbólica, que supõe a aceitação da sujeição pela mulher da interiorização das regras de um mundo masculino. Além disso, para o autor francês, as relações historicamente produzidas seriam as garantidoras das relações assimétricas ou desiguais.

⁵² A análise de Elias sobre os “estabelecidos-*outsiders*” é enriquecedora para o trabalho, pois permite apreender todo um conjunto de fenômenos empíricos formado pelos relacionamentos entre as pessoas, que, de outra forma, seriam imperceptíveis quando vistas por outros critérios. Elias desenvolveu esse modelo analítico de modo completo em **Os estabelecidos e os outsiders: Sociologia das relações de poder a partir de uma pequena comunidade** (ELIAS, N. & SCOTSON, John L., 2000), ao estudar as relações entre dois grupos numa pequena cidade inglesa, no que se refere ao fato de as posições sociais desses grupos (em “sutis” disputas), por se assentarem em critérios morfológicos idênticos, consolidar-se-iam apenas no plano das repartições de poderes. Isso porque, enquanto os recursos simbólicos dos grupos não se modificavam, as posições de poder entre eles também não mudavam. Nessas relações, segundo Elias, só se poderia verificar a existência de níveis variados de interdependência e de desníveis de poder entre os grupos por intermédio dos complexos processos de atribuição de sentido, que enredam a todos, num jogo pela afirmação da superioridade de uns e da inferioridade de outros. Isso se dava entre os

décadas de 1940/60 teria auxiliado na conformação das “Sociologias” *uspianas*. Em verdade, nesse tipo de vivência, existente na Faculdade, haveria já um estilo de vida, a sociabilidade do pequeno grupo. Isso nos faz entender o ambiente da comunidade acadêmica como um grupo social específico. Esse grupo é por nós observado nas dimensões da sua história, da experiência intelectual de seus membros, da sua ideologia, das posições de seus integrantes na estrutura social e das redes de sociabilidade de seu micro-universo – reportamo-nos aos já citados trabalhos clássicos de Lepenies e Ringer⁵³.

Na reconstituição das relações de sociabilidade⁵⁴ do período, segundo as perspectivas propostas, relacionadas às origens sociais e às posições das pessoas na estrutura social, podemos examinar as disputas e dilemas suscitados pela emergência da Sociologia acadêmica *uspiana*. Nesses recortes e chaves analíticas – e dado que nossa pesquisa reconstitui os enfrentamentos e as tensões que ocorriam nas disputas internas entre as Cadeiras – pretendemos propor uma forma de entender a feitura do trabalho intelectual, porque é também nessas relações do campo acadêmico que idéias e obras surgem, prevalecem ou se desqualificam, são publicadas ou impedidas, valorizadas, divulgadas ou levadas a ostracismo. Os procedimentos acadêmicos, bem como a vida acadêmica como um todo, não poderiam ser completamente compreendidos sem se levar em conta esses fatores. Para isso, tomamos a descrição de Miceli:

---

habitantes mais antigos e os mais recentes do lugarejo, batizado ficticiamente de Winston Parva. O estigma do preconceito perpassava “dominantes” e “dominados”, estabelecidos e *outsiders*. Complementaridade e conflito seriam indissociáveis.

⁵³ V. LEPENIES, W., *op. cit.*, 1996; RINGER, F., *op. cit.*, 2000.

⁵⁴ Trabalhamos com as idéias de internalização do *habitus*, de constituição de um *campo acadêmico* e de relações de poder, entre outros, mas é mister ressaltar que incorporamos, de maneira *crítica e nuançada*, as perspectivas de Bourdieu e de Elias, como forma de tratamento e de análise. Nesse sentido, do ponto de vista teórico, supostas diferenças entre esses autores foram minimizadas, em favor de uma junção das semelhanças fundamentais mínimas de ambos. Isso foi realizado tendo apenas objetivos de puro efeito metodológico. Ou seja, foram feitas opções teórico-metodológicas de cunho heterodoxo, mas que se fixavam em se adaptar ao objeto e à problemática envolvidos em toda a questão. Tal justificativa possui também a razão de evitar que o leitor tome o trabalho por algo que “pasteurize” tanto recursos teóricos, quanto supostas minimizações ligadas de um “machismo”, tão natural num primeiro momento de leitura de trabalhos dessa nossa naípe – aliás, como o leitor bem poderá perceber, em nenhum momento foram feitas tentativas nem perseguidos os intentos de se fazer o “resgate” de um gênero, de classes sociais ou etnias (“raças”) “oprimidas”, algo totalmente anti-científico e anacrônico. Ao contrário, o que pretendíamos era a procura de uma análise interpretativa e o mais objetiva possível.

“A própria compreensão da dinâmica das relações no interior do campo intelectual e científico requer hoje uma familiarização com a nomenclatura classificatória com que uns e outros se referem aos parceiros e aos concorrentes. Alto clero e baixo clero, produtivistas e puristas, empiricistas e teóricos, filosofantes e sociologizantes, elitistas e populistas, eis algumas das oposições com que os agentes do campo em questão costumam remendar simbolicamente diferenças de situação material, de graus de reconhecimento e prestígio, de identificação e de estilos de vida e de pensamento. Aqueles situados nos setores de ponta chegam inclusive a nomear seus espaços de trabalho como “ilhas de excelência ou de competência”, expressão encontrada até mesmo em relatórios internos, em artigos e documentos elaborados por técnicos das agências. O fundo de verdade em todas essas designações não consegue esconder a partição havida no interior do campo intelectual das Ciências Sociais, e cujas conseqüências, em todo seu vigor, vão se fazendo sentir em todos os domínios da vida intelectual, desde as discussões e os concursos para preenchimento de posições docentes e de pesquisa, passando pelas tomadas de posição relativas ao peso da docência e da investigação na definição do que seja o cientista social, pelas posturas teóricas, métodos empregados, objetos identificados, até a montagem de chapas para a diretoria das sociedades científicas da área.”⁵⁵

Dessa forma, tendo por base as ponderações acima, entendemos que os autores dos referenciais teóricos apontam para o fato de que os agentes sociais movem-se no âmbito de relações de poder, embora esses móveis possam não se explicitar, aparecendo, inclusive, como guiados por impulsos altruístas. Com essas considerações, os autores dos referenciais ajudam a desconstruir a idéia de que um grupo intelectual seja diverso de outros grupos na sociedade; contrariamente, ele encontra-se exposto a forças, pressões e interesses pessoais, de classe e de poder, não obstante tentativas de evitar ou negar impulsos dessas naturezas. Como sabemos, os grupos letrados constroem uma auto-imagem baseada no princípio do desinteresse e do afastamento das questões materiais.

Eis o esboço de como operamos sociologicamente as trajetórias intelectuais das cientistas sociais consideradas. Assim, pretendemos ter aclarado os recortes da problemática, do objeto e das hipóteses, que serão analisados na dinâmica das relações entre *Cadeiras*, trajetórias intelectuais e obras de cientistas

---

⁵⁵ In: MICELI, S. *op. cit.*, v. 2, 1995: 22.

sociais *modelares*⁵⁶. Por essa gama de perspectivas analíticas, a pesquisa insere-se, de modo mais amplo, nos domínios da sociologia da cultura e, mais especificamente, na área da História intelectual. Essa área (também conhecida por *Sociologia da vida intelectual*) elege como tema principal de reflexão os chamados *intelectuais*, no que concerne às relações entre suas trajetórias intelectuais, carreiras e seus contextos (articulando, sobretudo, dimensões como as origens sociais dessas pessoas, disputas nos campos de atuação profissional e político, ou entrelaçamentos com o “mercado” de cultura em que atuam). Ou seja, a recuperação dos contextos sociais amplos que conformam o mundo de diálogos e disputas travados por essas pessoas e suas obras⁵⁷.

O intuito da pesquisa como um todo era chegar a ponderações a respeito desses grupos de “letrados” ou intelectuais no Brasil. Esta proposição não esgota as recepções e trabalhos da vida intelectual no Brasil, evidentemente; entretanto, ao explorar as relações existentes entre as origens sociais dos intelectuais com instâncias e estruturas da universidade, esta investigação poderá fornecer caminhos à compreensão de princípios da produção cultural⁵⁸. E com esta pesquisa – incorporando as discussões atuais sobre intelectuais e tendo como fio condutor a recuperação de itinerários biográficos e trajetórias intelectuais – pretendemos contribuir para o campo das reflexões sobre os intelectuais, especialmente no momento da constituição do pensamento sociológico na Universidade de São Paulo, vista no prisma das trajetórias dos produtores da ciência social dessa instituição.

Constituição das *gerações* e das professoras pesquisadas

---

⁵⁶ Conforme sugestão da banca de defesa deste doutoramento, informamos que os aparatos teórico-metodológicos, o objeto e a problemática não devem ser tomados como lineares e estanques. Todos se encontram imbricados; as separações possuíam o intuito de tornar a pesquisa e o texto mais discerníveis e didáticos.

⁵⁷ V. ARRUDA, M. A. N. Trajetórias da Sociologia da cultura. **Revista USP**, n. 50, 2001b; PONTES, H. Círculos de intelectuais e experiência social. **Revista Brasileira de Ciências Sociais**, n. 50, 1997.

⁵⁸ V. WEBER, M., *op. cit.*, 1991.

Levando em conta os referenciais teóricos e a natureza do problema, optamos por construir uma morfologia do campo e recuperar parte das histórias de vida das cientistas sociais estudadas. Tais relatos estão contidos em entrevistas por nós realizadas e em memoriais, depoimentos⁵⁹, entrevistas, correspondências, discursos, textos memorialísticos e documentos sobre as professoras, além de publicações como livros, artigos, jornais e revistas universitárias disponíveis na Biblioteca Central da FFLCH-USP e em seção de arquivos dessa instituição.

Com base nas informações obtidas por esses meios, construímos **quadros** (constantes ao final do capítulo) que têm por objetivo montar uma primeira quantificação do contingente feminino na Faculdade de Filosofia da USP, e das modificações ocorridas ao longo do período considerado.

Antes, porém, é necessário observar uma série de quantificações sobre os antigos alunos da Faculdade. O número de ingressantes (homens e mulheres) na então *Subsecção de Ciências Sociais e Políticas*, e em outros cursos da Faculdade, desde 1934, era diverso se comparado ao dos preponderantemente “masculinos” Cursos de Medicina, de Direito, de Engenharia. A quantidade de alunas era grande. Podemos melhor observar essas informações com as quantificações analisadas por Sergio Miceli⁶⁰, Fernando Limongi⁶¹ e Maria Arminda do Nascimento Arruda⁶². Nos números de Miceli, dos 150 diplomados em Ciências Sociais pela Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras da USP entre os anos de 1936 a 1955, as mulheres foram em número de 85 (57% do total), ao passo que os homens foram 65 (43% do total)⁶³. Por sua vez, conforme nossa estatística, de 1956 a 1969 houve 471 diplomados no curso, sendo 165 homens (35% do total) e 306 mulheres (65% do total)⁶⁴.

---

⁵⁹ Esses depoimentos, naturalmente, carregam suas doses de parcialidades e emotividades.

⁶⁰ MICELI, S., *op. cit.*, 2001: 91-133.

⁶¹ LIMONGI, F. *In*: MICELI, S., *op. cit.*, 2001.

⁶² ARRUDA, M. A. N. *In*: MICELI, S., *op. cit.*, 1995: 107-231.

⁶³ MICELI, S., *op. cit.*, 2001: 94-96.

⁶⁴ Cf. SEÇÃO DE APOIO AOS EX-ALUNOS DE GRADUAÇÃO. **Diplomados pela Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras. Curso de Ciências Sociais: Turmas de 1936-1969**. São Paulo: Seção de publicações/FFCL-USP, 1969. Mimeo.

Em contrapartida, uma típica turma do Curso de Direito na década de 1930 incluía, segundo Miceli, 2 ou 3 mulheres; entre 1934-1939, as mulheres representavam 1,5% do contingente de bacharéis formados na instituição. Na década de 1940, o público feminino subia para 3,5% e, entre 1950-1955, era de 8,5%⁶⁵. Em termos comparativos, na carreira de Direito, para o período de 1934-1949, houve 3125 diplomados, sendo 3038 homens (97% do total) e 87 mulheres (3% do total)⁶⁶.

Para o Curso de Medicina, no período 1934-1949, os números de formados são bem semelhantes aos de Direito: 95% de homens (1138) e 5% de mulheres (54)⁶⁷. Na Faculdade de Medicina, para as turmas correspondentes, eram 14 mulheres entre 341 formados. E, na Escola Politécnica, “não se registra a formatura de uma única mulher, ausência que perdura até 1946”⁶⁸. Já na FFCL, complementa Limongi em seqüência, as mulheres estavam na faixa de 42,8% dos formandos⁶⁹.

Enquanto isso, conforme os números e dados obtidos e analisados por Limongi⁷⁰, no ano de 1934 houve 182 matrículas nos cursos na Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras da USP – 8 eram de mulheres⁷¹. No ano seguinte, 1935, 37 destes refizeram a matrícula. Em 1936, dos 37 segundanistas da primeira turma, 32 inscreveram-se para o 3º ano (o último), e 30 acabariam se formando. A imensa maioria desses que foram abandonando o curso já tinha outro *diploma superior*. Essa maioria abonada, oriunda da elite paulista, estava em busca mais de “ilustração”⁷² que de uma profissionalização efetiva.

No ano de 1935 entraram 133, ou seja, menos alunos que no ano anterior. Por causa disso, foi utilizado, pelo menos temporariamente, o procedimento do *comissionamento*, consistindo na facilitação do ingresso para

---

65 MICELI, S., *op. cit.*, 2001: 96.

66 MICELI, S., *op. cit.*, 2001: 133.

67 MICELI, S., *op. cit.*, 2001: 133.

68 LIMONGI, F. In: MICELI, S., *op. cit.*, 2001: 206.

69 LIMONGI, F. In: MICELI, S., *op. cit.*, 2001: 207.

70 LIMONGI, F. In: MICELI, S., *op. cit.*, 2001: 188 e seguintes.

71 BLAY, Eva Alterman; LANG, Alice Beatriz da Silva Gordo. **Mulheres na USP: horizontes que se abrem**, 2004b: 50.

72 LIMONGI, F. In: MICELI, S., *op. cit.*: 188-189.

professores primários das escolas públicas, sem prejuízo de seus vencimentos, para que a Faculdade e o restante da Universidade ampliassem seu número de alunos. Por tal método, entraram mais 85 alunos, o que alterou a face da instituição, porque os comissionados eram, em sua maioria, pessoas oriundas de setores médios em ascensão, filhos de imigrantes e, principalmente, moças.

Essa segunda turma, com 218 alunos, reduziu-se para 86 no terceiro ano – e, destes, 64 eram os comissionados (fato que os tornava, aparentemente, os alunos mais persistentes). Os comissionados representavam a maior taxa de aproveitamento, bem como a maioria dos que conseguiam se diplomar (cerca de 70% deles o faziam). Ao entrar, os professores primários eram 18% dos ingressantes; ao se formar, eram 44,5%. A maior parte dos comissionados era constituída por mulheres! E as mulheres eram ótimas alunas (conforme mostram os históricos escolares), pois a manutenção de seus proventos estava ligada à obtenção de boas notas. As chances, para todos eles (professores primários de ambos os sexos), de integrar o corpo docente da FFCL, até não eram desprezíveis – o que explicaria o êxito no desempenho desses alunos⁷³.

Um dado importante é que, na época, o número de mulheres no ensino superior era pequeno⁷⁴, tanto na cidade de São Paulo como no restante do País. Além da USP e da então Escola Livre de Sociologia e Política de São Paulo (ELSP-SP), surgida em 1933, foi fundada, nesse ano, a Faculdade de Filosofia *Sedes Sapientiae*, que era exclusivamente feminina⁷⁵. É fato que, a partir da década de 1960 (e num processo que se consolidaria no decênio seguinte), como pensava boa parte dos cientistas sociais, trabalhar na USP era fonte de desejo e importância, uma vez que grande parte provinha de setores médios em ascensão ou eram filhos de imigrantes. Isso estava ligado à demanda por profissionais, revelando a

---

⁷³ LIMONGI, F. In: MICELI, S., *op. cit.*: 196. Não houve matrículas de alunos *comissionados* para a 3ª. turma, devido ao receio de a medida ser rejeitada pelo Conselho Nacional de Educação (a maioria não apresentava certificado de conclusão de curso secundário, mas de normalista, o que poderia inviabilizar a matrícula). Foram criadas bolsas de estudo para estudantes carentes que não eram professores primários nem comissionados, com o objetivo de estimular novos alunos.

⁷⁴ Dos formados entre os anos de 1937 e 1955, 79 eram homens (61%) e 51 eram mulheres (39%). In: MICELI, S., *op. cit.*, 2001: 96.

⁷⁵ TRIGO, Maria H. B., *op. cit.*, 1997: 9.

modernização da sociedade brasileira como um todo⁷⁶. E já por essa referida década, na FFCL, os alunos oriundos de setores da elite não eram os dominantes, como haviam sido nas décadas de 1930/40.

Já Arruda aponta o constante crescimento do número de mulheres no Curso de Ciências Sociais, mesmo depois da introdução do sistema de pós-graduação (após o início da década de 1970), o que indicaria a “clara feminização da profissão”. Conforme a autora, no período por ela pesquisado, os anos entre 1939 e 1973, “as mulheres ganhavam visibilidade crescente, mas não galgavam o nível mais alto da carreira”⁷⁷. Nesse período, para a área de Sociologia, houve, entre os homens, 43 Mestrados, 26 Doutorados, 7 Livres-docências e 4 obtenções de Cátedras ou Titulaturas. Entre as mulheres, houve 28 Mestrados, 32 Doutorados, 4 Livres-docências e nenhuma obtenção de Cátedra/Titulatura.

Em Antropologia os homens obtiveram 6 Mestrados, 8 Doutorados, 3 Livres-docências e 1 Cátedra/Titulatura. Entre as mulheres, houve 8 Mestrados, 11 Doutorados, 2 Livres-docências e nenhuma Cátedra/Titulatura. Em Política, finalmente, os homens obtiveram 2 Mestrados, 7 Doutorados, 2 Livres-docências e 2 Cátedras/Titulaturas. Entre as mulheres, houve 1 Mestrado, 1 Doutorado e 1 Livre-docência⁷⁸ e 1 participação em concurso para Cátedra⁷⁹.

Dessa forma, lembrando que nosso trabalho opera uma articulação entre relações nas Cátedras, origens sociais dos membros delas (portadoras do

---

76 MICELI, S. “O cenário institucional das Ciências Sociais no Brasil”. In: MICELI, S., *op. cit.*, 1995: 7-24.

77 ARRUDA, M. A. N. In: MICELI, S., *op. cit.*, 1995: 219.

78 ARRUDA, M. A. N. In: MICELI, S., *op. cit.*, 1995: 225-229.

79 É fato que, não obstante o crescimento do contingente feminino, inclusive na pós-graduação e na profissionalização, em mais de sete décadas de existência, pelo menos na área de *Sociologia*, na antiga e na atual Faculdade de Filosofia, somente a cientista social Maria Isaura Pereira de Queiroz obteria o honorífico título de *Professora Emérita*, no ano de 1990. E o cargo máximo da instituição, o de *Professor Titular*, foi obtido por apenas três mulheres, quais sejam, as cientistas sociais Aparecida Joly Gouveia, em 1983, Eva Alterman Blay, em 1986 e Maria Arminda do Nascimento Arruda, em 2005. Ou seja, as mulheres, mesmo detendo idêntica capacidade à dos colegas homens e de serem numerosas, não teriam logrado obter o que estes conseguiam. Quando o fizeram, isso foi em período recente, nas duas últimas décadas. Gilda Rocha de Mello e Souza obteria, em 1999, o título de *Professora Emérita*, no Departamento de Filosofia. Maria Sylvia de Carvalho Franco tornou-se *Professora Titular* do Departamento de Filosofia da USP em 1988. Eunice Ribeiro Durham se tornaria *Professora Titular* em 1985, na Antropologia; em 2002, receberia o título de *Professora Emérita*; Lília Katri Moritz Schwarcz se torna *Professora Titular* em 2005. Paula Beiguelman receberia o título de *Professora Emérita* em 2003, pela Ciência Política.

habitus) e formas de *geração*, sendo estas balizadas por diversos níveis de relações de gênero, passamos a expor os critérios para as divisões temporais e unidades geracionais mostrando, também, os critérios que utilizamos para chegarmos às professoras escolhidas.

Retomando o conceito de *geração* utilizado⁸⁰, lembramos que ele, em termos sintéticos, refere-se a um grupo que, de certa forma, estaria organicamente vinculado, delimitando uma fase da vida, mas indo além da etapa cronológica, pois se relaciona também ao bloco de pessoas nascidas em época semelhante, que viveria os mesmos acontecimentos durante a sua formação e compartilharia as mesmas experiências históricas, as quais lhes seriam significativas. Isso tudo originaria uma consciência comum, permanecendo ao longo da vida do indivíduo. Ou seja, *geração* estaria ligada a um grande sentimento de pertença, “um tipo particular de identidade de situação, abrangendo ‘grupos etários’ relacionados”. A existência dessas situações em comum numa determinada dimensão histórica do processo social predisporia a geração a certo “modo característico de pensamento e experiência”⁸¹.

Geração se definiria também, e encontraria sua categoria constitutiva, a partir da identidade, originada no contraste ou conflito com outras (*gerações*), anteriores e posteriores, próximas a ela, e com seus membros compartilhando um idêntico comportamento de ruptura para com essas outras. Tal dimensão constitutiva seria originada em tensões inerentes aos sistemas ou organizações humanas. As atitudes de uma geração, ao interagir com outras *gerações* próximas, originariam tensões potencializadoras de transformações no grupo (e até mesmo mudanças sociais mais amplas). Assim, a dimensão relacional da noção de *geração* deve ser relevada.

As *gerações* de cientistas sociais de nossa pesquisa, interpostas, compõem-se de pessoas que viveram nas mesmas épocas, integraram faixas etárias similares, participaram das correntes sociais e intelectuais características de seus meios sociais e períodos históricos, freqüentaram os ambientes da Faculdade e criaram vínculos concretos pela exposição ao mesmo ambiente social e intelectual.

---

⁸⁰ MANNHEIM, Karl. “O problema sociológico das gerações”. In: FORACCHI, Marialice M. **Mannheim: Sociologia**, *op. cit.*, 1982: 67-95.

⁸¹ MANNHEIM, K., *op. cit.*, 1982.

Como nossa interpretação é feita mediante a reconstrução da trajetória intelectual das professoras, nós as abordamos com o uso de comparações entre as *gerações* a que pertenceram – isso nos fez construir trajetórias geracionais para perceber modificações ocorridas na sociabilidade entre intelectuais ao longo do período considerado (aliás, o trabalhar com o termo *geração* ajuda a definir as fronteiras regulamentadoras das dinâmicas relações de *gênero*).

A noção de *geração* também se coloca como pertinente categoria de análise para nosso trabalho pelo fato de dimensionar ou tornar objetiva uma forma de “separação” entre os professores (é dessa maneira, aliás, que vemos como se afiguram as circunstâncias da construção de nossa problematização). Também articuladamente, o *habitus* (da classe social de origem das professoras) ajudou a configurar a *geração*, caracterizando-a; ambos, *habitus* e *geração*, definem as fronteiras regulamentadoras de relações dinâmicas, tornando *objetivas* (em termos heurísticos e metodológicos, no sentido de *concretas, mais aparentes, reais*) essas formas de “separação” entre os professores, os mais antigos e os mais recentes.

Assim, temos a *Primeira Geração* sendo composta pelas professoras oriundas de elites, de classes médias e proletárias que dividiram convivência na Faculdade – nessa geração, inclusive, houve o aproveitamento de mulheres de origem proletária; no momento da construção de novas carreiras, aliás, ocorre a possibilidade de democratização social, de origem e de gênero; em outras palavras, emerge uma nova profissão, com novo estilo⁸².

Outros elementos que funcionaram como delimitadores das duas gerações (e uma se delimita em contraste com a outra) foram: o ano de nascimento (próximo), formação escolar básica, época de formatura na graduação, casamento. Naturalmente, tomamos, dos quadros, o que se configura como os mais importantes elementos (para o que se propõe como *geração*). Por isso, uma relativização deve ser aqui destacada, visto se tratarem de classificações aproximativas.

Dessa forma, na *Primeira Geração* (entre 1934-1952) estão **Gioconda Mussolini** (da Cadeira da Antropologia), **Paula Beiguelman** (da Cadeira de Política), **Lavinia Costa Villela**, **Lucila Herrmann** e **Gilda Rocha de Mello** e

---

⁸² O que remete, em certo sentido, à obra de Elias **Mozart: Sociologia de um gênio**, *op. cit.*, 1995.

Souza (todas da Cadeira de Sociologia I), **Maria Isaura Pereira de Queiroz** e **Aparecida Joly Gouveia** (da Cadeira de Sociologia II). Totalizam sete.

No momento posterior, a *Segunda Geração* (entre 1952-1969), estão **Ruth Correa Leite Cardoso, Eunice Ribeiro Durham, Thekla Olga Hartmann e Renate Brigitte Nützler Viertler** (todas na Cadeira de Antropologia); **Célia Nunes Galvão Quirino dos Santos, Nely Pereira Pinto Curti, Maria do Carmo Campello de Souza, Cecy Martinho e Marly Martinez Ribeiro Spinola** (na Cadeira de Política); **Marialice Mencarini Foracchi, Maria Sylvia de Carvalho Franco e Lourdes Sola** (na Cadeira de Sociologia I); **Lia de Freitas Garcia Fukui, Eva Alterman Blay e Heloisa Helena Teixeira de Souza Martins** (na Cadeira de Sociologia II). Totalizam quinze.

Uma vez configuradas as duas gerações, passamos a explicitar o porquê de termos escolhido as três professoras da primeira e as quatro da segunda. Elegemos, na primeira, **Gioconda Mussolini, Paula Beiguelman e Maria Isaura Pereira de Queiroz** como *exemplares*. Apesar de serem de classes sociais distintas, elas se identificam por semelhanças como o ano de nascimento muito próximo, o convívio nas suas graduações, nos primeiros edifícios da Faculdade⁸³, o início simultâneo na profissão, a amizade entre as duas primeiras, mantida até o fim do período recortado para a pesquisa (1969, ano das mudanças na instituição e do falecimento de Gioconda Mussolini) e o fato de terem sempre trabalhado no setor de Ciências Sociais.

Isso explica a exclusão das demais dessa *geração*. Assim, **Lavinia Costa Villela, Lucila Herrmann, Gilda Rocha de Mello e Souza e Aparecida Joly Gouveia** acabaram ficando de fora. De nossa parte, houve dificuldade para obtenção de dados sobre elas (casos de **Lavinia Costa Villela** e, em parte, **Lucila Herrmann**); e as quatro não tiveram a vida profissional regular no Curso de Ciências Sociais de modo pleno (as três primeiras transferiram-se para outras Cadeiras entre o fim dos anos 1940 e o início dos 1950); e Aparecida Joly Gouveia,

---

⁸³ Em verdade, Gioconda Mussolini foi professora das duas; e estas estudaram em períodos muito próximos (Paula Beiguelman licenciou-se em 1945; Maria Isaura Pereira de Queiroz, em 1949). Não há registros de amizade entre Gioconda Mussolini e Maria Isaura Pereira de Queiroz.

além de ter estudado e se graduado na Escola Livre de Sociologia e Política, somente foi contratada em 1966 pela FFCL-USP.

Da mesma forma, para a *geração* posterior (1952-1969), a regularidade de coincidências e a constância em trabalhar no curso foram as responsáveis pela escolha de **Maria Sylvia de Carvalho Franco**, **Eunice Ribeiro Durham**, **Eva Alterman Blay** e **Maria do Carmo Campello de Souza**. Como no caso das *exemplares* da *geração* anterior, destacamos aqui o fato de terem carreira regular e constante no Curso de Ciências Sociais, de terem “transitado” nos temas da Cadeira de Sociologia I e de terem realizado obras relevantes que, originadas ou marcadas por elementos ligados a essa *geração*, tornaram-se clássicas.

Assim, foram excluídas **Nely Pereira Pinto Curti**, **Cecy Martinho** e **Marly Martinez Ribeiro Spinola**, que nem fizeram carreira na Faculdade, por assim dizer, pois lecionaram em média dois semestres e saíram da instituição. Também o foram as antropólogas **Ruth Correa Leite Cardoso**, **Thekla Olga Hartmann** e **Renate Brigitte Nützler Viertler** por não terem tantas titulações, cargos, experiência e obras importantes como, sob tais pontos de vista, a *modelar* **Eunice Ribeiro Durham**.

De certa maneira, o mesmo se pode dizer das sociólogas **Marialice Mencarini Foracchi**, **Lourdes Sola**, **Lia de Freitas Garcia Fukui** e **Heloisa Helena Teixeira de Souza Martins** e da cientista política **Célia Nunes Galvão Quirino dos Santos** em relação às *exemplares* **Maria Sylvia de Carvalho Franco**, **Eva Alterman Blay** e **Maria do Carmo Campello de Souza**.

Tivemos os cuidado de pôr em cada grupo ao menos um membro de cada Cadeira, não esquecendo a relevância de obras produzidas pelas sete (tanto no momento em que eram realizadas e lançadas, quanto posteriormente).

Vejamos, agora, os quadros.

Quadros

BACHARÉIS/LICENCIADAS ENTRE 1934-1952

QUADRO 1: ORIGENS FAMILIARES/SOCIAIS (I)

NOME	Datas/local de nascimento	Nacionalidade/etnia	Classe social de origem
GIOCONDA MUSSOLINI	1913 São Paulo (SP) Faleceu em 1969	Brasileira (filha de um imigrante italiano e de uma brasileira)	Desconhecida (provavelmente, setores menos qualificados do proletariado urbano, devido ao pai ser imigrante; posteriormente, ele seria pequeno comerciante e contador)
LUCILA HERRMANN	1902 São Carlos (SP) Faleceu em 1955, na mesma cidade	Brasileira	Proprietários rurais que sofreram os efeitos da crise de 1929, pela parte materna; no lado paterno, imigrantes e profissionais liberais técnicos (pequena classe média)
LAVINIA COSTA (RAYMOND) VILLELA	Sertãozinho (SP) 1907 Faleceu em (?)	Brasileira	Supostamente, pequena burguesia ascendente
GILDA ROCHA DE MELLO E SOUZA	1919 Araraquara (SP) Faleceu em 2005	Brasileira	Pertence a famílias da média burguesia e da elite rural
PAULA BEIGUELMAN	1926 Santos (SP)	Brasileira (de origem judaica)	Proletariado urbano
MARIA ISAURA PEREIRA DE QUEIROZ	1918 São Paulo (SP)	Brasileira	Pertencente a tradicionais famílias paulistas da elite (composta de poderosos fazendeiros do Interior do Estado de São Paulo)
APARECIDA JOLY GOUVEIA	1919 Itatiba (SP) Faleceu em 1998	Brasileira	Supostamente, pequena burguesia

Fonte: Documentos, Prontuários e Memoriais acadêmicos das professoras, disponíveis na Seção de Pessoal da Administração da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo; Inventários dos Arquivos da Seção de Protocolo na Seção de Apoio aos Ex-Alunos, do Setor de Administração da FFLCH-USP; Inventários dos Arquivos do CAPH (Centro de Apoio à Pesquisa em História “Sérgio Buarque de Hollanda”); Setor de Documentação da Biblioteca Central da FFLCH-USP; e *site* <http://www.cnpq.br/lattes>, disponível na *Internet*, acessado em diversas oportunidades, no período de 2005 a 2007. Cf. *FONTES CONSULTADAS*. Idem para todos os quadros a seguir.

QUADRO 2: ORIGENS FAMILIARES/SOCIAIS (II)

NOME	Situação familiar (orfandade; irmãos; relações econômicas e familiares na comunidade etc.)	Relações de parentesco	Estado civil
GIOCONDA MUSSOLINI	Teve seis irmãs; tendo pai imigrante, mãe destituída de posses, vários irmãos, morando no Brás ou Luz e estudando em escolas públicas, supõe-se que teve uma infância humilde, sem luxos	Sendo filha de imigrante e de brasileira “mulata” (conforme os íntimos), a rede de relações sociais deve ter sido frágil	Solteira
LUCILA HERRMANN	Teve cinco irmãos, três homens e duas mulheres – todos se casaram: o irmão mais velho possuía uma fazenda perto de São Carlos; as duas irmãs eram professoras primárias; os dois irmãos mais novos se formaram em farmácia. Lucila mudou-se para São Paulo no início de 1930. Morava numa pequena casa no bairro da Pompéia, com a mãe e dois sobrinhos	O pai (Henrique Herrmann) era judeu e joalheiro em São Carlos. Morreu em 1910, quando Lucila tinha oito anos. Ele nasceu no município de Brotdorf, região de Merzig, Alsácia-Lorena (Alemanha), imigrando para o Brasil no final do século XIX, para trabalhar na joalheira de seus tios maternos, em São Paulo. A mãe (Maria Alves) era católica e pertencia a uma família de proprietários de terra, com fazenda em São Carlos (SP)	Solteira
LAVINIA COSTA VILLELA	Sem informação	Sem informação	Sem informação (teria se casado após sair do País, na década de 1950, conforme relatos orais)
GILDA ROCHA DE MELLO E SOUZA	Infância e juventude sem dificuldades, pois era membro de famílias abastadas	As famílias materna e paterna eram abastadas, formadas pela burguesia urbana e por agricultores; era prima em segundo grau do escritor Mario de Andrade	Casada, desde 1943, com Antonio Candido de Mello e Souza
PAULA BEIGUELMAN	Um irmão mais novo, também professor (área de Medicina); infância e adolescências difíceis pelas condições econômicas precárias da família	Provavelmente ínfima, pelo fato de ser filha de imigrantes recentes	Solteira (casou-se depois de 1969)
MARIA ISAURA PEREIRA DE QUEIROZ	Vários irmãos Sem dificuldades (família de fazendeiros importantes)	Famílias compostas por professoras, fazendeiros, políticos e personagens históricos influentes, descendentes dos ramos Queiroz Telles e Pereira de Queiroz	Solteira
APARECIDA JOLY GOUVEIA	Uma irmã; infância e adolescências sem privações, mas também sem luxos	A exceção da cidade de origem, não havia ninguém que ela conhecesse onde morou e trabalhou a maior parte da vida (Rio e São Paulo). Essa solidão foi-lhe difícil	Sem informação

QUADRO 3: DADOS ACADÊMICOS (até 1969) (I)

NOME	Formação escolar e acadêmica	Primeiros empregos	Principais cargos obtidos na universidade; títulos	Participação em grupos/entidades de pesquisa; Cadeiras que integrou
GIOCONDA MUSSOLINI	Grupo Escolar Regente Feijó, Escola Modelo do Brás, Escola Normal Padre Anchieta, Instituto de Educação Caetano de Campos (1922-34), todos na capital paulista; Curso de Aperfeiçoamento de Professores Primários no Instituto de Educação Caetano de Campos (1933-34); bacharel e licenciada em Ciências Sociais na USP (1935-37); Curso de Extensão “Modernas teorias da personalidade” na Sociedade de Psicologia de São Paulo (1953)	Ingressou no magistério primário em 1933 no Grupo Escolar de Pariquera-Assu, em Jacupiranga (SP)	Cargos: Depois de passar por diversas escolas primárias e pelo Departamento Municipal de Cultura de São Paulo, ingressa como comissionada, em 1938, na Cadeira de Sociologia I (a princípio, como pesquisadora do Centro de Pesquisas e Documentação Social desta; depois, como auxiliar de ensino); segunda assistente da Cadeira de Antropologia, interinamente (1944-49); posteriormente, torna-se auxiliar de ensino Cadeira de Antropologia (1949-51); primeira assistente da Cadeira de Antropologia (1951-1965); e instrutora “referência 62” em RDIDP, na Cadeira de Antropologia (1965-69); foi também professora de Estudos Sociais na Escola Técnica de Comércio Álvares Penteado (1946-52) e de Sociologia na Escola de Enfermagem da USP (1950-52) Títulos: <i>Master of Arts</i> pela Escola Livre de Sociologia e Política (1945) Prêmios: Bolsa de estudos da Universidade da Califórnia-Berkeley/EUA (1947); 1º. Prêmio do Concurso de Monografias Folclóricas, da Prefeitura de São Paulo (1948); convidada a reger a Cadeira de Antropologia da Universidade de Assunção/Paraguai (1952); Medalha “Sylvio Romero”, do Distrito Federal, pelo 100º. Aniversário da Comissão Nacional de Folclore	Integrante da Cadeira de Sociologia I (1938-44); da Cadeira de Antropologia (1944-69); da Sociedade de Etnografia e Folclore; da Associação dos Geógrafos Brasileiros; da União Universitária Feminina de São Paulo; da Sociedade de Psicologia de São Paulo (sócio fundador) e da Sociedade Brasil-Japão (sócio fundador)
LUCILA HERRMANN	Curso de Professor Primário na Escola Normal Dr. Álvaro Guião (São Carlos-SP); Curso de Aperfeiçoamento de Professores Primários no Instituto de Educação Caetano de Campos (1930-32); Curso Pedagógico de Formação de Professores Secundários na mesma instituição (1933-35); licenciatura e bacharelado em Ciências Sociais na USP (1935-37); licenciou-se também na “seção de Didática” da FFCL-USP (1948) e em Ciências Sociais na Escola Livre de Sociologia e Política-SP (1942)	Professora de Sociologia da Escola Normal Conselheiro Rodrigues Alves, em Guaratinguetá-SP (1937)	Cargos: Comissionada “junto ao Departamento de Estatística, para prestar serviços de pesquisas” (1938); segunda assistente da Cadeira de Sociologia I e diretora do Centro de Pesquisas e Documentação Social (1939-1947); técnica em administração, interina, do Instituto de Administração da Faculdade de Ciências Econômicas da USP (1947), ficando nesse lugar até sua morte, dirigindo o setor de pesquisas sociais e lecionando para os alunos do Curso de Administração. Títulos: Doutorado em Ciências Sociais/Sociologia (1945) pela USP; Master of Sciences (Etnologia) pela Escola Livre de Sociologia e Política (1946)	Integrante da Cadeira de Sociologia I até 1947, quando se transfere para a Cadeira de Ciência da Administração (cujo regente titular era Mario Wagner Vieira da Cunha) no que viria a ser a atual Faculdade de Economia, Administração e Contabilidade (FEA) da USP
LAVINIA COSTA VILLELA	Escola Normal Secundária de São Paulo; licenciatura e bacharelado em Ciências Sociais na USP (1935-37); Curso de Formação de Professor Secundário no Instituto de Educação Caetano de Campos (1938)	Depois de formada, durante três anos exerceu o magistério primário	Cargos: Depois de passar por diversos cargos públicos burocráticos ligados às áreas da educação e da cultura, foi primeira assistente de Sociologia I na FFCL (desde 1939) Títulos: Mestrado em Sociologia na Escola Livre de Sociologia e Política (1944); Doutorado em Antropologia pela FFCL (1945)	Integrante da Cadeira de Sociologia I (mas seus trabalhos possuem temáticas ligadas à área de Antropologia) e da Sociedade de Etnografia e Folclore
GILDA ROCHA DE MELLO E SOUZA	Iniciou estudos em Araraquara (SP); depois, no Colégio Stafford (privado), em São Paulo; bacharel (1939) e licenciada (1940) em Filosofia na USP	Terceira assistente na Cadeira de Sociologia I (a partir de 1943)	Cargos: Terceira assistente (1943); segunda assistente (até 1953/4), na Cadeira de Sociologia I; em 1954, torna-se professora da Cadeira de Estética, no Curso de Filosofia (1954); chefe do Departamento de Filosofia (1969-1972) Título: Doutorado em Ciências Sociais/Sociologia (1950)	Integrante do Grupo Clima; da Cadeira de Sociologia I e da Cadeira de Estética (Curso de Filosofia)
PAULA BEIGUELMAN	Ginásio do Estado (público), em Santos (SP); bacharel (1944) e licenciada (1945) em Ciências Sociais (USP)	Funcionária pública concursada no Departamento de Serviço Público, depois transferida para o Departamento Estadual de Estatística, da Secretaria de Governo, como assistente de Administração	Cargos: Auxiliar de ensino na Cadeira de Política em 1949; primeira assistente (1952-69), dirigindo essa Cadeira na ausência do regente, com <i>regência a título precário</i> (da morte do Lourival Gomes Machado até o concurso de Cadeira de Política, em 1968) Títulos: Doutorado em Política (1961); Livre-docência (1967)	Integrante da Cadeira de Política

MARIA ISAURA PEREIRA DE QUEIROZ	Primário, ginásio e normalista no Instituto Caetano de Campos (público), em São Paulo (SP); bacharel e licenciada (1949) em Ciências Sociais (USP)	Professora concursada de Sociologia da Educação no Instituto de Educação de Matão (SP)	Cargos: Auxiliar de ensino na Cadeira de Sociologia I (1951-56); auxiliar de ensino na Cadeira de Sociologia II (1957-61); segunda assistente extranumerária da Cadeira de Sociologia II (1962-69); professora visitante na UFPR (1953), na Escola Livre de Sociologia e Política (1959) e na UFBA (1969); professora na Universidade de Paris VI (1961-70); diretora de estudos na École Pratique des Hautes Études-Univ de Paris 6 (1963-64); professora na Universidade de Laval/Canadá (1964) Títulos: “Especialização” em Sociologia (USP); Doutorado em Sociologia em 1956 (Univ. de Paris VI); Doutorado equivalente em 1960 na USP; Livre-docência em 1963 Prêmios: 3º. lugar no 11º. Concurso Mario de Andrade de monografias sobre folclore (1956); Prêmio Jabuti pela melhor obra de Ciências Sociais de 1966	Integrante da Cadeira de Sociologia I (até 1956); da Cadeira de Sociologia II e do CERU (Centro de Estudos Rurais e Urbanos) – este, desde 1964
APARECIDA JOLY GOUVEIA	Escola Normal de Casa Branca (SP), pública, em 1937; bacharelado em Ciências Sociais pela Escola Livre de Sociologia e Política (1950)	Professora de escola rural unidocente em pequena vila perto de Ribeirão Preto (SP), por dois meses; Escola Normal de Casa Branca (SP), entre 1938-40;	Cargos: Após passar no concurso do DASP (trabalhando como funcionária pública), no início dos anos 1940 e se formar em 1950, atuaria como professora assistente do Curso de Especialização em Pesquisas Sociais Rurais da Universidade Rural do Brasil (1955); depois, instrutora na Cadeira de Sociologia II (1966-67); assistente doutor (1967-68); assistente livre-docente (<i>sic</i>) do Departamento de Ciências Sociais da FFLCH-USP (1968-70) Títulos: Doutorado pela Universidade de Chicago (1962); Livre-docente pela Universidade de São Paulo (1968)	Integrante do INEP (Instituto Nacional de Estudos Pedagógicos); do CBPE (Centro Brasileiro de Pesquisas Educacionais); de CRPEs (Centro Regional de Pesquisas Educacionais) e da Cadeira de Sociologia II

QUADRO 4: DADOS ACADÊMICOS (até 1969) (II)

NOME	Financiamentos de pesquisa obtidos	Intercâmbios, estudos, cursos no Exterior	Quantia das principais produções (teses; livros; artigos/resenhas)	Envolvimento com política, militância feminista etc.
GIOCONDA MUSSOLINI	Patrocínio da Escola Livre de Sociologia e Política (1934); Departamento Municipal de Cultura (1934-35); Fundos Universitários de Pesquisa (1943); revista Public Opinion Quarterly, dos EUA (1944)	Uma curta passagem pela Europa, em 1968/1969	1 tese (Mestrado); 1 livro; 24 artigos/resenhas (2 traduções); além de obras de co-autoria, coletâneas e traduções	Nada consta, a não ser a contrariedade ao regime militar e o auxílio prestado a perseguidos políticos
LUCILA HERRMANN	Trabalhou com Roger Bastide e Florestan Fernandes no Projeto UNESCO	Congresso de Sociologia Urbana na Romênia (1938)	De acordo com o <i>Curriculum Vitae</i> de novembro de 1954 (três meses antes de sua morte), seriam 2 teses, 18 pesquisas e 7 trabalhos sobre didática e estatística, 23 artigos e pelo menos 1 livro publicado	Não há envolvimento político, mas sim, trabalhos institucionais para o governo, como a participação nos estudos que levaram à criação da Secretaria do Trabalho no Estado de São Paulo.
LAVINIA COSTA VILLELA	Sem informação	Com seus alunos, representou e divulgou a seção de Sociologia da USP, estabeleceu relações com sociólogos e folcloristas, entre outras atividades, pelo sul do continente (Uruguai, Argentina e Chile), por dois meses, em 1944	2 teses; 1 livro (tradução); 6 artigos/resenhas (3 traduções)	Nada consta
GILDA ROCHA DE MELLO E SOUZA	Sem informação	Não houve (de modo formal, pelo menos)	1 tese; 3 livros (2 traduções); 10 artigos/resenhas	Nada consta, a não ser a contrariedade ao regime militar
PAULA BEIGUELMAN	Bolsa de estudos da Universidade na graduação	Somente após 1969	2 teses; 3 livros; 15 artigos/resenhas	Participou ativamente da oposição ao governo militar, sendo aposentada compulsoriamente por ele em 1969
MARIA ISAURA PEREIRA DE QUEIROZ	Bolsa de estudos do governo francês (1951-53); recursos da FAPESP para o CERU; verbas de setores públicos por solicitação de serviços do CERU	Estágios e intercâmbios de pesquisa no Centre National de la Recherche Cientifique; cursou Doutorado na École Pratique des Hautes Études/Universidade de Paris (1955); Professora na Universidade de Paris VI (1961-1970), Diretora de estudos na ÉPHÉ/Univ de Paris VI (1963-64); Professora na Universidade de Laval/Canadá (1964)	2 teses; 9 livros; 174 artigos/resenhas	Nada consta, apesar da contrariedade ao regime militar
APARECIDA JOLY GOUVEIA	Participou como docente de seminário para treinamento de pesquisadores em Educação pela UNESCO e do INEP, em 1962; entre 1962-68, coordenou inúmeras pesquisas nacionais na área de Educação patrocinadas pelo CBPE, CRPES e uma pela Universidade de Chicago; participou de pesquisas sob os auspícios da Campanha de Erradicação do Analfabetismo (1957),	O Doutorado cursado na Univ. de Chicago, obtido em 1962; assistente de pesquisa na Univ. de Chicago (1955; 1958); palestras promovidas pela International House Association, em Chicago-EUA (1958) e na Univ. de Washington, em St. Louis-EUA (1961); expositora em mesa-redonda, promovida pela UNESCO em Bogotá-Colômbia (1964); seminário promovido pela Univ. Nacional do Uruguai e Univ. da Califórnia, em Montevideo-Uruguai (1966); congresso da Assoc. Internac. de Sociologia, Evian-França (1966); debatedora em encontros internacionais na Univ. de Indiana (1960), na Univ. de Chicago (1963), na Univ. da Califórnia (1964), em Buenos Aires, Toronto (1968), Genebra (1969)	2 teses; 2 livros; 13 artigos	Nada consta, a não ser a contrariedade ao regime militar

BACHARÉIS/LICENCIADAS APÓS 1952

QUADRO 5: ORIGENS FAMILIARES/SOCIAIS (I)

NOME	Datas/local de origem	Nacionalidade/etnia	Classe social de origem
MARIALICE MENCCARINI FORACCHI	1929 São Paulo (SP) Faleceu em 1972 (de doença cardíaca)	Brasileira (de origem italiana pelo lado paterno)	Pai pertencia aos setores da burguesia ascendente imigrante (empresário italiano); mãe pertencente à família da elite rural (fazendeiros do Interior paulista)
MARIA SYLVIA DE CARVALHO FRANCO (MOREIRA)	1930 Araraquara (SP)	Brasileira	Pai de classe média (era delegado de polícia), mas a mãe pertencente à elite rural, família Pinto Ferraz (fazendeiros do Interior paulista)
RUTH (VILAÇA) CORREA LEITE CARDOSO	1930 Araraquara (SP) Faleceu em 2008	Brasileira	Famílias da elite de sua região, no Interior paulista
EUNICE RIBEIRO DURHAM	1932 Limeira (SP)	Brasileira (de origem italiana pelo lado materno)	Classe média/pequena burguesia ascendente (o pai era professor universitário)
CÉLIA NUNES GALVÃO (DE BARROS BARRETO) QUIRINO DOS SANTOS	1930 Rio de Janeiro (RJ)	Brasileira	Classe média/pequena burguesia ascendente
NELY PEREIRA PINTO CURTI	Sem informação	Sem informação	Sem informação
LIA DE FREITAS GARCIA FUKUI	1934 Santo André (SP)	Brasileira	Pequena classe média/pequena burguesia ascendente
THEKLA OLGA HARTMANN	1933 São Paulo (SP)	Brasileira (filha de imigrantes alemães)	Classe média/pequena burguesia ascendente
EVA ALTERMAN BLAY	1937 São Paulo (SP)	Brasileira/judia (filha de imigrantes judeus poloneses)	Burguesia ascendente
LOURDES SOLA (DE PAULA DE ANGELO CALSAVERINI)	1942 São Paulo (SP)	Brasileira (filha de imigrante espanhol e neta de imigrante italiana)	Classe média/pequena burguesia ascendente
MARIA DO CARMO (CARVALHO) CAMPELLO DE SOUZA	1935 Pindamonhangaba (SP) Faleceu em 2006	Brasileira	Setores da média burguesia ou classe média: o pai era médico, recifense, fora vereador e presidente do legislativo da cidade; a mãe, de São Bento do Sapucaí (MG), era dona-de- casa, formada professora primária
CECY MARTINHO	Sem informação	Sem informação	Sem informação
MARLY MARTINEZ RIBEIRO SPINOLA	Sem informação	Sem informação	Sem informação
HELOISA HELENA TEIXERA DE SOUZA MARTINS	1941 Bariiri (SP)	Brasileira (descendente de imigrantes italianos, por parte materna)	Origens proletárias urbanas
RENATE BRIGITTE (NÜTZLER) VIERTLER	1941 Berlim (Alemanha)	Alemã	Classe média/pequena burguesia ascendente

QUADRO 6: ORIGENS FAMILIARES/SOCIAIS (II)

NOME	Situação familiar (orfandade; irmãos; relações econômicas familiares na comunidade etc.)	Relações de parentesco	Estado civil
MARIALICE MENCCARINI FORACCHI	Sem dificuldades (família de fazendeiros e empresários)	O tio materno era empresário do ramo editorial (proprietário da Cia. Editora Nacional); além disso, havia os empresários e fazendeiros das famílias	Casada (sem informações sobre o marido)
MARIA SYLVIA DE CARVALHO FRANCO	Sem dificuldades financeiras	Famílias compostas de importantes agricultores e da classe média emergente	Casada, na época, com o sociólogo Renato Jardim Moreira (meados da década de 1950); casar-se-ia, posteriormente, na década de 1970, com o professor de Filosofia Roberto Romano (da UNICAMP)
RUTH CORREA LEITE CARDOSO	Sem dificuldades financeiras	Era originária de importantes famílias no Interior do Estado (SP); também importante aspecto é seu casamento com figura de proa das Ciências Sociais <i>uspianas</i> de então, Fernando Henrique Cardoso	Casada com o sociólogo Fernando Henrique Cardoso desde 1953
EUNICE RIBEIRO DURHAM	Aparentemente, sem dificuldades financeiras	Casada, teve o filho, único, nascido em meados da década de 1960	Casada (à época, com o antropólogo norte-americano John Durham)
CÉLIA NUNES GALVÃO QUIRINO DOS SANTOS	Tem três irmãos. Sem dificuldades financeiras aparentemente	Casada com o antropólogo José Francisco Fernandes Quirino dos Santos desde 1965, o qual era colega de turma e no grupo maior da Faculdade	Casada com José Francisco Fernandes Quirino dos Santos
NELY PEREIRA PINTO CURTI	Sem informação	Sem informação	Sem informação
LIA DE FREITAS GARCIA FUKUI	Infância e juventude sem dificuldades financeiras (o pai era gerente de indústria têxtil e a mãe, filha de italianos)	Filha de um pequeno executivo emergente e de uma filha de italianos, nascida em cidade da grande São Paulo, supõe-se rede razoável de relacionamentos de parentesco, porém nada que chame a atenção	Sem informação
THEKLA OLGA HARTMANN	Sem dificuldades financeiras na infância e juventude (estudou em bons colégios, fez cursos de inglês e de bibliotecária); também ajudou na indústria do pai, após a formatura da graduação	Circunscrita à rede de relações do lugar onde cresceu, bem como pelo fato de ser filha de imigrantes alemães	Solteira (conforme Memorial entregue em 1988)
EVA ALTERMAN BLAY	Três irmãs. Infância e juventude economicamente abastadas (o pai era industrial e comerciante)	Pequena, pelo fato de ser filha de imigrantes – circunscrita, provavelmente, ao bairro e ao grupo étnico	Casada com Jaime Blay desde 1964
LOURDES SOLA	Filha única, passou a infância e a juventude sem dificuldades financeiras (o pai, de origem proletária, tornou-se próspero comerciante e proprietário de imóveis)	Circunscrita à rede de relações do lugar onde cresceu, bem como pelo fato de ser descendente de imigrantes espanhol e italiano	Divorciada
MARIA DO CARMO CAMPELLO DE SOUZA	Família sem dificuldades financeiras, mas sem luxos; tinha 4 irmãos: 2 militares e advogados; 1 professora do ensino médio e outra, dona-de-casa	A mãe tinha grande rede familiar em Pindamonhangaba, com irmãs, primos, sobrinhos etc.	Casou-se com o inglês John Manuel de Souza em 1969; divorciada, posteriormente, casar-se-ia (não oficialmente) com Bolívar Lamounier, nos anos 1970; e com um matemático francês, nos anos 1980
CECY MARTINHO	Sem informação	Sem informação	Sem informação
MARLY MARTINEZ RIBEIRO SPINOLA	Sem informação	Sem informação	Sem informação
HELOISA HELENA TEIXERA DE SOUZA MARTINS	Infância e juventude com poucos recursos, sendo o pai funcionário de indústria química e a mãe, costureira	Circunscrita à rede de relações do lugar de origem, pequena cidade do Interior, bem como pelo fato de ter origens proletárias (e de imigrante, pelo lado materno)	Casada com o sociólogo José de Souza Martins
RENATE BRIGITTE NÜTZLER VIERTLER	Sem dificuldades financeiras na infância e juventude (estudou em bons colégios)	Pequena, pelo fato de ser de uma família de imigrantes recém-chegados ao País; o que mais salta aos olhos, porém, é o fato de Gioconda Mussolini, sua orientadora no Mestrado, ser também sua comadre (ela batiza a primeira filha de Renate Brigitte Viertel)	Casada

QUADRO 7: DADOS ACADÊMICOS (até 1969) (I)

NOME	Formação escolar e acadêmica	Primeiros empregos	Principais cargos obtidos na universidade; títulos	Participação em grupos/entidades de pesquisa; Cadeiras que integrou
MARIALICE MENCARINI FORACCHI	Colégio N. S. do Sion e Instituto Mackenzie (privados) em São Paulo (SP); bacharel e licenciada (1952) em Ciências Sociais (USP)	Assistente extranumerária da Cadeira de História e Filosofia da Educação (1953-54)	Cargos: Assistente extranumerária da Cadeira de História e Filosofia da Educação (1953-54); assistente extranumerária da Cadeira de Sociologia I (1955-58); professora interina da Cadeira de Sociologia Educacional no Colégio Caetano de Campos (1956-59); auxiliar de ensino (1959) e primeira assistente (1960-69) da Cadeira de Sociologia I; Livre-docente em 1970 Títulos: “Especialização” em Sociologia em 1958; Doutorado em 1964; Livre-docência em 1970	Integrante da Cadeira de Sociologia I; do CESIT; (Centro de Sociologia Industrial e do Trabalho); assessora científica na FAPESP (1962-63); membro do Conselho Deliberativo do Centro Regional de Pesquisas Educacionais (1962) e do Conselho Técnico de Política do Trabalho na Secretaria do Trabalho, Indústria e Comércio do Estado de São Paulo (1966); participou do grupo dos seminários sobre <i>O capital</i> , de Marx
MARIA SYLVIA DE CARVALHO FRANCO	Colégio Des Oiseaux (privado) em São Paulo (SP); bacharel e licenciada (1952) em Ciências Sociais (USP)	Assistente extranumerária Cadeira de Sociologia I	Cargos: assistente extranumerária na Cadeira de Sociologia I (1955-1958); auxiliar de ensino (1959-60); assistente (1961-69); professora livre-docente a partir de 1969/70 (quando já havia se transferido para o Departamento de Filosofia) Títulos: Doutorado em 1964; Livre-docência em 1970	Integrante da Cadeira de Sociologia I; do Centro de Sociologia Industrial e do Trabalho (CESIT); participou do grupo dos seminários sobre <i>O capital</i> , de Marx
RUTH CORREA LEITE CARDOSO	Grupo Escolar e Ginásio do Estado, ambos públicos, em Araraquara (SP); o ensino médio cursou em colégio interno, na capital paulista (terminou em 1948); bacharel e licenciada em Ciências Sociais pela USP (1952)	Professora contratada para aulas extraordinárias de História no Colégio Estadual Fernão Dias Paes (1952); professora de Estudos Sociais no Curso de Secretariado da Escola de Técnica de Comércio “Álvares Penteado” (1952-53); pesquisadora contratada na Secretaria do Trabalho, Indústria e Comércio paulista (1952-55)	Cargos: Professora contratada para a área de Antropologia da FFCL de Sorocaba (1955-57); assistente extranumerária na Cadeira de Antropologia (de 1956 a 1963); instrutora na mesma Cadeira (1963-66); após 1970, integra-se ao então recente Departamento de Ciências Sociais da FFLCH-USP, na área de Ciência Política Títulos: “Especialização” em Sociologia (1953); “especialização” em Antropologia (1953); Mestrado em Sociologia (em 1970)	Integrante da Cadeira de Antropologia e do grupo dos Seminários sobre <i>O Capital</i> , de Marx
EUNICE RIBEIRO DURHAM	Grupo Escolar São Paulo, Caetano de Campos (públicos) e Colégio Rio Branco (privado), em São Paulo (SP); bacharel e licenciada (1954) em Ciências Sociais (USP)	Assistente extranumerária sem vencimentos junto à Cadeira de Antropologia (1955)	Cargos: Professora interina de Sociologia do Colégio e Escola Normal de Descalvado-SP (1957-68); assistente (1958) e professora (1959-60) das Cadeiras de Antropologia e Etnografia Geral e Etnografia do Brasil no <i>Sedes Sapientiae</i> /PUC; assistente extranumerária (entre 1955 e 1959), auxiliar de ensino, assistente, assistente extranumerária, instrutora (1959-1966), assistente (1966-1967), regente “a título precário” (1967) e assistente doutor (1967-1970), todos na Cadeira de Antropologia Títulos: “Mestrado” em Antropologia (1964); Doutorado em Antropologia (1967)	Integrante da Cadeira de Antropologia
CÉLIA NUNES GALVÃO QUIRINO DOS SANTOS	Externato Macedo Vieira, Liceu Rio Branco (privados); Escola Caetano de Campos e Colégio Estadual Presidente Roosevelt (públicos) em São Paulo; bacharel e licenciada (1954) em Ciências Sociais (USP)	Professora de História nos cursos colegial e normal do Colégio Batista Brasileiro (1956), de Sociologia no Curso para Formação de Professores de Desenho da Fundação Álvares Penteado, de Sociologia e de História na Escola Normal do Instituto de Educação Prof. Alberto Conte (1960)	Cargos: Auxiliar na Cadeira de Política da FFCL-USP (1960); assistente de pesquisa na secção paulista do Centro Regional de Pesquisas Educacionais-CRPE (1959); assistente extranumerária da Cadeira de Política (1961-64); instrutor extranumerária (desde 1964) Títulos: “Especialização” em Política (1957)	Integrante da Cadeira de Política
NELY PEREIRA PINTO CURTI	Bacharel e licenciada em Ciências Sociais na USP (1954)	Professora no ensino secundário	Cargos: Instrutora na Cadeira de Política entre abril de 1966 e setembro de 1968; voltou ao ensino secundário Títulos: “Especialização” em Política (1956)	Integrou a Cadeira de Política (mas não seguiu carreira na instituição)
LIA DE FREITAS GARCIA FUKUI	Estudos primários em escolas particulares e Escola Normal Estadual Alexandre de Gusmão, em São Paulo (SP) (1952); licenciada (1956) em Pedagogia (USP)	Professora de Educação no ensino secundário: Escola Normal Santo André (1956); Instituto de Educação Américo Brasiliense (1957); Instituto de Educação Francisco Thomaz de Carvalho (1958); Instituto de Educação Valentim Gentil (1959)	Cargos: Comissionada no Museu Paulista antes de lecionar na USP – iniciou como assistente voluntária na Cadeira de Sociologia II (1963-1969); instrutora contratada (1969) Títulos: “Especialização” em Sociologia (1965?)	Integrante da Cadeira de Sociologia II; do Centro de Estudos Rurais e Urbanos (CERU); da Sociedade de Psicologia de São Paulo; da Societé des Americanistes de Institute d’Ethnologie de Paris e do Centro de Estudos Africanos
THEKLA OLGA HARTMANN	Colégios Pestalozzi, no Rio de Janeiro; Colégio Visconde de Porto Seguro e Colégio Bandeirantes, em São Paulo; bacharel em Biblioteconomia na Escola Livre de Sociologia e Política; bacharel e licenciada em Ciências Sociais na USP (1957)	Bibliotecária na Escola Livre de Sociologia e Política (1951)	Cargos: Professora substituta de Antropologia e Etnografia do Brasil na FFCL de Sorocaba (1960-1965); professora substituta de Sociologia na FFCL <i>Sedes Sapientiae</i> -PUC (1962); instrutora na Cadeira de Antropologia da FFCL-USP (1964-1972) Títulos: “Especialização” em Antropologia (1964); “Mestrado” em Antropologia (1965); Doutorado em Antropologia (1970)	Integrante da Cadeira de Antropologia

EVA ALTERMAN BLAY	Ginasial e clássico no Colégio Estadual Presidente Roosevelt, em São Paulo (SP); bacharel e licenciada (1959) em Ciências Sociais (USP)	Nenhum antes da carreira acadêmica na USP	Cargos: Auxiliar de pesquisa de Maria Sylvia de C. Franco, Frank Goldman, Juarez R. B. Lopes, Padre Stanley, Bertram Hutchinson (1958-60), do Instituto Roberto Simonsen/FIESP (1963); instrutora voluntária na Cadeira de Sociologia II (1961-63); instrutora contratada (1963-69) Títulos: “Especialização” em Sociologia (1966); “Mestrado” em Sociologia (1968)	Integrante da Cadeira de Sociologia II
LOURDES SOLA	Primário no Grupo Escolar Romão Puiggari (público) e Ginásio e Clássico no Colégio Dante Alighieri (privado), ambos na capital paulista; bacharel (1960) e licenciada (1961) em Ciências Sociais (USP)	Auxiliar de pesquisa do CESIT (1960-63)	Cargos: auxiliar de pesquisa do CESIT (1960-63); pesquisadora na equipe de Gioconda Mussolini e da FAU-USP (1961); auxiliar de pesquisa do CESIT e da Cadeira de Sociologia I (1963-65); auxiliar de pesquisa da mesma Cadeira (1965-68); assistente nessa Cadeira (1969); professora na FAAP (1966-67); professora titular da FLACSO, em Santiago-Chile (1969-73) Títulos: “Especialização” em Sociologia e Política (1964); “Mestrado” em Sociologia (1966)	Integrante do CESIT; do grupo dos seminários sobre <i>O Capital</i> , de Marx, por quatro anos; da Cadeira de Sociologia I
MARIA DO CARMO CAMPELLO DE SOUZA	Fez ginásio e colégio públicos na cidade natal; bacharel e licenciada (1962) em Ciências Sociais (USP)	Professora concursada no Grupo Escolar Dr. Alfredo Pujol, de Pindamonhangaba (SP); Supervisora de pesquisa na Faculdade de Saúde Pública da USP (1961); pesquisadora no CESIT (1962); pesquisadora-bolsista da Cadeira de Política financiada pela FAPESP: iniciação científica (1962) e aperfeiçoamento (1963)	Cargos: Instrutora na Cadeira de Política (1965-69) Títulos: “Especialização” em Política (1964)	Integrante da Cadeira de Política
CECY MARTINHO	Bacharel e licenciada (1962) em Ciências Sociais (USP)	Sem informação	Cargos: Instrutora na Cadeira de Política entre 1966 e 1968 (?) Títulos: “Especialização” em Política (1964)	Integrante da Cadeira de Política (mas não seguiu carreira na instituição)
MARLY MARTINEZ RIBEIRO SPINOLA	Bacharel e licenciada (1962) em Ciências Sociais (USP)	Sem informação	Cargos: Instrutora na Cadeira de Política apenas por um semestre (em meados da década de 1960)	Integrante da Cadeira de Política (mas não seguiu carreira na instituição)
HELOISA HELENA TEIXERA DE SOUZA MARTINS	Bacharel e licenciada (1963) em Ciências Sociais (USP)	Durante a graduação, fez pesquisa com Octavio Ianni (1961); pesquisou para o Serviço Estadual de Mão-de-Obra/SEMO, da Secretaria do Trabalho, Indústria e Comércio paulista (1962); trabalhou no Plano Diretor de Goiânia/Governo de GO; (1961-62) e no de Moji-Mirim (1964-65); e para o CRPE, MEC e FAPESP, sobre operários, com Luiz Pereira (1963-64); foi professora substituta de Sociologia no Curso Normal do Instituto de Educação Américo Brasiliense, em Santo André (SP) (1965)	Cargos: Pesquisadora no DIEESE (1965-67); instrutora na Cadeira de Sociologia II (1968-69) Títulos: “Especialização” em Sociologia (1965)	Integrante da Cadeira de Sociologia II
RENATE BRIGITTE NÜTZLER VIERTLER	Colégios Visconde de Porto Seguro (1948-55) e Dante Alighieri (1957-59) (privados), em São Paulo (SP); bacharel e licenciada (1963) em Ciências Sociais (USP)	Instrutora na Cadeira de Antropologia (a partir de 1964)	Cargos: Instrutora na Cadeira de Antropologia (a partir de 1964); Títulos: “Especialização” em Antropologia (1965); “Mestrado” em Antropologia (1967)	Integrante da Cadeira de Antropologia

QUADRO 8: DADOS ACADÊMICOS (até 1969) (II)

NOME	Financiamentos de pesquisas obtidos	Intercâmbios, estudos, cursos no Exterior	Quantia das principais produções (teses; livros; artigos/resenhas)	Envolvimento com política, militância feminista etc
MARIALICE MENCARINI FORACCHI	Pesquisas financiadas pelo Instituto de Serviço Social da USP e pelo Centro de Sociologia Industrial e do Trabalho (CESIT)	Conferências em Columbia University (EUA, 1966), University of Puerto Rico (Puerto Rico, 1967) e University of Southern Califórnia (EUA, 1969)	3 teses; 4 livros (1 tradução); 24 artigos/resenhas	Nada consta, mas era contrária ao regime militar
MARIA SYLVIA DE CARVALHO FRANCO	As do interior da Cadeira e do Centro de Sociologia Industrial e do Trabalho (CESIT)	Sem informação	2 teses; 1 livro; 11 artigos/resenhas	Também contrária ao regime militar
RUTH CORREA LEITE CARDOSO	Financiamento de pesquisa sobre japoneses pelo Centro Regional de Pesquisas Educacionais (CRPE) (1957); bolsa de estudos da Reitoria da USP junto à Cadeira de Antropologia (1959)	Entre 1964-66, lecionou Antropologia na Facultad Latino Americana de Ciências Sociales (FLACSO) em Santiago-Chile; passou outros 4 anos fora do País, entre o Chile e os EUA (1966-70)	12 artigos/resenhas/comunicações de pesquisas	Contrária ao regime militar, passou alguns anos fora do Brasil
EUNICE RIBEIRO DURHAM	Bolsas concedidas pelas Universidades norte-americanas por onde passou e pela CAPES	Cursos de Pós-graduação em Vanderbilt University e University of Oregon (ambas nos EUA), entre 1955-56	2 teses; 1 livro; 12 artigos/resenhas	Nada sofreu diretamente, mas era contrária em relação ao regime militar
CÉLIA NUNES GALVÃO QUIRINO DOS SANTOS	Bolsista na graduação; assistente de pesquisa do Centro Regional de Pesquisas Educacionais/CRPE de São Paulo (1959-60)	Sem informação	1 tese; 7 artigos/resenhas/capítulos de livros/anais de congresso	Participou ativamente da oposição ao governo militar
NELY PEREIRA PINTO CURTI	Sem informação	Sem informação	2 artigos/resenhas	Nada consta
LIA DE FREITAS GARCIA FUKUI	Bolsa de estudos do governo francês (1961-63 e 1965-66)	Bolsa de estudos do governo francês (1961-63 e 1965-66) no Musée de L'Homme, École Pratique des Hautes Études e Laboratoire de Ethnologie Sociale	3 artigos/resenhas	Nada consta
THEKLA OLGA HARTMANN	Bolsa de estudos no Instituto Frobenius (1958-60); auxílio da FAPESP para estágio no Museu Regional D. Bosco (MT) (1963); bolsa do Serviço Alemão de Intercâmbio Acadêmico (1966)	Intercâmbio no Instituto Frobenius (Univ. de Frankfurt sobre o Meno/Alemanha) (1958-60); Simpósio sobre a Organização de Museus Etnográficos ao Ar Livre, na Romênia (1966); Intercâmbio do Serviço Alemão de Intercâmbio Acadêmico (1966-67); estágio no Museu de Etnologia de Munique (1966-67)	3 teses; 2 livros; 24 artigos/resenhas (3 traduções)	Nada consta
EVA ALTERMAN BLAY	Pesquisa com grupo de professores financiada pela FAPESP (1962); Bolsista da FAPESP (1963-64); Pesquisa na FAPESP (1965-66); proferiu um curso de Sociologia urbana no Museu Emilio Goeldi, em Belém-PA (agosto/1968), sob os auspícios do museu, da SUDAM e do CNPq; pesquisa financiada pelo Serviço do Vale do Ribeira (1968)	Viajou informalmente pela Europa, Israel “para fazer turismo”, por seis meses (1961); realizou um curso organizado pelo Ministério da Educação e Cultura de Israel, nesse País (1961)	1 tese; 24 artigos/resenhas/outras	Pioneira nos estudos sobre mulher, relações de <i>gênero</i> e assuntos afins, o que a tornavam alvo do regime militar, indiretamente
LOURDES SOLA	Pesquisadora do CESIT (1961-68)	Após 1969, e de modo intenso, passando por diversas instituições e países	1 tese; 6 artigos/resenhas/outras	Perseguida pelo regime militar, deixaria o País em 1969
MARIA DO CARMO CAMPELLO DE SOUZA	Supervisora de pesquisa na Faculdade de Saúde Pública da USP (1961); pesquisadora no CESIT (1962); pesquisadora-bolsista da Cadeira de Política financiada pela FAPESP; iniciação científica (1962), aperfeiçoamento (1963) e Doutorado (1964-65)	Nada consta. Viajaria muito posteriormente, pela Europa e EUA	3 artigos/resenhas/capítulos de livros	Perseguida pelo regime militar, foi torturada e presa, por alguns meses, em 1970; não era militante efetiva, mas tinha muitos amigos nessa condição
CECY MARTINHO	Nada consta	Nada consta	1 tese	Nada consta
MARLY MARTINEZ RIBEIRO SPINOLA	Nada consta	Nada consta	Nada consta	Nada consta
HELOISA HELENA TEIXERA DE SOUZA MARTINS	Pesquisas financiadas pelo Serviço Estadual de Mão-de-Obra/SEMO, da Secretaria do Trabalho, Indústria e Comércio paulista (1962); pelo Plano Diretor de Goiânia/Governo de GO; (1961-62) e de Moji-Mirim (1964-65), e pelo CRPE, MEC e FAPESP (1963-64)	Não houve no período	6 artigos/resenhas	Nada consta, apesar de também ser contrária ao regime militar
RENATE BRIGITTE NÜTZLER VIERTLER	Bolsa da CAPES/MEC (1962); Bolsa da FAPESP/aperfeiçoamento (1964)	Somente após 1969	1 tese; 1 livro; 5 artigos/resenhas	Nada consta, mas era também contrária ao regime militar

QUADRO 9: ORIENTADOR, TEMAS E TESES (até 1969)
(até 1952)

NOME	Orientador	Temas	Teses
Gioconda Mussolini	Herbert Baldus; Egon Schaden (Doutorado inconcluso)	Etnologia brasileira	Os meios de defesa contra a moléstia e a morte em duas tribos brasileiras: <i>Kaingang</i> de Duque de Caxias e <i>Bororo</i> Oriental
Lucila Herrmann	Roger Bastide	Sociologia urbana; mudança social; ecologia humana	Evolução da estrutura social de Guaratinguetá num período de 300 anos; Organização social da tribo <i>Vapidianá</i> (<i>Aruack</i>) do Território do Rio Branco; Flutuação e mobilidade da mão-de-obra fabril em São Paulo
Lavinia Costa Villela	Donald Pierson/Roger Bastide	Folclore	Algumas danças populares no Estado de São Paulo
Gilda Rocha de Mello e Souza	Roger Bastide	Moda	<i>A moda no século XIX</i>
Paula Beiguelman	Lourival Gomes Machado	Organização política brasileira (colônia/império/primeira república)	Teoria e ação no pensamento abolicionista; Contribuição à teoria da organização política brasileira
Maria Isaura Pereira de Queiroz	Roger Bastide	Sociologia da religião; movimentos rústicos; messianismo	La "guerre sainte" au Brésil: le mouvement messianique du "Contestado"; Movimentos messiânicos: tentativas de classificação
Aparecida Joly Gouveia	James Davis	Sociologia da educação	Professoras de amanhã: um estudo de escolha ocupacional

(após 1952)

NOME	Orientador	Temas	Teses
Marialice Mencarini Foracchi	Florestan Fernandes	Sociologia educacional; mudança social	O estudante e a transformação na sociedade brasileira
Maria Sylvia de Carvalho Franco	Florestan Fernandes	Sociabilidade; /homens livres; escravidão	Os homens livres na velha civilização do café
Ruth Correa Leite Cardoso (Doutorado após 1970)	Egon Schaden (Mestrado)	Antropologia urbana; aculturação	O papel das associações juvenis na aculturação dos japoneses
Eunice Ribeiro Durham	Egon Schaden	Antropologia urbana; mudança social; aculturação; assimilação	Mobilidade e assimilação: a história do imigrante italiano num município paulista; Migração, trabalho e família: aspectos do trabalhador de origem rural à sociedade urbano-industrial
Célia Nunes Galvão Quirino dos Santos (Doutorado após 1970)	Lourival Gomes Machado/Paula Beiguelman	Inconfidência mineira	Posição ideológica e comportamento político dos inconfidentes mineiros
Nely Pereira Pinto Curti	Paula Beiguelman	Revoluções da pré-independência brasileira	A realidade sociopolítica nas Minas em fins do século XVIII: análise ideológica da produção literária do grupo mineiro
Lia de Freitas Garcia Fukui (Doutorado após 1970)	Maria Isaura Pereira de Queiroz (após 1970)	Família; parentesco; Sociologia rural	Família e parentesco entre sitiantes tradicionais (Doutorado)
Thekla Olga Hartmann (Doutorado após 1970)	Egon Schaden/João Baptista Borges Pereira (após 1970)	Etnologia brasileira	Nomenclatura botânica dos <i>Bororo</i> ; A contribuição da iconografia para conhecimento de índios brasileiros do século XIX
Eva Alterman Blay (Doutorado após 1970)	Ruy Galvão de Andrada Coelho/Azis Simão	Mulher; estudos de <i>gênero</i> ; educação; profissionalização e trabalho feminino	Mulher, escolas profissão: estudo sociológico do ginásio industrial na cidade de São Paulo; A mulher e o trabalho qualificado na indústria paulista
Lourdes Sola (Doutorado após 1970)	Florestan Fernandes	Industrialização; mudanças sociais; capitalismo; empresariado industrial	O processo de racionalização nas relações de trabalho em um complexo industrial em São Paulo: 1950-1962
Maria do Carmo Campello de Souza (Doutorado após 1970)	Paula Beiguelman/Francisco Weffort (após 1970)	Política estadual em São Paulo no período republicano	A política do Estado de São Paulo no período republicano de 1889 a 1930
Cecy Martinho	Paula Beiguelman	Organização política brasileira na primeira república	Organização política brasileira no primeiro período republicano
Marly Martinez Ribeiro Spinola	Paula Beiguelman	Sem informação	Sem informação
Renate Brigitte Nützer Viertel (Doutorado após 1970)	Gioconda Mussolini/João Baptista Borges Pereira (após 1970)	Etnologia brasileira	Os Kamayurá e o Alto Xingu: análise do processo de integração de uma tribo numa área de aculturação intertribal
Heloisa Helena T. de Souza Martins (Doutorado após 1970)	Aziz Simão (após 1970)	Sindicalismo; burocratização; trabalho	O sindicato e a burocratização dos conflitos de trabalho no Brasil (Mestrado)

***

CAPÍTULO 1: AS CÁTEDRAS

Introdução

A compreensão da trajetória intelectual das duas primeiras *gerações* de professoras da Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras da Universidade de São Paulo pressupõe entender os formatos institucionais, especialmente o sistema de Cátedras.

A Universidade de São Paulo, com recursos públicos do Estado, fundada no ano de 1934, surge da união da recém-criada Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras com as já existentes Faculdade de Medicina, Escola Politécnica, Faculdade de Direito do Largo de São Francisco, Faculdade de Farmácia e Odontologia, além de outros institutos educacionais, museus e entidades de pesquisa isoladas. Sua criação, por decreto do Governo, numa iniciativa de setores “esclarecidos” da elite paulista, pretendia a *modernização* (nos moldes dos países liberal-democrático-capitalistas), formação e diversificação dos quadros dessa mesma elite⁸⁴.

---

⁸⁴ Seguimos, aqui, a Tese de Doutorado de Irene Cardoso **A universidade da comunhão paulista: o projeto de criação da Universidade de São Paulo** (CARDOSO, 1982), que analisa os discursos dos fundadores da Universidade no contexto político das décadas de 1920-1930. Segundo a autora, esses fundadores – o jornal *O Estado de S. Paulo*, políticos e intelectuais oriundos de alas dissidentes “modernizantes” da oligarquia cafeeira paulista, todos auto-intitulados “liberais” e “democratas” (aspas nossas), herdeiros dos ideais dos fundadores da República e imbuídos de espírito “bandeirante-paulista” – formariam o caldo de cultura oficial que, pretensamente, ajudaria a dar suporte e consistência à Universidade, mas que, nas entrelinhas, escamotearia limitações do discurso liberal e democrático. E isso em razão de tais pais fundadores terem construído relações de aproximação com o governo Vargas, não obstante a oposição a ele, tanto na prática quanto no discurso. Sem esgotar o assunto, citamos outros estudiosos que analisaram as origens e o estabelecimento da Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras, da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas e da Universidade de São Paulo. Cf. LIMONGI, Fernando. “Mentores e clientelas da Universidade de São Paulo”. In: MICELI, S., *op. cit.*, 2001: 135-221; PEIXOTO, Fernanda, “Franceses e norte-americanos nas ciências sociais brasileiras (1930-1960)”. In: MICELI, S., *op. cit.*, 2001; PEIXOTO, *op. cit.*, 2000; ARANTES, P. E. **Um departamento francês de ultramar: estudos sobre a formação da cultura filosófica uspiana (uma experiência nos anos 60)**, 1994; ARRUDA, M. A. N. In: MICELI, S., *op. cit.*, 1995; FERNANDES, Florestan. **A questão da USP**, 1984; GIANNOTTI, José Arthur. **A universidade em ritmo de barbárie**, 1987.

Para a Universidade foram trazidos professores europeus e norte-americanos, com o intuito de formar docentes e pesquisadores brasileiros de alto nível e quadros profissionais para o aparelho de Estado⁸⁵. Os modelos estrangeiros – as *missões* – trouxeram para a Faculdade Roger Bastide, Paul Arbousse-Bastide, Claude Lévi-Strauss, Fernand Braudel, Georges Gurvitch, Jean Maugué, Pierre Monbeig, Gilles Gaston Granger, Charles Morazé, Paul Hugon, Émile G. Leonard, para citar os mais conhecidos, e geraram os primeiros programas, projetos, currículos, *Cadeiras*⁸⁶, além de fornecerem as diretrizes do futuro mercado de trabalho das novas profissões⁸⁷.

Essas missões européias⁸⁸ ajudaram a desenvolver as primeiras gerações de cientistas sociais acadêmicos do Brasil, imbuídas dos rigores científicos típicos da ciência realizada no Velho Mundo. Assim, a Faculdade (e a Universidade como um todo) empreendia um novo modo de produção intelectual, agora acadêmico, diferente do estilo ensaístico dos intelectuais brasileiros anteriores à década de 1940.

Na capital paulista, além da USP, surgiu a Escola Livre de Sociologia e Política, de formato anglo-americano, com nomes como Donald Pierson, Horace Davis, Samuel Lowrie *etc.*, tendo como objetivo original desenvolver uma ciência social de cunho mais aplicado. Com isso, São Paulo ia se transformando em um dos

---

⁸⁵ Cf. LIMONGI, F. In: MICELI, S., *op. cit.*, 2001; PEIXOTO, F. In: MICELI, S., *op. cit.*, 2001; PEIXOTO, F., *op. cit.*, 2000.

⁸⁶ Entre os cargos e funções docentes principais (entre 1934-1969), existiam os de **Professor Catedrático** (efetivo ou contratado; era Doutor ou Livre-docente); **professor regente de Cátedra ou “a título precário”** (substituto do Catedrático; poderia ser Doutor, Livre-docente, primeiro assistente); **professor de disciplina; primeiro assistente** (poderia ser Mestre, Doutor ou Livre-docente; havia o contratado, o extranumerário – de fora do quadro de funcionários, e o voluntário – este, sem vencimentos); **segundo assistente; terceiro assistente; auxiliar de ensino** (poderia ser apenas graduado; havia o extranumerário e o voluntário); **instrutor** (quando vagos os cargos de Auxiliares de ensino; e havia, da mesma forma, o instrutor extranumerário). Integravam também o corpo docente os **livres-docentes contratados**; os **professores colaboradores** e os **instrutores voluntários**. **Instrutor e auxiliar de ensino** recebiam proventos quando eram extranumerários; quando voluntários, não; os assistentes, em sua maioria, recebiam proventos, davam seminários, aulas, sem liberdade para montar programas. Essa listagem não dever ser tomada rigidamente, nem como “hierarquia”. Foi elaborada tendo como fonte documentos variados; agradecemos informações gentilmente cedidas por João Baptista Borges Pereira. Cf. *FONTES CONSULTADAS*. PEREIRA, João Baptista Borges. **Depoimento concedido ao autor**. 17/10/2007.

⁸⁷ Cf. LIMONGI, F. In: MICELI, S., *op. cit.*, 2001; PEIXOTO, F. In: MICELI, S., *op. cit.*, 2001.

⁸⁸ Houve a missão alemã, a italiana e a francesa – esta, especificamente, era a que trouxe professores e ficou com a grande área das Humanidades, o que incluía as Ciências Sociais em tela.

centros das Ciências Sociais no País, ao implantar esses padrões acadêmicos de excelência em ensino e pesquisa⁸⁹. Cabe também ressaltar que na Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras, o núcleo das carreiras e da vida acadêmica seria, agora, composto pelas *Cátedras universitárias*, algo inédito no Brasil até então.

A Cátedra de Sociologia II

Na criação do então Curso de *Ciências Sociais e Políticas* da Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras da USP, em 1934, estão as Cadeiras de Sociologia I e de Sociologia II (as de Antropologia e de Política seriam criadas pouco depois).

O modelo de organização dos cursos em Cadeiras⁹⁰ remonta às tradicionais e seculares universidades européias, em especial as da França – não por acaso, o principal país de origem das missões⁹¹ trazidas para dar início à USP. Por esse modelo, o professor Catedrático detinha o poder absoluto (intelectual, institucional e hierárquico) sobre a sua disciplina, determinando desde as lides teóricas desta até as contratações dos professores auxiliares ou subordinados. O Catedrático era não apenas professor, mas pesquisador em sua disciplina, produzindo teoria e conhecimentos novos, fazendo avançar a área, tudo isso em critérios internacionais. Pelo menos, era dessa maneira que, idealmente, a nova Universidade deveria funcionar. Assim era na Europa e, em certo sentido, o modelo

---

⁸⁹ MICELI, S., *op. cit.*, 2001.

⁹⁰ O termo *Cadeira*, ou *Cátedra*, (do latim *cáthedra*, originado, por sua vez, do grego *cathédra* ou *kathédra*, significando *banco, cadeira, púlpito*) dizia respeito ao lugar em que se sentava o professor, na universidade medieval européia, para lecionar. Por extensão, modernamente, diz respeito ao lugar de onde procede a legitimidade do saber acadêmico, ou o lugar onde fica a maior autoridade sobre um saber. Cf. BUENO, Francisco da Silveira. **Grande dicionário etimológico-prosódico da língua portuguesa: vocábulos, expressões da língua geral e científica, sinônimos, contribuições do tupi-guarani**. São Paulo: Edição Saraiva, 1964: 648; HOUAISS, Antônio; VILLAR, Mauro de Salles. **Dicionário Houaiss da língua portuguesa**. Rio de Janeiro: Objetiva, 2001: 652.

⁹¹ As missões francesas também vieram integrar os quadros das nascentes Universidade do Distrito Federal e Faculdade Nacional de Filosofia da Universidade do Brasil, ambas na cidade do Rio de Janeiro, nas áreas das humanidades.

foi implantado com êxito na instituição paulista, até o referido modelo ser extinto em fins da década de 1960.

O primeiro regente da Sociologia II foi Paul Arbousse-Bastide, que ficou até 1940. No ano seguinte, 1941, Roger Bastide dirigiria as duas Cadeiras. Em 1942, a Cadeira passa a ser conduzida por Fernando de Azevedo até 1964 – desse ano, até 1969, já ao final do sistema, por Ruy Galvão de Andrada Coelho.

O sociólogo e professor Fernando de Azevedo vem a ser, certamente, o “rosto”, ou uma das mais perfeitas traduções da Cadeira de Sociologia II. Nasceu no Interior de Minas Gerais em 1894, sendo o pai pequeno industrial e a mãe, de família tradicional, porém empobrecida. Em São Paulo, ligou-se à oligarquia estadual, tendo sido amigo de Júlio de Mesquita Filho. Batalhou por renovações no ensino no Brasil, propondo mudanças em métodos pedagógicos, curriculares e técnicos, por meio dos cargos públicos de que foi detentor.

Sendo originário da área de Educação Física, trabalharia posteriormente com as Ciências Sociais; foi professor de Latim e de Psicologia, passou pela Crítica Literária, realizou estudos e investigações sobre Arquitetura colonial, sobre a educação paulista, foi um estudioso dos clássicos e das ciências modernas (procurando incluí-los nos currículos escolares). Entre seus inúmeros escritos, tanto nas Ciências Sociais como na Educação, estão **Princípios de Sociologia, Sociologia Educacional, Canaviais e engenhos na vida política do Brasil, A cultura brasileira e O Manifesto dos pioneiros da educação nova** (este, em conjunto com outros eminentes educadores).

Fernando de Azevedo atuou no processo de fundação da Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras e da Universidade de São Paulo lutando pela implantação de um *espírito universitário* mais moderno. Obteve cargos públicos de relevo, como o de Diretor-geral da Instrução Pública (para o Distrito Federal, então Rio de Janeiro, e para o Estado de São Paulo), Diretor do Instituto de Educação da USP (1933-1938), Diretor da Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras da USP (1941-1943), Chefe do Departamento de Sociologia e Antropologia dessa Faculdade (1947), Secretário de Educação e Saúde do Estado de São Paulo (1947), Diretor do Centro Regional de Pesquisas Educacionais de São Paulo (1956-1960) e Secretário de Educação e Cultura do Município de São Paulo (1961). Foi Orientador nas teses

de pessoas como Antonio Candido de Mello e Souza e Florestan Fernandes, apenas para citar dois nomes notáveis. Faleceu em 1974⁹².

O sucessor de Fernando de Azevedo foi Ruy Galvão de Andrada Coelho, seu assistente, nascido em 1920, integrante do grupo *Clima* e depois Catedrático efetivado em 1964, quando da aposentadoria do fundador da Cadeira de Sociologia II. Culto, esteta, requintado, sofisticado, erudito, leitor de *Proust*, trabalhou em Paris, para a UNESCO, no famoso projeto sobre relações raciais. Originado na oligarquia paulista tradicional, de família de advogados bem postos na capital, formou-se em Filosofia e em Ciências Sociais, além de ter frequentado o Curso de Direito da USP. Lecionou, na década de 1970, após perseguições políticas, em Aix-en-Provence e na Universidade de Coimbra. Muito amigo de Herskovits (de quem foi orientando), de Hallowell e Nadel, estudou na Northwestern University e no Instituto Rorschach, em Nova York. Entre seus textos mais significativos estão **Estrutura Social e Dinâmica Psicológica**, sua Tese de Cátedra, de 1964, *The significance of the Couvade among the Black Caribs*, *Le concept de l 'Ame chez les Caraibes Noires* e **Indivíduo e a sociedade na obra de Auguste Comte**. No final da década de 1980, tornou-se Diretor da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da USP⁹³. Faleceu em 1990.

Além dessas figuras, a Faculdade de Filosofia da USP se caracterizaria por ter entre seus quadros alunos que se tornariam depois professores, como Lourival Gomes Machado, Antonio Candido de Mello e Souza, Gilda Rocha de Mello e Souza, Maria Isaura Pereira de Queiroz, Annita de Castilho e Marcondes Cabral, entre outros. A maioria deles era originária das elites cultas, ligadas à fruição de obras de arte – a literatura, o cinema, o teatro, as artes plásticas *etc.* e à fluência em línguas européias (como os integrantes do grupo *Clima*, por exemplo).

---

⁹² Cf. PILETTI, Nelson. Fernando de Azevedo. **Estudos Avançados**, Revista do IEA/USP, São Paulo, v. 8, n. 22, set./dez. 1994. Pp. 181-184. LIMONGI, F. In: MICELI, S., *op. cit.*, 2001. Nesses parágrafos, pretendíamos apenas levantar apenas um perfil do Fernando de Azevedo, que ficou, apesar de tudo, ainda longe da enorme importância que o referido professor teve na história da Universidade. Mas sua figura não era estava dentro dos escopos de nossa pesquisa.

⁹³ Cf. MOURÃO. Fernando A. A. Rui Coelho. **Estudos Avançados**, v. 8, n. 22, set./dez. 1994. Pp. 275-277; COELHO, Ruy. **Tempo de Clima**. São Paulo: Perspectiva; CESA, 2002; PONTES, H., *op. cit.*, 1998. As generosas adjetivações a respeito do comportamento e da cultura de Ruy Galvão de Andrada Coelho se devem ao depoimento que obtivemos junto à professora Eva Alterman Blay, sua ex-aluna. BLAY, Eva Alterman. **Depoimento concedido ao autor**. 12/08/2008.

Numa simplificação, esta poderia ser uma das principais caracterizações da Cadeira de Sociologia II – pois a maioria desses alunos a integraria no futuro.

Nessa referência ao grupo *Clima*, retomamos o trabalho de Heloisa Pontes, **Destinos mistos: os críticos do Grupo Clima em São Paulo, 1940-1968**⁹⁴. A autora, caracterizando o grupo “sob a marca da juventude, da ousadia e da instituição acadêmica que lhes dava guarida”, afirma que seus integrantes acabariam por desenvolver projetos de intervenção cultural e novas formas de trabalho intelectual, como a crítica de cultura e o ensaísmo (este já diferenciado dos ensaios realizados pelos intelectuais do início do século XX, em razão dessa formação acadêmica da USP). As suas novas posturas residiriam na “potência moralizadora da técnica”⁹⁵, numa consciência profissional e na erradicação do diletantismo e da improvisação, típica dos críticos e ensaístas polígrafos, e de jornalistas não acadêmicos universitários.

O grupo vivia intensas relações de amizade e afeto pelo fato de seus integrantes serem de origens sociais semelhantes (vindos de famílias abastadas) e dividirem idênticos sentimentos e concepções políticas, estéticas e culturais. Com isso, os jovens intelectuais acabariam por se inserir e se legitimar naquele mundo acadêmico que tinha início em São Paulo com os professores europeus da FFCL-USP⁹⁶. Dessa maneira, características ligadas à “elegância”, “cultura”, “literatura”, “artes”, “ensaísmo”, “elitismo” ou “aristocratismo” estariam mais próximas ou, ao que tudo indica, se relacionariam com a Cadeira de Sociologia II.

Em relação a esses aspectos, Antonio Candido de Mello e Souza, no interior da Cadeira, tem história modelar. O crítico literário, nascido na cidade do Rio de Janeiro, em 1918, mudou, em seguida, para pequenas cidades do Sudoeste mineiro. Membro de uma oligárquica e tradicional família mineiro-fluminense, seu pai era um importante médico da região, amante da leitura e entusiasta de estudos a respeito do Brasil. Com isso, o garoto teve profunda formação humanística. No ano

---

⁹⁴ PONTES, H., *op. cit.*, 1998.

⁹⁵ PONTES, H., *op. cit.*, 1998.

⁹⁶ PONTES, H., *op. cit.*, 1998. Cf. também, de Heloisa Pontes, o artigo Cidades e intelectuais: os “nova-iorquinos” da *Partisan Review* e os “paulistas” de Clima entre 1930 e 1950. **Revista Brasileira de Ciências Sociais**, São Paulo, ANPOCS, vol.18, n. 55, outubro de 2003, pp. 33-52.

de 1928, residiria na Europa, com a família, sediados em Paris; com isso, o menino se apegaria mais aos livros, gosto já iniciado por hábeis professoras particulares; e isso aumentaria após o retorno ao País, com outras excelentes preceptoras⁹⁷.

Ingressou em 1939 na então *Subseção de Ciências Sociais e Políticas* da Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras da USP (e no Curso de Direito do Largo de São Francisco, que abandonaria no último ano). Formou-se em 1941 e, no ano seguinte, tornou-se primeiro assistente da Cadeira de Sociologia II. Iniciaria, em 1939, o chamado grupo (ou “geração”) do *Clima*, ao lado dos amigos Décio de Almeida Prado, Lourival Gomes Machado, Ruy Galvão de Andrada Coelho, Paulo Emilio Salles Gomes e Gilda de Moraes Rocha (com quem se casaria em 1943). Juntos, esses autores se lançavam na cena cultural paulista por meio de um tipo de trabalho intelectual, o da crítica às artes – o teatro, o cinema, a literatura, as artes plásticas. Durante essa década e na seguinte, Antonio Candido de Mello e Souza escreveria textos sobre literatura e sobre militância política, em jornais paulistanos; em 1954, defenderia a Tese de Doutorado em Sociologia **Os parceiros do Rio Bonito: estudo sobre a crise nos meios de subsistência do caipira paulista**, publicada pela primeira vez dez anos depois.

Em 1945, publicaria **Introdução ao método crítico de Sílvio Romero**, apresentando-o, originalmente, como Tese ao concurso para provimento da Cadeira de Literatura Brasileira. Mesmo obtendo o segundo lugar e o título de Livre-docente em Literatura, teve de permanecer como assistente de Sociologia na Cadeira de Sociologia II até 1958, pois até aquele momento não havia “espaço institucional” para abrigá-lo no Curso de Letras da Faculdade. Após esse momento de sua vida e carreira, começaria a construir a transição para a fase de *crítico literário*⁹⁸.

---

⁹⁷ JACKSON, L. C. **A tradição esquecida: os parceiros do Rio Bonito e a Sociologia de Antonio Candido**, 2002.

⁹⁸ Antonio Candido de Mello e Souza foi convidado para o recém-criado Instituto Isolado de Ensino Superior do Estado, em Assis-SP (atual UNESP dessa cidade), em 1958, e nele ficando até 1961, como professor de Literatura brasileira. Retornaria à Universidade de São Paulo nesse ano, para assumir a sua recém-criada Cadeira de Teoria Literária e Literatura Comparada, como professor colaborador. Na década de 1960, foi professor de Literatura brasileira no Exterior, nas universidades de Paris (1964-1966) e de Yale (1968). Em 1974, tornou-se *Professor Titular* da Cadeira de Teoria Literária e Literatura Comparada, transferindo-se, em 1977, para o Departamento de Letras da UNICAMP-SP, pelo qual se aposentaria em 1978. Cf. JACKSON, L. C., *op. cit.*, 2002; ARINOS, Afonso; LAFER, Celso *et alii*.

A história desse professor é típica para o referido formato de Cadeira. Tal formato, ligado ao ensaísmo, ao estilo literário e à predominância dos temas ligados à cultura, ocorreria, de modo pleno, até meados da década de 1950, quando Florestan Fernandes obteria a regência (interina) da Cadeira de Sociologia I, consolidando sua atuação profissional ao sobrepôr a monografia, a pesquisa empírica e o estudo sistemático ao *ensaio* (segundo ele, o “estamental” modo de fazer ciência dos colegas)⁹⁹.

Posteriormente, outros professores, brasileiros, viriam a integrar a Cadeira. Foram Aziz Simão, Armando Ferrari, Eder Simão Sader, Álvaro de Aquino e Silva Gullo, Fernando Augusto Albuquerque Mourão, Duglas Teixeira Monteiro e Teófilo de Queiroz Júnior. Entre as mulheres, Aparecida Joly Gouveia, Lia de Freitas Garcia Fukui, Eva Alterman Blay e Heloisa Helena Teixeira de Souza Martins (e, sobretudo, Maria Isaura Pereira de Queiroz). É certo que esses novos cientistas sociais relativizariam um pouco a referida “aristocrática” e “literária” face da Cadeira, principalmente com a inserção da importância de novos métodos e técnicas de pesquisas, de um empirismo mais afeito aos norte-americanos, e de temáticas também agora mais voltadas para a realidade da modernização e urbanização da sociedade brasileira. Isso tudo, porém, apenas a partir de meados da década de 1960.

Mas, no caso de Maria Isaura Pereira de Queiroz, podemos afirmar ser ela outro “rosto” da Cadeira Sociologia II, por ter predominado na Cátedra (com a saída de Antonio Candido de Mello e Souza em 1958), mesmo com seus períodos de constantes viagens e estadas pela Europa. Isso se deve ao prestígio que ela auferiu no Brasil e no Exterior ao longo das décadas de 1950 e 1960, bem como às variadas temáticas, as quais tinham os recursos metodológicos de apreensão da realidade social concentrados, em grande parte, na vasta literatura (mormente, a brasileira), bem como na busca da compreensão da realidade brasileira pela

---

Esboço de figura: homenagem a Antonio Candido, 1979; D'INCAO, Maria Ângela & SCARABÔTOLO, Eloísa F. (org.). **Dentro do texto, dentro da vida: ensaios sobre Antonio Candido**, 1992; PONTES, H., *op. cit.*, 1998; PONTES, H.; MELLO E SOUZA, Antonio Candido de. Entrevista com Antonio Candido. **Revista Brasileira de Ciências Sociais**, v. 16, n. 47, p. 5-30, 2001; PULICI, C., *op. cit.*, 2004.

⁹⁹ Para uma análise mais circunstanciada dessa Cadeira, bem como do seu “contraponto”, a de Sociologia I, ver, principalmente, PULICI, C., *op. cit.*, 2004.

identidade cultural – no caso, a do universo do Interior ou do campo – isso, num momento de crise, posto que o Brasil passava, na época, por rápidos e intensos movimentos de migração para a cidade e de modernização capitalista. Maria Isaura Pereira de Queiroz e seu grupo iriam dar novas interpretações a esse período, diversas das desenvolvidas na Cadeira de Sociologia I.

E, em certo sentido, a integrante da Cadeira de Sociologia II Eva Alterman Blay daria início, de modo original e ousado, aos temas relativos à mulher e a relações de *gênero*. O que não seria feito sem percalços, tanto dentro quanto fora de sua Cadeira.

A Cátedra de Sociologia I

A Cátedra de Sociologia I teve início, como a de Sociologia II, no ano de 1934, com o surgimento da Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras da USP. O primeiro regente foi o francês Paul Arbousse-Bastide. Em 1935, foi a vez do então jovem professor de Filosofia Claude Lévi-Strauss, franco-belga recém-chegado ao Brasil, que ficou com a regência dela até fins de 1937. A partir de 1938 entraria o sociólogo francês Roger Bastide, outra figura recente no País. Ele ficaria na Cadeira¹⁰⁰ até o fim de 1953, quando retornaria ao seu país, não sem antes deixar indicado para o cargo, interinamente, Florestan Fernandes (segundo assistente da Cadeira de Sociologia II). Então, do fim de 1953 até o ano de 1964, Florestan Fernandes seria regente interino da Cadeira de Sociologia I; nesse ano, ele se tornaria Catedrático, ficando até 1969.

Roger Bastide, nascido na França em 1898, num meio protestante, e falecido em 1974, chegou a São Paulo em 1938, para ficar na regência da Cadeira de Sociologia I, na vaga deixada por Lévi-Strauss. Autor de obra vasta, tanto teórica quanto metodologicamente falando, estudou as religiões negras brasileiras, o folclore, as relações raciais no Brasil, a literatura nacional, a Psicologia social, a

---

¹⁰⁰ Por um breve período, o ano de 1941, as duas Cadeiras de Sociologia estiveram juntas, sob a regência de Roger Bastide.

Psicanálise, as relações entre arte e sociedade, e as interfaces entre todas essas áreas¹⁰¹. Trabalhou com Fernando de Azevedo, Antonio Candido de Mello e Souza, Gilda Rocha de Mello e Souza, entre outros, dialogando e se relacionando com Mario de Andrade, Gilberto Freyre e Florestan Fernandes¹⁰².

Ainda sem as diferenças substantivas que iriam ocorrer após a entrada de Florestan Fernandes, a Cadeira de Sociologia I era marcada pela presença de Roger Bastide, e tinha entre seus quadros Gilda Rocha de Mello e Souza, pessoa com história modelar como a de seu marido Antonio Candido de Mello e Souza. Gilda de Moraes Rocha (nome de solteira), oriunda de família de fazendeiros de Araraquara (SP) e prima em segundo grau do escritor Mario de Andrade, líder do movimento modernista, nasceu em São Paulo, em 1919. Viveu a infância no Interior do Estado de São Paulo, onde iniciou os estudos fundamentais, voltando à Capital em 1930 para os estudos secundários, terminados em 1934, no Colégio Stafford. Ingressou na Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras da USP em 1937, terminando o bacharelado em Filosofia no ano de 1939 e a licenciatura em 1940. Também ajudaria a fundar a revista *Clima*, estando entre seus principais integrantes, publicando diversas obras no periódico.

Gilda Rocha de Mello e Souza (nome após o casamento, em 1943), iniciou suas atividades docentes em 1943, como auxiliar de ensino da Cadeira de Sociologia I, regida por Roger Bastide; em 1945, ela se torna terceira assistente e, logo depois, segunda assistente da Cadeira. E, em 1950, orientada por Bastide, doutora-se em Ciências Sociais (Sociologia) com a Tese **A moda no século XIX**, publicada pela primeira vez na Revista do Museu Paulista, em 1952 (republicada em 1987, com o título **O espírito das roupas: a moda no século XIX**, pela editora Companhia das Letras). Em fins de 1953, devido às disputas nas Cadeiras, acabou

---

¹⁰¹ Cf. PEIXOTO, *op. cit.*, 2000; PEREIRA DE QUEIROZ, Maria Isaura. Roger Bastide, professor da Universidade de São Paulo. **Estudos Avançados**, v. 8, n. 22, set./dez. 1994. Pp. 215-220; BASTIDE, Roger. In: PEREIRA DE QUEIROZ, Maria Isaura (org.). **Roger Bastide: Sociologia**, 1983.

¹⁰² Maria Isaura Pereira de Queiroz, escrevendo sobre Roger Bastide, diz que “os alunos, os pesquisadores e também os assistentes de qualquer matéria eram considerados por ele, de maneira inteiramente natural, como especialistas em graus diferentes de formação, criando um clima tanto quanto possível igualitário, pois o respeito mútuo entre os indivíduos era para ele princípio fundamental que espontaneamente seguia. Seu respeito pelas preferências do *outro* era manifesto, sendo muito visível na liberdade de escolha de temas que deixava aos orientandos, não exigindo planos preliminares muito detalhados nem programas precisos de emprego de tempo (...)”. PEREIRA DE QUEIROZ, Maria Isaura, *op. cit.*, 1994: 216-217.

saindo da Sociologia I, transferindo-se para a Cadeira de Estética, no Curso de Filosofia, iniciando uma nova etapa em sua vida profissional¹⁰³.

As Cadeiras tomariam novas formas com a entrada de outros professores – os ex-alunos, de origens sociais mais diversificadas. Eles, minoritários no início, oriundos de camadas proletárias, e não possuindo formação educacional similar à dos colegas, conseguiriam impor as marcas peculiares do “lugar social” de onde vieram – eram eles Gioconda Mussolini, Paula Beiguelman, Florestan Fernandes, entre outros.

Florestan Fernandes, com as conhecidas dificuldades sofridas, foi figura de relevo na institucionalização de uma nova linguagem do conhecimento, no formato acadêmico ensinado pelos mestres europeus¹⁰⁴. Nascido na cidade de São Paulo em julho de 1920, filho da lavadeira Maria Fernandes (imigrante portuguesa humilde e analfabeta) e de pai desconhecido, passou por grandes dificuldades materiais, tendo trabalhado como engraxate, garçom, cozinheiro, entre outros empregos. Conseguiu, com muito custo e atraso, terminar a *madureza* (um equivalente ao atual supletivo para ensino médio).

Em 1941, ingressou no Curso de Ciências Sociais da Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras da USP, formando-se em 1944. Em 1945, começou a lecionar Sociologia na instituição. Obteve os cargos de segundo assistente da Cadeira de Sociologia II de 1945 a 1952; primeiro assistente desta, de 1952 a 1953; regente interino da Cadeira de Sociologia I de 1954 a 1964; e, de 1964 a 1969,

---

¹⁰³ Gilda Rocha de Mello e Souza foi Chefe do Departamento de Filosofia entre os anos de 1960 e 1972; fundou, em 1970, a revista *Discurso*. Aposentou-se em 1973. Além da Sociologia e da Filosofia, dedicou-se a estudos, críticas e ensaios sobre história da arte, artes plásticas, cinema e literatura. Entre suas obras, na área da crítica, estão **O tupi e o alaúde: uma interpretação de Macunaíma**, de 1979, **Exercícios de leitura**, de 1990 e **A idéia e o figurado**, de 2005, além de resenhas, ficções e traduções. Em 1999, recebeu o título de *Professora Emérita*. Faleceu em dezembro de 2005. Cf. MELLO E SOUZA, Gilda Rocha de. **O tupi e o alaúde: uma interpretação de Macunaíma**, 1979: 92; ARANTES, O. B. F. Notas sobre o método crítico de Gilda de Mello e Souza. **Estudos Avançados**, v. 20, n. 56, jan./abr. 2006; GALVÃO, W. N. **Aula inaugural: Gilda de Mello e Souza – um percurso intelectual**, 2006; MELLO E SOUZA, G. R. de. Depoimento. **Língua e Literatura**, ano X, v. 10-13, 1981-84; MELLO E SOUZA, G. R. de. **Documentos de Gilda de Mello e Souza**, s/d; MELLO E SOUZA, G. R. de. **Gilda de Mello e Souza**. ARQUIVOS DO CAPH, s/d; PONTES, H., *op. cit.*, 1998.

¹⁰⁴ É fato que Florestan Fernandes “escolhia” pessoas de várias etnias (japonesa, italiana, alemã, espanhola, judia *etc.*) e classes sociais (estudantes de origem proletária, de origem rural, de camadas médias, de elites decadentes) para compor os grupos de pesquisa e para lecionar em sua Cadeira.

professor Catedrático, quando foi aposentado compulsoriamente pelo governo militar.

Sylvia Gemignani Garcia, no livro **Destino ímpar: sobre a formação de Florestan Fernandes**¹⁰⁵, trata do período da construção do pensamento científico desse sociólogo, pessoa que tanto destoava da maioria dos colegas da Faculdade, oriundos, em grande parte, das camadas médias emergentes. Garcia elabora uma interpretação sobre esse período, reconstituindo a vida de Florestan Fernandes, da infância até 1953, ano da defesa de sua Tese de Livre-docência (o **Ensaio sobre o método de interpretação funcionalista na Sociologia**), quando o cientista social adquire posição acadêmica distinta. Ela analisa o entrelaçamento das dimensões psicológicas e pessoais do sociólogo com as possibilidades conferidas por aquele momento histórico pelo qual passava a capital paulista, especialmente no campo intelectual acadêmico. A autora procura, desse modo, interligar a industrialização da cidade de São Paulo com a intensa mobilidade social do período, por parte dos estratos sociais mais modestos, bem como a mobilidade social ascensional de Florestan Fernandes.

E a história do sociólogo seria tributária do fato de São Paulo conhecer um vertiginoso crescimento econômico ao longo de todo o século XX, como produto das grandes plantações de café (que financiariam a incipiente industrialização), e das levas de imigrantes estrangeiros e migrantes de todo o território nacional, os quais acabariam por compor o enorme contingente proletário das fábricas. Nesse contexto, nascia e crescia o jovem Florestan Fernandes. Desse modo, Garcia analisa o sociólogo também como fruto de um momento de “modernização” liberal-democrática, de formação da classe média, do proletariado e da cultura da competência *meritocrática*¹⁰⁶.

---

¹⁰⁵ GARCIA, S. G., *op. cit.*, 2002.

¹⁰⁶ Florestan Fernandes, “engajado” politicamente, teve sua história ligada à luta contra mazelas nacionais. Era “engajado” ao seu modo, lecionando, pesquisando e discursando. Participara, nas décadas de 1950 e 1960, das campanhas pela educação laica e pública, por exemplo. Fora natural sua recusa aos governantes militares pós-1964. Com o afastamento em 1969, Florestan Fernandes empreenderia viagens para a América do Norte, lecionando nas Universidades de Columbia, Toronto e Stanford. Na década de 1970 daria maior relevo à sua situação de militante político, já esboçada em anos anteriores, tendo, no final desse decênio, lecionado na PUC paulistana. Após a redemocratização de 1985, produziu, notadamente, artigos polêmicos na imprensa, relativos à política; aumentou o reconhecimento, com título (honorífico) de *Professor Emérito*, pelo Departamento de Ciências Sociais da Faculdade de

Os estudos realizados na “nova” Cadeira de Sociologia I, já em meados da década de 1950, com Florestan Fernandes, estão inicialmente ligados a seus projetos sobre o folclore paulistano, relações raciais e preconceito racial. As principais preocupações e temáticas da Cadeira e de Florestan Fernandes giravam, de modo amplo, em torno da transição do arcaico ou do “atraso” para o “moderno”, ou da passagem de um Brasil agrário e de origem escravista para um país urbano, industrializado e de classes sociais. Na análise crítica que realizaram, os sociólogos da Cadeira partiam dos fundamentos da sociedade brasileira, estudando suas dinâmicas internas, suas contradições, sua estrutura de classes.

A “respeitabilidade” da Cadeira, transferida por seu líder, adviria, da mesma forma, dos seus estudos sobre teoria e metodologia sociológicas, sobre o sistema de economia de mercado (o capitalismo) no Brasil, de suas interlocuções e incorporações críticas de Durkheim, Marx, Weber, Bastide, Gurvitch, Mannheim, Freyer, Tönnies, Von Wiese, R. E. Park, Merton, Wright Mills, entre outros, bem como de seu empenho em desenvolver linguagem e estilo especializados, pautados pela cientificidade e pela explicação de fenômenos sociais.

Florestan Fernandes defendia que a Sociologia brasileira obteria respaldo e respeitabilidade se trabalhasse com elementos comuns universais. O que de fato ocorreu com os integrantes de sua Cadeira, já que realizaram a incorporação teórica crítica de pensadores europeus e norte-americanos, e mantiveram forte ligação com as Ciências Sociais no Exterior.

O padrão de trabalho desses cientistas sociais da Cadeira de Sociologia I consolidou-se, tendo outros nomes de destaque, como Fernando Henrique Cardoso, Octavio Ianni e Renato Jardim Moreira, em seus primeiros tempos. Juntando-se a eles, houve, posteriormente, José de Souza Martins, Francisco Corrêa Weffort, Leôncio Martins Rodrigues Netto, Gabriel Cohn e Juarez Rubens Brandão Lopes.

Filosofia, Letras e Ciências Humanas da USP, no ano de 1985. Como militante político-partidário, foi eleito deputado federal constituinte pelo Partido dos Trabalhadores (PT) paulista em 1986, reelegendo-se quatro anos mais tarde. Deixou a atividade parlamentar em 1994. Faleceu em agosto de 1995. Para uma análise mais circunstanciada, ver ARRUDA, M. A. N. In: MICELI, *op. cit.*, 1995; ARRUDA, M. A. N., *op. cit.*, 2001.

De modo mais completo, além de Florestan Fernandes, atuaram na Cadeira de Sociologia I (como professores ou pesquisadores) os brasileiros Renato Jardim Moreira, Fernando Henrique Cardoso, Octavio Ianni, Celso de Rui Beisiegel, Gabriel Bolaffi, Leôncio Martins Rodrigues Netto, Cláudio José Torres Vouga, José Carlos Pereira, Luiz Pereira, José de Souza Martins, Pedro Paulo Poppovic, Sedi Hirano, Gabriel Cohn, José César Aprilanti Gnaccarini, José Rodrigues Barbosa e Juarez Rubens Brandão Lopes. E entre as mulheres, além de Gilda Rocha de Mello e Souza (até 1953), atuaram na Cadeira Lucila Herrmann, Lavinia Costa Villela¹⁰⁷, Marialice Mencarini Foracchi, Lourdes Sola e Maria Sylvia de Carvalho Franco¹⁰⁸. Esta, que obteve maior relevo, e que é retratada no trabalho, será reconhecida pela análise original sobre os homens livres (e pobres) no período dominado pela escravidão.

Ligado à Cadeira de Sociologia I estava o projeto *Economia e sociedade no Brasil: análise sociológica do subdesenvolvimento*, que articulava pesquisas dessa Cadeira. Sua principal preocupação, segundo os membros, era o que eles viam como a questão da “resistência às mudanças”, bem como as “dificuldades para tornar moderno e democrático” o País¹⁰⁹, conforme suas concepções.

Em decorrência do projeto, surgiria, em 1962, o CESIT, *Centro de Sociologia Industrial e do Trabalho*, cuja pretensão era elaborar estudos para caracterizar e identificar aspectos ligados ao desenvolvimento econômico e resolução dos problemas do Brasil. Trouxe à tona obras e pesquisas relativas a essas temáticas, como as teses de Octavio Ianni (**O Estado e o desenvolvimento**

---

¹⁰⁷ De Lavinia Costa Villela não nos constam mais notícias desde o fim da década de 1940, salvo referência oral de que ela teria ido aos Estados Unidos da América e lá se casado e constituído família com um cidadão norte-americano de sobrenome Raymond. Gilda Rocha de Mello Souza teria assumido suas funções na Cadeira, por sugestão de Roger Bastide (informações obtidas e cedidas apenas oralmente pelo pesquisador Dimitri Pinheiro Silva, mestrando do Programa de Sociologia da USP).

¹⁰⁸ Florestan Fernandes lista como suas auxiliares, na Cadeira de Sociologia I, no CESIT e em seu sub-projeto *A empresa industrial em São Paulo* as professoras Maria Sylvia de Carvalho Franco e Marialice Mencarini Foracchi; a “pesquisadora contratada” Lourdes Sola; as “colaboradoras” Maria do Carmo Campello de Souza, Maria Márcia Smith, Cacilda Maria Ascitti de Saboia Fiuza, Lúcia Campello de Souza, Maria Irene Franco Queiroz Ferreira e Daisy Maria del Nero; as “auxiliares de pesquisa” Albertina Boal, Linda Ganej, Maria Conceição D’Incao, Vera Lúcia Brizola, Vera Mariza Henrique de Miranda e Zilah Branco Weffort. Cf. FERNANDES, F. **A Sociologia numa era de revolução social**, 1976: 340-342.

¹⁰⁹ Cf. ROMÃO, W. de M. **A experiência do CESIT: Sociologia e política acadêmica nos anos 1960**, 2003.

econômico no Brasil), Leôncio Martins Rodrigues Netto (**Manifestações e funções do conflito industrial em São Paulo e Atitudes operárias na empresa automobilística: estudo de um grupo de trabalhadores**) e Fernando Henrique Cardoso (**Empresário industrial e desenvolvimento econômico**). O CESIT foi extinto em 1969¹¹⁰.

Originado entre alguns jovens professores da Cadeira de Sociologia I, surgiria, em 1958, o grupo dos *Seminários de Marx* (também chamado de grupo d’*O capital*, grupo de Marx ou dos *Seminários d’O capital*), que duraria até 1964. Seus membros se organizaram no intuito de estudar, sistemática e criticamente, a obra máxima do pensador alemão, qual seja, **O capital**, e textos de outros autores do momento ligados originalmente a ele, como G. Luckacs, J. P. Sartre e L. Goldman. Os membros mais constantes eram os sociólogos Fernando Henrique Cardoso e Maria Sylvia de Carvalho Franco, o professor de Filosofia José Arthur Giannotti, o economista Paul Singer e o historiador Fernando Novais, bem como os “aprendizes” Francisco Weffort, Michel Löwy e Gabriel Bolaffi, sociólogos, além de Bento Prado Jr., professor de Filosofia e Roberto Schwarz, futuro crítico literário e ensaísta. Essa turma renovaria, criticamente, o pensamento acadêmico e até o pensamento político das chamadas “esquerdas” do País, à época¹¹¹.

Alguns nomes desses seminários fundariam depois o CEBRAP, *Centro Brasileiro de Análise e Planejamento*¹¹², surgido em 1969, por iniciativa de Fernando Henrique Cardoso, José Arthur Giannotti e outros professores cassados pelo AI-5¹¹³. Era uma entidade de pesquisas independente da Universidade e seu norte eram os dilemas da superação do “atraso” brasileiro, bem como o

---

¹¹⁰ Cf. ROMÃO, W. de M., *op. cit.*, 2003.

¹¹¹ Em famoso ensaio, Schwarz relembra momentos e obras do grupo, frisando seus frutos, como a formação de bons professores e as análises sobre o País nas obras de seus integrantes, como Fernando Novais, Maria Sylvia de Carvalho Franco e Fernando Henrique Cardoso. Cf. SCHWARZ, R., *op. cit.*, 1999: 86-105.

¹¹² Para uma análise circunstanciada do CEBRAP, Cf. LAHUERTA, M., **Intelectuais e transição: entre a política e a profissão**, 1999.

¹¹³ Foram caçados pelo AI-5 em abril de 1969, entre outros, Bento Prado Jr., Caio Prado Jr., Elza Salvatori Berquó, Emília Viotti da Costa, Fernando Henrique Cardoso, Florestan Fernandes, Isaías Raw, Jean Claude Bernardet, José Arthur Giannotti, Mario Schenberg, Octavio Ianni, Paula Beiguelman, Paul Israel Singer. Cf. WITTER, José Sebastião. **USP/50 anos: registros de um debate**, 1984: 61.

“desenvolvimento”, a “modernização” e, posteriormente, a “democratização” do País¹¹⁴.

Além de Florestan Fernandes, outro nome importante da Cadeira de Sociologia I é o de Fernando Henrique Cardoso. Nascido em 1931 na cidade do Rio de Janeiro, mudou-se para a capital paulista quando criança. Membro de uma família de certa importância na elite política do País, seu pai era um militar, o general Leônidas Cardoso, nacionalista militante; seu avô havia sido marechal; o bisavô, deputado e senador no Segundo Reinado. Fernando Henrique Cardoso bacharelou-se em Ciências Sociais pela FFCL-USP em 1952. Tornou-se, em 1953, auxiliar de ensino, na Cadeira de Sociologia I. Em 1954, tornou-se primeiro assistente da Cadeira. Em 1968, obteve a regência da Cátedra de Política.

Iniciou seus trabalhos acadêmicos em meados da década de 1950 com Roger Bastide e Florestan Fernandes nas pesquisas sobre relações raciais. Foi um dos principais colaboradores deste eminente sociólogo paulista e também um dos principais nomes na “escola sociológica paulista” e da Cadeira. Esteve envolvido diretamente com as principais realizações e acontecimentos ligados à Cadeira de Sociologia I: auxiliou no desenvolvimento do projeto *Economia e sociedade no Brasil: análise sociológica do subdesenvolvimento* e do CESIT; participou dos grandes debates da época no Brasil, sobre a educação pública, o empresariado, o Estado, a classe operária, a modernização das relações sociais; foi um dos líderes do grupo dos *Seminários de Marx*; desenvolveu, com o chileno Enzo Faletto, a *teoria da dependência*. E, em 1969, aposentado compulsoriamente pelo governo militar e impedido de lecionar, fundaria, com José Arthur Giannotti, o CEBRAP¹¹⁵.

---

¹¹⁴ Apesar da grande ligação e liderança que exercia entre essas importantes professores citados, o fato é que Florestan Fernandes nunca participou desses grupos e entidades.

¹¹⁵ Em meados da década de 1970, adentraria os meios políticos nacionais, participando da elaboração do programa eleitoral do então MDB; em 1978, elege-se suplente de Senador; em 1984, participa das campanhas pelas eleições diretas no País e pela candidatura de Tancredo Neves à Presidência da República; em 1986, elege-se Senador constituinte; em 1988, ajuda a fundar o PSDB; entre 1992 e 1994, torna-se ministro no governo de Itamar Franco, ocupando as pastas das Relações Exteriores e da Fazenda, auxiliando na implantação do plano de estabilização da economia, o Plano Real. Elegeu-se Presidente da República por dois mandatos (1995-1998 e 1999-2002). Além da USP – onde obteve o título de *Professor Emérito*, pelo Departamento de Ciência Política, em 1991 – foi professor na Universidade de Santiago, Stanford, Califórnia (Princeton e Berkeley), Cambridge, Collège de France e École des Hautes Études en Sciences Sociales. Foi presidente da Associação Internacional de Sociologia (1982-1986), além de *Doutor Honoris Causa* por diversas universidades européias, entre outros títulos honoríficos. O sociólogo

Escorada em tais pessoas, fatos e entidades, a Cadeira de Sociologia I se tornaria um proeminente núcleo de teoria e de pesquisas sobre os problemas da sociedade brasileira. Suas temáticas, metodologia de pesquisa e de análises criariam uma tradição no pensamento sociológico brasileiro.

Mesmo com a consistência e respeitabilidade da produção sociológica da Cadeira, Florestan Fernandes e seu grupo não conquistaram unanimidade no restante do País à época. A análise crítica utilizada por ela se diferenciava dos estudos do pernambucano Gilberto Freyre, por exemplo. A forma, o estilo e as conclusões deste eram vistos pelos paulistas como menores, em certo sentido, que o modelo de análise realizado pela USP.

Outra voz dissonante em relação às concepções desenvolvidas pelos *uspianos* era a do baiano Guerreiro Ramos. Ele era, por excelência, opositor e crítico, especificamente, dos estudos sociológicos que envolviam as relações raciais. E dizia que o modo de fazer ciência desses *uspianos* era demasiado “importado”, “colonizado” pelo estrangeiro, pelos povos “dominadores” (europeus e americanos). Defendia uma Sociologia “autêntica”, “brasileira”, para as questões do País, e desenvolvida em território nacional¹¹⁶. A polêmica transcorreu por anos, e o sociólogo baiano acabou ficando em posição secundária na Sociologia nacional.

Além disso, o fato de o grupo paulista investigar temas ligados à “modernização” capitalista do Brasil e à superação de seu “atraso” distinguia-o do teor nacionalista do ISEB – Instituto Superior de Estudos Brasileiros (este mais dependente dos círculos da política nacional oficial). Todos esses contendores não impediriam a Cadeira de Sociologia I de ir tomando corpo e se impondo perante os debates acadêmicos na época.

A despeito do potencial desses profissionais, Florestan Fernandes discordava da idéia segundo a qual o grupo que liderava poderia ser classificado

---

administra, atualmente, o instituto que leva seu nome, na capital paulista. Casou-se, em 1953, com a antropóloga Ruth Correa Leite Cardoso. Cf. BASTOS, É. R.; ABRUCIO, F. *et alii*. **Conversas com sociólogos brasileiros**, 2006; CARDOSO, F. H. “Memórias da Maria Antonia”. In: SANTOS, M. C. L. dos (org.), *op. cit.*, 1988; CARDOSO, F. H. Depoimento. **Língua e Literatura**, 1981-84; MARTINS, J. de S., *op. cit.*, 1998; SCHWARZ, Roberto. “Um seminário de Marx”. In: **Seqüências brasileiras: ensaios**, 1999.

¹¹⁶ Cf. RAMOS, Alberto Guerreiro. **Introdução crítica à Sociologia brasileira**, 1957; OLIVEIRA, L., *op. cit.*, 1995.

como uma escola sociológica, diz José de Souza Martins¹¹⁷. Para Florestan Fernandes, a idéia seria “falta de imaginação”, e ele a recusaria por não querer identificar o produto do grupo como “doutrina”. Contudo, reconhecia que o grupo, se não chegou a consumir uma “escola” nos moldes, por exemplo, da “Escola de Chicago”¹¹⁸, desenvolveu desdobramentos que produziriam indagações, problemáticas e interpretações sobre a sociedade brasileira e suas contradições. Contudo, a chamada “escola sociológica paulista”, desenvolvida sob o manto da Cadeira de Sociologia I e de Florestan Fernandes, predominaria nas ciências sociais brasileiras do período¹¹⁹.

Por fim, escudada nesses profissionais e em Florestan Fernandes, principalmente, a Cadeira de Sociologia I acabou prevalecendo sobre as demais.

A Cátedra de Antropologia

Efetivamente, a disciplina de Antropologia surgiria em 1941. De início, era simples disciplina dos currículos de Cursos como *Ciências Sociais* ou *Geografia e História*, não pretendendo, portanto, formar antropólogos, de modo pleno – ao menos, naquele momento. E estava integrada à Cadeira de Etnografia Brasileira e Língua Tupi-Guarani, regida por Plínio Ayrosa e criada em 1935.

---

¹¹⁷ MARTINS, J. de S., *op. cit.*, 1998: 38.

¹¹⁸ FERNANDES, F. **A Sociologia no Brasil: contribuição para o estudo de sua formação e desenvolvimento**, 1977: 183. Cf. MARTINS, J. de S., *op. cit.*, 1998.

¹¹⁹ A bem da verdade, não há mesmo um consenso sobre o fato de os profissionais reunidos em torno da figura de Florestan Fernandes poderem ser considerados “escola”, posto que sua produção não teria sido feita de modo tão articulado como o fizera, por exemplo, a “escola sociológica de Chicago”. E a “escola paulista” não deve ser vista como única, pois participaram da consolidação da Sociologia como disciplina acadêmica os profissionais ligados à Cadeira de Sociologia II da Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras da USP, como Aziz Simão, Maria Isaura Pereira de Queiroz, Ruy Galvão de Andrada Coelho e Antonio Candido de Mello e Souza, entre outros. Da mesma forma, contribuíram para a Sociologia em São Paulo a então Escola Livre de Sociologia e Política de São Paulo, bem como a Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (PUC-SP), além das universidades paulistas que surgiram posteriormente. Cf. ARRUDA, M. A. N., *op. cit.*, 2001: 193-202; ARRUDA, M. A. N. In: MICELI, *op. cit.*, 1995; BASTOS, E. R. “Pensamento social da escola sociológica paulista”. In: MICELI, S., *op. cit.*, 2002: 183-230.

Com sua transformação em Cadeira em 1948 (integrando o recém-criado *Departamento de Sociologia e Antropologia*, o qual abarcava as duas Cadeiras de Sociologia e a de Política), teve como primeiro regente Emilio Willems, que ficaria até 1949, sendo sucedido por Egon Schaden. Este, que era primeiro assistente desde 1943, tornou-se professor substituto em 1945, professor contratado em 1953 e regente até 1967¹²⁰.

Em 1961, com a morte de Plínio Ayrosa, sua Cadeira seria disputada, sendo extinta no ano seguinte e incorporada ao Curso de Letras (como *Línguas Indígenas do Brasil*). O processo foi complicado. O conteúdo precisamente “antropológico” da Cadeira (a etnologia, materiais de pesquisa, um museu) foi disputado por Florestan Fernandes – que queria trazer seu ex-Orientador na ELSP-SP, o etnólogo Herbert Baldus – e por Egon Schaden, que acabou sendo o vencedor¹²¹.

Emilio Willems teve três assistentes em seu período na USP, quais sejam, Egon Schaden, Gioconda Mussolini (segunda assistente) e Mario Wagner Vieira da Cunha. Este, ao voltar dos Estados Unidos da América, onde fora se doutorar, transfere-se para o Instituto de Administração da USP, abrindo mão da possibilidade de seguir na regência da Cadeira. Após a aposentadoria de Egon Schaden, em 1967, e com a impossibilidade de Mario Wagner Vieira da Cunha, o regente termina por indicar João Baptista Borges Pereira¹²², que ficaria no cargo até o fim do sistema de Cátedras, dois anos depois.

E, no intuito de sermos mais completos, lembramos que passaram pela Cadeira os professores brasileiros Amadeu José Duarte Lanna, Antonio Augusto Arantes, Hualdo Beiker e José Francisco Fernandes Quirino dos Santos. Entre as mulheres, além de Gioconda Mussolini, atuaram Eunice Ribeiro Durham,

---

¹²⁰ MACIEL, Alba Costa; ANDRADE, Diva; VALE, Eunides do. A antropologia na Universidade de São Paulo: histórico e situação atual. **Revista de Antropologia**, São Paulo, v. 21 (1ª. e 2ª. partes), 1978. Pp. 117-143; PEREIRA, João Baptista Borges. Emilio Willems e Egon Schaden na antropologia. **Estudos Avançados**, Revista do IEA/USP, São Paulo, v. 8, n. 22, set./dez. 1994. Pp. 249-253; SCHADEN, Egon. Os primeiros tempos da antropologia em São Paulo. **Anuário Antropológico/82**. Fortaleza, Edições UFC; Rio de Janeiro, Tempo Brasileiro, 1984, p. 251-258.

¹²¹ MACIEL, Alba C., *et alii*, *op. cit.*, 1978; PEREIRA, J. B. B., *op. cit.*, 1994.

¹²² CORRÊA, Mariza. “A antropologia no Brasil (1960-1980)”. In: MICELI, S., *op. cit.*, 1995: 54.

Ruth Correa Leite Cardoso, Renate Brigitte Nützler Viertler e Thekla Olga Hartmann.

A Cátedra de Antropologia registrou diversas controvérsias e embates institucionais. Um deles revelou-se nas divergências teóricas e políticas entre Emilio Willems e Florestan Fernandes (ou, institucionalmente, entre as Cadeiras de Antropologia e de Sociologia I). Ambos, em artigos publicados na revista **Sociologia**¹²³, no ano de 1948, polemizaram em relação a diferentes concepções sobre *classes sociais* e sobre *cultura*. Nesses artigos, temos, de um lado, Emilio Willems e seu colega, o sociólogo Donald Pierson, defendendo e enfatizando a necessidade da pesquisa empírica, bem ao estilo norte-americano de Chicago e da ELSP-SP. Emilio Willems, defendendo a *ciência antropológica*, criticava o, segundo ele, “caráter conjectural e global” dos trabalhos *sociológicos* sobre *classes sociais*, muito “generalizantes”, “apriorísticos”, globalizantes, que dividiam a sociedade em classes pré-concebidas, sem uma verificação empírica anterior, *in loco* e aprofundada.

Já Florestan Fernandes defendia as grandes generalizações, de teor globalizante, úteis, segundo ele, para o entendimento das típicas sociedades capitalistas modernas. Era o gérmen das análises a partir da totalidade, tônica dominante da Cadeira de Sociologia I a partir de 1954. Para Florestan Fernandes, o sociólogo, ao abordar as classes como *estruturas sociais*, deve correlacionar sentimentos e ideais à situação comum em que estão envolvidos os membros dessas classes.

Emilio Willems enfatizava o “conteúdo cultural dos processos e estruturas sociais”. Para Florestan Fernandes, quando assim procede, o antropólogo desloca o foco analítico do *sistema organizatório* da sociedade para a *cultura* da sociedade. Em lugar de considerar as diferenças culturais como consequência da estrutura social, o antropólogo descreveria esta em termos das diferenças culturais percebidas no comportamento dos membros das classes. Esta posição denota que

---

¹²³ Os artigos, do “Symposium sobre classes sociais” são “Como descobrir o que é ‘classe’”, de Donald Pierson, “Velhos e novos rumos no estudo das classes sociais, de Emilio Willems, “A análise sociológica das classes sociais”, de Florestan Fernandes. Todos no volume X (2/3) da publicação. *Apud* CORRÊA, Mariza. “A antropologia no Brasil (1960-1980)”. In: MICELI, S., *op. cit.*, 1995: 55-60. É também importante mencionar que Gioconda Mussolini tinha participação constante e importante na publicação.

Florestan Fernandes acha parcial e limitado o trabalho feito pela Antropologia em geral e pela Antropologia de Emilio Willems, em particular. Via-as como excessivamente “culturalistas”, explicando o presente pelo presente, de modo apenas sincrônico. Essas limitações a tornariam ciência auxiliar, quase um apêndice da Sociologia¹²⁴. A bem da verdade, Florestan Fernandes conceberia a idéia de que a Sociologia era uma ciência superior às congêneres Antropologia e Política¹²⁵.

Outra dessas disputas estaria ligada ao fato de a professora Gioconda Mussolini ter realizado diálogos críticos com o método de *estudos de comunidade*, contrapondo-se a Emilio Willems. No caso, referimo-nos às conhecidas críticas que ela publicou, em 1949, na **Revista do Museu Paulista**, na resenha sobre **Cunha: tradição e transição em uma cultura rural do Brasil**, desse autor. Emilio Willems, professor das duas casas, ELSP-SP e FFCL-USP, e Catedrático de Antropologia da última, era entusiasta desse método¹²⁶ – que, na USP, encontraria resistências da antropóloga e, principalmente, de Maria Sylvia de Carvalho Franco, Florestan Fernandes, Fernando Henrique Cardoso e Octavio Ianni.

A Cadeira de Antropologia tinha nitidamente, segundo Mariza Corrêa¹²⁷, duas orientações teóricas distintas: a do antropólogo Emilio Willems¹²⁸, baseada no conceito de aculturação e na utilização do método dos *estudos de comunidade* (e seguida, parcialmente, por Egon Schaden, estudioso da etnologia e

---

¹²⁴ CORRÊA, M. In: MICELI, S., *op. cit.*, 1995: 57-59.

¹²⁵ Tudo isso, no caso, até poderia ter relação com a repentina saída do antropólogo do Brasil. Os escritos contrários a ele, na USP, poderiam ter-lhe magoado. Em 1949, ele vai para a Universidade Vanderbilt, nos EUA. O fato é que ela representaria muito maior visibilidade que a Universidade de São Paulo, segundo Eunice Ribeiro Durham.

¹²⁶ De modo geral, os cientistas sociais da FFCL-USP sempre criticaram os *estudos de comunidade* – de origem norte-americana e amplamente utilizados pelos cientistas sociais da ELSP-SP – entre outras razões por alegarem haver neles limitações de ordem epistemológica. Segundo os *uspianos*, esses estudos seriam por demais fechados, centrados no tradicional, pouco representativos ou pouco dando conta da realidade brasileira como um todo. O contraponto a isso seriam os seus estudos, que relevariam, para o Brasil, as classes sociais, a sociedade moderna, o capitalismo, pretendendo uma totalidade. Mas a disputa tem relação com obtenções de delimitação e hegemonia no campo então em formação. Claro, essa radicalidade diferenciadora aqui construída deve ser matizada. Cf. também PEIXOTO, Fernanda Arêas e SIMÕES, Júlio Assis. *A Revista de Antropologia e as ciências sociais em São Paulo: notas sobre uma cena e alguns debates. Revista de Antropologia*, pp. 383-409, 2003.

¹²⁷ CORRÊA, M. In: MICELI, S., *op. cit.*, 1995: 55-56.

¹²⁸ Entre suas obras estão **Cunha: tradição e transição em uma cultura rural do Brasil**, **A ilha de Búzios**, **A aculturação dos alemães no Brasil** e **Aspectos da aculturação dos japoneses no Estado de São Paulo**.

de temas ligados à aculturação indígena brasileira), originária dos norte-americanos e da ELSP-SP. A outra orientação estaria ligada à Gioconda Mussolini – que, mesmo realizando seu Mestrado na ELSP-SP, em 1945, sobre o conceito de doença e morte entre determinadas tribos indígenas, trabalhava com Antropologia propriamente dita (menos etnologia), dava cursos sobre Antropologia física e realizava cursos e estudos sobre *comunidades* (caiçaras, ribeirinhos, pescadores).

Dessa forma, Gioconda Mussolini seria pivô de querelas na Cadeira, mantendo essas distâncias, durante a década de 1960, de seu Orientador do inacabado Doutorado, Egon Schaden¹²⁹, o então regente da Cátedra.

Aliás, segundo Martins¹³⁰, os estudos da antropóloga, apesar de poucos e esparsos, foram relevantes para entender as diretrizes teóricas das investigações, tanto sobre o caiçara quanto sobre o caipira, como as realizadas por seu colega Antonio Candido de Mello e Souza¹³¹. O que os aproximava e, simultaneamente, distanciava-a dos *estudos de comunidade*, eram suas já referidas críticas a esses *estudos*, apontando limitações epistemológicas tanto na concepção de *comunidade* quanto na insistência de seus entusiastas em estudar, de forma rígida, grupos tradicionais e seu suposto imobilismo¹³².

Também Eunice Ribeiro Durham e Ruth Correa Leite Cardoso, grandes auxiliares de Gioconda Mussolini, foram orientadas por Egon Schaden. De forma similar a ela, estavam também distanciadas das orientações de Emilio Willems e de Egon Schaden, sendo críticas das teorias da aculturação e dos *estudos de comunidade*, mantendo-se distantes da etnologia indígena. Pelo contrário,

---

¹²⁹ Eis os títulos de suas Teses: **Ensaio etno-sociológico sobre a mitologia heróica de algumas tribos indígenas do Brasil** (Doutorado); **Aspectos fundamentais da cultura guarani** (livre-docência) e **Aculturação indígena: ensaio sobre fatores e tendências da mudança cultural de tribos índias em contacto com o mundo dos brancos** (Cátedra).

¹³⁰ Cf. MARTINS, José de Souza. “Anexo: entrevistas”. In: JACKSON, L. C., *op. cit.*, 2002: 216-217.

¹³¹ “O Seminário de doutorado era às sextas-feiras, às 17 horas, com Emilio Willems. O objetivo era familiarizar os doutorandos com os autores da antropologia inglesa e moderna antropologia cultural americana. Os doutorandos eram Antonio Candido, Egon Schaden, Gioconda Mussolini e José Francisco de Camargo”. MELLO E SOUZA, Antonio Candido de. **Depoimento concedido ao autor**. 02/04/2009.

¹³² E Antonio Candido de Mello e Souza destacava a historicidade subjacente na teoria da transição (o predomínio do diacrônico sobre o sincrônico), em belo diálogo com Marx. Com isso, podemos ver uma referência comum, ou um diálogo da antropóloga com as Cadeiras de Sociologia, principalmente no que diz respeito às transições do mundo rural para o urbano, o choque da “modernização” em comunidades etc. Cf. MARTINS, José de Souza. “Anexo: entrevistas”. In: JACKSON, L. C., *op. cit.*, 2002: 216-217.

trabalhavam com migrações urbanas, problemas nas sociedades de classes, transições para o “mundo” moderno, urbanização, mudanças sociais, movimentos sociais *etc.* Mariza Corrêa resgata depoimento de Ruth Correa Leite Cardoso, dizendo que

“a tese dela e a de Eunice deviam muito mais à influência geral de Florestan Fernandes e de Gioconda Mussolini, a partir de suas críticas derivadas do funcionalismo inglês à idéia de aculturação, então hegemônica na Antropologia da USP de então, do que à orientação de Egon.”¹³³

Além do mais, nas décadas de 1950 e 1960, ambas passaram períodos fora do País – Eunice Ribeiro Durham ficou dois anos nos Estados Unidos da América (1956-1957); Ruth Correa Leite Cardoso, cerca de quatro anos, entre Chile e também Estados Unidos da América¹³⁴ (entre 1964 e 1968). Essas experiências ajudaram-nas a considerar os *estudos de comunidade* e, principalmente, a aculturação, um pouco ultrapassados, datados, pelo fato de terem entrado em contato com outras idéias¹³⁵ ou propostas teóricas.

As polêmicas e clivagens entre as Cadeiras de Antropologia e de Sociologia I acabariam por se refletir em Gioconda Mussolini, que “se dividia” entre ambas, distanciando-se, dessa maneira, da Antropologia tradicional realizada na USP. É bem verdade que a antropóloga (conforme depoimentos de Eunice Ribeiro Durham e de Renate Brigitte Viertler), além de ser extremamente culta, fazia questão de estar sempre bem informada tanto sobre as diversas áreas da Antropologia quanto sobre as da Sociologia. Acabava ficando no meio do fogo cruzado de uma Antropologia (com a qual não concordava ou talvez achasse inconsistente) e a Sociologia. Trabalhar de modo concentrado na cultura, seria o alvo do antropólogo; ver classes e diferenças convivendo, o foco do sociólogo. Era

---

¹³³ CORRÊA, M. In: MICELI, S., *op. cit.*, 1995: 61.

¹³⁴ CORRÊA, M. In: MICELI, S., *op. cit.*, 1995: 61.

¹³⁵ Até mesmo João Baptista Borges Pereira realizou intensos diálogos com a Cadeira de Sociologia I, em seus estudos sobre relações raciais. Seu Doutorado, em 1966, foi **Cor, profissão e mobilidade: o negro e o rádio de São Paulo**; sua livre-docência, no ano seguinte, **A aculturação dos italianos: alguns aspectos da marcha aculturativa de um grupo de imigrantes da região da Alta Sorocabana**.

uma situação difícil. Em síntese, é bem provável que ela, Gioconda Mussolini, fosse moderna demais para a época, antecipando o trabalhar com os temas atuais da Antropologia urbana.

A retomada dos estudos propriamente etnológicos dar-se-ia após a década de 1970 (não por acaso, tais estudos foram trabalhados por Lux Boelitz Vidal, Thekla Olga Hartmann, Renate Brigitte Viertler, Dominique Tilkin Gallois, Sylvia Caiuby Novaes, entre outros profissionais da Antropologia da USP). Nesse sentido, Eunice Ribeiro Durham e Ruth Correa Leite Cardoso teriam sido mais felizes posteriormente, porque a Antropologia de ambas (a Antropologia urbana), delimitada ou tomando o cuidado para não ser nem “estudo de comunidade”, nem Sociologia, nem, naturalmente, etnologia, iria se desenvolver com mais tranqüilidade. Desenvolvimento este que ocorreria num momento histórico mais aberto e moderno, com os Departamentos ao invés das “patriarcais” Cátedras, nas décadas de 1970/1980.

Em linhas gerais, esses foram os choques que ocorreram na Cadeira de Antropologia de então. Eles serão relevantes para a configuração de obras de suas mais importantes integrantes, Gioconda Mussolini e Eunice Ribeiro Durham. No entanto, tais embates devem ser vistos de modo mais matizado, por não serem tão radicalmente opostos. Foram assim expostos para efeito didático.

A Cátedra de Política

A Cadeira de *Política* começaria oficialmente em 1941. Seu início está ligado ao surgimento da FFCL-USP, porém, sob outros nomes e formatos¹³⁶. Na verdade, sua origem remonta às influências da Sociologia (de disciplinas como Sociologia Especial ou Sociologia Política), da Filosofia e à Cátedra de Direito Político.

---

¹³⁶ As informações a seguir foram obtidas em SANTOS, Célia Nunes Galvão Quirino dos. Departamento de Ciência Política. **Estudos Avançados**, Revista do IEA/USP, São Paulo, v. 8, n. 22, set./dez. 1994: 337-348.

Em 1936 é criada, especificamente, a Cadeira de Política, sob a regência de Antonio de Sampaio Dória (que ficaria no cargo até 1938). Sucederam-no na regência os professores Pierre Froment e Roger Bastide (1938), os padres Leopoldo Aires (1939) e Luís de Abreu (1939-1941), bem como os cientistas sociais Paul Arbousse-Bastide (1941), George Gurvitch e Charles Morazé (1941-1944).

Nesse ano de 1944, Lourival Gomes Machado seria regente interino, sucedido por Paul Arbousse-Bastide (1944-1946) e por George Gurvitch (1947-1948), novamente. Posteriormente, em 1948, voltaria Lourival Gomes Machado; Charles Morazé retornaria no período de 1949 a 1954. A Cadeira se tornaria, em 1950, parte integrante do *Departamento de Sociologia e Antropologia*, órgão criado em 1948 para organizar o Curso de Ciências Sociais da FFCL-USP.

No ano de 1954, novamente Lourival Gomes Machado retorna, como Catedrático, ficando até 1967, quando vem a falecer, durante viagem de trabalho na Europa. O último Catedrático seria Fernando Henrique Cardoso, até 1969.

Ainda em algumas oportunidades (nos anos de 1952 e de 1963), Paula Beiguelman seria “regente a título precário”, substituindo o Catedrático de turno. De modo mais completo, temos como outros professores dessa Cadeira os brasileiros Oliveiros da Silva Ferreira, Eduardo Kugelmas e Francisco Corrêa Weffort. Entre as mulheres, a Cadeira teve Célia Nunes Galvão Quirino dos Santos, Maria do Carmo Campello de Souza e, por breves períodos, Cecy Martinho, Marly Martinez Ribeiro Spinola e Nely Pereira Pinto Curti.

Em 1968, ocorreu o concurso em que Fernando Henrique Cardoso venceu Paula Beiguelman, conquistando a regência efetiva da Cadeira. O sociólogo iria transformá-la, então, em Cadeira de *Ciência Política*. Contudo, no início de 1969, após o Ato Institucional nº. 5, sua aposentadoria compulsória e as reformas universitárias, seu projeto foi abortado.

O concurso criaria grande celeuma e animosidade, colocando em lados opostos as Cadeiras de Sociologia I e de Política, concepções político-ideológicas, visões sobre o fazer ciência, competências, homens e mulheres e o “respeito” à hierarquia das sucessões no interior do sistema de Cátedras

(“naturalmente”, por direito e tempo, deveria Paula Beiguelman assumir a vaga de Lourival Gomes Machado).

É digno de nota que o nome da Cadeira é *Política*, e não *Ciência Política*, como alguns pensam. Ela teve este último nome apenas no breve período em que Fernando Henrique Cardoso foi seu regente titular, entre 1968/1969. Após 1969, surgiu o Departamento de Ciências Sociais, englobando as quatro antigas Cadeiras. Em 1987, foram constituídos os atuais Departamentos de Sociologia, de Antropologia e o de Ciência Política. O detalhe não é banal, pois os integrantes da Sociologia I a consideravam excessivamente baseada na História, no Direito, na Retórica (como política é também “discussão do discurso”, a Retórica seria necessária). Viam-na como *pouco científica*, ou pouco embasada em dados solidamente empíricos e científicos. Em resumo, para os integrantes da Sociologia I, os da Política trabalhariam mais o *ensaio* e a pesquisa histórica do que a pesquisa empírica.

Realmente, os integrantes da Cadeira de Política serviam-se da “História política” como base de seu trabalho. Na Cadeira dava-se relevo, no caso de autores nacionais, a nomes do porte de Oliveira Vianna, Victor Nunes Leal, Afonso Arinos de Mello Franco, Raymundo Faoro, Caio Prado Júnior. O que denotaria muita História política, institucional, normativa. E, no caso, tanto as assistentes de Paula Beiguelman, quanto ela própria, trabalhavam com História política, por exemplo. Aliás, a análise política das instituições brasileiras ao longo da história era o projeto da vida de Lourival Gomes Machado¹³⁷.

Os que viriam depois de 1970, os grupos pós-Fernando Henrique Cardoso e CEBRAP, pós-Francisco Weffort e Bolívar Lamounier (este, todavia, posteriormente), que sofreram exílio ou que realizaram estudos nos Estados Unidos da América, eram portadores de outras experiências de construção institucional e de concepção sobre a área, propondo estudos sobre atores políticos, por exemplo. Isso é que seria chamado Ciência Política (e que culminaria no futuro Departamento de Ciência Política).

---

¹³⁷ FERREIRA, Oliveira da Silva. Lourival Gomes Machado. **Estudos Avançados**, Revista do IEA/USP, São Paulo, v. 8, n. 22, set./dez. 1994: 284.

De qualquer forma, essas últimas caracterizações acabaram sendo vistas como “desqualificações” pela concepção vitoriosa, a da Cadeira de Sociologia I – como ocorre no mundo acadêmico (o que não significaria que a Cadeira de Política fosse “menor”, como queriam os concorrentes da Sociologia I). Numa suposta “hierarquização”, a Sociologia I seria a primeira, vindo depois a Sociologia II, após, a Antropologia e, por fim, a Política, sem o designativo *Ciência*.

Em verdade, Florestan Fernandes e os integrantes de sua Cadeira achavam que a Política não deveria passar de uma “Sociologia especial” (como a Sociologia política, a Sociologia educacional *etc.*). Curiosamente, até Lourival Gomes Machado achava que a Política deveria ser uma Sociologia especial – apesar de pretender ter a disciplina como Cadeira independente.

As divergências entre ambas as Cátedras não paravam por aí. Fazendo uma simplificação, para os integrantes do antigo grupo Clima, como Lourival Gomes Machado, por exemplo, a ciência e o intelectual deveriam tomar feição *universalista*, ao passo que para Florestan Fernandes o que deveria haver seria o *intelectual especialista*. Tal nos faz recordar que Lourival Gomes Machado trabalhava com Artes Plásticas e fazia crítica de arte. Foi nesses domínios que ascendeu na Faculdade de Filosofia da USP. Além disso, escrevia em jornais paulistanos, afirmando-se como crítico requintado. Essa situação modificou-se quando se tornou regente da Cátedra. Em outras palavras, ele teria se projetado pelo capital social, externo à Faculdade, como um autêntico *one man orchestra*. Vivia muito em Paris¹³⁸, realizando constantes viagens, a trabalho, por ser ligado à UNESCO. Em razão disto, freqüentemente se licenciava, deixando a Cadeira sob a regência, “a título precário”, de Paula Beiguelman.

Pelo exposto, não se poderia dizer que a Política foi simplesmente relegada pela Sociologia I. Ocorreu que realmente esta teve um trabalho ou uma produção de maior volume. As estratégias de publicação da Cadeira de Sociologia I, realizando cursos, organizando ou montando centros de pesquisa, obtendo financiamentos oficiais, mantendo íntimas relações com instâncias de poder no

---

¹³⁸ PONTES, H., *op. cit.*, 1998.

interior da Universidade, com a grande imprensa e com editoras, produzindo muitos livros e periódicos¹³⁹, foram avassaladoras.

Arruda¹⁴⁰ propõe que a tradição francesa na composição das Ciências Sociais *uspianas*, apoiada em Émile Durkheim, destacando a Sociologia como ciência síntese, teria sido a responsável pela hegemonia dessa ciência na USP, em relação à Antropologia e à Política, a despeito de, em momentos diferentes, Lourival Gomes Machado e Florestan Fernandes terem se dedicado a estudos sobre teoria e método, quase que sem distinções tão nítidas¹⁴¹.

Conforme Arruda, esse predomínio da Sociologia (da Cadeira de Sociologia I, em especial) ultrapassa debates de natureza intelectual e não se deixa limitar dinâmicas de carreira. Deriva, de modo especial, da predisposição de Florestan Fernandes¹⁴² de fazer de sua Cadeira uma congregação de jovens sociólogos talentosos e de sua inclinação para o debate sobre concepções intelectuais e sobre política acadêmica. Era realmente *luta simbólica* por poder – no caso, pela obtenção de legitimação intelectual/acadêmica.

Somente após a década de 1970 é que a então recente *Ciência Política*, com a autonomia da *Política* ajudando a delimitar melhor a área¹⁴³, desenvolveria preocupações teóricas.

---

¹³⁹ JACKSON, L. C. *op.cit.*, 2003; ROMÃO, W. de M., *op. cit.*, 2003. Os autores realizaram um exaustivo levantamento sobre as publicações.

¹⁴⁰ ARRUDA, M. A. N. In: MICELI, S., *op. cit.*, 1995: 167.

¹⁴¹ Em 1942, Lourival Gomes Machado defenderia seu Doutorado com a Tese **Alguns aspectos atuais do problema do método, objeto e divisões da Ciência Política**; em 1949, a Tese de Livre-docência, **O tratado do direito natural de Tomás Antonio Gonzaga**; em 1954, sua Tese de Cátedra, **Homem e sociedade na teoria de Jean Jacques Rousseau**.

¹⁴² A passagem marcante do sociólogo pela USP já se fazia sentir desde sua graduação. Referimo-nos à querela, ocorrida em 1941, entre a professora Lavinia Costa Villela e seu então aluno Florestan Fernandes, a respeito da nota *nove*, “sem mais comentários aprofundados”, que este recebera dela, sobre o trabalho de aproveitamento cujo tema era “o folclore na cidade de São Paulo”. Com o então professor titular da disciplina, Roger Bastide, em viagem, a assistente de Sociologia o substituíra na correção de trabalhos e provas. Florestan Fernandes esperou a volta do professor para manifestar a discordância (menos pela nota e mais pela falta de críticas mais aprofundadas que obtivera). Para sua felicidade, o trabalho realmente agradara bastante o professor francês, o que só fortaleceu no futuro líder da Cadeira de Sociologia I sua idéia sobre Lavinia Costa Villela, qual seja, a da inexperiência desta para o cargo, um eufemismo para a desqualificação da profissional. Cf. FERNANDES, F., *op. cit.*, 1977: 161.

¹⁴³ ARRUDA, M. A. N., *op. cit.*, 2001: 193-202. *Apud* FORJAZ, Maria Cecília Spina. **História da Ciência Política no Brasil (1964-1968)**. Exemplar mimeografado, p. 10.

Considerações sobre as Cátedras

A Cadeira de Sociologia I reunia, além da própria Sociologia, estudos das áreas de Política e de Antropologia. Porém, se auxiliou na modelagem da produção antropológica da USP (em termos teóricos, metodológicos e temáticos e nos estudos migratórios, sobre imigrantes na cidade de São Paulo, ou sobre relações raciais), sua hegemonia acabou por dificultar a “independência” da Antropologia como área ou disciplina; em certo sentido, o mesmo se daria em relação à área de Política. Era fato incontestado a ampla hegemonia da Sociologia, desde o início da Faculdade, em relação às Cadeiras de Antropologia e de Política. E, de modo particular, no interior das duas Cadeiras de Sociologia, a hegemonia de Florestan Fernandes e seu grupo.

Esse domínio da Sociologia I se exteriorizava nos choques de seus temas de estudo, de pesquisa e de docência com os temas e objetos das outras três Cadeiras do Curso de Ciências Sociais. Essas interfaces – imigração, migrações urbanas, negros, escravidão, política, sociabilidade/homens livres no Brasil Colônia/Império/República, proletariado urbano, sindicalismo, entre outros – têm características de oposição ou de interpretação diversa nas outras (moda; mulher; cultura; identidade cultural; mandonismo rural; coronelismo; história literária; história política; messianismo *etc.*).

Pelo sistema de Cátedras, ao que parece, até onde se sabe, mulheres nem sequer eram cogitadas para ocupar a regência efetiva de Cátedra. O que não significa que figuras como Florestan Fernandes não merecessem ter obtido a sua – ele encarnava o princípio do mérito, algo extremamente importante para a elaboração da história da Faculdade; e é fato que o sociólogo paulista tinha características diferenciadas¹⁴⁴.

---

¹⁴⁴ ARRUDA, M. A. N., *op. cit.*, 2001: 193-202.

De modo diferente, mas sem quebrar nosso raciocínio, os estudos de Heloisa Pontes sobre o *Clima* mostram que nesse círculo, especificamente por se tratar de um grupo homogêneo no sentido das origens sociais e culturais de seus integrantes, teria o fator *gênero* preponderado (supondo uma ausência de outros tipos de disputas ou tensões nesse meio relativamente equânime que era o grupo *Clima*)¹⁴⁵.

Ora, nas disputas entre as quatro Cadeiras, até os antigos membros masculinos do grupo *Clima* (posteriormente, integrantes das Cadeiras de Política e de Sociologia II, como Lourival Gomes Machado, Antonio Candido de Mello e Souza e Ruy Galvão de Andrada Coelho) teriam sido “dominados” ou “subalternizados” pela Sociologia I – tanto quanto teria sido Gilda de Mello e Souza “subalternizada” no interior do referido grupo. Poderíamos afirmar que o fato de ela ter sido “vencida” por Florestan Fernandes (e acabar se transferindo para o Curso de Filosofia) não seria apenas por sua condição de mulher, mas também pelo fato de ela ser de outra origem social, mais ligada às elites. Os seus trabalhos não estavam identificados com as concepções de ciência que começavam a se afirmar – concepções estas mais ligadas a Florestan Fernandes, de modo especial.

Os integrantes das Cadeiras de Sociologia I e de Sociologia II teriam prevalecido sobre os da Antropologia e os da Política por serem estas menos institucionalizadas do que as de Sociologia. E a Cadeira de Sociologia I predominou sobre a II. A Sociologia I estaria mais preocupada com o “desenvolvimento”, “a modernização capitalista” no Brasil ou os entraves a ela. A Sociologia II operava com as identidades culturais e o que seria o “mundo atrasado”, ou os pilares que mantinham as características originais da tradição das comunidades na sociedade brasileira do período. Nas “disputas” de campo e de poder, essa Cadeira de Sociologia I foi avassaladora em relação a suas congêneres, em todos os sentidos.

Disso tudo se depreende que as professoras terão seus “êxitos” ou “fracassos” relacionados, em boa parte, à “atuação” de Florestan Fernandes e de sua Cadeira de Sociologia I. O relacionamento com esse sociólogo estava ligado às história de todas, direta ou indiretamente.

---

¹⁴⁵ Cf. PONTES, H., *op. cit.*, 1998.

Fazendo uma analogia com as disputas entre a literatura e a Sociologia, ou com o caso da Velha França, representada pelo texto de formato literário, contra a Nova França industrial, detentora do “desenvolvimento” burguês – e esta seria representada pelo texto (mais propenso a científico) de Auguste Comte e o do judeu interiorano e de classe média Émile Durkheim¹⁴⁶, o qual sofreu dificuldades para criar e legitimar um novo campo do saber. Em suas batalhas como intelectuais/cientistas, enquanto atores, mobilizaram características culturais, capitais e origens sociais, no intuito de se legitimar, ficar em evidência ou no poder. Comte era um francês de fora de Paris, aristocrata de família falida, católica e monarquista num país já laico, sem reis e sem nobreza; Durkheim era um judeu nascido na Alsácia-Lorena (num *meio* germanizado) e oriundo de setores liberais.

No caso do último, estar em Paris e aí “vencer”, institucionalizar a Sociologia (foi o criador da primeira Cadeira do país) onde Balzac, Victor Hugo e Flaubert imperavam, seria obra de alguém com a “coragem de um leão”. O livro de Wolf Lepenies, “As três culturas”¹⁴⁷, narra os acontecimentos ocorridos na França, Inglaterra e Alemanha, que contribuíram para a Sociologia se consolidar. Lepenies, bem como Fritz Ringer, em seu “O declínio dos mandarins alemães: a comunidade acadêmica alemã, 1890-1933”¹⁴⁸, mostram que a origem social do grupo é vetor muito importante.

A avassaladora liderança de Florestan Fernandes e de seus comandados não se desprende das suas experiências sociais; tampouco das atitudes que puderam mobilizar. Claro, não só o fato de Florestan Fernandes ser detentor competente dos *modos do saber* e dos *modos do fazer* ciência, como o de ter disposto as querelas departamentais à sua maneira – e muito de sua personalidade de grande, competente e implacável competidor, fizeram com que sua Cadeira suplantasse as outras.

---

¹⁴⁶ Cf. LEPENIES, W., *op. cit.*, 1996.

¹⁴⁷ Cf. LEPENIES, W., *op. cit.*, 1996.

¹⁴⁸ Cf. RINGER, F., *op. cit.*, 2000. Na França e, sobretudo, na Alemanha, a etnia, por exemplo – ou o preconceito contra o judeu – fora vetor nada desprezível – o que não era o caso das Ciências Sociais *uspianas*.

Naturalmente, ele foi muito bem auxiliado pelos discípulos – os quais, em maioria, se não eram oriundos de setores de classes populares, não tinham identidade com as origens dos “elitistas” membros da Cátedra de Sociologia II. Isso, mais do que assimetrias de *gênero*, teria preponderado na “posse” de homens e de mulheres¹⁴⁹. Em outros termos, Florestan Fernandes detinha um *habitus* mais adequado para enfrentamentos dessa ordem.¹⁵⁰

Entretanto, um dos pontos centrais de nossa conformação – e que é ponto de viragem deste trabalho – diz respeito à mudança das regências nas Cátedras das duas Sociologias. Em fins de 1953, Roger Bastide, então regente da Sociologia I desde 1943, retornaria para a França. A partir daí, desde 1954, Florestan Fernandes, então segundo assistente na Cadeira de Sociologia II desde 1945, transfere-se para a Sociologia I, para ser seu regente provisório (efetivando-se, por concurso, em 1964).

A partir de 1954, com Florestan Fernandes no comando da Sociologia I, todas as quatro Cadeiras do curso seriam, direta ou indiretamente, modificadas e afetadas. Poderíamos dizer cinco – a Cadeira de Etnografia Brasileira e Língua Tupi-Guarani, criada nos primórdios da USP (e originadora institucional da Antropologia na Universidade), fora objeto de desejo de Florestan Fernandes, dado que ele tentou, sem sucesso, trazer seu antigo Orientador do mestrado para a regência dela.

A Cadeira de Sociologia I, principalmente, tinha grande assimetria; a hierarquia era dominada pelos homens. Já na Sociologia II isso não se daria de modo tão pleno. Até pelo fato de haver mais mulheres nela, por Maria Isaura Pereira de Queiroz brilhar nessa Cadeira e por Fernando de Azevedo e Ruy Galvão de Andrada Coelho, seus regentes, serem menos “competitivos” (nessa seara) que Florestan Fernandes.

Por outro lado, o sistema em questão é que era quase “perverso” ou quase “patriarcal”, inflexível, imutável. O que não significa uma análise condizente

---

¹⁴⁹ O que não significa, contudo, que os fatores *gênero* e *mudanças geracionais* devam ser desconsiderados. Estes devem ser trabalhados matizados e relacionalmente – sendo isso o realizado nesta Tese.

¹⁵⁰ O suporte e substrato a tudo isso pode ser posto na teoria do campo e nas legitimações das relações de poder elaboradas por Bourdieu, como no texto “O campo científico” (*In: ORTIZ, R., op. cit., 2003*).

a um julgamento de valor negativo de nossa parte, bem explicado – trata-se de uma realidade, pois as coisas eram dispostas dessa maneira na época, “herança” dos fundadores europeus; e era desse jeito que funcionavam as grandes universidades de então.

A situação modificar-se-ia com a extinção desse regime, a partir da criação dos *Departamentos*, no início da década de 1970. Sendo permitida uma comparação, enquanto as Cátedras estariam para “estamentos”, os *Departamentos* estariam para “classes”, pelo fato de seus integrantes terem mais mobilidade nelas.

É certo que o sistema de Cátedras tornava difícil a possibilidade de ascensão, para mulheres. Com essa estrutura, muitas acabavam nem tentando os cargos mais altos ou a Titulatura. Outras nem os perseguiam, verdade seja dita. As condições objetivas não eram realmente as mesmas para todos. Estas dificuldades e obstáculos não impediriam, contudo, que as mulheres, por exemplo, escrevessem trabalhos clássicos, como **Homens livres na ordem escravocrata**, de Maria Sylvia de Carvalho Franco; **A formação do povo no complexo cafeeiro: aspectos políticos**, de Paula Beiguelman; **Estado e partidos políticos no Brasil (1930-1964)**, de Maria do Carmo Campello de Souza; **A caminho da cidade: a vida rural e a migração para São Paulo**, de Eunice Ribeiro Durham; **O mandonismo local na vida política brasileira** ou **O coronelismo numa interpretação sociológica**, de Maria Isaura Pereira de Queiroz.

Nas mudanças estruturais pós-1970 é que as mulheres teriam mais espaço. De fato, Maria Isaura Pereira de Queiroz, segundo os informantes, nunca pretendeu a titulação máxima, seja a regência da Cátedra, seja a Titulatura, por não querer ter a vida de pesquisadora e de professora atrapalhada pelas infundáveis atividades burocráticas e administrativas típicas desses cargos¹⁵¹ – mas talvez isso que não corresponda à verdade plena, pois ela teve de concordar em “ceder” para Azis Simão o cargo de Titular.

E o mesmo não se dera no caso de Paula Beiguelman, que pretendia abertamente a obtenção da regência. Ou, de outra forma, Gioconda Mussolini, que não conseguiu a Cátedra por causa de infundáveis auto-exigências.

---

¹⁵¹ Conforme depoimentos. ANTUNIASSI, Maria Helena R. **Depoimento concedido ao autor**. 28/08/2008; CAMPOS, Maria Christina Siqueira de S. **Depoimento concedido ao autor**. 29/08/2008.

Esses fatos nos fazem supor que o modo de funcionamento de cada uma das Cadeiras seja realmente um bom pressuposto para pensar as formas de sua organização e estrutura assimétricas, bem como sua relação com as origens sociais dos respectivos integrantes, além das relações de *gênero* e de *geração* entre eles. Estariam todas essas condições dadas na lógica do interior do sistema.

***

Essa cartografia das Cadeiras por nós realizada mostra o quanto o formato rígido e “patriarcal” delas limitava, delimitava, restringia ou moldava destinos intelectuais, escolhas e “opções” por temas e objetos de pesquisa. Esse funcionamento estaria, portanto, na base da produção das obras das professoras que integraram essas mesmas Cadeiras. É o que veremos nos próximos capítulos.

***

CAPÍTULO 2: TRAJETÓRIAS

Introdução

A partir do que já expusemos, faremos a descrição das integrantes *modelares* ou *exemplares* das duas gerações, examinando traços marcantes da vida e da obra de determinadas professoras. Abordaremos suas origens, experiências sociais e *habitus* de classe (todos eles relativos aos seus capitais sociais), bem como as relações de sociabilidade a que estiveram associadas, que proporcionavam os estofos, apoios ou suportes institucionais, morais, psicológicos, intelectuais e econômicos, formados por maridos, familiares, amigos(as). Veremos como esses fatores se ligaram para delimitar suas trajetórias intelectuais.

Primeira Geração

A *Primeira Geração* é constituída pelas professoras **Gioconda Mussolini, Paula Beiguelman e Maria Isaura Pereira de Queiroz**.

Gioconda Mussolini nasceu em 1913¹⁵², na cidade de São Paulo, provavelmente no bairro operário do Brás¹⁵³, e faleceu em 1969, na mesma cidade. Filha de um imigrante italiano e de uma brasileira “mulata” (segundo os amigos da antropóloga)¹⁵⁴, sua origem pode estar ligada ao proletariado urbano – isso é apenas suposto, pois o pai era imigrante que se postou em bairros operários simples, tendo

---

¹⁵² MUSSOLINI, Gioconda. *Curriculum vitae*, 1965. Agradeço a gentileza das informações sobre Gioconda Mussolini ao estudioso de sua vida e obra, Andréa Ciacchi, da UFPB.

¹⁵³ Há dúvidas se foi nesse bairro ou no bairro da Luz, próximo. Cf. CIACCHI, Andréa. **As testemunhas do silêncio: Gioconda Mussolini entre lembranças e esquecimentos**, 2007: 5.

¹⁵⁴ CIACCHI, A., *op. cit.*, 2007: 6.

depois começado a abrir pequenas empresas alimentícias e depois, sido contador. Assim, culturalmente, a menina criou-se nesse ambiente simples, originalmente, na companhia de seis irmãs (algumas com nomes baseados em títulos de óperas, casos da própria Gioconda, de Norma e de Aída)¹⁵⁵. Todas se casaram, menos a antropóloga, que teve por companhia, morando com ela até o fim da vida, uma das irmãs (chamada Irma), o marido desta e o filho deles, no bairro da Pompéia, em São Paulo.

Com o pai imigrante e mãe destituída de posses, vários irmãos, morando em bairros operários e estudando em escolas públicas, supõe-se, Gioconda Mussolini teria tido uma infância, se não de todo humilde, pelo menos sem luxos. Ela estudou no Grupo Escolar Regente Feijó, na Escola Modelo do Brás, na Escola Normal Padre Anchieta e no Instituto de Educação Caetano de Campos (1922-34), todos na capital paulista. E fez o “Curso de Aperfeiçoamento de Professores Primários” no Instituto de Educação Caetano de Campos (1933-34), antes da Universidade de São Paulo.

Conforme o depoimento de Renate Brigitte Viertler:

“Por questões de classe, na época, e como o é até hoje, os descendentes de imigrantes (eu mesma sou imigrante de origem alemã) tiveram uma vida muito difícil na Universidade quando comparada com a dos “aristocratas”, de famílias abastadas que podiam realizar carreiras, investir em livros e viagens a congressos, sem se preocupar com a sobrevivência. E, sem dúvida, Gioconda estava entre os humildes. Sempre contou com o apoio da família, em especial da sua irmã D. Irma, com quem morava. Adorava o seu sobrinho...”¹⁵⁶.

Em depoimento a nós concedido, e a título de complementação, Andrea Ciacchi diz que

“Gioconda, apesar de filha de imigrantes, estava já na “classe média”. A trajetória da família, reconstruída através das conversas que tive com a irmã, Ariclê, e checada com outras fontes, me permitiu esclarecer que o

---

¹⁵⁵ CIACCHI, A., *op. cit.*, 2007: 6.

¹⁵⁶ VIERTLER, Renate Brigitte. **Depoimento concedido ao autor**. 21/08/2008.

capital econômico dos Mussolini não era tão modesto. Agora, o capital social, sim (...). Pelo que pude apurar era (sua irmã) Irma (com o marido e o filho, o tal sobrinho) que morava “de favor” numa casa de propriedade de Gioconda, adquirida logo depois da morte dos pais. Até esta data, Gioconda, tendo sido a única das sete irmãs a ficar solteira, morou com eles. Mas sempre em bairros mais do que razoáveis: Bom Retiro, Liberdade, Campos Elísios. Cheguei a ver fotos da empresa de produtos alimentícios do pai delas: tinha uns 50 funcionários. Não era só uma fabriqueta de fundo de quintal. Essas irmãs casaram todas entre os anos 30 e 40 e, na grande maioria, ficaram “no lar”. A Irma era enfermeira. Só Gioconda fez um curso superior. A “independência” dela e a sua projeção profissional me parecem estar interligadas com a falta de casamento.”¹⁵⁷

Todo esse capital social ser-lhe-ia de grande importância. O típico desejo ascensional do imigrante e a concepção de flexibilidade e de crescimento do capital econômico do pai serviriam de estímulo à jovem Gioconda Mussolini quando esta engatinhava em sua vida de pesquisadora recém-formada, para ir construindo seu capital de relacionamentos. Somavam-se a isso a convivência com os professores estrangeiros da USP (Lévi-Strauss e Roger Bastide, por exemplo), a participação em trabalhos e reuniões na Sociedade de Etnografia e Folclore e no Departamento Municipal de Cultura paulistano, bem como os mestres e colegas na pós-graduação da Escola Livre de Sociologia e Política e da USP, como Donald Pierson, Samuel Lowrie, Emilio Willems, Florestan Fernandes, Lavinia Costa Villela¹⁵⁸, Lucila Herrmann¹⁵⁹, Antonio Candido de Mello e Souza, Mario Wagner Vieira da Cunha¹⁶⁰ e Carlo Castaldi¹⁶¹

---

¹⁵⁷ CIACCHI, Andrea. **Depoimento concedido ao autor**. 22/08/2008. Em outro trecho do depoimento que nos concedeu, Andrea Ciacchi diz: “Irmã de Gioconda, Ariclê conta que, nos anos 30, as atividades industriais e comerciais de Umberto Mussolini (*que tinha uma fábrica de doces, panettones etc.*) começaram a entrar em crise. Com a Revolução de 1932, o porto de Santos sofreu um bloqueio e, assim, um moinho de açúcar alemão, que ele havia comprado, não pôde ser desembarcado, causando grande prejuízo à sua fábrica de doces. Essa atividade foi encerrada e Umberto voltou à sua primeira profissão, contador. Trabalhou para várias empresas (entre as quais as Indústrias Matarazzo) e, de graça, no Esporte Clube Corinthians, do qual havia sido sócio fundador (em 1910) e era torcedor apaixonado”.

¹⁵⁸ **Lavinia Costa (Raymond) Villela** nasceu em Sertãozinho, região de Ribeirão Preto (SP), em 1907. Há pouquíssimas informações sobre ela. Não há dados sobre situação familiar, relações de parentesco, estado civil *etc.* A suposição de sua origem social – a da pequena burguesia ascendente – provém do fato de ela ter sido normalista, de ter feito o “Curso de Formação de Professores Secundários”, durante a década de 1930. Essa suposição é reforçada pelo fato de cedo ela ter trabalhado no magistério primário, por três anos, e passado por diversos cargos públicos ligados às áreas da educação e da cultura. Bacharel e licenciada em Ciências Sociais pela Faculdade de Filosofia da USP em 1937, tornou-se primeira assistente na Cadeira de Sociologia I da instituição em 1939. Também estudou na Escola Livre de Sociologia e

Mas seu maior parceiro foi Florestan Fernandes, “parceria em falso” com quem contaria por toda a vida, e com quem dividiria seu grande gosto pelo conhecimento sociológico, a dar grande brilho a sua paixão: o conhecimento antropológico. A interlocução constante com o mestre da Sociologia uspiana ser-lhe-ia fundamental. Em verdade, menos atrapalhou e mais a enriqueceu (daí deveria

---

Política de São Paulo, onde obteve o “Mestrado” em Sociologia, em 1944, orientada por Donald Pierson. Logo após, em 1945, terminaria, na própria Faculdade de Filosofia da USP o Doutorado em Antropologia (foi um dos primeiros alunos a obter esse título pela instituição). Integrando a Cadeira de Sociologia I, trabalhou com Paul Arbousse-Bastide e Roger Bastide. Concentrou seus trabalhos em Antropologia, área em que ficaria mais identificada ou reconhecida. Tendo por tema o folclore, **Algumas danças populares no Estado de São Paulo** é sua principal obra. Cf. VILLELA, Lavinia Costa. **Documentos de Lavinia Costa Villela**, s/d.

159 **Lucila Herrmann** nasceu em São Carlos (SP), em 1902, filha de proprietários rurais (que sofreram os efeitos da crise de 1929) pela parte materna; no lado paterno, imigrantes e profissionais liberais técnicos (pequena classe média) – no caso, o pai era relojoeiro/ourives, judeu-alemão que chegou ao Brasil no final do século XIX, na capital paulista. Lucila Herrmann foi uma típica normalista, fazendo cursos de professora primária (na cidade natal) e de aperfeiçoamento no Instituto de Educação Caetano de Campos, entre 1930 e 1935. Trabalhou, de início, como professora de Sociologia em *escola normal*. Fez licenciatura e bacharelado em Ciências Sociais na Faculdade de Filosofia da USP (1935-37). Licenciou-se na “seção de didática” da mesma instituição, em 1948 e em Ciências Sociais pela Escola Livre de Sociologia e Política de São Paulo pouco antes, em 1942, onde obteve o grau de *Master of Sciences* (Etnologia), em 1946. Obteria, em 1945, o título de Doutor em Sociologia, pela FFCL da USP. Começou na Faculdade de Filosofia da USP comissionada “junto ao Departamento de Estatística, para prestar serviços de pesquisas”, em 1938. Em 1939, tornou-se segunda assistente da Cadeira de Sociologia I e diretora do Centro de Pesquisas e Documentação Social. Ficou na Cadeira até 1947. A partir desse ano, Lucila Herrmann iria se transferir, como técnica em administração, interina, para o Instituto de Administração da Faculdade de Ciências Econômicas da USP, na Cadeira de Ciência da Administração. As informações sobre Lucila Herrmann terminam em 1951, nesse lugar. Faleceu em 1955. Suas obras principais são “Medida da flutuação do operariado fabril da capital”, “Estudo da alteração da estrutura demográfico-profissional do Estado: capital e interior de 1920 a 1934”, **Evolução da estrutura social de Guaratinguetá num período de 300 anos** (Tese de Doutorado) e **Organização social da tribo Vapidianá (Aruak) do Território do Rio Branco**, Tese de *Master of Sciences*). Seus trabalhos se concentram na orientação da Escola Sociológica de Chicago. Mas ela defenderia em 1946 o “Mestrado” em Ciências Sociais, na Escola Livre de Sociologia e Política de São Paulo (sobre os **Vapidianá Aruak** – lembremo-nos de que Florestan Fernandes também defendeu, logo após, tese de mestrado em etnologia, sobre os Tupinambá), que foi importante para delinear sua formação metodológica. Boa parte da influência da Escola de Chicago sobre alguns desses pioneiros da sociologia no Brasil aconteceu graças à Escola de Sociologia e Política. E a contribuição de Lucila Herrmann na estruturação da sociologia dentro da USP é fruto de seus trabalhos – no caso, os referentes à posição social de **negros**, (na indústria paulista), **índios** (com sua Tese de *Master*), o **trabalho infantil**, a **organização do trabalho e evolução histórica do trabalho no Estado de São Paulo**, a **agricultura, mobilidade social e demografia**. Agradecemos esses comentários obtidos nos depoimentos de Luzia Helena Herrmann de Oliveira, da UEL-PR. Cf. também HERRMANN, Lucila. **Documentos de Lucila Herrmann**, s/d. Cf. PONTES, Heloisa; MELLO E SOUZA, Antonio Candido de. Entrevista com Antonio Candido. **Revista Brasileira de Ciências Sociais**, São Paulo, v. 16, n. 47, p. 5-30, 2001; MENDOZA, Edgar S. G. Donald Pierson e a escola sociológica de Chicago no Brasil: os estudos urbanos na cidade de São Paulo (1935-1950). **Sociologias**, 14, 2005, pp. 440-470. Disponível em <http://www.scielo.br>. Acesso em: 09 jan. 2008.

160 Mario Wagner Vieira da Cunha teria frustrado os sonhos de casamento de Gioconda Mussolini, ao ir estudar nos Estados Unidos da América, abandonando-a. O fato de não haver contraído matrimônio muito magoara a antropóloga; e o rompimento com esse homem mais ainda.

161 DURHAM, Eunice Ribeiro. **Depoimento concedido ao autor**. 21/08/2008.

advir suas concepções mais abrangentes, nas comunidades, para uma melhor compreensão das mudanças sociais).

Gioconda Mussolini, como bacharel e licenciada em Ciências Sociais pela Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras da USP em 1937, teve seu primeiro emprego no magistério primário, iniciado em 1933, numa escola de Jacupiranga (SP); após trabalhar em outras instituições de ensino e no Departamento Municipal de Cultura de São Paulo, ingressaria, como comissionada, em 1938, na Cadeira de Sociologia I (seria pesquisadora do Centro de Pesquisas e Documentação Social desta). Depois, tornou-se auxiliar de ensino¹⁶² na Cadeira.

Em 1944, ingressou como segunda assistente na Cadeira de Antropologia, interinamente, até 1949, tornando-se, em seguida, auxiliar de ensino, até 1951; depois, foi primeira assistente (1951-1965) e instrutora¹⁶³ até seu falecimento, em 1969¹⁶⁴. Fez estudos pós-graduados na Escola Livre de Sociologia e Política, onde recebeu o título de *Master of Arts*, em 1945¹⁶⁵.

Gioconda Mussolini trabalhou em estudos sobre grupos indígenas (*vapidianas*, *kaingang*, *bororo*) e caiaças, festas folclóricas e Antropologia física, além de ter realizado pesquisas a respeito do litoral paulista. Sua obra muito

---

¹⁶² MUSSOLINI, G., *op. cit.*, 1965.

¹⁶³ Foi professora de “Estudos Sociais” na Escola Técnica de Comércio Álvares Penteado (1946-1952) e de Sociologia na Escola de Enfermagem da USP (1950-1952). MUSSOLINI, G., *op. cit.*, 1965.

¹⁶⁴ Ligadas indiretamente à Cadeira de Antropologia estavam pessoas de outras carreiras – no caso, a *etnóloga* **Vilma Chiara** (graduada em 1950 pela Escola Livre de Sociologia e Política) e a *arqueóloga* **Luciana Pallestrini** (graduada em 1960 pela USP), que trabalharam apenas como pesquisadoras na Faculdade de Filosofia da USP, “emprestadas” pelo Museu Paulista da USP, não realizando atividades de pesquisa e docência como as demais. Agradecemos estas informações ao professor João Baptista Borges Pereira. PEREIRA, João Baptista Borges. **Depoimento concedido ao autor**. 17/10/2007.

¹⁶⁵ Também recebeu vários prêmios, como uma Bolsa de estudos da Universidade da Califórnia-Berkeley/EUA, em 1947, o 1º. lugar no Concurso de Monografias Folclóricas, da Prefeitura de São Paulo, em 1948, e o convite para reger a Cátedra de Antropologia da Universidade de Assunção/Paraguai, em 1952, do qual declinou; a Medalha “Sylvio Romero”, do Distrito Federal, pelo 100º. Aniversário da Comissão Nacional de Folclore, em 1958. Foi membro da Associação dos Geógrafos Brasileiros, da União Universitária Feminina de São Paulo, da Sociedade de Psicologia de São Paulo (sócio fundador) e da Sociedade Brasil-Japão (sócio fundador). Obteve financiamentos e bolsas de pesquisa da Escola Livre de Sociologia e Política de São Paulo, em 1934 (ajudando Horace Davis em pesquisa sobre os operários de São Paulo); do Departamento Municipal de Cultura de São Paulo, entre 1934-1935 (ajudando Samuel Lowrie e Bruno Rudolfer); dos Fundos Universitários de Pesquisa, da USP, em 1943; da revista *Public Opinion Quarterly*, dos EUA, em 1944 (auxiliando Lloyd Flee em inquérito sobre a guerra), além de ter participado como pesquisadora em auxílio ao trabalho sobre Cunha, dirigido por Emilio Willems, em 1945. Cf. MUSSOLINI, G., *op. cit.*, 1965.

contribuiu para as áreas da “Antropologia da doença” e “Antropologia da pesca”, tornando-a referência básica para estudos a respeito dessa atividade (como a cultura e a organização social de comunidades que disso vivem).

Nesse ponto, em que ela estudou a questão da importância da rede e da pesca entre os caiçaras como instituto relevante para a integração da comunidade, fez uso da *escola funcionalista* (a qual também tivera importância para Florestan Fernandes e para o Orientador do Mestrado de ambos na ELSP-SP, o etnólogo Herbert Baldus). Além disso, foi uma das raras pessoas a ter trabalhado com Antropologia física, lecionando a disciplina. Tanto que, depois de sua morte, a subárea demorou a ser substituída à altura.

A antropóloga realizou uma Dissertação de Mestrado pela ELSP-SP, **Os meios de defesa contra a moléstia e a morte em duas tribos brasileiras: Kaingang de Duque de Caxias e Bororo Oriental**, em 1945. Produziu duas dezenas de trabalhos, entre artigos, resenhas, traduções e coletâneas, das quais se destacam “Os pasquins do litoral norte do Estado de São Paulo e suas peculiaridades na Ilha de São Sebastião” e “Persistência e mudança em sociedade de “folk” no Brasil”, **Evolução, raça e cultura: leituras de antropologia física e Ensaios de antropologia indígena e caiçara** (estas, organizadas postumamente).

Entretanto, a sua Tese de Doutorado da antropóloga, nunca terminada, que teria o nome provável de **Persistência e cultura em Ilhabela**¹⁶⁶, é motivo de controvérsias. Relativo a isso, o fato de Gioconda Mussolini ter sido preterida na regência significaria, para Mariza Corrêa, em seu ensaio sobre a história da Antropologia no Brasil¹⁶⁷, que, além de “hierárquica, a Cátedra era também patriarcal”. A esse respeito, há um comentário interessante nesse texto de Corrêa, que teria sido feito por Emilio Willems (e contado por Oliveiros da Silva Ferreira):

“Éramos doze – apenas uma dúzia! – no primeiro ano de Ciências Sociais: rapazes e moças assustados com a figura imponente de Emilio Willems, que a todos preocupou ao comentar as provas do primeiro

---

¹⁶⁶ CARONE, Edgard. “Nota explicativa”. In: MUSSOLINI, GIOCONDA. **Ensaios de antropologia indígena e caiçara**, 1980: 16.

¹⁶⁷ Cf. CORRÊA, M. In: MICELI, S., *op. cit.*, 1995: 53-65.

semestre de 1947 (e dizer): ‘Antes de comentar as provas e dar as notas, gostaria de dizer que esta escola não é escola-de-espera-marido’”¹⁶⁸.

Este assunto está intimamente relacionado ao fato de a ausência do título de *Doutor* ter impedido a antropóloga de disputar a Cátedra, *conditio sine qua non* para a regência¹⁶⁹ (na verdade, mais relevante era a Livre-docência; na falta desta e de candidatos, serviria o título de *Doutor*), o que teria levado Egon Schaden à busca de um regente titular em outro *doutor* próximo, mesmo que isso significasse “mexer” na hierarquia. Com essa informação da interminável ou demorada finalização da Tese de Gioconda Mussolini, João Baptista Borges Pereira (que já era Doutor) foi indicado por Egon Schaden, e sentiu-se tranquilo para ficar como regente da Cadeira, segundo ele próprio¹⁷⁰.

Segundo as pesquisas de Andrea Ciacchi¹⁷¹, bem como de acordo com depoimentos de antigos colegas dela, como o próprio João Baptista Borges Pereira¹⁷², o extremo senso de rigor da cientista seria uma das principais razões de ela nunca ter concluído sua Tese. Isso lhe teria trazido intensas angústias¹⁷³, principalmente nos últimos anos de vida – o que pode ser percebido nas cartas dela para seu grande amigo, Florestan Fernandes, poucos meses antes de falecer¹⁷⁴.

---

¹⁶⁸ *Apud* FERREIRA, Oliveiros da Silva. “Maria Antonia começou na praça”. In: SANTOS, Maria Cecília Loschiavo dos (org.). **Maria Antonia: uma rua na contramão**. São Paulo: Nobel, 1988. Pp. 19-26.

¹⁶⁹ A opinião de Renate Brigitte Viertler é diferente de Mariza Corrêa: “Não acho adequada a qualificação de “patriarcal” à Cadeira à época em que conheci a Professora Gioconda. Sem dúvida, havia mais homens do que mulheres nos cargos de ponta e nas Cátedras da USP (década de 60). Gioconda formou-se na Escola de Sociologia e Política, convivendo com Willems e Schaden, trabalhando com e para eles.” VIERTLER, Renate Brigitte. **Depoimento concedido ao autor**. 21/08/2008. Da mesma maneira, Eunice Ribeiro Durham discorda de Mariza Corrêa. DURHAM, Eunice Ribeiro. **Depoimento concedido ao autor**. 21/08/2008.

¹⁷⁰ Conforme depoimento a nós concedido por João Baptista Borges Pereira. PEREIRA, João Baptista Borges. **Depoimento concedido ao autor**. 17/10/2007.

¹⁷¹ CIACCHI, A., *op. cit.*, 2007: 24-42.

¹⁷² PEREIRA, João Baptista Borges. **Depoimento concedido ao autor**. 17/10/2007.

¹⁷³ Eis o depoimento de Renate Brigitte Viertler: “A Professora Gioconda teve um grande sonho que não logrou realizar: um filho. Pude avaliar isto por ocasião de minha primeira gravidez e quando dei à luz ao meu primeiro filho (de quem ela foi a madrinha), quando ela chorou muito.” VIERTLER, Renate Brigitte. **Depoimento concedido ao autor**. 21/08/2008.

¹⁷⁴ *Cf.* CIACCHI, A., *op. cit.*, 2007: 40-41.

Também relacionados a essa questão, temos testemunhos de grande respeito, apreço e estima a ela, como os de Antonio Candido de Mello e Souza:

“(...) Gioconda era sensível, inquieta e insatisfeita, sobretudo consigo mesma. E como era extremamente apaixonada, a sua vida mental foi exigente e angustiada. Lia sem parar, interessava-se a fundo pelos problemas, submetia os livros e as idéias a uma indagação sem fim, que se traduzia nas relações por um gosto quase obsessivo pelo debate. No fundo, a procura da precisão e do conhecimento pleno. Ela chegava na Faculdade com as leituras e as reflexões da véspera na cabeça e se agarrava ao primeiro colega ou aluno disponível, para comentar, indagar, expor as dúvidas, rever tudo por todos os lados. Isso porque há nos seus trabalhos uma certa inclinação pela minúcia, pois a minúcia multiplica as possibilidades de verificação e parece, graças ao acúmulo de dados, prometer a certeza que o espírito procura em vão. (...) Daí o balanceio entre a paixão da leitura e a paixão da pesquisa de campo, desaguando num certo descritivismo cheio de fidelidade, que em pessoas como ela traduz a retidão da inteligência.”¹⁷⁵

Da mesma forma, os depoimentos de ex-alunos:

“(...) tinham (Ruth Correa Leite Cardoso e Eunice Ribeiro Durham) particular admiração por Gioconda Mussolini e já tinham conseguido para ela a posição de uma espécie de “catedrática assistente” ao obterem a sua indicação como responsável pela Cadeira de Antropologia no curso noturno. Como Gioconda não concluía seu Doutorado à época da aposentadoria de Schaden, a solução encontrada por ambas para mantê-la na linha de sucessão foi encaminhar ao Conselho Universitário, onde apenas os Catedráticos tinham assento, a proposta de contratação de um professor estrangeiro para substituí-lo temporariamente, o que não foi feito.”¹⁷⁶

Todas essas revelações do auto-rigor de Gioconda Mussolini denunciam que esse perfeccionismo iria acarretar-lhe problemas, por ser, de igual modo, originado nas posições contrárias da antropóloga em relação aos

---

¹⁷⁵ MELLO E SOUZA, Antonio Candido. “Prefácio”. In: MUSSOLINI, G., op. cit., 1980: 9.

¹⁷⁶ Depoimento de Egon Schaden ao Projeto de História da Antropologia no Brasil. Publicado em CORRÊA, Mariza. “A antropologia no Brasil (1960-1980)”. In: MICELI, S., op. cit., 1995: 54-55.

direcionamentos ou balizas teóricas e metodológicas de Emilio Willems e Egon Schaden. Uma posição rebelde e ousada da antropóloga.

Mas, além desta problematização, ligada às correlações entre homens e mulheres (no caso, às relações de sociabilidade entre membros das Cadeiras e amizades com alunos, colegas e familiares), temos, de mais positivo, algo que marca Gioconda Mussolini, que é o fato, bem observado pelo estudioso da obra dela, Andrea Ciacchi¹⁷⁷, de a antropóloga ter conseguido cair rapidamente nas boas graças da elite intelectual paulistana e *uspiana* do início da Universidade, “certamente pelo bom rendimento escolar”¹⁷⁸, bem como de ter participado, como jovem observadora, das primeiras reuniões da Sociedade de Etnografia e Folclore. Tudo isso lhe teria granjeado, a nosso ver, a intimidade com a “elite acadêmica” de que não fazia parte e que a origem não lhe pudera oferecer¹⁷⁹.

Baseados em informações, podemos supor que a não conclusão da Tese de Doutorado de Gioconda Mussolini talvez esteja ligada às suas rugas e rupturas com o Orientador, Egon Schaden, mais do que a outros motivos (não obstante o bom relacionamento pessoal com ele). E o rompimento com o Orientador, se na atualidade já é algo intelectual e institucionalmente problemático, na época era a destruição da tese e da carreira¹⁸⁰.

---

¹⁷⁷ CIACCHI, A., *op. cit.*, 2007: 11-12.

¹⁷⁸ MELLO E SOUZA, A. C. de, *op. cit.*, 2001: 18.

¹⁷⁹ “No caso de Gioconda (sobre amizades), eu acho que com o Florestan. E o Antonio Candido, mas mais o Florestan. Ela tinha mais amizades, mas eu não me lembro. Tinha aquela do Instituto de Administração, a Lucila Herrmann. Lavinia eu também acho que era muito amiga da Gioconda. Elas foram para outro lugar. Ela era muito ligada, tinha uma relação muito estreita com o Mario Wagner, foi mais estreita, de todo o pessoal da Faculdade de Filosofia, mas eu não peguei isso, estava no Exterior. Ela teve também uma relação muito estreita com o Carlo Castaldi, o italiano. Foi muito amigo da Gioconda, ele não era da Faculdade de Filosofia, era um estudante de Letras que veio fazer um Doutorado no Brasil, na Bahia, depois foi pra São Paulo. Mas depois ele foi embora, abandonou a Antropologia, entrou no ramo de negócios de petróleo e ficou rico (rsss)”. DURHAM, Eunice Ribeiro. **Depoimento concedido ao autor**. 21/08/2008.

¹⁸⁰ Em seu depoimento, diz Renate Brigitte Viertler: “Foi grande amiga de Paula Beiguelman, da Ciência Política, e adorava Florestan Fernandes. Nunca se sentiu “perdida” entre a Antropologia, a sua grande paixão intelectual, e a Sociologia, nem houve ligações entre a sua obra e a de outras professoras, o que não quer dizer que ela não se interessasse por elas. Exatamente porque se sentia muito próxima, Gioconda se permitia ter diferenças com Schaden e Willems, ambigüidade afetiva esta própria a pessoas que trabalham muito juntas, já que havia poucos antropólogos na época (a Cadeira de Antropologia teve o seu começo com Schaden e uma assistente: Gioconda). Gioconda era uma erudita e conhecia profundamente as várias vertentes da Antropologia, trabalhava sistematicamente na compilação de materiais ligados aos seus interesses teóricos com especial ênfase na Antropologia Física, Antropologia Cultural e Social; e

Dáí que a suposição sobre “preconceito” oriundo de relações de *gênero*, como poderíamos entender hoje, soma-se às injunções de origens sociais, de geração e de disputas de poder nas relações no interior das cadeiras, para a compreensão da questão¹⁸¹. Mas, para essa questão de Gioconda Mussolini, as disputas simbólicas entre as Cadeiras, e internas a elas, continuariam, pois, tempos após João Baptista Borges Pereira assumir a Cadeira de Antropologia, Ruth Correa Leite Cardoso e Eunice Ribeiro Durham deixariam a área. No início da década de 1970, ambas migrariam para a então recente área de Ciência Política, no igualmente recente Departamento de Ciências Sociais. Trabalhariam com interfaces entre a área original e a nova.

Ora, mudando para o lado exitoso da antropóloga, propomos que ele seria fruto das “parcerias” dela. No caso, um grande apoio da família – a irmã Irma e o filho desta, Silvio. Gioconda Mussolini contava com esses familiares, que devem lhe ter fornecido suporte e suprido a ausência de filho e de marido que ela nunca teria. Isso lhe traria, se não acréscimo intelectual, pelo menos a base emocional para suportar o cotidiano da Academia.

Os alunos, igualmente, supririam essa carência, como mostram muitos depoimentos. Além deles, as amigas “cúmplices” e interlocuções com as assistentes Eunice Ribeiro Durham e Ruth Correa Leite Cardoso, com a orientanda Renate Brigitte Viertler, de quem até batizou a filha, e com o grande amigo Florestan Fernandes, cujo padrão de trabalho Gioconda Mussolini perseguia¹⁸². No dizer de Eunice Ribeiro Durham:

---

substantivos, *estudos de comunidade* e “caixas”. Creio que esta formação teórica e crítica tão complexa e rigorosa possa ter sido um obstáculo à finalização da Tese, que se lhe exigia por motivos burocráticos para assumir a regência da Cadeira. Se para Schaden “o bom é inimigo do ótimo”, para Gioconda, “sem estar ótima, uma Tese apenas ‘boa’ não poderia ser apresentada” (o que me deixou profundamente insegura quando da apresentação de minha própria Tese após a morte da Professora, já que tive muita proximidade com ela pois fazíamos encontros e seminários em sua casa, pelo que absorvi muitos dos seus valores).” VIERTLER, Renate Brigitte. **Depoimento concedido ao autor**. 21/08/2008.

¹⁸¹ Adicionado a isso, estaria o problema do preconceito por escolhas de temas supostamente “menores”, caso de Gilda de Mello e Souza e seu tema *moda*.

¹⁸² Além desses, muito ligados à antropóloga estavam Antonio Augusto Arantes e Hunaldo Becker. Agradecemos estas informações ao professor João Baptista Borges Pereira. PEREIRA, João Baptista Borges. **Depoimento concedido ao autor**. 04/03/2009.

“Gioconda tinha como padrão o trabalho de Florestan. E eu acho que o Schaden dificultou um pouco a carreira dela; se ele tivesse estimulado a Gioconda um pouco mais, ajudado em alguma coisa. O Schaden jamais ajudou alguém a fazer tese (...). Então eu acho que a Gioconda ficou um pouco sozinha demais. Porque eu e a Ruth nos apoiávamos, mas ela (estava só) (...). A Gioconda era uma excelente professora, uma *scholar*, tinha uma enorme cultura antropológica, de todas as áreas da Antropologia. Você tem que estudar os autores em sua época e pelo que eles querem dizer. Assim, com a Gioconda eu fiquei imune a modismos (...).”¹⁸³

Vemos, assim, que essas amigas estavam sempre ao lado da “mestra”, seja nas questões pessoais, seja nas intelectuais e nas institucionais. Foi cumplicidade intelectual que originou análises e orientações para além da Academia, eternizando-se no exemplo e na influência que estas afirmam terem recebido da antropóloga.

Paula Beiguelman, grande amiga de Gioconda Mussolini na Faculdade, nasceu na cidade de Santos (SP) em 1926. Com origens proletárias urbanas¹⁸⁴ e de família judia modesta, teve dificuldades econômicas na infância. Estudou em colégio público (o Ginásio do Estado), em sua cidade natal.

Essa professora tem uma das histórias mais diferenciadas entre as demais¹⁸⁵. De origem judaica¹⁸⁶, proveniente do proletariado, seria aluna dedicada e precoce (pelos anos de seu nascimento e de formaturas, 1926 e 1944/1945,

---

¹⁸³ Eunice Ribeiro Durham fez questão que registrássemos o que pensava da mestra, o que esta lhe legou como profissional, pois, realmente, ela gostava muito de Gioconda Mussolini. DURHAM, Eunice Ribeiro. **Depoimento concedido ao autor**. 21/08/2008.

¹⁸⁴ Suposto a partir de depoimento. Cf. BEIGUELMAN, Paula. Depoimento de Paula Beiguelman. **Informe**, mar. 2004: 19. Registramos o fato de Paula Beiguelman ter sido bastante reticente ao único (e breve) contato telefônico.

¹⁸⁵ Agradecemos as informações de Dimitri Pinheiro Silva, que realiza seu Mestrado em Sociologia, na FFLCH-USP, sobre Paula Beiguelman.

¹⁸⁶ A suposição é feita mediante nota em que Miceli lista as famílias de judeus nos cursos de Ciências Sociais da USP e da ELSP-SP. Eram “famílias de antiga implantação na comunidade judaica paulista. Entre os sobrenomes das famílias judias pode-se registrar o das famílias Levy, Schreider, Loewenberg, Hamburger, Segall, Tepermann, Farkas, Berezovsky, Beiguelmann, Feinberg, Lifchitz, Goldberg, Rosenberg, Berezin, entre outros, perfazendo em torno de 13 a 15% dos licenciados”. E entre os herdeiros da elite da comunidade judaica de São Paulo (mas, concentrados na Faculdade de Direito da USP) estavam “as famílias Mindlin, Goldstein, Kauffmann, Schwartzman, Frankenthal, Cherkasky, Feldmann, Tabacow, Zimmermann, Gorestein, Rotenberg *etc.*”. Cf. MICELI, S., *op. cit.*, 2001: 94; 97.

respectivamente, presumimos que ingressou cedo na Faculdade de Filosofia da USP, sem talvez nem ter feito o Curso “Pré”, mais ou menos com 16 anos de idade); parece ter sido arrojada, corajosa, ousada, o que se depreende de trechos coletados de seus depoimentos:

“Os professores do Ginásio, que me apreciavam por eu haver sido sempre a primeira aluna da classe, preferiam que a escolha recaísse sobre Matemática, por exemplo. Mas continuavam a apoiar-me e até generosamente se propunham a cotizar-se (à nossa revelia) para que minha família pudesse manter-me na Capital. (...) E assim, levada pela minha mãe (...), preenchi os necessários documentos e realizamos minha inscrição na Faculdade de Filosofia. Era nossa primeira ida a São Paulo. (...) Preocupada (como meus professores de Santos) com o problema econômico da minha manutenção no pensionato onde passei a residir, tomei uma iniciativa que só a desenvoltura da pouca idade explica. Dirigi-me à Diretoria e, perante um grupo de professores reunidos, expliquei a minha situação. Queria trabalhar em um serviço remunerado, na Secretaria. Perguntaram-me que área estava cursando. Quando respondi Ciências Sociais, percebi um relance de dúvida quanto à viabilidade profissional, como era comum nessa época. Mas a questão imediata a ser levada em conta era outra. E a resposta foi inesperada e emocionante: “Vamos oferecer-lhe uma coisa melhor do que aquilo que pede. Você ganhará uma bolsa”. E, de fato, com a bolsa de estudos que me permitia pagar o pensionato e, suplementarmente, um cafezinho por dia após as aulas, frequentei o meu Curso de Ciências Sociais até o fim. (...) Sentíamos dificuldade para acompanhar as exposições em francês, principalmente no começo.”¹⁸⁷

Essas palavras demonstram uma personalidade dotada de vontade férrea, e não escondem um suposto desejo de ascensão social obtida pela educação, típico das camadas populares, sobretudo as de extração imigrante. Outra característica marcante do comportamento imigrante é a presença de certa indistinção no tratamento educacional e na criação dos filhos, de ambos os sexos¹⁸⁸. Paula Beiguelman e o irmão mais novo dedicaram-se aos estudos, tendo este se tornado um cientista da área médica e renomado quadro docente da UNICAMP. Na

---

¹⁸⁷ BEIGUELMAN, Paula, *op. cit.*, 2004: 19-20.

¹⁸⁸ Diferente era a educação dos filhos de setores da elite – estes eram, muitas vezes, criados de forma assimétrica, com o menino seguindo carreiras tradicionais, como a Medicina, a Engenharia, o Direito ou a administração dos negócios e fazendas do pai; a menina seguiria uma educação apenas básica num colégio interno, esperando o casamento com rapaz de família de extração social semelhante. Cf. TRIGO, M. H. B., *op. cit.*, 1997; TRIGO, M. H. B., *op. cit.*, 2001.

trajetória da professora, portanto, há algo de semelhante ao percurso de Florestan Fernandes, exemplo do “*lumpen-proletário*” a ascender a uma posição social e intelectual de respeito no meio acadêmico.

Parte desse conjunto de criação e formação, bem como as relações sociais aí vividas, deverá refletir-se futuramente nas tomadas de posições, na carreira e na caracterização das obras de Paula Beiguelman¹⁸⁹. Ao terminar o bacharelado e a licenciatura em Ciências Sociais pela Faculdade de Filosofia em 1945 e antes de iniciar a carreira como cientista social, tornou-se funcionária pública concursada do Departamento de Serviço Público. Depois, transferiu-se para o Departamento Estadual de Estatística, da “Secretaria do Governo”¹⁹⁰. Deixou o emprego quando foi convidada por Lourival Gomes Machado para, comissionada, lecionar na Faculdade. Em 1949, iniciou como auxiliar de ensino na Cadeira de Política, no momento em que esta era regida pelo francês Charles Morazé.

Substituiu, em 1952, o primeiro assistente da Cadeira de Política, Lourival Gomes Machado. Foi sua colaboradora na Cadeira (numa “regência a título precário”) por vários anos, ao tempo em que ele, enquanto regente titular, encontrava-se na Europa, trabalhando para a UNESCO. Ao longo de seu trabalho na Faculdade teve como principais colaboradoras Célia Nunes Galvão Quirino dos Santos e Maria do Carmo Campello de Souza; e, por um curto período, contou com o auxílio de Nely Pereira Pinto Curti¹⁹¹, Cecy Martinho¹⁹² e Marly Martinez Ribeiro Spinola¹⁹³.

---

¹⁸⁹ “Na Cadeira de Política, na época em a Paula estava lá, era a única de origem judaica; o Kugelmas é muito mais moço; na primeira equipe da Cadeira de Política, só a Paula era judia. Mas isso (a judeidade) de modo nenhum facilitava, nem prejudicava. Uma das coisas interessantes da Faculdade é que ela era claramente contra o preconceito. Então, a idéia de que alguém tenha sido prejudicado por ser judeu é completamente extravagante. Ou beneficiado, também. A questão de gênero seria um pouco mais séria no sentido de... olha, a vida acadêmica era problemática para as próprias mulheres. Quer dizer, assumir um papel de tipo novo... eu me lembro das mulheres falarem das dificuldades, mas eu não penso que tivessem barreiras. Sobre as origens sociais, as famílias judias dificilmente são proletárias. Pode ser modesta, pequena burguesia, mas dificilmente são proletárias. A dela era uma família que visava, era uma família estudiosa, ela tem um irmão que foi um biólogo importante, na Unicamp, uma sobrinha intelectual. Deve ter sido de uma família modesta. Paula era muito amiga de Gioconda e muito amiga do Florestan.”. SCHWARZ, Roberto. **Depoimento concedido ao autor**. 01/10/2008.

¹⁹⁰ BEIGUELMAN, Paula. **Documentos de Paula Beiguelman**, s/d: folha 4.

¹⁹¹ **Nely Pereira Pinto Curti** terminou o bacharelado e a licenciatura em 1954; entre 1955/1956 fez “Especialização”, orientada por Paula Beiguelman, com o tema “As Revoluções da Pré-Independência brasileira”, publicada resumidamente como **A realidade sociopolítica nas Minas em fins do século**

Doutorou-se na área de Política com a Tese **Teoria e ação no pensamento abolicionista**, em 1961, e tornou-se professora livre-docente com **Contribuição à teoria da organização política brasileira**, em 1967. A importância de Paula Beiguelman, podemos dizer, reside no estudo da formação política do povo brasileiro, estando esta temática sistematizada nas obras **Formação política do Brasil**, **Pequenos estudos de ciência política** e a Tese **A formação do povo no complexo cafeeiro: aspectos políticos**.

Essa Tese foi apresentada no concurso em que disputou com o Livre-docente Fernando Henrique Cardoso, em 1968, a obtenção da regência efetiva da Cadeira de Política – vaga com o falecimento de Lourival Gomes Machado. O sociólogo foi o vencedor (com a Tese **Política e desenvolvimento em sociedades dependentes: ideologias do empresariado industrial argentino e brasileiro**). Mas Paula Beiguelman era a candidata mais “natural” ao cargo, pois trabalhava na área de Política como assistente de Lourival Gomes Machado, de modo mais sistemático, desde 1954.

A esse respeito, trabalhamos com a idéia de que a hegemonia da forma de se fazer ciência na Faculdade de Filosofia da USP era o intuito do grupo em torno de Florestan Fernandes – grupo este que, além de dominante, contava com o também predomínio de homens. Pois, unido, “torcendo” por Fernando Henrique Cardoso, estava até o historiador Sergio Buarque de Hollanda (integrante da banca do concurso e regente da Cadeira de História da Civilização Brasileira, do Curso de História, da FFCL-USP). Ou seja, poderia ser também um “acordo de cavalheiros” sua vitória. Assim eram muitos concursos para Cátedras¹⁹⁴.

XVIII: análise ideológica da produção literária do grupo mineiro, na *Revista de História*. Foi professora no ensino secundário e instrutora na Cadeira de Política entre 1966 e 1968. Cf. CURTI, Nely Pereira Pinto. **Documentos de Nely Pereira Pinto Curti**, s/d.

¹⁹² **Cecy Martinho** terminou o bacharelado e a licenciatura em 1962. Entre 1963/1964 cursou a “Especialização”, orientada por Paula Beiguelman, com o tema “Organização Política Brasileira no Primeiro Período Republicano” e título similar. Foi instrutora na Cadeira de Política entre 1966 e 1968, por semestres esparsos. Cf. MARTINHO, Cecy. **Documentos de Cecy Martinho**, s/d.

¹⁹³ **Marly Martinez Ribeiro Spinola** fez bacharelado e licenciatura em 1962. Ficou na Cadeira, como instrutora, apenas por um semestre, em 1966. Essas informações, esparsas e pouco sistematizadas, foram obtidas a partir dos “processos de contrato” ou “Memoriais” que nos foram franqueados.

¹⁹⁴ Agradeço essa informação a João Baptista Borges Pereira. PEREIRA, João Baptista Borges. **Depoimento concedido ao autor**. 17/10/2007.

Paula Beiguelman ousou se insurgir e disputar, sabendo da enorme contrariedade de Florestan Fernandes. Quis desmontar um “jogo de cartas marcadas”. Até contava com o apoio dos estudantes. De nada adiantou. Até porque, reiteramos, a “competência” (no “conteúdo” do texto apresentado, na oratória da aula, na argüição, na produção intelectual), da mesma forma, também importava, e muito¹⁹⁵. E essa competência parecia estar mais com Fernando Henrique Cardoso¹⁹⁶.

Em verdade, para além dessas relações de poder, havia também a questão da construção/afirmação de novas linhagens disciplinares. Ou seja, um elemento político-ideológico de concepção de ciência, pelo fato de o grupo em torno da Sociologia I se dizer pretendente ou realizador de uma ciência “profissional”, não perpassada por ideologias ou por um “*marxismo* vulgar”, contaminado pelo ISEB ou pelo PCB (e outras tantas correntes partidárias)¹⁹⁷. No dizer de Roberto Schwarz:

“A Paula era *marxista*, uma mulher definida de esquerda, estava empenhada em criar um *marxismo* que fosse adequado ao Brasil, que não fosse importação de esquemas, que fosse uma elaboração original, em termos acadêmicos. Eu penso que a atividade política dela, ela era muito politizada, mas academicamente. Eu não tenho notícias de que Paula tenha militado em partidos, pelo menos. Ela tinha interesse em produzir coisas *marxistas* que fossem adequadas ao Brasil. Ela ambicionava fazer trabalhos de muita qualidade e de esquerda. Paula era uma professora de qualidade excepcional, dava aulas muito bem preparadas, verdadeiros ensaios; o curso sobre *pensamento conservador*, que opunha o *pensamento conservador* ao *pensamento ilustrado*, depois o *pensamento*

---

¹⁹⁵ Segundo o amigo dela Roberto Schwarz: “Olha, a Paula concorreu e normalmente ela teria ganho. Do ponto vista da história interna da Cadeira, ela era a sucessora do Lourival. Então, não é verdade que as mulheres não estavam previstas. A Paula perdeu o concurso pro Fernando Henrique, que não era da Cadeira. Em princípio, a Cadeira se organizou para que o sucessor do Lourival fosse uma mulher, a Paula. Eu assisti o concurso, o Fernando Henrique estava voltando do Chile, da Cepal, com muito prestígio. Ele veio muito bem armado, mas a Paula também estava muito bem armada. Mas foi um concurso importante, grande, sério (...). Agora, não há dúvida que o Departamento (Cadeira) de Política encaminhou a sucessão para a Paula. Ela foi convidada e perdeu para o Fernando Henrique, que era um candidato forte. Mas não perdeu por ser mulher. (...)”. SCHWARZ, Roberto. **Depoimento concedido ao autor**. 01/10/2008.

¹⁹⁶ Conforme depoimento de Maria Hermínia Brandão T. de Almeida. ALMEIDA, Maria Hermínia Brandão T. de. **Depoimento concedido ao autor**. 18/08/2008.

¹⁹⁷ Significativo foi o fato de suas três assistentes – Nely Pereira Pinto Curti, Cecy Martinho e Marly Martinez Ribeiro Spinola – terem sido, uma a uma, em momentos diferentes, entre 1966 e 1968, sumariamente cortadas, “por critérios ideológicos, quem sabe?...”, para se colocar no lugar protegidos. Conforme depoimento de Eva Alterman Blay. BLAY, Eva Alterman. **Depoimento concedido ao autor**. 12/08/2008.

dialético como síntese dos dois, muito baseado em Mannheim, **Ideologia e utopia**... o curso *Teoria e prática no pensamento abolicionista* foi notável... Ela era notável, isso é importante dizer. E a preocupação dela (e de outros em geral), que era a criação de um *marxismo* anti-dogmático, fora de partidos comunistas, levando em conta a realidade brasileira, competitivo como padrão científico. Assim como nos Seminários, mas ela não participou deles por ser de outra geração e por rivalidades intelectuais.”¹⁹⁸

Mas entrevistas e depoimentos de Fernando Henrique Cardoso (mesmo as que não se refiram diretamente a esse entreviro com Paula Beiguelman) reiteram a interpretação de seu grupo, o que fortalece o recorrente desejo deste, que era a afirmação da disciplina sociológica – e disciplina quase única¹⁹⁹. E tal modo mais “competente”, “profissional”, no limite, indo até a quase *desqualificador dos oponentes*, não significaria que a concepção do grupo fosse também desvinculada de qualquer teor político-ideológico²⁰⁰. É o que poderia ser percebido neste significativo trecho:

“(...) Uma vez, assisti à Tese de (Livre-) docência de Paula Beiguelman, professora da USP, autora de um livro sobre os estilos de pensamento no período do Império. Joaquim Nabuco representaria o pensamento progressista, enquanto Bernardo Pereira de Vasconcelos encarnaria o conservador. Então Sérgio Buarque de Holanda, que era um sábio, disse: “Doutora Paula, a senhora já leu Burke?” Burke é o grande teórico conservador na Inglaterra. “A senhora acha que o que aquela gente fazia, ou pensava, tinha algo a ver com Burke? Porque o pensamento conservador é uma coisa séria. Pode-se discordar, mas tem fundamentos.” Aqui, concluía Sérgio Buarque, eles não eram conservadores – “eram atrasados”. Em larga medida, nosso problema é o atraso. O problema não é ser de esquerda, direita, liberal, social-democrata ou conservador. É ser atrasado. Tem de haver um *aggiornamento*. Muita gente percebeu isso e faz críticas nessa direção. Na imprensa inclusive. E às vezes fustigam também o nosso atraso, o do

---

¹⁹⁸ SCHWARZ, Roberto. **Depoimento concedido ao autor**. 01/10/2008.

¹⁹⁹ Cf. BASTOS, É. R.; ABRUCIO, F. *et alii*, *op. cit.*, 2006; CARDOSO, F. H. In: SANTOS, M. C. L. dos (org.), *op. cit.*, 1988; CARDOSO, F. H., *op. cit.*, 1981-84; CARDOSO, F. H. Universidade precisa de mais método e menos ideologia. *Folhaonline*, 2004; CARDOSO, F. H.; TOLEDO, Roberto Pompeu de. As razões do presidente: o sociólogo Fernando Henrique expõe a doutrina do governo Fernando Henrique, *Veja*, 1997.

²⁰⁰ Em certo sentido, Florestan Fernandes muito batalhara pela orientação, dele e da Universidade, de privilegiar a atuação acadêmica em prejuízo da política. Cf. GARCIA, S., *op. cit.*, 2002.

governo – as dúvidas do governo, os compromissos que o governo às vezes assume. Posso até me irritar num dado momento, mas filosoficamente estou de acordo. Acho que contribui para o avanço. Creio que uma ação política, digamos, crítica, hoje, não pode dar as costas para o sentido do que estamos fazendo. Tem-se de examinar o que há de novo, e perguntar: “Dá para inovar mais?” Essa é a pergunta certa. O certo é apontar: “Ah, isso não é inovação. É atraso”. Isso só se faz dialogando.”²⁰¹

Assim, o que ajudaria a confirmar nossas conclusões é o auxílio dessa arquitetura institucional iniciada por Florestan Fernandes. Em 1964 ele havia obtido sua oficialização na Cátedra de Sociologia I (era regente, no lugar de Roger Bastide, desde 1953). Em 1964, com Fernando Henrique Cardoso ausente do País (fora para a CEPAL, no Chile), Florestan Fernandes estimulava Octavio Ianni a disputar a Cadeira de Sociologia II, que seria contra Ruy Galvão de Andrada Coelho. Entretanto, este venceria o concurso (em verdade, já era há quase dez anos o regente interino). Da mesma forma, em 1963, como dissemos, Florestan Fernandes já tentara, sem sucesso, trazer Herbert Baldus para a Cadeira de Etnografia do Brasil e Língua Tupi-Guarani – Egon Schaden é quem conseguiria incorporar para sua Cadeira.

Dominando a Sociologia I, e tendo, supostamente, a Sociologia II com Octavio Ianni, a Política com Fernando Henrique Cardoso e a Etnografia do Brasil e Língua Tupi-Guarani com Herbert Baldus, é de se pensar como poderia ser um “império” sob a liderança de Florestan Fernandes. De qualquer forma, a consolidação do regime militar, após 1968, desconstruiria os projetos institucionais em curso ou já estabelecidos na Universidade, e lhe daria novas configurações.

Paula Beiguelman foi aposentada compulsoriamente pelo governo militar em 1969, junto com Florestan Fernandes, Fernando Henrique Cardoso, Octavio Ianni, entre outros. Sobre isso, diz-nos Maria Hermínia Tavares de Almeida:

“Não existe a obra dela após 1969. Continuou-se lendo Celso Furtado, Florestan Fernandes em menor grau, há coisas do Fernando Henrique

---

²⁰¹ In: CARDOSO, F. H.; TOLEDO, R. P., *op. cit.*, **Veja**, 1997.

que você lê até hoje ... da Paula, não! Ela teve uma importância no seu tempo. A obra não ficou. Agora, perder o concurso foi doloroso para ela, mais do que a cassação. A cassação tirou dessas pessoas o centro de suas vidas, que era a Universidade, coisa que não acontece hoje. Eles perderam o chão. No caso dela, não estava claro o porquê. No caso de Fernando Henrique, ele estava num projeto político (era do grupo do reitor Ulhôa Cintra). Foi cassado todo o grupo.”²⁰²

Ao voltar do exílio (e continuando na aposentadoria), optou por afastar-se da docência e do cotidiano da Academia, mantendo vínculos apenas burocráticos com a Universidade. Era, até 2003, professora associada, no Departamento de Ciência Política da FFLCH-USP, quando obteve o título de *Professora Emérita*²⁰³.

O que salta aos olhos é que sua rede de relacionamentos parecia ser reduzida. A professora, de origem modesta, sem capital social, educacional, intelectual, político, não tinha o que retraduzir para o espaço da Faculdade de Filosofia, a não ser sua garra, similar à de Florestan Fernandes na Academia. Ele, Gioconda Mussolini e Maria Isaura Pereira de Queiroz seriam suas amizades mais próximas. Não tendo passagens fora do País, nem casamento realizado (somente após os anos 1970), teve que “jogar” da forma como já exposto – e, na disputa, perdeu. Em verdade, teria estado sempre sozinha²⁰⁴.

Maria Isaura Pereira de Queiroz, amiga de Paula Beiguelman, é paulistana²⁰⁵, nascida em 1918. É oriunda de tradicional família da elite, composta de poderosos e influentes ramos de fazendeiros do Interior paulista, os Queiroz

---

²⁰² ALMEIDA, Maria Hermínia Brandão Tavares de. **Depoimento concedido ao autor**. 18/08/2008.

²⁰³ Paula Beiguelman casou-se somente após 1969, tendo ajudado a criar dois pequenos enteados, filhos do matrimônio anterior de seu marido. Ela foi também vice-presidente do sindicato dos Escritores no Estado de São Paulo. V. BEIGUELMAN, Paula, *op. cit.*, 2004.

²⁰⁴ Desde os períodos da regência provisória da Cátedra, cobrindo as ausências de Lourival Gomes Machado.

²⁰⁵ Maria Isaura Pereira de Queiroz, além de encontrar-se doente há tempos, tem por procedimento não falar sobre si, conforme nos disseram integrantes do Centro de Estudos Rurais e Urbanos.

Telles e os Pereira de Queiroz (é filha de Manoel Elpídio Pereira de Queiroz e de Maria Moraes Barros Pereira de Queiroz)²⁰⁶.

Viveu uma infância tranqüila, com vários irmãos, estudando em bom colégio público, o prestigioso Instituto Caetano de Campos²⁰⁷. Os relatos a seguir são bastante precisos no demarcar destas considerações:

“Este instituto (Caetano de Campos) possuía, nos dois primeiros andares, um jardim da infância, uma escola primária, um Ginásio e uma Escola Normal! Instituição conhecida e respeitada, nela tinham estudado minha mãe e minhas tias, tanto do lado materno como o lado paterno, e, em seguida, suas filhas.²⁰⁸ Pertengo a uma família “quatrocentona” (*sic*) do Estado de São Paulo que sempre preservou os fatos do passado, seja narrando aos mais jovens historietas dos mais velhos, seja guardando nas prateleiras “papéis inúteis” e “cadernos velhos sem serventia” (*sic*). (...) Adolescente, fiquei sabendo que não podia freqüentar nem qualquer curso, nem qualquer baile. O curso “freqüentável era o da avenida Paulista, onde encontrava primos e primas, filhos de amigos da família – onde, em suma, permanecia no “meu meio”. No bairro do Brás havia também um curso e famosas batalhas de confete; mas era impensável que meninas de “boa família” se misturassem com imigrantes italianos e espanhóis e seus descendentes! (...)”²⁰⁹

E significativos são estes trechos de depoimentos colhidos de Maria Isaura Pereira de Queiroz:

“Pertengo às turmas que se sucederam na USP nos primeiros 15 anos de sua vida. Ao nela ingressar, não me resenti dessa alteração fundamental em hábitos que geralmente marcam a penetração em ambientes desconhecidos. (...) o belo prédio de seu Jardim da Infância, infelizmente derrubado, foi a primeira escola que me acolheu, e durante 15 anos

---

²⁰⁶ PULICI, C., *op. cit.*, 2004: 92.

²⁰⁷ Limongi afirma que boa parte dos diplomados em Direito e em Engenharia era oriunda de bons colégios privados, religiosos e do “aristocrático Ginásio do Estado”, que era público. Cf. LIMONGI, F. In: MICELI, S., *op. cit.*, 2001: 202. Pelo mesmo Caetano de Campos passaram Gioconda Mussolini, Lucila Herrmann, Lavinia Costa Villela, Eunice Ribeiro Durham e Célia Nunes Galvão Quirino dos Santos. E essa escola, apesar de pública, era freqüentada, em sua maioria, por alunos oriundos da burguesia emergente ou da elite rural paulista, principalmente nos ensinos secundário e normalista.

²⁰⁸ PEREIRA DE QUEIROZ, Maria Isaura. “Reminiscências”. In: AGUIAR, Flávio Wolf de (org.). **Antonio Candido: pensamento e militância**, 1999: 261-266.

²⁰⁹ PEREIRA DE QUEIROZ, M. I. “Prólogo”. In: **Carnaval brasileiro: o vivido e o mito**, 1992: 14; 17-18.

minhas idas e vindas pela Praça da República, continuaram constantes – primário, ginásio, Curso Normal. As salas de aula do novo curso eram para mim familiares, o mesmo acontecendo com alguns professores que, da Caetano de Campos, haviam passado para a Faculdade de Filosofia.²¹⁰ O professor de História do Brasil, Alfredo Ellis, e o professor de Geografia do Brasil, Aroldo de Azevedo, eu os conhecia pelos seus trabalhos, mas nunca os havia visto; sabia que este último era parente e mais nada. O exame oral com estes dois professores foi inesperado em seus temas. (...) O professor Alfredo Ellis formulou imediatamente a pergunta, assim que me sentei diante dele: “O que a senhora é do Dr. Manoel Elpídio?” Respondi: “Sou filha”. De novo o professor: “Então é filha de D. Maria? Eu a conheci muito, sua mãe dançava tão bem, era maravilhoso! Olhe, seu exame escrito foi muito bom!”.²¹¹ “Nunca tive obstáculos machistas em minha carreira. Meu pai e minha mãe sempre me estimularam a estudar e mesmo a ir sozinha para Paris. Meu pai, meu tio e minha irmã foram assistir ao curso de férias de um mês que dei quando aluna, a partir de sociólogos alemães. A sala se encheu, principalmente de gente da Faculdade de Direito. O Osório César e a Aparecida foram a todas as aulas. Ele ficou muito amigo do Bastide e esteve com ele em fins de semana na fazenda em Valinhos, do Flávio de Carvalho.”²¹²

Com base nesses comentários da autora, podemos perceber o alto grau de história pessoal/familiar que ela trouxe à sua vivência na Faculdade, bem como o orgulho²¹³ e a desinibição de se saber dona de um *status* em que tanto o conhecimento escolar e familiar quanto a tradição (produtora de segurança social e

---

²¹⁰ FFLCH-USP; Departamento de Sociologia. **Outorga do título de Professora Emérita a Maria Isaura Pereira de Queiroz**, s/d, separata: 11.

²¹¹ ANTUNIASSI, M. H. R.; LANG, A. B. da S. G. (orgs.), *op. cit.*, 2000.

²¹² PEREIRA DE QUEIROZ, M. I. **Documentos de Maria Isaura Pereira de Queiroz**, s/d. Mimeo.

²¹³ “Maria Isaura sempre se referiu à sua família com orgulho, amor e respeito. Como se trata de uma família tradicional (quatrocentona) que fez a reconversão já nos anos 30, que contava e ainda conta com um grande número de profissionais liberais, sobretudo médicos e advogados, eu acredito que ela teve apoio e incentivo no seio da família. Parece-me que ela tinha como exemplo, na busca do sucesso profissional a sua tia CARLOTA PEREIRA DE QUEIROZ, médica paulistana, primeira mulher eleita como deputada federal nos anos 30. (...) Todos os fatores mencionados (geração, etnia, orientação política, estado civil, relações de gênero) estiveram a favor da Profa. Maria Isaura. No caso da Maria Isaura, me parece que o preponderante é o fator geração, inclusive ela reconhecia isso. Considerava um privilégio ter sido aluna e colega de grandes mestres, como Lévi-Strauss, Bastide, Gurvitch e muitos outros.” ANTUNIASSI, Maria Helena Rocha. **Depoimento concedido ao autor**. 28/08/2008.

da manutenção do “estado das coisas”, garantidora de que o futuro está assegurado) e as relações com os iguais são as fiadoras do “sucesso” – este também garantido²¹⁴.

Entendemos isso como algo bastante diferente do que podemos extrair dos depoimentos de Paula Beiguelman, em que a insegurança e o medo perante o destino estão presentes de modo razoavelmente contundente – no caso desta, típica de setores negativamente privilegiados em termos econômicos (e sociais), ainda que em processo de ascensão.

Igualmente merecedor da atenção é a sem-cerimônia com que se apresenta o diálogo entre Maria Isaura Pereira de Queiroz e seu argüidor na vestibular para a Faculdade de Filosofia, misturando o *público* e o *privado* num momento em que deveria estar à baila somente a capacidade do aluno, sem quaisquer outros assuntos paralelos, a bem da imparcialidade. Essa era uma característica dos grupos positivamente favorecidos em termos socioeconômicos da sociedade brasileira como um todo (um “estamento”, no dizer algo ácido de Florestan Fernandes).²¹⁵

Com tais credenciais, Maria Isaura Pereira de Queiroz acabaria por ingressar no Curso de Ciências Sociais da Faculdade de Filosofia em 1946, formando-se em 1949. Doutorou-se em 1956 pela École Pratique de Hautes Études – Université de Paris, com a Tese *La “Guerre Sainte” au Brésil: le mouvement messianique du “Contestado”*, obtendo equivalência na USP em 1960.

Seu primeiro emprego foi como professora concursada de Sociologia da Educação no Instituto de Educação de Matão (SP). Começaria a lecionar Sociologia na Faculdade de Filosofia da USP como assistente da Cadeira de Sociologia I em 1951, transferindo-se para a Cadeira de Sociologia II em 1958²¹⁶.

---

²¹⁴ Nossas análises dessas experiências sociais são inspiradas, sobretudo, nas análises de Bourdieu, Lepenies e Ringer.

²¹⁵ Seria exaustivo e ocioso dar prosseguimento ao tema, pois abundam, em muitas das entrevistas e depoimentos já publicados, de homens e de mulheres (alunos e professores) da época, essas posturas a respeito de relações de intimidade com e entre os poderosos. Como são expostas espontaneamente, sem autopolicimento, dá o que pensar a respeito de como atuavam os setores da elite a respeito de como se deve proceder para ingressar nas áreas do serviço público do País, e nelas operar.

²¹⁶ É sabido por todos que o fato foi provocado, indiretamente, por Florestan Fernandes. No caso, pelas diferenciações entre ele e Gilda Rocha de Mello e Souza, Antonio Candido de Mello e Souza e Maria Isaura Pereira de Queiroz.

Nela, foi assistente doutor em 1960. Defendendo Tese de Livre-docência, tornou-se professora livre-docente em 1963²¹⁷. Foi professora visitante na Universidade Federal do Paraná (1953), na Escola Livre de Sociologia e Política (1959) e na Universidade Federal da Bahia (1969).

A socióloga amealhou grande prestígio internacional lecionando, publicando trabalhos e dirigindo pesquisas no Exterior, em particular nos países de cultura francófona, como Canadá, Senegal, Bélgica, Suíça e, naturalmente, a própria França. Foi professora na Universidade de Paris VI (1961-70), Diretora “de estudos” (Orientadora) na École Pratique des Hautes Études-Université de Paris VI (1963-64) e professora na Universidade de Laval/Canadá (1964). Além disso, mais tarde trabalharia no Institut d’Études Portugaises et Brésiliens-Universidade de Paris III (1978-79), na Université des Mutants/Dakar-Senegal (1979) e na Université de Louvain/Bélgica (1980)²¹⁸.

Em 1964, criou o Centro de Estudos Rurais e Urbanos (CERU), cujo objetivo inicial era realizar estudos sobre as transformações no mundo rural brasileiro. É digno de nota que Maria Isaura Pereira de Queiroz teve como colegas na Cadeira de Sociologia II Aparecida Joly Gouveia, Lia de Freitas Garcia Fukui²¹⁹, Eva Alterman Blay e Heloisa Helena Teixeira de Souza Martins. Elas muito auxiliariam a professora, na Cadeira de Sociologia II e no CERU.

---

²¹⁷ Maria Isaura Pereira de Queiroz se tornaria professora adjunta em 1973; obteria o título de *Professora Emérita* da USP no ano de 1990. ANTUNIASSI, Maria Helena Rocha *et alii*. **Maria Isaura Pereira de Queiroz: a mestra**, 2000; KOSMINSKY, E. V., *op. cit.*, 1999.

²¹⁸ ANTUNIASSI, M. H. R.; LANG, Alice Beatriz da Silva Gordo (orgs.). **Maria Isaura Pereira de Queiroz: a mestra**, *op. cit.*, 2000.

²¹⁹ **Lia de Freitas Garcia Fukui** nasceu em 1934, em Santo André (SP). Oriunda da pequena classe média (ou pequena burguesia emergente), teve infância e juventude sem dificuldades financeiras, sendo o pai gerente de indústria têxtil (a mãe era filha de italianos da Grande São Paulo). Realizou os estudos primários em boas escolas particulares e públicas. Licenciou-se em Pedagogia pela Faculdade de Filosofia da USP em 1956. Foi professora em diversas “Escolas Normais”; de 1961 a 1963 e entre 1965 e 1966, estudou na França, como bolsista desse país, no *Musée de L’Homme*, na École Pratique des Hautes Études e no *Laboratoire de Ethnologie Sociale*, sendo aluna de Roger Bastide e P. H. Chombart de Lawe. Foi “comissionada” no Museu Paulista antes de lecionar na USP, onde se iniciou como assistente voluntária na Cadeira de Sociologia II, em 1963; em 1969, seria instrutora contratada. Realizou a “Especialização” em Sociologia na Faculdade de Filosofia da USP (1965). Além de integrar a Cadeira de Sociologia II, era filiada ao Centro de Estudos Rurais e Urbanos (CERU), à Sociedade de Psicologia de São Paulo, à *Société des Americanistes de l’Institut d’Ethnologie de Paris* e ao Centro de Estudos Africanos. Foi orientanda de Maria Isaura Pereira de Queiroz, cujo Doutorado, centrado nos temas da família, parentesco e Sociologia rural, defendeu em 1972, intitulada **Família e parentesco entre sítiantes tradicionais**. Hoje é aposentada. Cf. FUKUI, Lia de F. Garcia. *Curriculum Vitae*. Disponível em <http://www.cnpq.br/lattes>. Acesso em: 17 jan. 2007; FUKUI, Lia de F. G. **Documentos de Lia de Freitas Garcia Fukui**, s/d.

Durante as décadas de 1950/1960, produziu muito, sendo duas teses, nove livros e quase duas centenas de artigos e resenhas. Dentre essas obras, podem ser citadas **Sociologia rural** e **Estudos de Sociologia e história**, além de **Bairros rurais paulistas: estudo sociológico**; **O mandonismo local na vida política brasileira: ensaio de Sociologia política**; **O messianismo no Brasil e no mundo**; **Os cangaceiros: *les bandits d'honneur brésiliens***; **Sociologia e folclore: a dança de São Gonçalo num povoado baiano** e **Vale do Ribeira: pesquisas sociológicas**.

No Brasil, realizou estudos sobre mudanças sociais ligadas às resistências do mundo arcaico em relação ao desenvolvimento do capitalismo, e sobre práticas religiosas e messiânicas²²⁰. Estudou as relações sociais, as relações de trabalho e as relações políticas no universo rural brasileiro, estando os temas abordados pela cientista social ligados à Sociologia da religião, à Sociologia política, à Sociologia rural e à Sociologia da cultura. Em seus trabalhos são visíveis os cruzamentos de interpretações, em que os fenômenos religiosos, por exemplo, não podem ser compreendidos independentemente das dimensões sociocultural e política²²¹.

Maria Isaura Pereira de Queiroz já recebeu diversas homenagens. Obteve o prêmio de 3º. lugar no 11º. Concurso Mario de Andrade de monografias sobre folclore, em 1956, bem como o Prêmio Jabuti, pela melhor obra de Ciências Sociais de 1966. Décadas depois, ganharia o Prêmio Almirante Álvaro Alberto, em 1997, dado pelo CNPq, tornando-se o primeiro profissional da área de ciências humanas a receber a distinção²²². É uma das poucas mulheres entre os chamados “intelectuais” brasileiros comumente aquinhoados com homenagens e estudos a influenciar gerações.

Hoje, é aposentada pelo Departamento de Sociologia da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da USP. Ela nunca se casou. Sendo *solteira*, o

---

²²⁰ KOSMINSKY, E. V., *op. cit.*, 1999.

²²¹ KOSMINSKY, E. V., *op. cit.*, 1999. E em **Carnaval brasileiro: o vivido e o mito**, por exemplo, Maria Isaura Pereira de Queiroz explicita, além de uma paixão pelo tema, o prazer de incluir as lembranças pessoais no processo de compreensão desse objeto, o carnaval. De tal maneira que a escolha e o modo de análise da socióloga se relacionariam, em certo sentido, também às suas origens. Cf. PEREIRA DE QUEIROZ, M. I. “Prólogo”. In: **Carnaval brasileiro: o vivido e o mito**, 1992: 14; 17-18.

²²² KOSMINSKY, E. V., *op. cit.*, 1999.

designativo, para além de significar um estado civil, poderia ser um sinal de que ela não dependia intelectualmente ou profissionalmente, de homem. Mas o fato de não ter se casado – ao que consta, simplesmente devido a relacionamentos que não se consumaram – pareceu não tê-la abalado. Maria Isaura Pereira de Queiroz encontrava muitos apoios na extensa lista de amigos e parentes que possuía. Originada em aristocráticas, ricas e cultas famílias do Estado de São Paulo, e tendo sido bem educada, soube sempre catalisar seus ricos capitais, de forma a dar vazão aos desejos de vencer na vida acadêmica, de se legitimar nela.

Se era muito bem relacionada com os sofisticados e aristocráticos membros da Cadeira de Sociologia II Antonio Candido de Mello e Souza e Ruy Galvão de Andrada Coelho, mantinha respeitadas relações com o “pobre” Florestan Fernandes. Além disso, mantinha boas relações com a “humilde” Paula Beiguelman e as “bem-postas” Maria Sylvia de Carvalho Franco e Eva Alterman Blay. E tinha a irmã, Angelina, que tomava conta da casa da família, proporcionando-lhe a tranquilidade necessária para poder se dedicar à vida acadêmica.²²³

Esse quadro, porém, não a tornaria uma pessoa mediadora, “cordata”, como poderia parecer à primeira vista. As saídas do País, constantes, eram não apenas para concluir formação consistente, mas para adquirir boas experiências e ampliar o renome. Justamente, diga-se de passagem, essa formação no Exterior que a professora, Antonio Candido de Mello e Souza (quando criança) e Ruy Galvão de Andrada Coelho (no Doutorado) também teriam sido desdenhada ferrenhamente por Florestan Fernandes. Mas era por tal estratégia que Maria Isaura Pereira de Queiroz

---

²²³ “O apoio total, maior, completo, é o de sua irmã Angelina, até hoje. Ela representa a Maria Isaura em eventos públicos. Foi ela quem sempre administrou a vida doméstica da Maria Isaura e que deu as condições para ela trabalhar. Sem isso ela não teria produzido o que produziu... Agora, as maiores amizades, Antonio Candido, Ruy Coelho, o professor Fernando de Azevedo, a Maria Sylvia de Carvalho Franco também. Respeitava e admirava intelectualmente o Florestan, dizia que nunca teria a “cabeça teórica” dele. (...) Agora, os temas de Antonio Candido, Maria Isaura, Maria Sylvia tinham identidade, o homem livre no período escravocrata, o caipira, o poder de famílias..., e a literatura, o século XIX, que aproximava a todos, ao Ruy Coelho também. A literatura foi a sua base. Ela tinha o francês como língua materna. E ia todo, todo ano, para a França. O Bastide era nosso “avô intelectual”. Então eu acho que o processo de internacionalização da Maria Isaura, não creio que seja porque ela não visse possibilidade de fazer aqui não! Mas ela foi construindo também um processo de internacionalização por conta própria. E ela sempre, sempre empurrou todo mundo para ir para fora. Ela obrigava a gente a ir! (...) Outra coisa que ela nos obrigava era a colocar o nome inteiro de mulher (nosso ou de alguma outra) nas citações dos trabalhos, para saberem, para mostrar que foi uma mulher quem fez. Queria que a mulher ficasse presente na produção intelectual.”. DEMARTINI, Zeila de Brito Fabri. **Depoimento concedido ao autor**. 29/08/2008; CAMPOS, Maria Christina Siqueira de S. **Depoimento concedido ao autor**. 29/08/2008.

tentava, de uma maneira menos dramática que as duas colegas de origem imigrante, galgar seus objetivos. É certo que o manejo de seus capitais (tanto social, quanto econômico e intelectual) era incomparável em relação a essas colegas, naturalmente.

Entretanto, a grande “jogada” de legitimação na carreira acadêmica de Maria Isaura Pereira de Queiroz será a diferenciação em relação aos estudos desenvolvidos pela Cadeira de Sociologia I, de Florestan Fernandes. Foi uma “disputa” de campo e de poder. Numa simplificação mais chapada, as idéias e o ideário de Florestan Fernandes, Fernando Henrique Cardoso, Octavio Ianni, Gabriel Cohn, Luiz Pereira, Celso de Rui Beisiegel, Maria Sylvia de Carvalho Franco, Marialice Menccarini Foracchi, entre outros, estavam ligadas, por exemplo, à defesa do ensino técnico e da profissionalizante, da massificação e democratização do ensino em geral e da Sociologia, bem como aos estudos sobre a “modernização” da sociedade brasileira, os “entraves” a ela, as críticas ao Brasil *tradicional* e aos *estudos de comunidade*.

É bem verdade que nem todos vêem o quadro dessa forma – o que poderia ser depreendido dos depoimentos da ex-orientanda de Maria Isaura Pereira de Queiroz, Maria Helena Rocha Antuniassi:

“Acredito que ela saiu do País unicamente por um interesse intelectual. Quanto a exercer liderança política e institucional, posso lhe dizer que isso não fazia parte de seus objetivos. Se eu bem compreendi as palavras de Maria Isaura, um dia ela me disse que iria se aposentar sem a titulação porque como titular ela poderia ser levada, pelas circunstâncias, a exercer algum cargo acadêmico administrativo e ela não se sentiria à vontade nessa situação. Eu posso dizer que ela era uma pesquisadora apaixonada pela sua profissão; depois de sua aposentadoria, continuou trabalhando no CERU, por vários anos, até sentir os primeiros sintomas da doença. (...) Acredito que a Cadeira de Sociologia II reunia um grupo de professores/pesquisadores que tinham afinidades na conduta intelectual e profissional, não acredito em decisiva influência da questão de *gênero*. Quanto ao CERU, posso lhe garantir que a preponderância feminina é uma questão de afinidades de temas, modo de trabalhar (um grande número de nossas pesquisadoras foram, direta ou indiretamente, alunas da Maria Isaura); (mas) os homens sempre foram bem-vindos.”²²⁴

---

²²⁴ ANTUNIASSI, Maria Helena Rocha. **Depoimento concedido ao autor**. 28/08/2008.

Enquanto isso, os trabalhos de Maria Isaura Pereira de Queiroz e de seu centro de pesquisas tinham por temática o Brasil *velho*, dos “grupos rústicos” e *tradicionais*, numa postura aparentemente mais “neutra” (num exagero, até *quase* nostálgica) em relação ao modo de vida e cultura do tipo rústico brasileiro. Uma questão de postura, de tomada de posição legítima, diversa daquela do grupo de Florestan Fernandes. As diferenças também residiam no estilo de texto de ambas as Cadeiras; naturalmente, havia características em comum, mas preferimos ressaltar essas diferenças apontadas, que, de resto, foram maiores que as semelhanças.

E essas diferenciações estão ligadas aos percalços enfrentados pela professora nesses anos. Luiz Carlos Jackson, no capítulo sobre as disputas em torno das revistas da época (décadas de 1950 e 1960), na Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras da USP, afirma que

“(…) por ser mais aberta, em relação à USP, *RBEP (Revista Brasileira de Estudos Políticos)* oferece ao pesquisador terreno privilegiado para apreender disputas internas a esta instituição. O quarto número (jul/1958) traz, nesse passo, comentário bibliográfico de Fernando Henrique sobre *Estudos de Sociologia e História* (...). A crítica desta vez é menos contundente. Não obstante, depois de explicitar a orientação sociológica de ‘Aparição do demônio no Catulé’ e ‘Tambaú, cidade dos milagres’, defendida por Maria Isaura na introdução da obra coletiva, Fernando Henrique define ‘Mandonismo local na vida política brasileira’ como *ensaio histórico-social*, carente, portanto, de rigor científico, defendendo a perspectiva que seria dominante na década seguinte, qual seja, ‘os recursos do método dialético como perspectiva de interpretação’.”²²⁵

Sendo um dos principais nomes da Cadeira de Sociologia II (Antonio Candido de Mello e Souza a abandonara em 1958), Maria Isaura Pereira de Queiroz se legitimou sozinha nela, tornando-se intelectualmente bastante “consistente” e dando vazão às suas ambições com as experiências no Exterior, as quais a obrigariam, durante algum tempo, a abrir mão de exercer liderança política e institucional. Essas suas longas estadas fora do Brasil, é bem verdade, eram também devidas a fatores econômicos (era de família de posses, podia viajar; num exemplo comparativo, Paula Beiguelman e Gioconda Mussolini não fizeram estágios longos

---

²²⁵ Cf. JACKSON, L. C., *op. cit.*, 2003: 76.

fora do País por não disporem de capital econômico), e à rica rede de contatos e de relações desde a infância.

Em 1964, mesmo já sendo Livre-docente, não prestaria o concurso de Cátedra para suceder Fernando de Azevedo (disputaram-no Octavio Ianni, da Cadeira de Sociologia I, e Ruy Galvão de Andrada Coelho, da Sociologia II, sendo este o vencedor). Assim, o fato de ter fundado o CERU pode ter sido uma cartada marginal, lateral, para ir-se firmando, enquanto isso, como liderança. Sistematizando e publicando pesquisas de seus liderados, fazia frente à Cadeira de Sociologia I, a Florestan Fernandes e seus “comandados”, que tinham grupos de discussão, faziam muitas pesquisas e publicavam por diversos meios (o grupo dos *Seminários de Marx*, o projeto *Economia e Sociedade no Brasil*, o CESIT, e, mais tarde, o CEBRAP).

Pelo seu histórico, seria muito difícil supor que, simplesmente por ser “solteira” e mulher, acabaria se intimidando para alçar vôos, ascender e ambicionar títulos e lideranças. Veja-se o caso de sua arrojada e corajosa tia, Carlota Pereira de Queiroz, médica, primeira deputada brasileira, liderança feminina e social. Com exemplos como esse, seria difícil que a socióloga temesse a vetusta estrutura do sistema de Cátedras. Ou seja, em todos esses seus intentos, podemos ver uma retradução de seu *habitus* para esse espaço, e as redes de relações sociais que ela deteve.

Segunda Geração

O grupo da *Segunda Geração* é constituído pelas professoras **Maria Sylvia de Carvalho Franco**, **Eunice Ribeiro Durham**, **Eva Alterman Blay** e **Maria do Carmo Campello de Souza**. Similarmente às professoras da *Primeira Geração*, abordaremos as origens sociais/origens de classe, com os respectivos capitais sociais e *habitus* adquiridos trazidos por estas professoras para o convívio na Faculdade, e as relações de sociabilidade em que estiveram entrelaçadas. Assim, veremos como todos esses fatores se articularam para delimitar a trajetória

intelectual dessas cientistas sociais, bem como o enquadramento delas em nossas categorizações.

Maria Sylvia de Carvalho Franco nasceu em 1930 em Araraquara (SP). Seu pai era Delegado de polícia; a sua mãe era ligada à elite rural, de família de fazendeiros do Interior paulista, os Pinto Ferraz. Na infância, estudou no elitista *Colégio Des Oiseaux*, privado, em São Paulo.

Valendo-nos dessas informações sobre as origens de Maria Sylvia de Carvalho Franco, percebemos a confluência dos setores médios urbanos com as oligarquias rurais – num momento um pouco mais distante do poder central no Estado e no País (pelo menos, em comparação ao período da República Velha). Vejamos o que diz Maria Sylvia de Carvalho Franco em trechos extraídos de seu Memorial:

“(...) na década de 50 e mesmo de 60, os horrores da Grande Guerra, assim como a repressão do Estado Novo, estavam muito presentes na lembrança. Nesse contexto, os cursos de Antropologia combatiam o racismo pretensamente científico, ao mesmo tempo que acentuavam a variabilidade dos “padrões de cultura” versus a constância da natureza. A Sociologia mobilizava-se em sentido semelhante, focalizando as desigualdades e a exploração das categorias sociais reprimidas no sistema capitalista: negros herdeiros dos estigmas da escravidão, operários urbanos com seus movimentos e organizações. Tais pesquisas encontravam clima favorável na conjuntura política (...). Foi nesse ambiente que escrevi e publiquei meus primeiros trabalhos acadêmicos. Encarregada do programa sobre métodos e técnicas de investigação sociológica, dirigi uma pesquisa sobre a clientela da Faculdade de Filosofia. (...) Nesses registros, o leitor encontrará a marca dos tempos, os códigos então largamente difundidos e ainda agora prevalecente – sob outra terminologia – em não poucas leituras da “realidade brasileira” (*sic*). Em síntese, esse referencial conjugava como pontos focais: mudanças rápidas de caráter urbano industrial, processos desordenados de transição para uma sociedade de massas, planejamento para a democracia. Partindo desses parâmetros, isolei concepções opostas sobre as universidades brasileiras, correspondentes aos pólos dinâmico e conservador discerníveis na esfera social. No primeiro caso, criticava-se o ensino seletivo e elitista, sobrevivência das velhas camadas dominantes, reclamando-se, com prioridade, a educação básica para todos. No segundo, destacava-se a importância dos conhecimentos desinteressados e a formação de elites cultas e responsáveis, sem

esquecer seu resultado complementar, a instrução das massas. A primeira posição surgia como inovadora, no rumo de uma sociedade urbana, industrializada, classista, solo de efetiva democracia. (...) A segunda atitude aparecia ligada ao fugaz liberalismo dos anos 30, momento em que a USP foi constituída. Pilar dessa concepção de saber e de ensino, foi Fernando de Azevedo, talvez o último dos que, nas ciências sociais, por muito tempo, dedicou-se às “humanidades” (*sic*), inclusive aos estudos latinos, com toda a carga conservadora que essas disciplinas podem eventualmente conter. (...) A escolha que procurei transmitir aos alunos, registrada no referido artigo (*Reflexões sobre o treinamento de pesquisadores em Sociologia*) refletia, em parte, minha própria busca de formação: o confronto dos diferentes caminhos oferecidos pela Sociologia relacionados com os ambientes intelectuais onde se firmaram, a fim de captar o nexos entre as premissas filosóficas e os postulados científicos, a coerência entre os métodos daí decorrentes e os resultados obtidos. Empenhava-me em discernir rumos para fora do ecletismo imperante no uso descontextualizado das fontes teóricas, com os conseqüentes deslizamentos ideológicos.”²²⁶

Podemos perceber aí que a junção da concepção da socióloga com a dos que pretendiam fornecer ao curso uma formação menos voltada ao “ensaísmo” beletrista (para usar um termo quase pejorativo, bem ao gosto dos *florestanianos*) da Cadeira de Sociologia II e um curso mais voltado para o que esses integrantes da Cadeira de Sociologia I achavam ser condizente com a realidade última do alunado, um curso para formar profissionais e cientistas “puros”.

Para tudo isso, Maria Sylvia de Carvalho Franco, podemos dizer, “contribui” fazendo uso do capital social de que dispunha, trazido dos relacionamentos familiares, bem como da consciência de um novo tempo que chegaria, tornando esse “mundo oligárquico” ultrapassado. A capacidade de se saber líder será convertida para ficar em evidência na nova ordem, em legitimar suas tomadas de posição. Sendo legítima representante de setores oligárquicos não mais detentores do poder total, como na República Velha, porém lúcida e esclarecida o suficiente para perceber a força que o conhecimento e os valores burgueses teriam nos novos tempos do mundo do pós-guerra (no Brasil e no restante do Ocidente), cedo carregou suas capacidades para esse novo estilo de pensar, que será

---

226 FRANCO, Maria Sylvia de Carvalho. **Memorial acadêmico apresentado ao concurso para provimento de cargo de Professor Titular junto ao Departamento de Filosofia**, 1988: 8-11.

característico de sua Cadeira, a de Sociologia I, qual seja, e defesa de valores ligados às dimensões do ensino técnico e profissionalizante, bem como o estudo de temas concernentes às modificações na sociedade brasileira contemporânea, no que diz respeito à introdução e ao desenvolvimento do capitalismo. Além, é claro, do estudo do “atraso”.

Maria Sylvia de Carvalho Franco não sofreu tanto a oposição do grande nome da Sociologia *uspiana*, Florestan Fernandes (e mesmo não tendo origem semelhante a ele). Isto não significa, necessariamente, a inexistência de rugas, como, por exemplo, as discordâncias de ordem teórica da socióloga em relação ao Orientador, a Fernando Henrique Cardoso e a Octavio Ianni sobre o conceito de escravidão como instituição num capitalismo pleno brasileiro.

Maria Sylvia de Carvalho Franco terminou o bacharelado e a licenciatura na FFCL-USP em 1952. Como professora da Cadeira de Sociologia I, foi assistente extranumerária (1955-1958), auxiliar de ensino (1959-1960) e assistente (1961-1969); também foi professora livre-docente a partir de 1969, já no Departamento de Filosofia da USP. Integrou os quadros do CESIT e freqüentou o grupo dos *Seminários de Marx*, junto com as colegas de Cadeira Marialice Mencarini Foracchi²²⁷ e Lourdes Sola²²⁸.

---

227 **Marialice Mencarini Foracchi** nasceu na capital paulista em 1929. A sua mãe, Altair Ferreira, era oriunda da elite rural (da família Marcondes Ferreira, de fazendeiros do Vale do Paraíba); um tio pelo lado materno era empresário do ramo editorial (dono da *Companhia Editora Nacional*). Seu pai, Marino Mencarini, era empresário, de origem italiana (e dono do *Café do Ponto*). A professora pertencia, portanto, aos setores da burguesia ascendente imigrante, em grande medida. Estudou em colégios privados da elite paulista. Bacharel e licenciada em Ciências Sociais pela Faculdade de Filosofia da USP, em 1952, iniciou a carreira como assistente extranumerária na Cadeira de História e Filosofia da Educação, onde ficou de 1953 a 1954, passando depois pelo mesmo cargo na Cadeira de Sociologia I (entre 1955-1958). Foi professora-interina da Cadeira de Sociologia Educacional no Colégio Caetano de Campos (1956-1959), bem como auxiliar de ensino (1959) e primeira assistente (1960-1969) da Cadeira de Sociologia I. Na FFCL, realizou a “Especialização” em Sociologia em 1958, defendeu o Doutorado em 1964 e a Livre-docência em 1970. Integrou os quadros do CESIT e do Centro Regional de Pesquisas Educacionais, foi assessora científica na FAPESP e teve outros cargos burocráticos similares. Participou, por curto período, do grupo dos *Seminários de Marx*. Realizou conferências no Exterior (principalmente na América do Norte), publicou seis livros e dezenas de artigos/resenhas. Suas obras principais são **A juventude na sociedade moderna; O estudante e a transformação da sociedade brasileira; Educação e sociedade: leituras de Sociologia da educação**. Era casada. Faleceu de grave doença na cidade de São Paulo em 1972. Essas são as informações de que dispomos sobre as origens sociais e familiares de Marialice Mencarini Foracchi. Remetemo-nos às informações de Pulici (PULICI, C., *op. cit.*, 2004: 133), registrando o fato de a socióloga ter convivido com setores sociais diferentes, o que seria um dos motivos de ela ter se bandeado ou se orientado para a Cadeira de Sociologia I, confirmando o sentido de heterogeneidade na formação de um grupo de estudos, proposto por Florestan Fernandes. Nesse caso, a convivência, propomos, bem estaria ligada às origens sociais, a da classe média ou burguesia ascendente, pelo lado paterno. O que deve ser realçado em seu caso é a confluência dos setores de origem imigrante

Defendeu o Doutorado em 1964, com a Tese **Homens livres na velha civilização do café** (tornada livro com o título de **Homens livres na ordem escravocrata**) e a Tese de Livre-docência, **O moderno e suas diferenças**, em 1970, esta já às portas da área de Filosofia da Faculdade. Segundo Heloisa Fernandes²²⁹, Maria Sylvia de Carvalho Franco teria se transferido para o Departamento de Filosofia da USP, em 1969, muito por estímulo da então colega, a professora de Filosofia Marilena Chauí. Não obstante, é provável, conforme propõe Jackson²³⁰, que a troca tenha sido causada por ela divergir frontalmente da opinião geral do grupo da Sociologia I (a respeito de sua interpretação do escravismo) e por tal divergência estar ligada à disputa pela sucessão no cargo de primeiro assistente, aberto agora com a ida de Fernando Henrique Cardoso para a regência da Cátedra de Ciência Política.

---

em ascensão com o das oligarquias rurais já fora do auge naquele momento – isso se relacionaria com sua orientação para a Cadeira de Sociologia I. Cf. AUGUSTO, Maria Helena Oliva. Retomada de um legado: Marialice Foracchi e a Sociologia da juventude. **Tempo Social**, v. 17 (02), pp. 11-33, Nov. 2005; FORACCHI, Marialice M. **Documentos de Marialice Mencarini Foracchi**, s/d; FORACCHI, Marialice M. **Memorial acadêmico do candidato a Livre-docente do Departamento de Ciências Sociais Marialice Mencarini Foracchi**, 1970.

228 **Lourdes Sola (de Paula de Angelo Calsaverini)** nasceu em São Paulo (SP) em 1942, de uma família de classe média, ou da pequena burguesia emergente (o pai, imigrante espanhol de origem proletária, tornou-se próspero comerciante e proprietário de imóveis). Lourdes Sola, também neta de imigrantes italianos, passou a infância e juventude sem dificuldades financeiras, realizando estudos em bons colégios públicos e privados, em São Paulo. Bacharel e licenciada em Ciências Sociais pela FFCL-USP em 1961, iniciou a carreira como auxiliar de pesquisa do CESIT, de 1960 a 1963; foi pesquisadora na equipe de Gioconda Mussolini e na FAU-USP (1961); auxiliar de pesquisa da Cadeira de Sociologia I (1963-1968); assistente nessa Cadeira (1969); professora na FAAP (1966-1967); professora titular da FLACSO, em Santiago-Chile (1969-1973). Fez “Especialização” em Sociologia e Política (1964) e “Mestrado” em Sociologia (1966), na FFCL-USP. Também possui Mestrado em Sociologia Econômica e pós-graduação em Economia Política pela Escola para Graduados em Economia (ESCOLATINA), da Universidade do Chile (1969-1973). Além do CESIT, integrou o grupo dos *Seminários de Marx* por quatro anos. Na FFCL-USP, onde trabalhou, teve como Orientador Florestan Fernandes, estudando temas ligados à industrialização, mudanças sociais, capitalismo e empresariado industrial. Escreveu a Dissertação **O processo de racionalização nas relações de trabalho em um complexo industrial em São Paulo: 1950-1962**, em 1966. Após a década de 1970, realizou períodos de pesquisas, docências e trabalhos fora do País; integrou a área de Ciência Política na FFLCH-USP, onde se aposentou (mas continua atuante). Sua experiência é ligada à área de Economia Política. Cf. SOLA, Lourdes. **Curriculum Vitae**. Disponível em <http://www.cnpq.br/lattes>. Acesso em: 11 out. 2007; SOLA, Lourdes. **Documentos de Lourdes Sola**, s/d; SOLA, Lourdes. **Memorial**, 1993.

²²⁹ FERNANDES, Heloisa Rodrigues. **Depoimento concedido ao autor**. 27/08/2008.

²³⁰ JACKSON, Luiz Carlos. Gerações pioneiras na Sociologia paulista (1934-1969). **Tempo social**, v. 19, n. 1, 2007. Disponível em <http://www.scielo.br>. Acesso em: 10 jan. 2008.

Após desavenças também no Departamento de Filosofia, acabaria se transferindo para o departamento similar da UNICAMP²³¹. Antes disso, tornar-se-ia, por concurso, Professora Titular no Departamento de Filosofia da FFLCH-USP, no ano de 1988, cargo pelo qual se aposentaria.

Maria Sylvia de Carvalho Franco casara-se, em primeiras núpcias, em meados da década de 1950, com o sociólogo Renato Jardim Moreira, também integrante/pesquisador da Cadeira de Sociologia I, e de quem ela herdaria parte do sobrenome (Maria Sylvia de Carvalho Franco *Moreira*), depois abandonado²³². Trabalharam, provavelmente, auxiliando-se²³³, ligados que eram à mesma Cadeira. Celso de Rui Beisiegel, antigo pesquisador da Cadeira de Sociologia I, diz que:

“(...) Fui aluno da Professora Maria Sylvia numa disciplina semestral. (...). Trabalhei durante pouco mais de dois anos sob a direção do primeiro marido da Maria Sylvia, Renato Jardim Moreira, como estagiário e auxiliar de pesquisa no antigo Centro Regional de Pesquisas Educacionais de São Paulo; estive uma ou duas vezes em sua casa. Além do trabalho de Doutorado sobre os *homens livres...*, li um artigo da Maria Sylvia sobre *o estudante universitário*. Bem depois, li um excelente trabalho da professora sobre o *ISEB*. (...). Conheço muito pouco a Maria Sylvia. Gosto, sempre gostei dela, de sua postura, da descrição, do cuidado na produção intelectual, mais nada. (...). Como mero palpite, sem maiores fundamentos, diria que não me parece que o casamento tenha atrapalhado ou interferido nas realizações acadêmicas e profissionais da Professora. Mas, veja bem, é mero palpite.”

Ou seja, como produto de uma nova *geração*, as assimetrias nas relações de *gênero* já se mostrarão diferentes, minimizadas, incorporando-se menos como barreiras (de preconceito), para com as carreiras dessas professoras da Faculdade. E Maria Sylvia de Carvalho Franco era, inclusive, a principal e mais destacada mulher do grupo e da Cadeira de Florestan Fernandes. Contudo, tal não a

---

²³¹ A mesma informante ainda lembra que Maria Sylvia de Carvalho Franco, num raro momento de aparição pública, no dia do velório de Florestan Fernandes, em 1995, “chegou perto dela e prestou-lhe seu sentimento pela morte do pai, achando que devia isso a ele, mesmo estando a muitos anos distante do sociólogo”. Despedindo-se, terminou “dizendo que nem sabia por que fazia isso, ou porque estava ali, mas que devia isso, de alguma maneira, a ele”. Ela já estava afastada há anos do sociólogo. Com tais descrições, podemos perceber um tipo de pessoa com relacionamentos difíceis. FERNANDES, Heloisa Rodrigues. **Depoimento concedido ao autor**. 27/08/2008.

²³² É casada, em segundas núpcias, com o professor de Filosofia da UNICAMP Roberto Romano.

²³³ BEISIEGEL, Celso de Rui. **Depoimento concedido ao autor**. 30/08/2008.

ajudaria a possuir assento no círculo íntimo deste, composto por ele, Fernando Henrique Cardoso e Octavio Ianni; um grau abaixo, Leôncio Martins Rodrigues Netto, José de Souza Martins, Luiz Pereira, Gabriel Cohn; após, as mulheres e o restante.²³⁴

E se ela mais não ascendeu, não deixou por menos. Apesar de, em um tom a menos que Gioconda Mussolini (sempre em dificuldades com sua Tese, resultantes das discordâncias com o Orientador Egon Schaden ou da omissão deste na orientação), não abriu mão de construir uma das mais consistentes interpretações sobre a construção ou origens do modo de produção capitalista do País. Bateu de frente com o Orientador²³⁵, ao contestar as interpretações deste, vendo a escravidão como instituição já parte de um sistema capitalista razoavelmente organizado, não como modo de produção independente e anterior ao modo capitalista. Mesmo discordando, Florestan Fernandes acatava esses constructos, pela solidez com que se encontravam fundamentados.

Este fora, enfim, o máximo a que ela conseguira chegar, dada a configuração existente, à qual não poderia fugir. Não lhe seria permitido agir de outra forma. Mulheres podiam disputar obras, não postos de poder. Talvez esta fosse a maneira de ela ir-se diferenciando dos três maiores integrantes masculinos da Cadeira, almejando e esperando sua vez de disputar o concurso de regência, quando surgisse a oportunidade. Acabou se transferindo para a área de Filosofia. Mas, com

---

²³⁴ FERNANDES, F. A **Sociologia no Brasil: contribuição para o estudo de sua formação e desenvolvimento**, 1977.

²³⁵ Sobre essas tensões, dispomos de interessante correspondência de Maria Sylvia de Carvalho Franco, obtida nos Arquivos de Florestan Fernandes (da UFSCar), e endereçada ao “Exmo. Sr. Prof. Eurípedes Simões de Paula DD. Diretor da Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras, USP”: “São Paulo, 30 de dezembro de 1968. Senhor Diretor: Recebi do Prof. Florestan Fernandes cópia da carta a meu respeito enviada a V. Excia. Infelizmente, as palavras que este professor me dirigiu na última vez em que nos falamos constituem uma ofensa e importam um pedido de demissão. Estivéssemos ainda no período da vigência plena do regime de Cátedra, e eu o teria formulado naquele instante. Mas assim não é; entre as transformações que se anunciam para a Universidade está, já como princípio firmado, a autonomia dos docentes. Em vista disso, e considerando também que existe um Departamento de Ciências Sociais, solicito de V. Excia. o obséquio de suas providências afim de que eu seja colocada a disposição do referido Departamento, sem vinculação a nenhuma Cadeira. Lamento muito tão grave incidente com um professor com quem trabalhei por tantos anos. Agradecendo-lhe a atenção, subscreve-me respeitosamente, M. Sylvia de C. Franco Moreira.” Salvo engano, muito provavelmente trata-se de atrito com Florestan Fernandes, sobre o qual nunca conseguimos obter maiores detalhes. Cartas de Maria Sylvia de Carvalho Franco a Florestan Fernandes (de 1962 a 1975). **Correspondência n. 1337 (30/12/1968)**. UNIVERSIDADE FEDERAL DE SÃO CARLOS. **Biblioteca Comunitária – Fundo Florestan Fernandes**.

as cassações de quase todos os nomes principais das Cadeiras do curso, os exílios e a extinção do regime, tudo ficaria tragicamente esfacelado, mesmo – o próprio Curso de Ciências Sociais da Faculdade de Filosofia da USP ficaria acéfalo. Conseguir a transferência para a Filosofia era sobreviver, salvar-se. Foi o que ela fez.

Eunice Ribeiro Durham²³⁶ nasceu em Limeira (SP), em 1932. Neta de imigrantes, suas origens sociais remontam a famílias italianas pelo lado materno (Todescan) e de classe média (pequena burguesia ascendente). Seu pai, o professor na área de Educação da Faculdade de Filosofia da USP José Querino Ribeiro, era brasileiro oriundo de famílias tradicionais do Interior paulista.

Sendo importantes suas passagens por excelentes colégios, a ascendência italiana e as relações de proximidade com a colega de Cadeira **Ruth Correa Leite Cardoso**²³⁷ e o marido desta, o sociólogo Fernando Henrique Cardoso

---

²³⁶ Cf. DURHAM, Eunice R.; Fry, Peter (org.). **A dinâmica da cultura: ensaios de antropologia** São Paulo: Cosac Naify, 2004; DURHAM, Eunice R. **Curriculum Vitae**. Disponível em <http://www.cnpq.br/lattes>. Acesso em: 25 ago. 2006; DURHAM, Eunice R. **Memorial. Apresentado para o concurso de Livre-Docência em Antropologia na Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da USP**, 1973; DURHAM, Eunice R. **Série grandes depoimentos: Eunice Ribeiro Durham**, 2002; DURHAM, Eunice R; SEVILLANO, Daniel Cantinelli. Entrevista com Eunice Durham. **Informe**, n. 14, p. 10-13, out. 2004.

²³⁷ **Ruth Correa Leite Cardoso** nasceu em Araraquara (SP), em 1930. Oriunda de tradicionais famílias do Interior paulista (de setores menores da elite, em decadência), passou por bons colégios públicos e particulares, tanto na cidade natal quanto na capital paulista. Começou a lecionar cedo, em colégios públicos e técnicos; lecionou Antropologia em faculdade particular de Sorocaba (SP) em 1955, antes de iniciar como assistente extranumerária (sem vencimentos) na Faculdade de Filosofia da USP, no ano de 1956, na Cadeira de Antropologia. A partir de 1963, torna-se instrutora nessa instituição, para, em 1970, integrar o então recente Departamento de Ciências Sociais da FFLCH-USP, especificamente na área de Ciência Política. Participou, por curto período, do grupo dos *Seminários de Marx*. Teve boas experiências internacionais, pois, entre 1964-66, lecionou Antropologia na Facultad Latino Americana de Ciências Sociales (FLACSO) em Santiago-Chile; entre idas e vindas, passou mais quatro anos fora do país, entre o Chile e os EUA (1966-1970). Ruth Correa Leite Cardoso defendeu seu Mestrado em 1970, intitulado **O papel das associações juvenis na aculturação dos japoneses**; seu Doutorado, de 1972, foi **Estrutura familiar e mobilidade social: estudos dos japoneses no Estado de São Paulo**. Em sua carreira, privilegiou temas ligados a questões urbanas, integração de pequenos grupos e culturas diferentes na cidade grande e, nas décadas de 1970 a 1990, movimentos sociais, além de ter participado e trabalhado com mobilizações e campanhas educacionais e sociais. Dentro dessa perspectiva, atuou no governo de seu marido, sendo fundadora do projeto Comunidade Solidária, entre 1995 e 2002. É conhecida por ser esposa de figura de proa das Ciências Sociais *uspianas*, Fernando Henrique Cardoso, apesar de sempre ter tido carreira independente. Faleceu em 2008. Cf. CARDOSO, Ruth Correa Leite. **Documentos de Ruth Correa Leite Cardoso**, s/d CARDOSO, Ruth C. L. Entrevista com Ruth Cardoso, **Cadernos de Campo**, v. 8, n. 7, p. 149-166, 1997/98; CARDOSO, Ruth C. L.; SEVILLANO, Daniel Cantinelli. Entrevista com Ruth Cardoso, **Informe**, n. 21, p. 34-37, set./out. 2005.

(ambos oriundos de setores minoritários e decadentes da elite no Estado e no País), Eunice Ribeiro Durham faz parte de uma origem de classe desejosa de ascender socialmente – não obstante o fato de o pai até já ser professor estabelecido, bem como a família deste e até a da mãe.

Eunice Ribeiro Durham tornou-se bacharel e licenciada em Ciências Sociais pela FFCL-USP em 1954. Iniciou a carreira como assistente extranumerária (sem vencimentos) junto à Cadeira de Antropologia da USP, em 1955. Lecionou em colégios públicos e foi assistente (1958) e professora (1959-60) das Cadeiras de Antropologia e Etnografia Geral e Etnografia do Brasil no *Sedes Sapientiae*-PUC. Na Faculdade de Filosofia da USP, foi assistente extranumerária (entre 1955 e 1959), auxiliar de ensino, instrutora (1959-1966), assistente novamente (1966-1967), regente “a título precário” (1967) e assistente doutor (1967-1970), todos na Cadeira de Antropologia.

Com bolsas concedidas pelas universidades norte-americanas por onde passou e pela CAPES, fez cursos de pós-graduação em Vanderbilt University e University of Oregon (ambas nos Estados Unidos da América), entre 1955-1956.

Tendo por Orientador formal Egon Schaden, e por temas a Antropologia urbana, mudanças sociais, assimilação e migrações, fez a Dissertação de Mestrado **Mobilidade e assimilação: a história do imigrante italiano num município paulista**, em 1964, e a Tese de Doutorado **Migração, trabalho e família: aspectos do trabalhador de origem rural à sociedade urbano-industrial**, em 1966. No caso deste, baseou-se em pesquisas de campo, trabalhando com equipe dirigida pelo antropólogo Darcy Ribeiro no Centro Brasileiro de Pesquisas Educacionais (CBPE), e em trabalhos de outro antropólogo, Carlo Castaldi, nos anos 1950.

Nessas obras, Eunice Ribeiro Durham, assistente de Gioconda Mussolini, estava um pouco distanciada do pensamento teórico de Egon Schaden (principalmente de seus temas prediletos, a aculturação e a etnologia indígena brasileira), optando por trabalhar com migrações urbanas e problemas ligados à transição para a sociedade industrial no País. Os distanciamentos intelectuais aumentariam, especialmente depois da passagem de Eunice Ribeiro Durham pelos Estados Unidos da América, recém-formada, quando faria um importante estágio na

Universidade Vanderbilt. Na década de 1960, a aculturação, segundo ela, já estaria datada²³⁸.

A “sua” Antropologia (a urbana, com estudos sobre família, parentesco) seria desenvolvida após a década de 1980, em momento histórico mais aberto politicamente, tanto na Universidade quanto na sociedade em geral. E, na vida acadêmica dessa professora, um dos mais constantes embates estava ligado à (não) adequação dos conceitos *marxianos* (ou sua má colocação) em relação aos temas da Antropologia, como família, parentesco, comunidades.²³⁹

Outra contraposição estaria (supostamente) no fato de João Baptista Borges Pereira ter assumido a Cadeira de Antropologia, em 1967; após a transformação do sistema de Cátedras para o de Departamentos, a antropóloga deixaria a área, transferindo-se para a então recente Ciência Política, no novo Departamento de Ciências Sociais. Eunice Ribeiro Durham era grande amiga de Gioconda Mussolini e não aceitara muito o antropólogo na regência da Cadeira.

Assim como a não resolução da Tese de Doutorado de Gioconda Mussolini estaria ligada às suas diferenças com Egon Schaden, Eunice Ribeiro Durham, como boa respeitadora das hierarquias da Cátedra, não desenvolveria nenhum rompimento com seu Orientador, para não prejudicar a carreira, naturalmente. Aliada a tal comportamento, a antropóloga teve como “parceiras”, a lhe fornecerem solidez, tanto a já referida Gioconda Mussolini, quanto a colega Ruth Correa Leite Cardoso, com quem manteve amizade “cúmplice” e interlocução constante, bem como as assistentes **Thekla Olga Hartmann**²⁴⁰ e **Renate Brigitte Nützler Viertler**²⁴¹.

---

²³⁸ Conforme depoimento a nós concedido por Eunice Ribeiro Durham. DURHAM, Eunice Ribeiro. **Depoimento concedido ao autor**. 21/08/2008. Claro, os termos não podem, também, ser colocados de modo tão díspares. Assim, o fato de se trabalhar com a *assimilação* não significa que a pessoa destoe ou despreze totalmente a aculturação – mesmo porque, uma população assimilada deve ser, em geral, sucessora de um grupo em anterior processo de aculturação. A aculturação incorporaria a assimilação, em síntese.

²³⁹ Cf. DURHAM, Eunice R.; Fry, P. (org.). **A dinâmica da cultura: ensaios de antropologia**, *op. cit.*, 2004.

²⁴⁰ **Thekla Olga Hartmann**, filha de imigrantes alemães, nasceu em São Paulo (SP), em 1933. Oriunda da classe média (pequena burguesia emergente), estudou em bons colégios, fez cursos de inglês e de Biblioteconomia – este, na ELSP-SP, em 1951. Ajudava na indústria do pai, após terminar a graduação. Fez o bacharelado e a licenciatura em Ciências Sociais na FFCL-USP, completando-os em 1957.

No dizer de Eunice Ribeiro Durham:

“E eu acho que o Schaden dificultou um pouco a carreira dela; se ele tivesse estimulado a Gioconda um pouco mais, ajudado em alguma coisa. O Schaden jamais ajudou alguém a fazer tese (...). Então eu acho que a Gioconda ficou um pouco sozinha demais. Porque eu e a Ruth nos apoiávamos, mas ela (estava só) (...). Eu fiz a tese praticamente sozinha, eu ajudava a Ruth e ela me ajudava (...). Primeiro eu trabalhei com imigrantes italianos; daí veio o interesse pela família. Eu peguei velhos italianos, era difícil trabalhar com aculturação, eu trabalhei com assimilação. (E) essa orientação do Schaden, eu me lembro que a gente fazia relatórios anuais. E eu nunca me lembro dele ter comentado nada. Não havia na Antropologia uma orientação coletiva como na Sociologia (...), que foi quase uma escola *florestânica*. Mas o Schaden não foi orientador. Na minha opinião, ele não estava muito interessado que a gente, eu e Ruth, fizesse Doutorado. Isso é uma impressão. Nunca ele me cobrou o Doutorado. Nunca estimulou muito a produção científica da nossa parte. (...). Mas ele nunca me orientou, me estimulou. O Schaden não gosta da minha tese, ele não queria nem aceitar. Quando apresentei, ele disse que não era uma Tese de Antropologia, disse que era Sociologia. Eu tive que brigar para defender minha tese.”²⁴²

Numa síntese, ambas (Eunice e Ruth) desenvolveram excelente dobradinha. Seria o possível que poderiam fazer para sobreviver academicamente.

Profissionalmente, foi professora de Antropologia e Etnografia na Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras de Sorocaba entre 1960 e 1965; de Sociologia no *Sedes Sapientiae*-PUC (1962) e instrutora na Cadeira de Antropologia da FFCL-USP, entre 1964 e 1972. Fez “Especialização” (*sic*) (1964), “Mestrado” (*sic*) (1965) e o Doutorado (1970) em Antropologia na FFCL-USP. Teve grande experiência, principalmente internacional, realizando intercâmbios, com bolsa de estudos, no Instituto Frobenius (Universidade de Frankfurt/Alemanha), entre 1958-1960, na Romênia (1966) e no Intercâmbio do Serviço Alemão de Intercâmbio Acadêmico (1966-1967). Tendo por Orientadores Egon Schaden e João Baptista Borges Pereira, realizou Tese sobre etnologia brasileira com os títulos de **Nomenclatura botânica dos Bororo** e **A contribuição da iconografia para conhecimento de índios brasileiros do século XIX**. Trabalhou basicamente com etnografia. Hoje é aposentada. Cf. HARTMANN, Thekla Olga. **Memorial**, 1970.

²⁴¹ **Renate Brigitte Nützler Viertler** nasceu em Berlim (Alemanha), em 1941, tendo chegado ao Brasil – na capital paulista – pequena, com os pais. Imigrante, pertenceria a setores da pequena burguesia emergente. Estudou em bons colégios privados (Colégios Visconde de Porto Seguro e Dante Alighieri). Em 1963, tornou-se bacharel e licenciada em Ciências Sociais pela FFCL-USP. Foi instrutora na Cadeira de Antropologia, a partir de 1964. Fez “Especialização” (1965) e “Mestrado” em Antropologia (1967) na área de Etnologia brasileira, orientada por Gioconda Mussolini, intitulada **Os Kamayurá e o Alto Xingu: análise do processo de integração de uma tribo numa área de aculturação intertribal**. Sempre atuou na área da etnografia. Hoje é professora associada no Departamento de Antropologia da FFLCH-USP. Cf. VIERTLER, Renate Brigitte Nützler. **Curriculum Vitae**. Disponível em <http://www.cnpq.br/lattes>. Acesso em: 09 out. 2007; VIERTLER, Renate B. N. **Memorial**, 1975.

²⁴² DURHAM, Eunice Ribeiro. **Depoimento concedido ao autor**. 21/08/2008.

Porque também “faziam parte do grupo (mais amplo) de professores assistentes sob a liderança de Fernando Henrique e do Giannotti”²⁴³ ou em torno deles. O que, se gerava ajudas mútuas aumentando as competências individuais, também, por sua vez, criava alta competitividade entre todos.

De modo semelhante, Eunice Ribeiro Durham não parece demonstrar ligações, em termos intelectuais, com as temáticas da Cadeira de Sociologia II, principalmente relacionadas ao modo desta entender, pelo lado cultural, as populações tradicionais. O depoimento a seguir, realizado muitos anos depois, é representativo:

“Parto da convicção de que universidades que associam ensino e pesquisa são indispensáveis para o desenvolvimento científico, tecnológico, econômico e social de qualquer país. Só nelas, ao mesmo tempo, em que se formam novos pesquisadores, se realizam aquelas investigações cujo resultado é de domínio público e de alto interesse social. No Brasil, seu papel foi e é fundamental. Basta lembrar a contribuição das nossas universidades para o combate das doenças humanas e pragas agrícolas; para o desenvolvimento de novas tecnologias que transformaram profundamente a agricultura, a zootecnia, as construções civis, a extração de petróleo em áreas profundas; para a apropriação e produção de conhecimento necessário para o progresso das telecomunicações, dos meios de transporte e da engenharia genética; para o conhecimento da nossa história e da nossa literatura; para análise dos problemas sociais como a violência, a pobreza e a marginalidade. Isto, só para citar umas poucas.”²⁴⁴

Este trecho já denotaria diferenças (e disputas simbólicas) entre as Cadeiras. No caso, de Sociologia II, a quem a antropóloga considerava “atrasada” (à exceção de Antonio Candido de Mello e Souza, Fernando de Azevedo e Maria Isaura Pereira de Queiroz)²⁴⁵.

---

²⁴³ DURHAM, Eunice Ribeiro; SEVILLANO, Daniel Cantinelli. Entrevista com Eunice Durham. **Informe**. Informativo da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas – USP. São Paulo, n. 14, p. 10-13, out. 2004: 11.

²⁴⁴ DURHAM, Eunice Ribeiro. **Série grandes depoimentos: Eunice Ribeiro Durham**. Brasília: ABMES Editora (Associação Brasileira de Mantenedoras de Ensino Superior), 2002: 9.

²⁴⁵ DURHAM, Eunice Ribeiro. **Depoimento concedido ao autor**. 21/08/2008.

Após a década de 1970, Eunice Ribeiro Durham participaria ativamente da militância científica, nas áreas da Antropologia e do ensino, assumindo funções em instituições científicas e nos governos estadual e federal. Atuou na Associação Brasileira de Antropologia, no Conselho Científico da CAPES, no CONDEPHAAT, SBPC, NUPPES, MEC, Secretaria de Ensino Superior, Conselho Nacional de Educação. É hoje aposentada (atuante) pelo Departamento de Antropologia da FFLCH-USP.

Além disso, Eunice Ribeiro Durham, hoje divorciada, casara-se, na década de 1960, com o antropólogo norte-americano John Durham, com quem teve um filho – nascido em 1966. Assim como Maria Sylvia de Carvalho Franco, o matrimônio não tivera nenhum reflexo em sua vida profissional (a gravidez da antropóloga, sim, atrasara um pouco a defesa do Doutorado): é o fato de Eunice Ribeiro Durham pertencer a essa nova *geração*, em que as relações de *gênero* influenciam menos o desenrolar de carreiras femininas, diferentemente da *geração* anterior, em que a opção pelo matrimônio era quase divisora de águas para “atrapalhar” a profissão de docente/pesquisador.

Eva Alterman Blay²⁴⁶ nasceu na capital paulista em 1937. É brasileira, filha de imigrantes judeus poloneses. O pai era industrial e comerciante, o que os torna integrantes da burguesia ascendente. Isso determina infância e juventude economicamente abastadas; sendo oriunda de família de imigrantes, as relações de parentesco seriam limitadas ou circunscritas, provavelmente, ao bairro e ao grupo étnico judaico, somos levados a crer. Eis seus depoimentos, extraídos do Memorial:

---

²⁴⁶ BLAY, Eva Alterman *Curriculum Vitae*. Disponível em <http://www.cnpq.br/lattes>. Acesso em 31/08/2006; BLAY, Eva A. Entrevista: aposenta-se a Professora Eva Alterman Blay. **Informe**, n. 37, pp. 4-7, out. 2007; BLAY, Eva A. Gênero na Universidade. **Educação em Revista**, n. 3, pp. 73-78, 2002b; BLAY, Eva A. **Memorial**, 1986; BLAY, Eva A. Verbete. In: SCHUMACHER, Schuma & BRAZIL, Érico Vital (orgs.). **Dicionário Mulheres do Brasil: de 1500 até a atualidade**, 2000. Pp. 213-214; BLAY, Eva A; MENDES, J. C.; BECKER, S. “Eva Blay: entrevista à Juliana C. Mendes e Simone Becker”. In: GROSSI, Miriam P.; MINELLA, L. S.; PORTO, Rozeli (orgs.). **Depoimentos: trinta anos de pesquisas feministas brasileiras sobre violência**, 2006. Pp. 95-110; BLAY, Eva A; MORENO, Leila K.; BLASQUES, Márcia. Mulher, mãe e cientista: uma travessia de tabus e desafios. **Jornal da USP**, Ano IX, n. 309, 20 a 26/03/1995, pp. 10-11; BLAY, Eva A; SEVILLANO, Daniel C. Entrevista com Eva Blay. **Informe**, v. 2, p.152-154, edição especial 2006b; BLAY, Eva A; VIANNA, Rodolfo. A Prof.^a Dr.^a Eva Blay e a questão de gênero. **Informe**, n. 10, p. 67-71, abr. 2004c.

“Uma segunda vertente de meus trabalhos, que aqui de modo livre chamei de “meu bairro” (*sic*), diz respeito aos meus estudos sobre Sociologia Urbana. (...) Devido a esta temática também tenho sido convidada para inúmeros debates, análises e viagens. Creio que o que sintetiza mais fortemente meu trabalho nesta área é o estudo sobre as vilas operárias em São Paulo. Minha vida pessoal, durante a infância, teve como cenário o bairro do Brás, raiz que nunca me abandonou. A ela se liga meu vínculo pessoal com o operariado – meus vizinhos – com suas casas, o apito das chaminés das fábricas que os chamavam para o trabalho, o medo de chegar atrasada, o salário, enfim, o nosso cotidiano das ruas, dos cortiços, da escola primária, da Avenida... Traduzir isto tudo numa visão sociológica se tornou possível na Livre-Docência e principalmente na publicação do livro “EU NÃO TENHO ONDE MORAR” (*sic*) (...). Finalmente (sobre as origens judaicas), minha origem mais antiga, minha memória. Assumi, pela primeira vez de um modo acadêmico, minha origem judaica. A pesquisa que estou terminando sobre OS JUDEUS NA MEMÓRIA DA CIDADE DE SÃO PAULO (*sic*) e o vídeo-tape JUDEUS EM SÃO PAULO (*sic*) – o encontro de diferentes trajetórias – constituem um projeto extremamente gratificante. Busquei, com uma equipe, os velhos judeus imigrantes. Descobri então velhos judeus já nascidos no Brasil e em São Paulo. (...). Confesso que eu sabia muito do que fui encontrando, mas aprendi muito mais. (...). Creio que cada vez mais me afasto de um pseudo-racionalismo e busco, através das emoções, encontrar a realidade social enfrentada pelo grupo dos quais faço parte.”²⁴⁷

Eva Alterman Blay, tendo estudado no Colégio Estadual Presidente Roosevelt, em São Paulo, terminou o bacharelado e a licenciatura em Ciências Sociais na FFCL-USP em 1959. Seu primeiro emprego foi na Faculdade, como auxiliar de pesquisa no grupo de Maria Sylvia de Carvalho Franco, Frank Goldman, Juarez Rubens Brandão Lopes, Padre Stanley e de Bertram Hutchinson, de 1958 a 1960; depois, foi auxiliar de pesquisa no Instituto Roberto Simonsen, da FIESP, em 1963; instrutora voluntária na Cadeira de Sociologia II, de 1961 a 1963 e instrutora contratada, nessa Cadeira, de 1963 a 1969. Após, seria professora contratada até 1978, quando se efetivaria.

Entre as titulações obtidas, estão as de “Especialização” em Sociologia (1966), a de “Mestrado” (*sic*) em Sociologia (1968), a de Doutorado

---

²⁴⁷ BLAY, Eva Alterman. **Memorial**, *op. cit.*, 1986: 5-6.

(1973) e, mais tarde, a de Livre-docente (1982), bem como o Pós-Doutorado (1996), todos pela Faculdade de Filosofia da USP.

Seu envolvimento com política estava mais relacionado à militância feminista; seu pioneirismo, nos estudos sobre mulher, relações de *gênero*, mercado de trabalho feminino e assuntos afins. Ambos se relacionavam. É dessa forma que, orientada por Ruy Galvão de Andrada Coelho no Mestrado e por Azis Simão no Doutorado, teve por tema das teses questões relacionadas a estudos sobre *mulher, relações de gênero, educação e profissionalização e trabalho feminino*. Seu Mestrado foi **Mulher, escola, profissão: estudo sociológico do ginásio industrial na cidade de São Paulo**; e o Doutorado, **Trabalho domesticado: a mulher na indústria paulista**, defendido em 1973.

Após a década de 1970, aprofundou a vida acadêmica ao lado de atuante vida política e institucional. Além de produzir dezenas de artigos, ensaios e livros sobre temas ligados à mulher, relações sociais de *gênero*, movimentos sociais, direitos reprodutivos, violência doméstica, habitação popular e imigração judaica, atuou no Conselho Estadual da Condição Feminina de São Paulo, ajudou a implantar o programa de Delegacia da Mulher, fundou o Núcleo de Estudos da Mulher e Relações Sociais de Gênero (NEMGE), foi Senadora da República (1992-1994), realizou trabalhos para a ONU, entre outros serviços prestados à comunidade (brasileira e internacional). Recebeu dezenas de prêmios e homenagens por tais atuações, sendo hoje professora Titular (aposentada, mas atuante) do Departamento de Sociologia da FFLCH-USP.²⁴⁸ E, segundo ela:

---

²⁴⁸ Entre suas principais obras, estão **Assassinato de mulheres e direitos humanos; Mulheres na USP: horizontes que se abrem** (com Alice B. S. G. Lang); **Oficina dos direitos da mulher; Gênero e universidade; Perfil da mulher brasileira; A luta pelo espaço; Eu não tenho onde morar; As prefeitas; Mulher, escola e profissão; Trabalho domesticado: a mulher na indústria paulista e Urbanização em região sub-desenvolvida**. Cf. BLAY, Eva Alterman *Curriculum Vitae*. Disponível em <http://www.cnpq.br/lattes>. Acesso em 31/08/2006; BLAY, Eva A. “Gêneros e políticas públicas ou sociedade civil, gênero e relações de poder”. In: SILVA, Alcione L. da *et alii* (orgs.). **Falas de gênero: teorias, análises, leituras**, 1989: 133-146; BLAY, Eva A. **Memorial**. 1986; BLAY, Eva A. Verbete. In: SCHUMAHER, Schuma & BRAZIL, Érico Vital (orgs.). **Dicionário Mulheres do Brasil: de 1500 até a atualidade**, 2000: 213-214; BLAY, Eva A. *et alii*. “Eva Blay: entrevista à Juliana C. Mendes e Simone Becker”. In: GROSSI, Miriam P. *et alii*. (orgs.). **Depoimentos: trinta anos de pesquisas feministas brasileiras sobre violência**, 2006: 95-110; BLAY, Eva A.; SEVILLANO, Daniel C. Entrevista com Eva Blay. **Informe**, v. 2, p.152-154, 2006b; BLAY, Eva A.; VIANNA, Rodolfo. A Prof.^a Dr.^a Eva Blay e a questão de gênero. **Informe**, n. 10, p. 67-71, abr. 2004c.

“Iniciei meus próprios trabalhos de pesquisa sociológica centrando-os na condição da mulher. As alternativas profissionais oferecidas à mulher, à jovem adolescente, foram o foco de meu Mestrado. Seguiu-se uma análise das trabalhadoras na indústria, que resultou na Tese de Doutorado. Esta problemática nunca mais foi abandonada, ao contrário foi se infiltrando por outros rumos relacionados com a posição socioeconômica e política da mulher. Estudos comparando o trabalho doméstico ao industrial ou analisando o valor do trabalho exercido fora do mercado acabaram provocando algumas análises que entraram em choque com o pensamento *marxista* ortodoxo e têm causado muita polêmica.”²⁴⁹

Isso denota uma Eva Alterman Blay ousada e corajosa nas décadas de 1950, 60 e 70. Quando estudante do colegial, sem a autorização do pai, viajou sozinha pelo Nordeste do Brasil, “algo impensável para uma mocinha sozinha naqueles anos 50”; após a formatura, perdida no que pretendia ser, percorreu Europa e Israel, numa “viagem cultural”, sozinha e com pouco dinheiro, visitando museus e lugares históricos – nesse último país, aproveitando a viagem, realizou um curso, organizado pelo Ministério da Educação e Cultura local. Segundo ela própria, sempre ignorou ou desconheceu obstáculos, pois, se “(eu) queria algo, ia atrás.”²⁵⁰

Apesar da grande força de vontade, as dificuldades continuariam. Durante a década de 1960, nos primeiros anos como professora, seus cursos sobre a condição feminina eram contrariados, ridicularizados, esvaziados, não freqüentados. O discurso “*marxista*” imperante, na Academia, nos meios mais ideológicos e nos meios estudantis, taxava-os de “pouco sérios”, “diletantes”, “pequeno-burgueses”, “menores”, sugerindo que eles dividiriam os movimentos reivindicatórios ou o “proletariado”. Ao lecionar a disciplina “Organização social”, no ano de 1965, propôs como tema de trabalho de conclusão o título “A participação social da mulher”. Os alunos rebelaram-se. Eva Alterman Blay manteve-se ativa, até que acabaram se entendendo, mas à custa de muito sacrifício.

Estes foram os capitais (políticos, econômicos e culturais) de Eva Alterman Blay. A passagem pelo Exterior não foi tão relevante. Mais relevante foi a

---

²⁴⁹ BLAY, Eva Alterman. **Memorial**, *op. cit.*, 1986: 4.

²⁵⁰ Conforme depoimento de Eva Alterman Blay. BLAY, Eva Alterman. **Depoimento concedido ao autor**. 12/08/2008.

estabilidade de seu casamento, visto no fato de que seu marido, empresário bem sucedido, dava-lhe tanto o apoio para que ela se aprofundasse na carreira, quanto a tranquilidade econômica, para que não precisasse se preocupar com a sobrevivência – ela trabalhou tempos com pouca ou nenhuma remuneração, no início da carreira na FFCL-USP. A professora é casada, desde 1964, com o empresário de origem judaica Jaime Blay. Nesse caso, portanto, outra típica representante de uma moderna *geração* em que o marido representa mais apoio que barreira; e *geração* na qual o matrimônio e o celibato já não significam tantos obstáculos a uma carreira.

Além disso, não encontramos melhor relação entre *orientanda* e *orientador homem* que entre Eva Alterman Blay e Ruy Galvão de Andrada Coelho (salvo Maria Isaura Pereira de Queiroz com Roger Bastide e Paula Beiguelman com Lourival Gomes Machado). Relação essa nos termos de reconhecimento pessoal, intelectual, de amizade e de respeito à hierarquia. Ela se desdobra em elogios e medidas a ele, em seu depoimento. Diferente das outras relações, algo menos festivas, ou mais tensas.²⁵¹

Esta teria sido a melhor estratégia de Eva Alterman Blay para se manter, para se sustentar, para se legitimar. Tranqüilamente e, não obstante a batalha ousada com a introdução dos estudos femininos, mediu, conciliando. Até porque estava na Cadeira de Sociologia II (que concentrava mais mulheres, que tinha o CERU e que era dominada por seu orientador e por Maria Isaura Pereira de Queiroz, sua grande amiga). Aliás, este seria sido o mesmo caso de Aparecida Joly Gouveia²⁵² e de Heloisa Helena Teixeira de Souza Martins²⁵³.

---

²⁵¹ Conforme depoimento. BLAY, Eva Alterman. **Depoimento concedido ao autor**. 12/08/2008.

²⁵² **Aparecida Joly Gouveia** nasceu em Itatiba (SP), em 1919, e faleceu em 1998, em São Paulo. Supõe-se que suas origens de classe estejam ligadas à pequena burguesia, pelo modo como conta sobre sua infância, juventude e início da Faculdade, nos depoimentos obtidos, tendo começado a trabalhar relativamente cedo. Segundo ela, exceto na cidade de origem, não havia ninguém que conhecesse onde morou e trabalhou a maior parte da vida, as cidades do Rio de Janeiro e de São Paulo. Essa solidão trouxe-lhe dificuldade, pois não possuía as redes de familiares e amigos. Na infância, estudou na Escola Normal de Casa Branca (SP), pública, em 1937. Seu primeiro emprego foi como professora de escola rural, perto de Ribeirão Preto; depois, na Escola Normal de Casa Branca (SP), entre 1938-1940. Sendo aprovada em concurso, começou a trabalhar no Departamento de Administração e Serviço Público, o DASP, ainda no início dos anos 1940. Assim, conseguiu bacharelar-se em Ciências Sociais pela Escola Livre de Sociologia e Política de São Paulo, em 1950. Após, atuaria como professora assistente no “Curso de Especialização em Pesquisas Sociais Rurais da Universidade Rural do Brasil” (1955); depois, como instrutora na Cadeira de Sociologia II (1966-1967), assistente doutor (1967-1968) e assistente livre-docente (1968-1970). Obteve os

Finalmente, temos **Maria do Carmo Campello de Souza**, que nasceu em Pindamonhangaba (SP), em 1935, e faleceu na cidade de São Paulo em 2006²⁵⁴. Pertencia aos setores da classe média (ou pequena burguesia), pois o pai era “um médico importante na cidade, que foi presidente da Câmara Municipal de lá durante muito tempo, ou seja, era vereador, portanto, médico, profissional liberal, bem estabelecido”²⁵⁵, e irmãos militares, advogados, professores²⁵⁶.

---

títulos de Doutor pela Universidade de Chicago (1962) e o de Livre-docente pela Faculdade de Filosofia da USP (1968). Foi pesquisadora do Instituto Nacional de Estudos Pedagógicos (INEP), do Centro Brasileiro de Pesquisas Educacionais (CBPE) e do Centro Regional de Pesquisas Educacionais (CRPE). Entre 1962 e 1968, coordenou pesquisas nacionais sobre Educação pelo CBPE, por CRPEs e pela Universidade de Chicago, bem como participou de pesquisas para a Campanha de Erradicação do Analfabetismo (1957). É extensa sua lista de atividades no Exterior, como a participação em pesquisas, a realização de palestras, mesas-redondas, seminários, congressos, entre outros, pela América e Europa. Entre suas produções estão *Milhares de normalistas e milhões de analfabetos* (In: **Educação de Ciências Sociais**, vol. 9, n. 17, 1961) e **Professores de amanhã: um estudo de escolha ocupacional**, produto de sua Tese de Doutorado. Com essas informações, supomos que suas origens sociais e a formação como professora normalista muito explicam sobre as dificuldades do início de carreira e a atuação na área temática ligada à educação. Cf. GOUVEIA, Aparecida Joly. **Documentos de Aparecida Joly Gouveia**. ARQUIVOS DA SEÇÃO DE PROTOCOLO, s/d.; GOUVEIA, A. J. **Memorial. Apresentado à FFLCH-USP para o concurso de Professor Titular do Departamento de Ciências Sociais**, 1983; PAOLI, Niuvenius Junqueira. “Anexo n. 6 – Depoimento: Aparecida Joly Gouveia”. In: **As relações entre as ciências sociais e educação nos anos 50/60 a partir das histórias e produções intelectuais de quatro personagens: Josildeth Gomes Consorte, Aparecida Joly Gouveia, Juarez Brandão Lopes e Oracy Nogueira**, 1996. Vol. II. Pp. 177-178.

253 **Heloisa Helena Teixeira de Souza Martins** nasceu em Bariri (SP), em 1941. Descende de imigrantes italianos por parte materna e possui origens proletárias urbanas – o pai era funcionário de indústria química e a mãe, costureira. Bacharel e licenciada (1963) em Ciências Sociais pela Faculdade de Filosofia da USP. Seus primeiros empregos, alguns durante a graduação, foram realizando trabalhos e pesquisas para Octavio Ianni (1961), para o Serviço Estadual de Mão-de-Obra/SEMO, da Secretaria do Trabalho, Indústria e Comércio paulista (1962), para o Plano Diretor de Goiânia (1961-1962) e de Moji-Mirim (1964-1965), para o CRPE, o MEC e a FAPESP, e sobre operários, com Luiz Pereira (1963-1964). Foi professora substituta de Sociologia no Curso Normal do Instituto de Educação Américo Brasiliense, em Santo André (SP) (1965). Entre os principais cargos obtidos na USP estão os de pesquisadora no DIEESE (1965-67) e instrutora na Cadeira de Sociologia II (1968-69). Obteve o título de “Especialização” em Sociologia (1965). Tendo por Orientador Aziz Simão, defenderia seu Mestrado no início da década de 1970, cuja temática girava em torno do sindicalismo, da burocratização e das relações no trabalho. O título foi **O sindicato e a burocratização dos conflitos de trabalho no Brasil: formação escolar e acadêmica**. Realizaria, posteriormente, o Doutorado em Sociologia na FFLCH-USP. Hoje, é aposentada pelo Departamento de Sociologia da FFLCH-USP. É casada, desde meados da década de 1960, com o sociólogo José de Souza Martins. Cf. MARTINS, Heloisa Helena Teixeira de Souza. **Curriculum Vitae**. Disponível em <http://www.cnpq.br/lattes>. Acesso em: 14 ago. 2006; MARTINS, Heloisa H. T. de S. **Documentos de Heloisa Helena Teixeira de Souza Martins**, s/d; MARTINS, Heloisa H. T. de S. **Memorial**, 1978.

²⁵⁴ SOUZA, Maria do Carmo Campello de. **Documentos de Maria do Carmo Campello de Souza**, s/d.

²⁵⁵ Conforme depoimento de Roberto Schwarz. SCHWARZ, Roberto. **Depoimento concedido ao autor**. 01/10/2008.

Foi casada, em primeiras núpcias, com o antropólogo John Manuel de Souza em 1969; divorciada, uniu-se ao cientista político Bolívar Lamounier, na década de 1970; posteriormente, a um matemático francês. Para além de o matrimônio significar um empecilho, o casamento da professora corresponderia a uma grande parceria intelectual nessa fase de sua carreira, a uma grande interlocução teórica, que muito a auxiliou no desenvolvimento da Tese de Doutorado. Atente-se, contudo, ao fato de isso se dar nos inícios da década de 1970, momento em que a *geração* de Maria do Carmo Campello de Souza já estava estabelecida.

Maria do Carmo Campello de Souza tornou-se bacharel e licenciada em Ciências Sociais pela FFCL em 1962. Iniciou as atividades profissionais como professora concursada no Grupo Escolar Dr. Alfredo Pujol, de Pindamonhangaba (SP); depois, foi supervisora de pesquisa na Faculdade de Saúde Pública da USP (1961), pesquisadora no CESIT, por breve período (1962) e pesquisadora-bolsista da Cadeira de Política, financiada pela FAPESP. Em 1965, iniciaria a docência, como instrutora, na Cadeira de Política, até 1969. No início da década de 1970, seria auxiliar de ensino, professora assistente doutor e se aposentaria como professora-doutora, em meados da década seguinte.

Fez “Especialização” em Política, terminada em 1964, orientada por Paula Beiguelman. Abordando a política estadual paulista, intitulou-a **A política do Estado de São Paulo no período republicano de 1889 a 1930**. Baseada nesse estudo, publicou seu primeiro trabalho relevante, o artigo “O Processo Político-

---

²⁵⁶ Conforme depoimento de Lúcia Campello Hanh, irmã de Maria do Carmo Campello de Souza. “Todos nascidos em Pindamonhangaba, sendo o pai médico, vindo do Recife (PE) e a mãe, professora primária e dona-de-casa, vinda de São Bento do Sapucaí, sul de Minas Gerais. Eram cinco irmãos: uma, apenas mãe de família e dona-de-casa; outra, professora no ensino médio; dois irmãos militares da reserva e advogados formados pela USP, e a Maria do Carmo. Tinham uma vida boa, mas sem luxos; eram classe média não endinheirada; viviam com o salário de médico do pai. Não tinham dinheiro, mas tinham lustro. Estudaram em escola pública. A família era grande em Pindamonhangaba, a mãe tinha mais três irmãs, todas com filhos; portanto, grande número de tios, primos, sobrinhos, na cidade em que Maria do Carmo cresceu. O primeiro marido John Manuel era de origem inglesa; com Bolívar não se casou, eram “companheiros”. Nunca passou pelo CESIT, mas eu (a irmã Lúcia) sim. Foi algum erro do Florestan pôr em seu livro que a Carmute passou pela instituição. Sua prisão foi por ter escondido panfletos de militantes. Ficou oito meses, sofreu tortura no ouvido; o irmão, como fora militar, conseguiu transferência para hospital-prisão militar, pois ela havia feito operação pouco antes da prisão e tinha que se tratar, naturalmente. Esteve presa com 40 mulheres em 1970. Foi muito amiga de Fernando Henrique, Ruth, Giannotti, Bolaffi, Roberto, Weffort; era muito ligada à Paula, sendo por ela convidada para o Doutorado.”. HANH, Lúcia Campello. **Depoimento concedido ao autor**. 03/10/2008.

Partidário na Primeira República”, em *Brasil em Perspectiva*, de 1967, obra organizada por Carlos Guilherme Mota.²⁵⁷

No período do governo militar, esteve presa por alguns meses – no ano de 1970. Após, voltou às atividades docentes, iniciando as pesquisas que engendrariam a Tese de Doutorado **Estado e partidos políticos no Brasil (1930-1964)**, orientada por Francisco Weffort. Mais tarde, participaria da criação do IDESP (Instituto de Estudos Econômicos, Sociais e Políticos de São Paulo) e do CEDEC (Centro de Estudos de Cultura Contemporânea). Foi professora visitante em Columbia University, onde realizou seu Pós-doutorado. Bem humorada e querida por todos, era carinhosamente chamada de “Carmute”.²⁵⁸

Eis o depoimento de seu amigo Roberto Schwarz:

“(…) A Maria do Carmo era muito sociável, conversava muito, era muito querida, contava para os outros o que estudava, tinha um sentimento muito coletivo do trabalho, era muito amiga da Célia Nunes; ela ficou muito amiga do Fernando Henrique depois, mais tarde... Ela foi envolvida, foi presa, maltratada; agora, que eu saiba, ela deve ter ajudado em alguma coisa, ela não era uma militante regular. Pelo que eu sei, a prisão dela se deveu... a polícia foi à casa dela e achou material de uma organização qualquer, que alguém escondeu lá. Isso não quer dizer que ela militasse. Isso era comum, você ajudar pessoas escondidas, morar lá na casa um tempo, essas coisas. Mesmo pessoas que não eram

---

²⁵⁷ “Maria do Carmo começou a trabalhar na Cadeira de Política no início dos anos 60. Nessa época a Cadeira era composta pelo Catedrático Lourival Gomes Machado (ele era também um especialista em arte e escrevia artigos para jornais sobre arte e política; foi também curador de uma das primeiras Bienais de São Paulo nos anos 50), e pelos seus assistentes (pela ordem de admissão na Cadeira): Paula Beiguelman, Oliveiros Ferreira, eu própria (Célia Nunes) e Francisco Weffort. Maria do Carmo e Eduardo entraram para o grupo mais ou menos em meados dos anos sessenta ou um pouco antes. Em geral, a Especialização ou Mestrado começava já no quarto ano do curso e o convite partia do Lourival ou da sua primeira assistente para se engajar em uma pesquisa que já estava se realizando ou que faria parte do projeto da Cadeira. Maria do Carmo e Eduardo iniciaram suas carreiras sob orientação da Paula Beiguelman já com projetos de pesquisa sobre a primeira república. Em geral a decisão sobre o tema da pesquisa de cada pesquisador/professor era do Catedrático. Os temas deveriam fazer parte de um objetivo mais amplo da Cadeira. No caso da Política, o objetivo principal do Catedrático e de seus assistentes era, a longo prazo, cobrir toda a história política brasileira, instituições, relações de poder, sistemas políticos *etc.* (...) Paula estava mergulhada no império, tema de sua Tese de Doutorado; Weffort, pouco antes de ir para o exílio no Chile, em 1964, desenvolvia seu trabalho sobre populismo, e Maria do Carmo e Eduardo já haviam iniciado suas pesquisas sobre primeira república ao entrarem para a Cadeira. Em meados dos anos 60, outros pesquisadores/professores foram contratados. O prof. Lourival, também antes do golpe de 64, havia aceito um posto na Unesco e afastara-se da Cadeira. Paula, como substituta, assumiu sua direção.”. SANTOS, Célia Nunes G. Q. dos. **Depoimento concedido ao autor**. 03/10/2008.

²⁵⁸ KUGELMAS, Eduardo. Maria do Carmo Campello de Souza (1936-2006). **Dados**, 2006: 5-10; SOUZA, Maria do Carmo Campello de. **Documentos de Maria do Carmo Campello de Souza**, s/d.

de esquerda tinham. A Carmute era de esquerda, mas penso que ela foi mais da base de apoio do que uma militante. Mas a Carmute não era *marxista* propriamente. Ela era muito bem humorada e tinha muito senso do ridículo das coisas acadêmicas, ela sempre relativizava muito, não se levava muito a sério, não levava os outros também muito a sério; e tinha um lado muito aberto; uma das coisas que se manifestava, ela tinha muita curiosidade e simpatia pelos estrangeiros. Ela aproveitou muito da estada de estrangeiros no Brasil, em particular de um historiador que passou aqui pelo Brasil, Perry Anderson, eles ficaram muito amigos; ele aproveitou muito dos conhecimentos dela e ela aproveitou muito dos conhecimentos dele. Ela tinha essa curiosidade pela vida intelectual estrangeira e, de fato, fez uma pequena carreira nos Estados Unidos; quer dizer, ela tinha uma espécie... como se o Brasil só não bastasse, ela queria mais, queria conhecer gente de fora, ela viajou muito, e se interessou muito por isso. Um ponto interessante também, a Carmute tinha uma memória extraordinária, ela sabia a vida política brasileira, os detalhes, as fofocas, ela sabia tudo, tinha tudo na cabeça, isso ajudou muito o trabalho. Ela tinha uma coisa assim, ela fazia um comentário quase de... como se fosse fofoca do Interior sobre a vida política, sabia tudo. Ela estudava política de um jeito especial, menos esquemático e mais de conhecer o pormenor, o dia-a-dia, isso era interessante, era diferente, porque a Faculdade tendia muito para o teórico e o esquemático. E a Carmute tendia pro factual e pro pessoal. Então, dava uma coisa diferente, que enriquecia.”²⁵⁹

Temos também o depoimento de sua colega, Maria Hermínia Tavares de Almeida:

“A política teve efeito sobre todo mundo que viveu nessa época; e com a Maria do Carmo não foi diferente. Porque ela esteve presa, não!? E isso foi uma interrupção importante na carreira dela. Ela não era orientada para a carreira. Com o correr do tempo isso foi ficando mais claro. Era brilhante, brilhante professora. A gente adorava ela, era viva, esperta..., uma coisa sensacional! (Mas) não tinha disciplina e persistência para fazer uma carreira acadêmica. E não fez, se aposentou Doutora; ela tem um artigo bom em **Brasil em perspectiva**, sobre a Primeira República, tem um outro sobre *federalismo*..., ela não tem muita coisa feita porque ela não estava orientada para a carreira. Era uma pessoa boêmia, que tinha interesses muito diversos, depois se meteu na política, depois se aposentou... se aposentou cedo, em algum momento nos anos 80... em 83, 84. (...). Agora, pessoalmente, a Célia Quirino era a grande amiga dela, até o final da vida; era claramente amiga do Fernando Henrique, até

---

²⁵⁹ SCHWARZ, Roberto. **Depoimento concedido ao autor**. 01/10/2008.

o final da vida. Ela teve também uma grande interlocução intelectual com Eduardo Kugelmas, de quem ela era uma grande amiga.”²⁶⁰

Assim, com tais testemunhos, percebemos que enquanto Paula Beiguelman contava com o Orientador Lourival Gomes Machado e com as assistentes Célia Nunes Galvão Quirino dos Santos e Maria do Carmo Campello de Souza como companheiras (porém, “cometendo o desatino de desafiar” Fernando Henrique Cardoso), Maria do Carmo Campello de Souza foi muito amiga de Célia Nunes Galvão Quirino dos Santos²⁶¹, participou, conviveu e era bem relacionada com os futuros componentes do CEBRAP (como Francisco Weffort e Bolívar

---

260 “A Política ficou sem Catedrático um tempão. Depois, veio o Fernando Henrique (outra cabeça, era como se fosse um “Titular”, como se é hoje, tinha a cabeça aberta mesmo, tinha vindo do Exterior, visto outros sistemas; um Catedrático é mais hierárquico, impõe para baixo sua linha). Por razões pessoais ela foi para o Exterior. Casou-se com John de Souza, separou-se, daí veio o Bolívar, daí esse francês, professor de Matemática, ela ficou entre Paris, Nova York, de vez em quando vinha para cá. (...). Mesmo separada depois, desse francês, ela ficou em Nova York, dava aula em Columbia University. Quem abriu espaço foi o Alfred Stepan. Ela voltou para cá porque deixou uma menina aqui, que já estava em idade escolar. Às vezes, voltava, vinha pro IDESP, mas ficava metade do tempo aqui, metade lá. Mas, aí, ela já não estava mais realmente na carreira. O texto sobre o *federalismo*, nos anos 90, era um projeto grande da FUNDAP (...), mas não dá para falar que ela continuou na carreira. Ela foi mais para a área da cultura, trabalhou com o Ivaldo Bertazzo, traduziu textos para ele... A repressão “ajudou”, deu uma cortada na trajetória profissional dela. Mas não foi só isso. Naquela época, as coisas eram menos institucionalizadas. Ela não fez carreira, **apesar de ter feito o livro mais importante daqueles da geração dela (grifo nosso)**. Ela tinha um lado boêmio, de gostar de outras coisas que não a disciplina, nunca foi disciplinada. (...)” ALMEIDA, Maria Hermínia T. de. **Depoimento concedido ao autor**. 18/08/2008. Outra de suas amigas, Maria Tereza Sadek, disse: “(...) Ela era muito amiga da Célia, e muito mais amiga do Fernando Henrique do que de Antonio Candido, Florestan, Ianni. (Agora) eu acho que ela tinha amizades, mas não relações fortes do ponto de vista intelectual. (...)” SADEK, Maria Tereza A. **Depoimento concedido ao autor**. 21/08/2008.

261 **Célia Nunes Galvão (de Barros Barreto) Quirino dos Santos** nasceu no Rio de Janeiro (RJ) em 1930 e veio para a capital paulista quando criança. Oriunda da classe média ou pequena burguesia ascendente (ela e todos os irmãos possuem curso superior), estudou em bons colégios privados e públicos em São Paulo. Tornou-se bacharel e licenciada em Ciências Sociais pela Faculdade de Filosofia da USP em 1954. Foi professora de História em colégios públicos e faculdades privadas, iniciando a carreira na USP como assistente de pesquisa na seção paulista do Centro Regional de Pesquisas Educacionais (CRPE) em 1959. Posteriormente, seria auxiliar de ensino na Cadeira de Política, em 1960, assistente extranumerária (1961-64) e instrutora extranumerária (desde 1964). Fez a “Especialização” em 1957, orientada por Lourival Gomes Machado, tendo por tema a *Inconfidência mineira*, intitulada “Posição ideológica e comportamento político dos inconfidentes mineiros”. Realizaria, posteriormente, na década de 1980, o Doutorado e o Pós-Doutorado. Na Ciência Política, seus trabalhos se concentraram em Teoria política e História das idéias. Casada com o antropólogo José Francisco Fernandes Quirino dos Santos desde 1965, é hoje professora aposentada (atuante) do Departamento de Ciência Política da FFLCH-USP. Cf. SANTOS, Célia Nunes Galvão Quirino dos. “Entrevista”. In: FREITAS, Sônia Maria. **Reminiscências: contribuição à memória da Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras da Universidade de São Paulo, 1934-1945**, 1992: 56-65; SANTOS, Célia N. G. Q. dos. *Curriculum Vitae*. Disponível em <http://www.cnpq.br/lattes>. Acesso em: 10 out. 2007; SANTOS, Célia N. G. Q. dos. **Documentos de Célia Nunes Galvão Quirino dos Santos**, s/d; SANTOS, Célia N. G. Q. dos; VIANNA, Rodolfo. Prof.^a Dr.^a Célia Nunes Galvão Quirino dos Santos. **Informe**, n. 13, p. 4-5, ago./set. 2004.

Lamounier, futuro companheiro). Os inúmeros depoimentos sempre reforçam que ela era uma pessoa simpática e querida por todos.²⁶²

Essas formas de convivência, de sociabilidade e as suas redes de relações sociais bem poderiam corresponder, em certa medida, às estratégias tomadas por ela (por vezes, inconscientemente) para sua conquista do *lugar ao sol*²⁶³. Sutilmente. Era a configuração possível, que lhe fora permitida. E como seus importantes períodos fora do País ocorreriam anos depois, temos que Maria do Carmo Campello de Souza teria optado pelos não-enfrentamentos. Ao contrário,

---

262 “Embora houvesse disputas entre os Catedráticos sobre assuntos não muito relevantes como obter novas vagas para contratar mais professores, espaço interno no prédio *etc.*, havia uma amizade muito grande entre muitos professores assistentes das três Cadeiras básicas que compunham o então Departamento de Ciências Sociais: Sociologia, Antropologia e Política. Vários grupos de estudos se formavam, sobre muitos assuntos, de natureza teórica e sobre história política brasileira e a política social e econômica do momento. A amizade e os grupos não se limitavam nem aos professores das Cadeiras nem aos professores do Departamento de Ciências Sociais, elas abrangiam professores de Filosofia, História e mesmo de outras Faculdades, como da Economia, que se localizava ao lado, na rua Dr. Vila Nova, Arquitetura, que era na R. Maranhão *etc.*. Era comum também alunos participarem desses grupos de discussão e aprendizado. Não havia nenhuma diferença de relacionamento entre amigos e colegas homens ou mulheres. As influências intelectuais também ultrapassavam os interesses de pesquisa de cada professor. Discutia-se tudo, política, cinema, teatro, literatura e as várias obras, teóricas ou não, recém-publicadas, como Sartre, Foucault, Lévi-Strauss, Poulantzas ou Celso Furtado, Caio Prado, Sérgio Buarque e, por vezes, até as teses dos colegas. Como era um mundo comunitário, muitas vezes as teses tinham temas parecidos e usavam como fonte a mesma bibliografia, mesmo que fossem realizadas em Cadeiras diferentes. Foi o caso das famosas discussões e disputas entre Fernando Henrique e Paula que fizeram suas teses de Doutorado sobre temas parecidos, relativos à questão do escravismo e do capitalismo. Por essa época, por aqui passavam professores franceses e ingleses, e sempre havia discussões sobre política e a situação das ditaduras na América Latina. Alguns ficavam fazendo pesquisa sobre o Brasil na Cadeira de Política, como foi o caso do Perry Anderson, que no momento era apenas um dos editores da “New Left Review”; outros vinham para dar aulas na Filosofia, como o Foucault ou o Pierre Clastres – antropólogo aluno do Lévi-Strauss e que acabou ficando por aqui mais tempo, enquanto pesquisava os guarani no sul do Brasil e no Paraguai e tornou-se um amigo querido de todo o grupo.”. SANTOS, Célia Nunes G. Q. dos. **Depoimento concedido ao autor**. 03/10/2008.

263 “Ao lado do já classificado como primeiro e grande Seminário de Marx, muitos outros surgiram e muitas vezes depois de 64, com a participação de alguns dos remanescentes do primeiro e grande grupo. Assim foi com o segundo Seminário de Marx, por exemplo, do qual fiz parte, além de Roberto Schwarz, que tinha sido um dos integrantes do primeiro, e era fiel freqüentador. Maria do Carmo não fez parte nem deste segundo nem do primeiro Seminário de Marx. Mas as amizades nascidas nesse período foram profundas e duradouras e não eram formadas apenas a partir de grupos de estudos, diria que, ao contrário, era por sermos amigos, sentirmos a mesma necessidade de estudar e de termos posições políticas parecidas que era possível organizar os grupos de estudos. E, apesar dos exílios e prisões, que nos mantiveram, às vezes, por anos afastados, as amizades (alguns já faleceram como Maria do Carmo, Eduardo Kugelmas, Ruth Cardoso, Bento Prado) permaneceram e permanecem até hoje. Mas, por isso tudo, apesar das diferenças de pesquisa, de estar em Cadeiras diferentes, nos considerávamos um só grupo acadêmico, todos de esquerda e procurando em cada trabalho pessoal ser o mais “marxista” possível. Todas as nossas referências teóricas eram semelhantes e se fundamentavam basicamente em Weber e Marx. Por isso tudo, as influências eram muitas. As discussões eram constantes. Maria do Carmo, Eduardo, Weffort e eu, sem dúvida, tivemos em nossos primeiros estudos uma firme orientação da Paula Beiguelman e do prof. Lourival (...)”. SANTOS, Célia Nunes G. Q. dos. **Depoimento concedido ao autor**. 03/10/2008.

teve em seu círculo de amizades/relacionamentos, na Cadeira de Sociologia I, Florestan Fernandes e Fernando Henrique Cardoso. Nem por isso bateria de frente com eles, como fizera sua “líder”, Paula Beiguelman. Não pretendia, aparentemente, ver a vida como eterna “disputa” de poder com a Cadeira de Sociologia I; sua área, se comparada com a dessa Cadeira, tinha, é verdade, menos exuberância, de fato.

Análises e considerações

Passamos agora às análises gerais e à adequação da tipologia dos grupos geracionais a que, segundo nossa interpretação, teriam pertencido as sete professoras.

Gioconda Mussolini e Paula Beiguelman, ambas “aliadas de classe” de Florestan Fernandes por origem, não sofreriam tanto a oposição do grande nome da Sociologia *uspiana*. O que não significa, necessariamente, a inexistência de pequenas rugas – como, por exemplo, o fato de Paula Beiguelman e Gioconda Mussolini, em 1968, terem rompido momentaneamente com Florestan Fernandes quando do concurso no qual seu antigo discípulo, Fernando Henrique Cardoso, venceu a primeira na disputa pela Cátedra de Política. O verdadeiro confronto se dava no fato de as origens sociais se interporem, serem as balizas que sustentariam as concepções de mundo entre todas as Cadeiras – e entre as poderosas Cátedras de Sociologia II e de Sociologia I, pela hegemonia. As assimetrias nas relações de *gênero*, com o tempo e o passar das *gerações*, iriam sendo minimizadas.

A Sociologia II, sob a liderança de Fernando de Azevedo, de 1942 a 1964, e de Ruy Galvão de Andrada Coelho, desse ano até 1969, não tinha a exuberância que o sociólogo de origem lusitana obrigaria todos os outros a exhibir. Fernando de Azevedo, homem de letras, dividia-se, participando da política estadual e federal e se internando em cargos burocráticos e administrativos; o segundo regente, outro homem refinado, de letras, com sólida formação em Antropologia, passou boa parte de seu tempo estudando no Exterior (outra forma de se legitimar, diferenciando-se de Florestan Fernandes). Parecia não ter o espírito ou apetite

competitivo do colega regente da Cadeira de Sociologia I. Sobrava Maria Isaura Pereira de Queiroz²⁶⁴, que, igualmente, buscou a diferenciação fora do País (“curiosamente”, Florestan Fernandes desprezava e desencorajava tal estratégia, se fosse seu o orientando, e isso não era por acaso). O que denota e reforça serem as “disputas” nas Cátedras mediadas pelos capitais sociais e econômicos.

Juntas, ao lado das três professoras da *Primeira Geração*, estavam Eunice Ribeiro Durham, Ruth Correa Leite Cardoso²⁶⁵ e Renate Brigitte Viertler (todas ligadas a Gioconda Mussolini); Maria do Carmo Campello de Souza (ligada a Paula Beiguelman); Eva Alterman Blay, Aparecida Joly Gouveia, Lia de Freitas Garcia Fukui e Heloisa Helena Teixeira de Souza Martins (ligadas a Maria Isaura Pereira de Queiroz). E é fato que da maioria delas não se poderia dizer serem de origens oligárquicas. Como Florestan Fernandes e boa parte dos integrantes de sua Cadeira, pertenciam aos novos setores emergentes do proletariado urbano e da pequena e média burguesia.

Estas origens (com respectivos capitais e *habitus*), como pretendemos ter mostrado, ao serem trazidas para o ambiente da Faculdade, teriam acarretado injunções nas carreiras dessas professoras e nas suas escolhas de temas de pesquisa. O dia-a-dia comporia o outro diferencial, que, unidos a perenes relações e disputas de poder, continuariam a delimitar essas trajetórias intelectuais.

Mas as origens sociais determinarão, posteriormente, conforme nossa construção, uma reorientação da carreira, no caso, para filhas das famílias tradicionais da elite. Alguns desses ramos estavam em decadência; seria uma tentativa, para suas herdeiras, de uma reconversão para carreiras intelectuais, com os capitais sociais de que dispunham. Com as herdeiras precisando agora começar a trabalhar (isso, claro, não era uma necessidade urgente; ela o seria entre os

---

²⁶⁴ “Maria Isaura é uma pessoa generosa, conta com um importante capital social e mobilizava sua rede de relações inclusive em favor de seus amigos, entre os quais ela contava os seus orientandos. No livro “Maria Isaura Pereira de Queiroz – a mestra” você tem um depoimento da Ethel Kosminsky que ilustra essa minha observação. Ela é conhecida como tendo uma “forte personalidade”. Classifico suas estratégias como objetivas e conscientes. Mobilizava seus recursos sociais, intelectuais e educacionais com determinação e desenvoltura. Jamais vi Maria Isaura mobilizar recursos junto a políticos no sentido de política partidária ou exercício de cargos públicos. Ela tinha um grande interesse pela carreira de seus orientandos; no meu caso posso dizer que devo minha carreira pela sua intervenção (...)”. ANTUNIASSI, Maria Helena Rocha. **Depoimento concedido ao autor**. 28/08/2008.

²⁶⁵ Ruth Correa Leite Cardoso pertencia a setores da oligarquia já em relativa decadência.

desfavorecidos economicamente, que não tinham outra saída senão trabalhar mesmo), ocorreria uma reconversão para o que seria *passível* e o que seria *possível* de ser conquistado, por essas mulheres. Todo esse quadro estaria relacionado às disparidades entre concepções de mundo oriundas de classes, nas *disputas simbólicas* por nós problematizadas.

É essencial termos em vista que os orientadores das quatro cientistas sociais eram todos homens. A bem da verdade, somente Maria Isaura Pereira de Queiroz não teve maiores problemas, dificuldades ou atritos com seu orientador. Entretanto, suas condições eram outras. Ela havia sido orientada fora do País, na França, por Roger Bastide. Já Paula Beiguelman (orientada por Lourival Gomes Machado) e Gioconda Mussolini (por Egon Schaden) tiveram os maiores problemas. A primeira, nem tanto com o Orientador, quase sempre ausente, mas com as relações posteriores na Cátedra – no caso, o “atropelamento” que levou de Fernando Henrique Cardoso. A segunda, por ter um Orientador de idade e *geração* similares. E pelas divergências de ordem teórico-metodológicas.

Contudo, as configurações das Cátedras não permitiam a ninguém agir de outra forma que não a obediência quase cega ao Orientador e ao regente. Essas três professoras agiram de modo diferente, heterodoxo, jogando no limite. E naufragaram, em certa medida. Sabia-se que mulheres, à época, não deveriam nem poderiam disputar postos muito altos de poder. É fato que nem todas tentavam. Às vezes, pareciam nem pretender ou demandar os altos cargos – algo que desconsideramos, quando dito ou manifestado, exteriorizado, de alguma forma, pois o título de Doutor e o poder de ser primeiro assistente e, em especial, Catedrático, faziam, e sempre fizeram, parte do cerne da vida universitária. Quase não haveria sentido em fazer parte de uma Universidade e não demandar esses projetos.

No caso das três professoras da *Primeira Geração*, todas demonstravam, de alguma maneira, pretender sim a ascensão, mas cada uma a seu modo. Gioconda Mussolini e Paula Beiguelman, humildes filhas de imigrantes, naturalmente teriam o desejo de ascensão – afinal, era para ter uma profissão, ou para melhor qualificá-la, que entraram na Universidade (além do mais, imigrantes e descendentes sempre atuavam no Brasil imbuídos desse espírito ou ideal pequeno burguês, de “fazer a América”). A primeira aparentava ocupar-se muito mais das

aulas do que da tese, como a mostrar desdém pelo título de Doutor e o cargo máximo de regente – a explicação que podemos dar é a de que tal “desprezo” seria uma resposta inconsciente para o impedimento que as relações complicadas com o Orientador e a não consecução de sua obra traziam, nada mais. Como uma excelente professora e pesquisadora, que ama a Academia, poderia desprezar honras e titulações máximas? Seria um contra-senso.

Paula Beiguelman foi mais explícita, tentou a Cátedra no concurso. Desse modo, as estratégias de legitimação delas tinham de ser marginais, pela bordas. Gioconda Mussolini e Paula Beiguelman contaram simplesmente com a “garra”, poucas chances tiveram de ir ao Exterior, por exemplo (exceto para rápidos congressos e palestras, o que confirmaria a regra).

De Maria Isaura Pereira de Queiroz, por ser orgulhosa filha da oligarquia, não é lícito pensar ou esperar que ficasse por baixo, humildemente, posto que sempre, na história do País, as famílias das quais descende “mandavam”, não “obedeciam”. O fato de não prestar o concurso de Cátedra em 1964 e de ter “cedido” posteriormente a titularidade a Azis Simão (portanto, nunca concorrendo diretamente com ele) poderia mesmo ser reflexo disso. Mas ela buscava à sua maneira a legitimação, mediante imensas e vitoriosas passagens e experiências pelo mundo europeu, em especial, francófono. Tinha meios para isso, “fora criada e alfabetizada em francês”²⁶⁶. Poderíamos conjecturar que o CERU, fundado em 1964 pela professora, seria um *staff*²⁶⁷ feminino para consolidar as suas estratégias de legitimação acadêmica. Congregando grande número de pesquisadoras (professoras e alunas)²⁶⁸, faria frente ao CESIT e ao *Projeto Economia e Sociedade no Brasil*,

---

²⁶⁶ DEMARTINI, Zeila de Brito Fabri. **Depoimento concedido ao autor**. 29/08/2008.

²⁶⁷ Mesmo hoje em dia, a entidade congrega mais pesquisadoras. Segundo uma delas, Maria Helena Rocha Antuniassi: “Quanto ao CERU posso lhe garantir que a preponderância feminina é uma questão de afinidades de temas, modo de trabalhar. Um grande número de nossas pesquisadoras foram direta ou indiretamente alunas da Maria Isaura. (Mas) os homens sempre foram bem-vindos.” ANTUNIASSI, Maria Helena Rocha. **Depoimento concedido ao autor**. 28/08/2008.

²⁶⁸ Conforme Zeila de Brito Demartini, Maria Isaura Pereira de Queiroz as fazia escrever os nomes completos de mulheres nas citações em texto e bibliográficas, para que todos soubessem que foram feitas por mulheres, ao invés das impessoais e assexuadas iniciais. DEMARTINI, Zeila de Brito Fabri. **Depoimento concedido ao autor**. 29/08/2008.

ambos da Cadeira de Sociologia I e dominados por homens²⁶⁹. Nem tanto pelo número de mulheres, mas mais por se tratar de um centro de pesquisas a seu dispor e que ela controlaria totalmente.

Como se pôde perceber, o que acabava dando as cartas sempre, de um modo central, eram as relações entre as Cátedras, bem como as relações internas a elas, sendo que a Cadeira de Sociologia I e a figura de Florestan Fernandes seriam os pontos-chave. Essa seria a situação invariável; as cores ou tonalidades outras, que traziam a cada uma das professoras as peculiaridades diferenciadoras seriam os capitais manejados oriundos de suas classes sociais – “o passado”, bem como o *habitus* adquirido – e os que manejavam naquele “presente”, percebidos na sociabilidade daquele momento, ou seja, as relações de *gênero*. O mesmo iria valer para o grupo geracional posterior. Neste, no caso, as relações de gênero sofreriam transformações²⁷⁰. O matrimônio, como pretendemos ter também mostrado, já não correspondia a problemas para a profissionalização plena das professoras.

Modelos de trajetórias: precursoras e rotinizadas

Este núcleo de análises, surgido da interlocução com diversos autores²⁷¹, é dado a partir das relações de *gênero* nas *duas gerações* existentes (conforme nossa construção) na FFCL-USP – lembrando que, após a década de

---

269 A “hierarquia” deles era Florestan Fernandes em primeiro lugar, sucedido por Fernando Henrique Cardoso e Octavio Ianni, depois Leôncio Martins Rodrigues; após os demais, todos, o que incluía as mulheres Maria Sylvia de Carvalho Franco, Marialice Mencarini Foracchi, Lourdes Sola *etc.* Cf. FERNANDES, F. **A Sociologia no Brasil: contribuição para o estudo de sua formação e desenvolvimento**, 1977.

270 O que cabe, contudo, ainda ressaltar, é que a baliza ou chave, clássica, das classes sociais de origem, ou das origens sociais (que trazem *habitus*, disputas e relações de poder) foi fundamental para referendar nossas interpretações, como pôde ser visto – e como o trabalho de Pulici (2004) muito bem mostra, enfocando as “diferenciações” entre as Cadeiras de Sociologia I e II. No entanto, e é isso o que pretendíamos como inédito, é que dentro das classes as ambivalências e ambigüidades que perpassariam as relações de gênero e ao longo de gerações servissem e dessem os toques diferenciais, a ponto de caracterizarem a produção e a carreira intelectual das cientistas sociais problematizadas, no momento histórico recortado.

271 Para as análises, as principais referências utilizadas ligam-se às obras de LEPENIES (*op. cit.*, 1996), RINGER (*op. cit.*, 2000) e WEBER (1963; *op. cit.*, 1991; 1999), bem como BOURDIEU (*op. cit.*, 1996; *op. cit.*, 2003; *op. cit.*, 2004) e ELIAS (*op. cit.*, 1995; *op. cit.*, 1997; *op. cit.*, 2000; *op. cit.*, 2001).

1970, tanto as relações entre os professores, como as instituições, transformariam-se muito, e as mulheres conseguiriam, de forma mais equânime, aumentar suas pretensões e conquistas.

As considerações precedentes nos levaram a desenvolver denominações para as gerações trabalhadas. Nossas denominações foram, em parte, desenvolvidas originalmente tomando por base entrevista de Gilda Rocha de Mello e Souza²⁷². Essas classificações e denominações, propostas pela professora, iniciaram-se de modo informal em depoimento dela para a revista *Língua e Literatura*, ao falar sobre si e sobre as mulheres²⁷³ na Universidade de seu tempo. De modo que, vendo a importância não só das uniões relativas a matrimônios²⁷⁴,

---

²⁷² Transcrevemos trecho significativo: “(...) acho que só devemos levar em conta as que tentaram efetivamente inventar para si um novo destino, a partir da experiência renovadora. Isso, a meu ver, foi feito de acordo com três esquemas básicos. O primeiro, mais **radical** (*grifo nosso*), – que teria arrebanhado as afirmativas e talvez mais corajosas – foi apagar da memória o velho modelo feminino, que ainda vigorava nas famílias, substituindo-o pelo modelo masculino. Por outras palavras, consistiu em assumir integralmente a carreira intelectual, com todos os sacrifícios afetivos que isso implicava. O segundo, **cauteloso** (*grifo nosso*), foi tentar um compromisso entre o novo e o velho, optando pela carreira, mas sem radicalismo, quer dizer, procurando preservar alguns traços do modelo convencional, com a realização afetiva e as obrigações familiares dela decorrentes. Era uma solução harmoniosa do ponto de vista humano, mas lenta e incompleta como realização profissional. E o terceiro, **conservador** (*grifo nosso*), foi voltar à antiga dependência, mas convertendo o papel de prisioneira do lar em secretária dedicada: aquela que localiza as obras nas estantes, ficha os assuntos, ajuda em pequenas pesquisas, discute as idéias, passa os originais à máquina e se realiza, modestamente, delegando à cabeça do casal as glórias finais. (...)”. MELLO E SOUZA, G. R. de. Depoimento. *Língua e Literatura*, *op. cit.*, 1981-84: 149-150. Também re trabalhada por Heloisa Pontes. Cf. PONTES, H., *op. cit.*, 1998: 125-126. Nessa esquematização, agradecemos a sugestão de Luiz Carlos Jackson, feita em nosso Exame de Qualificação.

²⁷³ A título de complementação, tomando de empréstimo a classificação de Heloisa Pontes, que trabalha com esses termos de Gilda de Mello e Souza, **conservadoras** (que poderiam corresponder a uma geração anterior às que estudamos) seriam os casos de **Maria de Lourdes dos Santos Machado** e **Ruth Alcântara de Almeida Prado**. A primeira, casada com Lourival Gomes Machado, integrou o grupo *Clima*. Formara-se no antigo Instituto de Educação, sendo assistente de Fernando de Azevedo. Transferiu-se junto com o marido, em 1937, para a FFCL-USP, indo lecionar na Cadeira de Didática, aposentando-se em 1963. Na revista *Clima*, nunca publicou nada, contentando-se em ser a secretária da publicação e em dar aporte logístico à promissora carreira do marido. A segunda, **Ruth Alcântara (de Almeida Prado)**, fora esposa de Decio de Almeida Prado e outra a largar quase tudo para viver para o marido. PONTES, H., *op. cit.*, 1998: 125-126.

²⁷⁴ Heloisa Pontes, ao discorrer sobre a sociabilidade no interior do grupo *Clima*, cita os relacionamentos amorosos e casamentos: “Desse grupo, participavam umas vinte pessoas, entre rapazes e moças, como Sara Lifchitz (que se casou com um dos colaboradores ocasionais de *Clima* e futuro embaixador, Lauro Escorel), Doroth Fineberg (posteriormente, Lefèvre, em função de seu casamento com o crítico de música da revista, Antônio Branco Lefèvre), Yolanda Paiva (que namorou Ruy Coelho, por um curto período), Helena Gordo (que se casou com João Guilherme de Oliveira Costa), Maria de Lourdes dos Santos, Ruth Alcântara e Gilda de Moraes Rocha. As três últimas tiveram um papel importante na produção das revistas e na vida de três de seus editores. Maria de Lourdes casou-se com Lourival Gomes Machado, em 1939; Ruth casou-se com Decio de Almeida Prado, em 1941; Gilda com Antonio Candido de Mello e Souza, em 1943.” Cf. PONTES, H., *op. cit.*, 1998: 125-126. Também Miceli lista os casais posteriores “Fernando Henrique Cardoso/Ruth Correa Leite Cardoso, Antônio Candido de Mello e Souza/Gilda de Mello e

mas das parcerias em geral, e partindo dos históricos e comportamentos nas Cátedras, por parte das professoras, bem como das características desse sistema, construímos essas nossas duas *formações*.

As professoras da chamada *Primeira Geração* (Gioconda Mussolini, Paula Beiguelman e Maria Isaura Pereira de Queiroz) são as **precursoras**. Por sua vez, as professoras da *Segunda Geração* (Maria Sylvia de Carvalho Franco, Eunice Ribeiro Durham, Eva Alterman Blay e Maria do Carmo Campello de Souza) foram denominadas **rotinizadas**.²⁷⁵

As **precursoras** tentaram, muitas vezes inconscientemente, estar à frente de seu tempo, abrindo caminhos, facilitando, em parte, para mais tarde, as sucessoras. Transpuseram obstáculos ou tentaram transpô-los; quando não o conseguiam, simplesmente eram derrotadas. A trajetória dessas professoras, para além das peculiaridades pessoais, evoca dramaticidade e heroísmo. E o quanto essas mulheres sofreram, no interior de assimétricas relações de gênero. Tiveram, não obstante, criatividade.

Essa denominação também se caracterizaria e seria constituída por mulheres que, como o próprio nome refere (**precursoras**), teriam levado ao extremo suas tentativas de se inserir no universo intelectual/acadêmico das Ciências Sociais da Faculdade de Filosofia da USP. Mediando com suas origens, seus capitais e seus relacionamentos, tentaram desenvolver carreiras, pesquisas e obras.

À relativa exceção de Maria Isaura Pereira de Queiroz, elas não alcançaram, de modo pleno, todos os seus intentos. Por serem de uma *geração* pioneira, teriam pagado com a *secundarização* no universo de respeitabilidade naquele momento, ao quererem “inventar para si um novo destino”, quando se contrapuseram aos velhos ideais ou destinos femininos. O sacrifício da formação de família, a conquista de cargos secundários, as derrotas caracterizarão as existências por vezes conturbadas e dramáticas dessas professoras – as quais, apesar de tudo, com tais comportamentos, abririam caminho para as posteriores.

Souza, Dante Moreira Leite/Miriam Lifchitz Moreira Leite, Oliveiros da Silva Ferreira/Walnice Nogueira Galvão, Renato Jardim Moreira/Maria Sylvia Carvalho Franco etc.”. Cf. MICELI, S., *op. cit.*, 2001: 100.

275 As duas classificações estão ligadas às construções de padrões de trabalho. As *rotinizadas* (ou *profissionalizadas*, ou *burocratizadas*) de modo algum possuem significado de diminuição, menosprezo ou desqualificação, naturalmente.

Já a *Segunda Geração*, a das chamadas **rotinizadas**, composta por Maria Sylvia de Carvalho Franco, Eunice Ribeiro Durham, Eva Alterman Blay e Maria do Carmo Campello de Souza, cujas origens sociais remetem, principalmente, a famílias de imigrantes estrangeiros, ao proletariado urbano/camadas burguesas (pequena e média) ascendentes e a famílias de setores da elite tradicional rural paulista decadente, revela a convivência diversificada no interior da Faculdade. As integrantes dessa *geração* representaram, principalmente, a nova forma profissional, racional, burocratizada, pré-esquemática de levar o trabalho e a vida acadêmica.

Teoricamente, nesse momento as desigualdades nas relações entre os gêneros não seriam tão preponderantes. O que regularia mais, agora, seria a maior inserção profissional, ao qual o mercado externo, na sociedade mais ampla, também balizaria, e para ambos os sexos nas profissões em geral. Isto se relacionaria também com desejos de ascensão social, por parte dessas professoras da *Segunda Geração* (a rotinização profissional não pode ter sido mera vaidade intelectual, apenas) e tentativa de recolocação de *status* de poder. O diploma poderia vir a colocar isso em realidade, como forma de fazer valer os interesses dessas recém-integrantes ao também novo mercado de trabalho.

Essas quatro mulheres da *Segunda Geração*, não se pode negar, tiveram por vivência inicial um período – se relativamente misturado às professoras da *geração* anterior – menos complicado e conflitante do que o de suas antecessoras. Não que problemas inexistissem. A questão é que esse momento (segunda metade da década de 1960 em diante) era um período posterior e mais aberto.

O fato das relações dessas jovens professoras com os seus orientadores terem sido menos tensas já as tornaria diferenciadas das anteriores. À exceção, um pouco, de Eunice Ribeiro Durham, cuja orientação de Egon Schaden ficou entre a tensão e certa omissão, Eva Alterman Blay tinha os tranquilos e pouco competitivos professores da Cadeira de Sociologia II Ruy Galvão de Andrada Coelho (para o Mestrado) e Azis Simão (no Doutorado); de Maria do Carmo Campello de Souza não foram encontradas informações sobre divergências entre ela e a Orientadora Paula Beiguelman; e de Maria Sylvia de Carvalho Franco temos o caso de divergência, no limite, respeitosa, para com Florestan Fernandes.

Doutro lado, a formação das **rotinizadas** leva essa denominação por se caracterizar e ser constituída de mulheres que não sacrificaram tanto suas vidas pessoais, como o fizeram as antecessoras. Possui a característica cronológica contrafeita à primeira – suas integrantes, por terem surgido na Universidade e na carreira após as **precursoras**, tiveram o caminho aberto pioneiramente por estas. E mediarão com isso.

É bom que se diga que essas classificações não possuem o condão de ser herméticas. São aproximativas – fato que faz com que algumas das professoras possam ser classificadas em grupos opostos, ou até em ambos. Daí, apesar de tais construções terem algo de arbitrário, elas não se pretendem uma “camisa de força”, rígidas, naturalmente. Devem ser vistas de modo mais nuançado. Com isso, aproximamos nossas categorias daquelas desenvolvidas por Weber²⁷⁶, em sua Sociologia da religião. Nesse autor, temos a classificação do **Profeta** (o carismático, precursor da nova religião ou seita, dono de papel pioneiro), do **Mago** (ou feiticeiro, detentor de algum carisma, mas voltado para assuntos individuais, menores, particulares, à resolução de problemas localizados, e que estaria mais longe das grandes religiões universais) e o do **Sacerdote** (membro de clero; e com este complicador organizacional, perfaria o momento mais desenvolvido da organização religiosa, da “empresa”; o sacerdote obteria o carisma da instituição só por pertencer a ela; é burocratizado e profissional, racionalizado, rotinizado).

Desse modo, as **Precursoras** *teriam sido* pioneiras como Mozart²⁷⁷, que, amador ainda, delimitou e criou o novo estilo que os posteriores herdariam; e estilo esse caracterizado pelo abandono do papel tradicional. Essas professoras seriam precursoras na construção da carreira científica. A geração posterior, a das **Rotinizadas**, rapidamente incorporou as novas lides científicas, burocratizadas, profissionais, com carreira acadêmica plena e definida.

---

276 WEBER, Max. “Sociologia da religião (tipos de relações comunitárias religiosas)”. In: **Economia e sociedade: fundamentos da Sociologia compreensiva**. Brasília (DF): Editora UnB; São Paulo: Imprensa Oficial do Estado de São Paulo, 1999, vol. I. Pp. 279-418.

277 O que remete, em certo sentido, ao Wolfgang Amadeus Mozart, da obra de Elias **Mozart: Sociologia de um gênio**, *op. cit.*, 1995. O contraposto seria o *profissional* Ludwig von Beethoven.

Assim teriam sido as criadoras de cultura (no caso nosso, estudado, a cultura intelectual científica), moldando-se, dialogando e negociando com a realidade possível.

As colocações até aqui realizadas, com base também nas análises de Bourdieu, principalmente (além de Elias e de Lepenies), oferecem-nos alguns subsídios para a compreensão das situações e configurações que foram abordadas nesta Tese. As transformações, modificações e mudanças de classes sociais, de cidades, de círculos de amigos e colegas, de condições de vida provocariam, muitas vezes, rupturas nos valores ou práticas originais (o exemplo mais notório e dramático é o da infância de Florestan Fernandes em relação à sua vida de adulto na USP). Tudo isso teria tornado necessária a reelaboração dos antigos valores e regras de comportamento, com o intuito de permitir uma ressocialização em novos ambientes. Devemos também ressaltar que somente poderíamos falar dessas vivências de modo individualizado. Até porque não tivemos a pretensão de pensar em regularidades nem transpor as vivências para transformações coletivas tão diretamente²⁷⁸.

***

---

²⁷⁸ Podemos pensar no orgulho de uma mulher, nos anos 1940, viver do próprio sustento e ainda ser capaz de realizar um trabalho criativo – pois elas faziam Ciência, com “C maiúsculo”. Não chegaram a ser burocratas, nem detinham poder dentro da Universidade, mas não foi para isso que muitas se formaram. É certo dizer que deveriam ter plena consciência disso. Também pretendemos que tenha ficado clara nossa preocupação com a relevância dessas professoras na história da academia, sem ter valorizado excessivamente a “carreira” em detrimento da “obra”. Esse é um ponto a ser ressaltado, pois, além da docência, as professoras em tela se firmaram pelo trabalho de pesquisa científica. As obras de praticamente todas, ficaram. A intermediação e influência de Florestan Fernandes foi verdadeira, mas limitada. Num determinado ponto cada um (ou uma) seguiu seu próprio caminho. Nestes pontos, agradecemos a gentileza da leitura crítica da professora Luzia Helena Herrmann de Oliveira.

CAPÍTULO 3: OBJETOS E OBRAS

Introdução

O conteúdo deste capítulo diz respeito à análises de objetos de pesquisa e de obras (fundamentais) das sete cientistas sociais de nossa Tese. Nestas análises, discorreremos sobre como injunções de origens sociais, de relações de sociabilidade (nos termos de *gênero* e *geração*) e de relações no sistema de Cátedras teriam se refletido nessas produções.

Segundo nossa interpretação, essas produções teriam também, por sua vez, direta e indiretamente, “dialogado” entre si. Assim, estariam interligadas, de alguma maneira, **A formação do povo no complexo cafeeiro: aspectos políticos** (de Paula Beiguelman); **Estado e partidos políticos no Brasil (1930-1964)** (de Maria do Carmo Campello de Souza); o artigo **Persistência e mudança em sociedades de “folk” no Brasil** e a resenha do livro de Emilio Willems **Cunha: tradição e transição em uma cultura rural do Brasil** (de Gioconda Mussolini); **A caminho da cidade: a vida rural e a migração para São Paulo** (de Eunice Ribeiro Durham); **O mandonismo local na vida política brasileira e O coronelismo numa interpretação sociológica** (de Maria Isaura Pereira de Queiroz); **Trabalho domesticado: a mulher na indústria paulista** (de Eva Alterman Blay); e **Homens livres na ordem escravocrata** (de Maria Sylvia de Carvalho Franco)²⁷⁹.

Com o objetivo de perceber aproximações, identidades e similaridades nos objetos de pesquisas das sete professoras, construímos essa série representativa, composta por obras sobre mandonismo/coronelismo, de Maria Isaura Pereira de Queiroz; homens livres pobres no ocaso da escravidão, de Maria Sylvia de Carvalho Franco; o homem das sociedades rurais e litorâneas não modernas, de

---

²⁷⁹ Todos se encontram citados nas fontes e referências bibliográficas. Assim, nós nos pouparemos de realizar a citação como *nota* toda vez que o nome da obra tiver de ser mencionado (à exceção de citações mais longas).

Gioconda Mussolini; relações entre Estado e partidos políticos, de Maria do Carmo Campello de Souza; a família e migração urbana, de Eunice Ribeiro Durham; as operárias, de Eva Alterman Blay, e camadas proletárias iniciais modernas, de Paula Beiguelman.

Objetos e obras: diferenças

As trajetórias desses temas, objetos de pesquisa e obras encontrar-se-iam direcionadas ou ligadas às relações gerais do referido sistema, especificamente, nas diferenciações ou nos embates e *disputas simbólicas* dessas relações. E, por tais relações, os temas e obras teriam se definido, em sua maioria.

É o caso, primeiramente, de **Gioconda Mussolini**, e numa situação de disformidade interna à sua Cátedra. Por ironia, a professora até teria relações muito mais tranquilas com as Cadeiras de Sociologia I e de Sociologia II do que com a sua. Seus temas e objetos de pesquisa – ligados, principalmente, à Antropologia da pesca e aos estudos sobre a pesca no País ou a tudo o que envolve o assunto, como a cultura e a organização social das comunidades litorâneas e ribeirinhas, notadamente a dos caiçaras paulistas, bem como as transformações nas sociedades tradicionais – foram montadas, em sua maioria, na influência da passagem da antropóloga pela pós-graduação na Escola Livre de Sociologia e Política²⁸⁰ e iniciados nos chamados *estudos de comunidade*²⁸¹.

---

²⁸⁰ “Acredito que Gioconda definiu os seus objetos de pesquisa por influência da formação recebida na época da sua formação acadêmica, quando vigoravam os *estudos de comunidade* (Wagley, Willems, Galvão *etc.*). Não acredito que possa se observar em suas abordagens um viés feminino para a interpretação, já que a sua obra se fundamenta em pesquisa objetiva, com resultados válidos até hoje, úteis para os projetos de pesquisa da atualidade e neutros em relação a questões ideológicas, já que a boa ciência pode ser feita tanto por homens quanto por mulheres...”. VIERTLER, Renate Brigitte. **Depoimento concedido ao autor**. 21/08/2008.

²⁸¹ É certo que os estudos de comunidade tinham sua relevância, sim, e pretendiam não ser nada mais do que um estudo de caso, com todas as suas vantagens e limitações. O que estava em jogo, no caso, eram disputas entre Cadeiras, dentro da USP, e da Universidade em geral em diferenciação à Escola Livre de Sociologia e Política. Cf. PEIXOTO, Fernanda A. e SIMÕES, Júlio A. A *Revista de Antropologia* e as ciências sociais em São Paulo: notas sobre uma cena e alguns debates. **Revista de Antropologia**, *op. cit.*, pp. 383-409, 2003.

Mas o que moldou em muito a construção de suas idéias – e, no caso, dos dois textos aqui analisados – foram as já mencionadas contrariedades em relação aos seus dois colegas “superiores”, Emilio Willems e Egon Schaden. Esse é o sentido dos textos aqui destrinchados.

Após alçar os primeiros vãos intelectuais, Gioconda Mussolini pôs-se a realizar críticas ao método de trabalho dos *estudos de comunidade*, esboçando-as já na resenha do livro de seu antigo “chefe” de Cadeira Emilio Willems, **Cunha: tradição e transição em uma cultura rural do Brasil**, obra a respeito da pequena cidade desse nome, no Interior rústico do Estado de São Paulo, e feito no padrão típico desses referidos “estudos”, sob os auspícios da Escola Livre de Sociologia e Política, onde o antropólogo também lecionava.

Nessa resenha, publicada pela Revista do Museu Paulista em 1949, dois anos após o livro ser lançado, havia muitas reservas, para dizer o mínimo, sobre o método de trabalho do autor. Gioconda Mussolini resume as atividades que Emilio Willems desenvolveu na pequena cidade, localidade na boca do sertão, ligada, no passado, à colonização de Minas Gerais. Isolada e empobrecida com a decadência do Vale do Paraíba, era lugar ideal para o estudo de velhos elementos culturais mantidos mesclados com novos, na então atual condição de renascimento do lugarejo, agora ligado por estrada, com a cidade de Guaratinguetá.

A antropóloga aponta a ausência no texto, “para efeito de comparação”, de análises sobre outras comunidades, para servir de paralelo. Com isso, segundo ela, fica-se com um “sistema fechado”, uma dificuldade, de resto, “comum a trabalhos desse gênero”.²⁸² Isso, não obstante o fato de ter auxiliado o antropólogo alemão, tanto no trabalho em questão, quanto na pesquisa sobre a ilha de Búzios.²⁸³ Mas, com esse texto, a antropóloga dá início a uma demarcação de seu território intelectual, identificando-se com as críticas mais ácidas aos *estudos de comunidade*, da Escola Livre de Sociologia e Política, feitas pelos uspianos da Cadeira de Sociologia I nos anos seguintes.

---

²⁸² MUSSOLINI, Gioconda. Resenha. “Cunha: tradição e transição em uma cultura rural do Brasil”. **Revista do Museu Paulista**. São Paulo, Vol. III, 1949: 479.

²⁸³ WILLEMS, Emilio (em colaboração com Gioconda Mussolini). **A ilha de Búzios: uma comunidade caiçara no Sul do Brasil**. São Paulo: Hucitec; Nupaub, 2003.

Prosseguindo, temos o artigo **Persistência e mudança em sociedades de “folk” no Brasil**, de 1954, obra de timbre teórico, indiretamente unido, de modo mais amplo, aos debates da época, a respeito da modernização da sociedade brasileira. Publicado em 1955 como comunicação de pesquisa, nos Anais do XXXI Congresso Internacional de Americanistas, ocorrido no ano anterior, trata-se de texto sobre folclore e cultura popular, mas não só, pois nele a autora tece críticas ao antropólogo norte-americano Robert Redfield (grande incentivador dos *estudos de comunidade*, e que teorizou a respeito da “sociedade de *folk*”) e sobre como tal tipo de sociedade iria sendo assimilada pelo mundo urbano moderno. Para Gioconda Mussolini, as transformações nessas sociedades não seriam tão lineares como esse autor propunha, num *continuum*; para ela, a questão teria outros complicadores. Assim, compara as comunidades de regiões pioneiras, na maioria, do Estado de São Paulo, com as de zonas novas, principalmente sobre como se mantêm e se transformam os aspectos ligados à cultura (no caso, de “folk”) dessas localidades.

Este acaba sendo o ponto nevrálgico da autora, ao mostrar a interlocução com os colegas das cadeiras de Sociologia da USP – no caso, relacionando as transformações culturais das comunidades em interação com, por exemplo, o mercado externo, de localidades mais modernas. Ou seja, uma relação de simbiose que acabaria fazendo com que a velha comunidade não pudesse mais ser vista como totalmente independente, mas em interação com a sociedade maior ou inclusiva.

Daí, propõe ela, não apenas o conceito de cultura deveria ser trabalhado, mas o lado *social* ou das *mudanças sociais*. Assim, a autora expõe o histórico geral típico dessas localidades pioneiras (desde as grandes fazendas e engenhos de açúcar), tão homogêneas em seu começo, e que, com o passar do tempo, transformam-se, com sua cultura e posições indiferenciadas e de *folk*, e que posteriormente, cedem lugar à cultura mais laicizada e às diferenciações sociais. Gioconda Mussolini chega mesmo a discutir o caráter da colonização portuguesa – no caso, de seu formato diferente em nosso País, disperso, em razão de nosso tamanho continental, diferente das pequenas e irredutíveis aldeias lusitanas. Termina o artigo fazendo um balanço dos elementos culturais que persistem em diversos locais, a despeito da passagem do tempo.

Em verdade, as interlocuções da antropóloga com Roger Bastide, Florestan Fernandes e Antonio Candido de Mello e Souza (todos sociólogos!), bem como, nesse texto, com Oliveira Vianna, Pierre Monbeig e Nice Lecoq Müller, é que a farão analisar as comunidades que estuda de um modo menos linear e mais dialógico, de forma a pensar que o passado e a história interagiriam mais, ao contrário de uma visada apenas sincrônica. Ou seja, a escolha desses temas para estudo, bem como a trajetória intelectual e a carreira dessa professora, estão inexoravelmente ligados aos embates institucionais (principalmente nos termos de sua Cadeira) em que ela esteve envolvida. Com Emilio Willems e Egon Schaden não seguindo essa sua linha de concepção, ela continuaria sozinha seu independente ou conturbado caminho intelectual.²⁸⁴

Da mesma forma, numa disputa mais aberta, porém entre duas Cadeiras – a de Política e a de Sociologia I, ficaria **Paula Beiguelman**. Como aqui já expusemos, o seu maior problema seria o primeiro assistente e maior nome da Cadeira de Sociologia I após Florestan Fernandes, qual seja, Fernando Henrique Cardoso. A Tese que a professora apresentou para o concurso em 1968, **A formação do povo no complexo cafeeiro: aspectos políticos**, tinha por objeto de pesquisa o proletariado nascente (ou as classes economicamente desfavorecidas), contrapondo-se diretamente à Tese do oponente, **Política e desenvolvimento em sociedades dependentes: ideologias do empresariado industrial argentino e brasileiro**, esta tendo a burguesia por foco principal.

Em sua obra, Paula Beiguelman trabalha com o desenrolar histórico da produção cafeeira, analisando a relação entre o fim do escravismo e o início da imigração, principal fonte de formação do operariado nacional da época – ambos, eventos cruciais para dar a forma que tomaria o nascente mercado produtivo e interno do País, sendo tal estabelecido na região cafeeira do Centro-Sul e Sudeste, notadamente.

---

²⁸⁴ Remetemos ao leitor a leitura de outro importante artigo da professora, “Os japoneses e a pesca comercial no litoral norte de São Paulo”. Cf. MUSSOLINI, Gioconda. **Ensaio de antropologia indígena e caipara**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1980. Pp. 219-241.

A área da cafeicultura, assim, seria a hegemônica e ajudaria a alavancar os investimentos na manufatura nascente. E, como mostra a autora, auxiliaria a dar o tom de nova camada na sociedade, qual seja, a do operariado urbano. Ela termina expondo o quadro de instabilidade nascente, e instabilidade esta surgida a partir das tensões entre a camada “popular”, o operariado urbano e as autoridades do poder constituído (no caso, greves e manifestações em geral por melhorias salariais e de condições de trabalho). E é justamente com esse proletário que a autora faz sua contraposição a Fernando Henrique Cardoso.

O livro (e o que tivemos acesso é edição recente, do ano de 2005) é um pouco omissos em citações bibliográficas. Possui bem mais referências às fontes – históricas, na imensa maioria, como jornais de época, atas, relatórios, boletins *etc.* Como Paula Beiguelman, já na *Introdução*, critica autores e idéias correntes, sem, contudo, nomeá-los, fica um pouco difícil delimitar confrontos. Além do fato de as duas primeiras partes serem apanhados de obras e teses anteriores (devidamente justificadas para a compreensão total desta, não obstante), e a terceira e última exagerar, a nosso ver, nas passagens pinçadas de periódicos – em boa parte, veículos de partidos e grupos “de esquerda” – sobre a situação do nascente operariado urbano, recortado por situações de conflito, apenas, como momentos de greve e de reivindicações.

É certo que, ao comparar a anterior economia açucareira e seu tipo de mão-de-obra, escrava e não consumidora, com a posterior economia cafeeira (essa não apenas ligada ao braço escravo, mas criadora de um pequeno mercado paralelo de consumo e financiadora da industrialização nascente e do operariado urbano), até podemos pensar numa análise com diálogos de características *marxianas*, com lados estruturais, globalizantes, pois a autora perpassa quase três séculos de história nacional. O diálogo aqui poderia também resvalar em Florestan Fernandes, mais diretamente. Contudo, Paula Beiguelman deverá se contrapor à Cadeira de Sociologia I, de alguma maneira.

É correto afirmar que o objeto da obra possui lá sua identidade com a origem social imigrante e proletária da professora; mas é também correto afirmar que ele possuía ligações com o projeto do antigo Catedrático de Política Lourival Gomes Machado, qual seja, trabalhar análises políticas encampando toda a história

do País, por meio da disciplina Instituições Políticas Brasileiras²⁸⁵. Alguns de seus discípulos na hierarquia da Cadeira assim o fizeram, como Paula Beiguelman e a assistente dela, Maria do Carmo Campello de Souza, entre outras.²⁸⁶

Além desses motivos, a obra tem importância por tratar de interpretação sobre o setor mão-de-obra, vendo nele divisões de origem, quais sejam, os elementos *livres* e os *libertos* (ambos constituidores de parte dos estratos populares advindos do sistema produtivo cafeicultor). Mas a obra tem mais de História (encadeamento de fatos políticos), Economia e certa panfletagem, do que análise científica de política *stricto sensu*. Mesmo sendo boa interpretação socioeconômica e estrutural das relações entre modo de produção com destruições e nascimentos de mão-de-obra, parece não ter mostrado a que veio no que concerne a diferenciar cirurgicamente onde estariam as fronteiras dessa área do conhecimento chamada Política, separando-a de Sociologia, Filosofia, Direito, História, Economia *etc.*

Para além de questões pessoais, conforme colocações de alguns de nossos depoentes²⁸⁷, Paula Beiguelman parece nunca mais ter se refeito da “derrota” no concurso da Cátedra. Ela já era Livre-docente desde 1967; obteve, com o segundo lugar na disputa, uma segunda Livre-docência. Não parece, portanto, apenas uma cartada, antevendo uma derrota, para garantir já um “mal menor”. Ela deveria estar certa da vitória, apostou tudo nela. E a sua cassação pelo AI-5, meses depois, que acarretaria o exílio, só deve ter amplificado a amargura.

Além disso, décadas depois, já no início do ano de 2003, quando recebe o honorífico título de Professor Emérito, ela profere discurso anacrônico, com imensas críticas ao suposto “Consenso de Washington”²⁸⁸, que atinge, de certa

---

²⁸⁵ FERREIRA, Oliveiros da Silva. Lourival Gomes Machado. **Estudos Avançados**, Revista do IEA/USP, São Paulo, v. 8, n. 22, set./dez. 1994: 284.

²⁸⁶ No caso, as três professoras que ficaram poucos meses, revezando-se como assistentes, em meados dos anos 1960.

²⁸⁷ V. depoimentos de Maria Herminia Brandão Tavares de Almeida e de Maria Tereza Sadek, ambas professoras do Departamento de Ciência Política da FFLCH/USP.

²⁸⁸ V. Fontes. BEIGUELMAN, Paula. Discurso da Prof^a. Dr^a. Paula Beiguelman. **Informe**: Informativo da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas – USP, São Paulo, n. 4, p. 14-17, jul./ago. 2003. Esse texto também tece considerações críticas ao plano de estabilização monetária do País, realizado entre 1993/1994 pelo Ministro da Fazenda e posterior Presidente em questão.

forma, a figura do antigo oponente Fernando Henrique Cardoso, ex-Presidente da República (a quem as oposições do âmbito político nacional impingiam o estatuto de defensor das medidas econômicas e políticas desse “consenso”). O fato de ela hoje ainda escrever para jornais e *sites* panfletários de partidos políticos de extrema-esquerda²⁸⁹ parece dizer muito sobre seu desencontro com uma racionalidade acadêmica maior, resvalando na irrelevância, a qual a história pode se encarregar de lhe proporcionar, posteriormente²⁹⁰, como sugerem os depoimentos de professoras do atual Departamento de Ciência Política. As arestas parecem nunca terem sido desfeitas.

O que temos em sequência, nos termos de nossas construções, são obras de **Maria Isaura Pereira de Queiroz**. No caso, referimo-nos a **O mandonismo local na vida política brasileira** e a **O coronelismo numa interpretação sociológica**.

O primeiro veio a lume em 1969. Antes, porém, dessa publicação, Maria Isaura Pereira de Queiroz pretendia formular um programa mínimo para a Sociologia política como área de pesquisa. Apresentou tal idéia como texto no I Congresso Brasileiro de Sociologia, ocorrido em São Paulo em 1954. O trabalho, “Contribuição para o Estudo da Sociologia Política no Brasil”²⁹¹, lançaria amplo conjunto de tarefas (como pesquisas a serem feitas) para tal empreitada.

A professora realizou, assim, estudos sociológicos historicamente orientados, sobre o passado político brasileiro. Isso permitiria, segundo ela, entender o presente, dando a concepção de continuidade ou de transformações ocorridas na política, recusando o que era feito até então, meramente, segundo ela, “história das idéias políticas”. Tudo isso teria um grande significado: uma disputa direta com as outras Cadeiras do Curso de Ciências Sociais – no momento, em especial, diferenciando-se da Cadeira de Política.

---

²⁸⁹ Casos das entidades, partidos, revistas e portais *Vermelho Online* (do PCdoB), *Jornal Hora do Povo*, CTB (Central dos Trabalhadores e Trabalhadoras do Brasil), DIAP (Departamento Intersindical de Assessoria Parlamentar), *Novos Rumos*, *Debate Sindical* e CEBRA (Centro Brasileiro de Solidariedade aos Povos e Luta pela Paz). Tão vetustos quanto inexpressivos.

²⁹⁰ O que não é o caso, convenhamos, de **Estado e partidos políticos no Brasil (1930-1964)**, de sua ex-aluna Maria do Carmo Campello de Souza, hoje um clássico da área.

²⁹¹ *In*: PEREIRA DE QUEIROZ, Maria Isaura. **O mandonismo local na vida política brasileira e outros ensaios**. São Paulo: Alfa & Ômega, 1976: 17-30.

Mas nesse pequeno texto introdutório, que antecede o ensaio sobre o *mandonismo*, ela destaca estudos de Caio Prado Jr. (*Evolução Política do Brasil*) como algo que tentara interpretar o passado político nacional, mas que não teria sido bem-sucedido, segundo ela, porque o historiador estaria distante do preceito sociológico de observar antes de interpretar, tendo ele ido “ao campo” com interpretação prévia, a da *luta de classes*, tentando impô-la aos fatos brasileiros. Maria Isaura Pereira de Queiroz tenta, dessa maneira, desenvolver e marcar sua própria posição e terreno.

Além disso, para a socióloga, a *solidariedade familiar*, embora em decadência se comparada aos diferentes interesses das diversas camadas da população brasileira, era ainda bastante relevante, merecendo ser estudada, como contraposição ao estudo da “solidariedade de classes”. Até porque o coronelismo subsistiria, segundo ela, na figura do “coronelismo urbano”. Nessas questões residiriam anteposições ao programa de pesquisas e de concepção da Cadeira de Sociologia I.

Em **O mandonismo local na vida política brasileira** propriamente dito, a socióloga discorre sobre a necessidade da existência de uma Sociologia sistematizadora, que interprete nossa longa história política nacional. É o que ela vê na regularidade processual e histórica dos *mandonismos locais*, do início do Brasil Colônia até a proximidade de sua época, e que seria devido à permanência de uma estrutura social baseada no latifúndio e na “família grande” (aspas da autora). É importante levar em conta a afirmação, pois Maria Isaura Pereira de Queiroz relaciona o quanto o poder central fora paralelo ao poder dessas famílias de chefes locais/regionais, seja nos períodos de capitânias hereditárias, seja no de governos gerais, vice-reis, Primeiro e Segundo Império e República Velha. Mesmo com a centralização que viria depois, o poder não poderia atuar sem dialogar com esses chefes.

A autora, ao longo dos capítulos que compõem a obra (cinco, no total), aprofunda-se naqueles referentes aos períodos posteriores ao século XIX, ou posteriores à proclamação da “Independência” (1822), quando o País estaria mais consolidado como nação. E vai aclarar o cotidiano das relações de mando, o poderio econômico, o poder bélico das milícias, os relacionamentos familiares e de

compadrio, e o quanto tais relacionamentos seriam relevantes para se obter vitórias eleitorais e posterior manutenção do poder. Para todas as suas ponderações, Maria Isaura Pereira de Queiroz conta com farto material histórico, capturado, em sua maioria, nos jornais de época, em romances da literatura nacional e em relatos transmitidos oralmente por sua própria família. Assim, temos o exemplo de Juazeiro:

“O jornal *O Norte*, da Paraíba, caracterizara Juazeiro como sendo, dentro da nação, uma outra “nação perfeitamente autônoma”. Esses mesmos caracteres, guardadas certas medidas (pois Juazeiro, repetimos, era caso extremo), continuavam a ser os do município durante a República, onde persistia a autoridade dominante do coronel, que se impunha geralmente pela violência, escudado em maltas de cangaceiros ou de capangas; quando a administração e a justiça não estavam diretamente em suas mãos, por meio de parentes, apaniguados ou partidários, calavam-se medrosas diante de seus atos, nada tentando contra ele.”²⁹²

Como se pode perceber, nessas localidades, os pequenos mandatários construiriam quase que um País independente em seus pequenos domínios. O mesmo se daria por todo o Brasil, surgindo, assim, as oligarquias. Perto delas, por exemplo, a chamada “Política dos Governadores” é que teria de se impor ou ser respeitada perante a Presidência, se esta quisesse governar sem muitos obstáculos. Valendo-se de tal “política”, propõe a autora, acomodar-se-iam o poder central, os governadores e os poderes municipais, os quais tinham por fulcro o coronel. Com isso, no dizer dela, “fugia-se do lirismo dos textos constitucionais”²⁹³.

Dando continuidade aos estudos de sua Sociologia política e, mais especificamente, ao fenômeno do poderio local, Maria Isaura Pereira de Queiroz publicaria **O coronelismo numa interpretação sociológica**, primeiramente em 1975, na obra organizada por Boris Fausto sobre **História geral da civilização brasileira**; no ano seguinte, o mesmo texto sairia na coletânea de ensaios sobre o *mandonismo local* já referida.

---

²⁹² PEREIRA DE QUEIROZ, Maria Isaura. “O mandonismo local na vida política brasileira”. In: **O mandonismo local na vida política brasileira e outros ensaios**. São Paulo: Alfa & Ômega, 1976b: 120.

²⁹³ PEREIRA DE QUEIROZ, M. I., *op. cit.*, 1976b: 122.

Antes de tudo, convém definir, como bem o faz a autora no início do ensaio, que o termo se origina do título de “coronel”, ampla designação advinda da entidade chamada *Guarda Nacional*, criada em 1831, ainda no período imperial, paralela ao Exército, para defender a constituição e manter a ordem nas diversas regiões do Interior do País. Em cada região, chefes locais mais destacados ocupavam postos mais elevados, sendo, no caso, coronéis, seguidos pelos “postos” menores, de majores e capitães. A Guarda Nacional seria extinta após a proclamação da República; no entanto, a denominação sobreviveria e originaria o termo “coronelismo”.

Mas seria na Primeira República que esse “regime” iria se expandir, tornando-se típico do período. Ou se constituiria, então, segundo a socióloga, na principal forma assumida pelo *mandonismo local* a partir da proclamação da República. Posteriormente, é dessa forma que se iria se apresentar, como o conceito mais amplo em relação aos tipos de poder político-econômico que marcaram o País.

Segundo Maria Isaura Pereira de Queiroz, o coronel integraria uma elite controladora de poderes econômico, social e político. Ele seria mais lembrado, no entanto, pelo modo como atuava, ou seja, pelas ambições pessoais (políticas e econômicas), pela lealdade familiar e pelos laços de amizade – ou as importantes relações de compadrio. Tais relações pessoais seriam importantes quando unissem os prestígios individuais, tanto de cabos eleitorais e chefes locais, quanto de coronéis. Isso sem contar as chamadas relações de “dom e contra-dom”, um sistema que incluiria, além da afetividade na determinação do voto, o peso de vantagens e desvantagens, com ela se apresentando como reciprocidade de *favores*, ou um “contrato tácito” (expressão nossa) entre eleitores e cabo eleitoral/chefe local/coronel, em que aqueles oferecem seu voto esperando ganhar um *favor*. Se alguém faltasse com o “contrato”, este seria rompido.

Ou seja, no âmbito das relações de dominação do coronelismo, tal voto dizia respeito a uma ampla e complexa rede de reciprocidades que se fundava na posse e na escassez de “bens”; assim, a barganha política seria fundamental. E a fonte de poder do coronel poderia ser dimensionada pelas bases ou forças econômicas e eleitorais, ou pela quantidade de votos de que dispunha um chefe

local ou regional, numa eleição, bem como as suas indefectíveis “milícias particulares”.

E a família era uma das entidades mais importantes nesse sistema coronelístico. A sua estrutura estava ligada umbilicalmente aos “grupos de parentela”, e essa estrutura estava alicerçada na posse dos “bens de fortuna”, cujos meios de acesso seriam as heranças, os casamentos (muitas vezes, consangüíneos) e o comércio.

Contudo, a “decadência”, segundo a professora, começaria a aparecer com o crescimento demográfico, a urbanização e a industrialização, que superariam o poder da posse de terras. Não nos esqueçamos, contudo, que a “decadência” não seria seu fim. A professora sugere sua sobrevivência nos tempos atuais (dela).

Em outro sentido, esses objetos de pesquisa e obras da socióloga (sobre mandonismo, coronelismo, família e afins) remetem, como já mencionamos, às suas origens familiares, fazendo junção à interpretação de Maria Arminda do Nascimento Arruda²⁹⁴. Ou seja, a intimidade que a professora mantinha com tais elementos proviriam de seu aristocrático ramo de antigos agricultores do Estado de São Paulo, os descendentes dos *Pereira de Queiroz* e dos *Queiroz Telles*, coalhados de fazendeiros, de políticos e de personalidades históricas influentes²⁹⁵. Tal experiência iria se espalhar pelas obras de Maria Isaura Pereira de Queiroz, caracterizando-as indelevelmente.

Com isso, e relacionando os pontos sob os quais incidimos luz, remetemos à citação da autora, no texto sobre o *coronelismo*, a respeito da resposta dada por capangas quando perguntados sobre quem eles eram. E estes respondiam, invariavelmente, “gente do coronel Fulano”. Ou seja, no interior das análises sobre o fenômeno do *coronelismo*, a socióloga propunha toda uma sorte de elementos outros a ele subjazendo, como identidades individuais, familiares, sociais, situações econômicas e políticas – assim, o coronel ou chefe local seria, enfim, o ponto central de sua “sociedade”. Um grande termômetro de micro-relações sociais. Essa sutileza e perspicácia em ter captado tais relações seria produto da junção da grande erudição,

---

²⁹⁴ ARRUDA, M. A. N. “Desafios de uma geração e a originalidade da interpretação”. In: KOSMINSKY, Ethel V. (org.), *op. cit.*, 1999: 37-50.

²⁹⁵ PULICI, C., *op. cit.*, 2004: 92.

criatividade, originalidade que a socióloga detinha, bem como da orgulhosa experiência social aristocrática que a marcava.

Esses trabalhos de Maria Isaura Pereira de Queiroz, “descendo” às pequenas e menores relações de sociabilidade cotidianas, possuem um grande significado de aproximação com os trabalhos de Maria Sylvia de Carvalho Franco, Eunice Ribeiro Durham, Eva Alterman Blay e Gioconda Mussolini, cujos focos de preocupação estavam no indivíduo, no pequeno grupo, no parentesco/parentela, na pequena clientela, na pequena coletividade, no bairro rural, e não na grande e totalizadora “classe social”, como veremos depois.

Assim, no caso de **Maria Sylvia de Carvalho Franco**, temos como sua importante obra aqui analisada **Homens livres na ordem escravocrata**. Publicada pela primeira vez em 1969, é produto de sua Tese de Doutorado, cujo nome original era **Homens livres na velha civilização do café**, e que fora defendida em 1964.

Divergindo e marcando posição em relação a seu Orientador Florestan Fernandes e à linha maior da Cadeira (Sociologia I), ela vê o passado escravista e colonial como capitalista; e a escravidão, como instituição, não como um modo de produção. O Orientador discordava, mas acatava. E a obra inovava por destacar o até então inédito tema das condições de vida dos indivíduos livres, nem escravos nem proprietários, numa sociedade escravista.

Analizando a dimensão socioeconômica (a sociedade sob o ciclo do café) das regiões que envolvem os atuais Estados de São Paulo e do Rio de Janeiro no século XIX, ela discute o que poderia ser “atrasado” e “moderno” para o Brasil, uma questão da ordem do dia. Assim, por exemplo, as redes de fidelidades e *favores*, com a finalidade de obtenções de votos em eleições e manutenção de poder por parte de políticos/fazendeiros constituiriam as chamadas práticas clientelistas, que tanto caracterizariam a República Velha. Eis um de seus focos.

Tendo por fontes velhos depoimentos de depoentes em processos criminais rurais, na maioria do Vale do Paraíba, e relatos de viajantes e de senhores de engenho, mostra-nos uma bela e importante caracterização daquela “velha civilização do café”, com as relações que iam surgindo conforme o tempo e as situações

socioeconômicas se impunham (abolição, cultura do café, imigração, industrialização, ampliação do voto, República *etc.*). Com tais descrições, a autora nos coloca a par da ambição pelo enriquecer, que arrebatava aqueles sitiantes/homens livres e pobres. Essa ambição, por sua vez, carrearia transformações sociais, modificando o antigo estilo de vida das velhas comunidades caipiras; isso, porém, não os impediria de continuar às margens do sistema produtivo, tornando-os (ou mantendo-os) “marionetes” da dominação pessoal do grande proprietário.

A abundância das terras não significava propriedade para todos, pois elas eram rápida e violentamente tomadas pelos grandes fazendeiros, mesmo não sendo utilizadas totalmente. Esse espaço era aproveitado pelos homens livres e pobres, sem posses, que, dessa maneira, viveriam à sombra dos grandes proprietários ou mandatários, submetidos às suas formas de dominação, caracterizadas pela pessoalidade, pelo compadrio, pelo clientelismo, pela confusão-intromissão entre o público e o privado. Nessa submissão, como expusemos, o arbítrio e o *favor* eram as leis imperantes. Em tal quadro, a violência grassava, normalizava e *normatizava* a vida. A instabilidade, o medo e o desvinculamento da ordem social eram suas companhias.²⁹⁶

Essas trocas e relações clientelísticas, amplificadas, contaminavam os poderes políticos maiores, estadual e federal, dando a tônica do modo de ver a administração do que seria público. Assim, a relação entre o *público* e o *privado* é enfocada e trazida à baila por Maria Sylvia de Carvalho Franco, daquela época retratada até o momento da escrita dessa obra.

E, a respeito da violência assinalada nesse trabalho, não podemos nos furtar a uma recente entrevista concedida pela professora, de conteúdo levemente mordaz em relação aos trabalhos dos colegas, dizendo que “em lugar das pequenas comunidades “atrasadas”, tradicionais, solidárias e harmoniosas descritas pela

---

²⁹⁶ É certo que *relações cordiais, favores*, precedência e confusão entre o *privado* e o *público* não foram temas de discussão inaugurados por essas autoras. Sergio Buarque de Hollanda, nos anos 1930, já perpassava brilhantemente tais assuntos, assim como, posteriormente, Raymundo Faoro, entre outros. O fato é que nos atemos apenas às duas professoras, nos focos da Tese em questão.

Antropologia, constituíram-se grupos competitivos, mutáveis, violentos”²⁹⁷. O que se entechou, numa generalização algo chapada, com toda uma concepção idealizada, “idílica”, típica dos acadêmicos da época, não só antropólogos, de que populações, setores, grupos, classes, comunidades e culturas desfavorecidas econômica e socialmente (os “excluídos” em geral, na passional, parcial e pobre acepção contemporânea) seriam quase sempre boas, positivas, algo similar à conceituação do “bom selvagem”, de Jean Jacques Rousseau. Maria Sylvia de Carvalho ousou se insurgir contra esse estado de coisas conceitual e “politicamente correto” – na também péssima expressão atual, não existente à época.

Também as dificuldades para a plena constituição, no País, de um Estado moderno, capitalista e de classes sociais seriam devidas, segundo a professora, a essa violência no estabelecimento de nosso tipo de economia capitalista. O debate, naquela década, propunha que as razões de nosso subdesenvolvimento e de nosso tipo de modernidade fraquejante estariam no “imperialismo” (aliado à estrutura agrária arcaica), uma causa externa, sendo também caracterizadora de nossa “dependência”. Já as teses de Maria Sylvia de Carvalho Franco viam esse nosso convívio entre o “atrasado” e o “moderno” com razões intrínsecas e interiores à nossa realidade social, e como algo peculiar ao País, singular, idiossincrático. Eis uma das grandes fundamentações *weberianas* dela e da obra em tela.

Fundamentação que continua no fato de, para a autora, a questão de a mão-de-obra ser *escrava* e não *proletária* não desfaria o conceito ideal de capitalismo à *la* Weber, com o qual ela operava, pois, na antiga fazenda colonial, a produção para venda, o trabalho escravo e o empreendimento capitalista eram, unidos, elementos extremamente lucrativos no mercados externo – eis outra grande marca do livro e que escolhemos para ser comentada.

E para a socióloga a escravidão não constituiria entidade autônoma. Maria Sylvia de Carvalho Franco parte da idéia de que a escravidão é um modo de organização do trabalho inscrito nas mais diversas formações sociais ao longo da

---

²⁹⁷ FRANCO, Maria Sylvia de Carvalho. Violência e assistencialismo têm raízes na ordem escravocrata – entrevista. *Site IHU On-Line*. Disponível em <http://amaivos.uol.com.br/templates/amaivos/noticia>. Acesso em 10 set. 2008.

história (numa proposição plenamente *weberiana*, reforçamos). E a que ocorrera no Brasil seria como outra qualquer; só que, por gerar lucros de forma lógica e racional, estaria totalmente inserida no moderno sistema de economia de mercado, o capitalismo. Ela viria como resposta às demandas de mão-de-obra nas lavouras brasileiras de cana, na mineração e no café. E ainda com o intuito de produzir para um mercado consumidor em expansão, que era o dos consumidores assalariados europeus, o que não seria contradição total, como poderia parecer, num primeiro momento.

Com essas interpretações, a professora marcaria sua presença nas disputas de Cátedra. Como sugere Jackson²⁹⁸, Maria Sylvia de Carvalho Franco tinha interesse em demarcar sua posição, pois Fernando Henrique Cardoso desistira de prestar o concurso para a Cátedra de Sociologia II em 1964 e saíra do País, deixando vago o cargo de primeiro assistente de Florestan Fernandes. Esse cargo acabaria ficando para Octavio Ianni (pois este não venceria o referido concurso). O posto de primeiro assistente prescindia de uma pessoa com forte presença teórica, e nada como uma idéia diferente e sólida para fazer frente e competir. No caso, Florestan Fernandes e Octavio Ianni operavam de modo similar; talvez por isso, a professora tenha sido preterida. Assim, tal acabaria por moldar ou balizar a formação das idéias gerais da Tese.

Já com mais sutis diferenças em relação à Cadeira de Sociologia I ficaria **Eunice Ribeiro Durham**. Dela, trabalhamos o livro **A caminho da cidade: a vida rural e a migração para São Paulo**, publicado em 1973, versão de sua Tese de Doutorado em Antropologia **Migração, trabalho e família: aspectos do processo de integração do trabalhador de origem rural à sociedade urbano-industrial**, defendida em 1966. No livro, a autora expõe números dos fenômenos da migração urbana, imigração e urbanização de recentes décadas (de 1940 a 1970) no País. Também explica que seu intento não é analisar um abstrato processo de urbanização (pensado como aquisição de modos de vida próprios de qualquer cidade), mas investigar a integração entre os trabalhadores rurais em sistemas urbano-industriais, uma vez que esse movimento representa o abandono de estruturas tradicionais e a incorporação de um (novo) sistema, complexo e

---

²⁹⁸ JACKSON, Luiz Carlos. Gerações pioneiras na Sociologia paulista (1934-1969). **Tempo social**, v. 19, n. 1, 2007, *op. cit.* Disponível em <http://www.scielo.br>. Acesso em: 10 jan. 2008.

diferenciado, onde se realizariam suas formas de produção, relações de trabalho e modos de vida, típicos da nova ordem social que emergia.

Ela busca, portanto, entender o processo de integração “na medida em que ele se manifesta (e se realiza) através de transformações nos sistemas de ações, conhecimentos e valores do sujeito”.²⁹⁹ Isso sendo tomado a partir de análises realizadas através do conceito de *cultura* – posto que se trata, naturalmente, de obra de cunho antropológico.

Assim, o trabalho se concentra em três frentes, quais sejam, as comunidades rurais tradicionais, os contingentes de origem rural migrantes para a cidade de São Paulo e as comunidades em interação nessa metrópole. Os focos de investigação são o *trabalho* (elemento central no processo de integração do migrante rural na cidade), a *família* e o *grupo de parentesco* – pois todos eles persistem em meio às mudanças configuradas.

No desenvolver do livro (o qual, num crescendo, vai englobando as comunidades rurais tradicionais, a migração e a situação do migrante na cidade grande), é importante destacar o vetor *integração ao processo produtivo do trabalho*, ou, em outras palavras, as relações (de produção) existentes entre o migrante e os referidos lugares que ele ocupa. Tal sugere diálogos de Eunice Ribeiro Durham com temáticas da Cadeira de Sociologia I, apesar de ela pouco ver disso na obra, conforme seu depoimento.

“Em termos de campo de pesquisa, eu nunca tive nenhum campo de pesquisa associado à Sociologia. (...). Em termos intelectuais, sim, mas não em termos de trabalho, de pesquisa. As minhas pesquisas são todas por um campo diferente, não foram pelo grupo do Florestan, nem pelo grupo da Sociologia II. Primeiro eu estudei o imigrante italiano, que não tinha nada a ver com o grupo do Bastide. Era tradicionalmente um tema da Antropologia mais do que da Sociologia. Depois eu fui trabalhar com migração rural-urbana. E esse era o termo mais sociológico. Mas a minha abordagem era muito antropológica, tinha pouco a ver com a Sociologia. Minha abordagem era um estudo de caso. Fiz uma abordagem da imigração em geral (no Mestrado), e daí, digamos, tinha algo a ver com um autor que eu li, que é o Juarez Rubens Brandão Lopes. Depois, trabalhando com migração interna, saiu o interesse pela

---

²⁹⁹ DURHAM, Eunice Ribeiro. **A caminho da cidade: a vida rural e a migração para São Paulo**. São Paulo: Perspectiva, 1973b: 10.

família. (...). Eu pego duas gerações de imigrantes italianos. Era difícil trabalhar com aculturação. Eu trabalhei com o conceito de assimilação. Porque eu encontrei em Descalvado uma população assimilada, era o período do pós-guerra, que destruiu boa parte da documentação sobre o processo de aculturação.”.³⁰⁰

Realmente, a Tese mostra um distanciamento da temática que Egon Schaden, seu orientador, impunha à Cadeira de Antropologia. Não obstante, a autora teve o cuidado de destacar que se preocupava com o conteúdo antropológico de seu trabalho, que é colocado na ênfase da análise da cultura do pequeno grupo homogêneo, do migrante e família – numa simplificação. Não fosse esse foco, sua obra correria o risco de ser consumido pela temática sociológica, talvez aí incorrendo no mesmo que aconteceu com Gioconda Mussolini.

Uma importante conclusão da pesquisa de Eunice Ribeiro Durham é a de que os imigrantes estrangeiros eram sempre os mais bem preparados para a realização de serviços urbanos, principalmente os industriais; depois, viriam os migrantes, como sertanejos e caboclos; por último, o elemento negro (este, adicionamos, se pensarmos no período até a metade do século XX, naturalmente). Tal hierarquização seria devida à melhor adaptação dos primeiros ao processo disciplinado de relações de produção no mundo da economia racional de mercado. Concorreria para isso a melhor formação técnica e educacional deles trazida pelos próprios e/ou pelos pais, do continente europeu de origem. O migrante do Interior e o do Nordeste estariam, de certa forma, adaptados a tal sistema. O fato de vir à metrópole para “melhorar de vida” já seria sinal, segundo a autora, do conhecimento desse sistema, de diálogo com ele, num local de origem que não conhecia tal modo, mas que saberia de sua existência, e mesmo a demandaria.

Indo por esse caminho, a conclusão confirmaria, complementamos, as pesquisas de Florestan Fernandes sobre o negro e as relações raciais – no fato de o preconceito cultural ter já plenamente penetrado em todas as camadas sociais, comunidades e modos de vida no País; tal, aliado à ausência de escolaridade e de formação técnica para a mão-de-obra urbano-industrial, deixariam o negro à margem, tornando-o também o menos adaptado à disciplina da fábrica.

---

³⁰⁰ DURHAM, Eunice Ribeiro. **Depoimento concedido ao autor**. 21/08/2008.

No caso específico do migrante, foco principal da obra da antropóloga, a explicação das dificuldades de adaptação ao trabalho impessoal da indústria na cidade grande seria decorrente das relações familiares e pessoais dele. Essas relações formariam um complexo sistema social particular que acabaria, sem querer, por atrapalhar sua adaptação, pois o mesmo, no sistema de origem, estava acostumado às pessoalíssimas relações de parentesco, vizinhança e amizade. A fábrica só proporcionava a frieza do trabalho de centenas de pessoas juntas, sem se conhecerem, sem se comunicarem, apenas unidas artificialmente por máquinas. Não raro, o migrante desejava os menos difíceis cargos de vigia (por ser o único na empresa que poderia chegar perto e se relacionar com o dono da empresa, de alguma forma) e de autônomo, como vendedor ambulante, motorista, pequeno comerciante, pelo fato destes proporcionarem maior liberdade de horário, ausência de máquinas e de disciplinas, e maior rede de relacionamentos com outras pessoas.

Para sintetizar, Eunice Ribeiro Durham, além de procurar a integração, preocupa-se com o que fica de homogêneo num homem (oriundo de antigo grupo indiferenciado) no interior da sociedade de classes diversificada. Com esse seu trabalho etnográfico (baseado em grande pesquisa empírica ancorada na observação participante), ela busca um melhor entendimento para os processos de mudanças sociais significativas que o Brasil sofria, naquele quadro de industrialização e modernização das décadas de 1950 e 1960. Aliás, o seu trabalho de Mestrado, sobre o imigrante italiano³⁰¹, já prenunciava tais temas (e interlocuções entre a Antropologia e a Sociologia).

O que faz a antropóloga marcar posição e se diferenciar da Cadeira de Sociologia I é que ela não critica ou detrata os *estudos de comunidade*, pois os achava úteis, se não como método de análise, pelo menos como importante modo de obtenção de dados em trabalhos de campo, principalmente em se tratando de comunidades mais homogêneas. Ou seja, ela não os invalida³⁰².

---

³⁰¹ **Mobilidade e assimilação: a história do imigrante italiano num município paulista**, de 1964.

³⁰² O trecho a seguir é bastante elucidativo: “Os balanços e comentários críticos realizados sobre os “estudos de comunidade” – elaborados de formas diferentes e a partir de lugares distintos – parecem bater numa mesma tecla: o risco do encapsulamento da comunidade pela desconsideração de seus vínculos com a sociedade mais ampla e com a história. Não se trata aqui de negar a pertinência das objeções

Assim, como ela diferencia-se, nesses aspectos, da referida Cadeira, também constrói outra frente de combate, desta vez com o *marxismo* – aquele menos sofisticado, menos dialético, mais mecânico e vulgar – provocador, na professora, de suas reflexões sobre o conceito de *cultura* (no que diz respeito às relações desta com o conceito de *sociedade*). Ou, melhor dizendo, no fato de tal conceito não se deixar engolir pelos aspectos mais amplos do social. Explicando melhor, para a antropóloga, elementos conceituais do *marxismo* não ajudariam a compor totalmente uma boa descrição de um determinado grupo. Como exemplo, o proletariado enquanto classe seria algo muito amplo e vago para a Antropologia trabalhar – daí, ela preferir *família* (uma unidade fundamental, posto que seria unidade de produção, consumo e ajuda mútua), ou mesmo o *parentesco*. Ou seja, a maior homogeneidade, algo mais integrativo e orgânico.

Eis algumas das bases e do perfil dessa obra e do trabalho realizado por Eunice Ribeiro Durham até esse momento em sua carreira.

Para a mesma época temos **Eva Alterman Blay**. A obra por nós analisada é o livro **Trabalho domesticado: a mulher na indústria paulista**, publicado em 1975. Orientado por Aparecida Joly Gouveia, é produto de Tese de Doutorado defendida em 1973.

Em termos mais específicos, os temas e enfoques centrais do estudo se dão sobre intensos levantamentos comparativos a respeito do trabalho/ocupação das mulheres em diversos países (“desenvolvidos” e “não desenvolvidos” e “capitalistas” ou “socialistas”, no dizer da autora), com divisões por faixas etárias e níveis de profissionalização, escolaridade e casamento – mas o grosso da pesquisa se apóia em empresas do Estado de São Paulo, daí o título.

---

brevemente arroladas, mas de chamar a atenção para dois aspectos. Em primeiro lugar, para a importância da consideração dos embates teóricos, mas também institucionais e políticos, que têm lugar na época para a compreensão do tom – muitas vezes exaltado – de parte das críticas feitas, que parece converter os “estudos de comunidade” numa espécie de “categoria de acusação”. Em segundo, para o momento em questão, marcado por tentativas de definição de uma “antropologia das sociedades complexas” – que textos de Cardoso e Durham exemplificam –, que não se confunda com Sociologia nem com “estudos de comunidades”, embora dialogue com ambos. Cabe lembrar ainda que um dos principais desenvolvimentos acadêmicos e institucionais imediatos, ligados a esse debate, foi o desenvolvimento de linhas de pesquisa em antropologia urbana, com ênfase nas relações entre cultura e política, sob orientação de Eunice Durham e Ruth Cardoso, nos anos 1970 e 1980, num contexto político geral bastante distinto, tanto no País quanto na Universidade.” Cf. também PEIXOTO, Fernanda Arêas e SIMÕES, Júlio Assis. *A Revista de Antropologia e as ciências sociais em São Paulo: notas sobre uma cena e alguns debates*. **Revista de Antropologia**, *op. cit.*, 2003: 401.

O livro segue com investigações a respeito de aspectos quantitativos referentes à população feminina no mundo; após, a autora faz uma análise qualitativa sobre as posições sociais ocupadas pela mulher em diferentes sociedades, “capitalistas” e “socialistas”; depois, enfoca aspectos do trabalho feminino no processo brasileiro de industrialização. Nas partes restantes, Eva Alterman Blay realiza análises sobre características socioeconômicas referentes às mulheres que trabalham e às atitudes delas perante as ocupações escolhidas (bem como as atitudes de maridos e familiares, como contrariedades, apoios *etc.*)

Em termos gerais, o que a socióloga tenta é “desmistificar” a afirmação, para ela falaciosa, segundo a qual a sociedade moderna ocidental capitalista, surgida das revoluções Industrial e Francesa, teria hoje rompido as barreiras entre os seres humanos (barreiras de cor, religião, sexo, etnia, idade *etc.*) e trazido o progresso e o bem-estar sempre desejado e jamais alcançado pelo homem. Pois bem, os seus dados pesquisados nos diversos tipos de sociedades contemporâneas acabariam por demonstrar, ainda segundo a autora, que todo esse “progresso” propalado não estaria se dando com o sexo feminino pelo menos, ou com a mão-de-obra feminina. Ela defende essa tese baseada em números oficiais, que revelariam o quanto os tipos de inserção no mundo do trabalho, pelo lado das mulheres, estariam ligados ou limitados a fatores muito bem contidos pelo setor dominante dessas sociedades – no caso, o lado masculino.

Dessa forma, e independente do país, da situação econômica ou do regime político, as mulheres ainda “escolheriam” a profissão ou o ensino qualificado conforme a escassez do equivalente masculino dessa mão-de-obra assim o permitisse. Isso também iria determinar o nível de aceitação social da “escolha” da ocupação feminina e até mesmo se tal poderia ser “vocação” ou não para essas mulheres. De forma que a emancipação e auto-realização femininas, supostas conquistas da modernidade, ainda deixariam muito a desejar, concluiria a professora.

Em outras palavras, independente da ideologia, o que se mostra na obra é que a submissão do trabalho feminino estaria entronizada no âmago, na estrutura básica da sociedade. E essa estrutura seria constituída de valores que transcenderiam as transformações e sucessões no tempo, consolidando-se, a

despeito das construções sociais serem medievais, coloniais, modernas, socialistas, industrializadas *etc.*

Em síntese, o trabalho pôde verificar, como uma fotografia do momento, a situação da mulher profissional paulista urbana, no que concerne a quanto esta interagia com a sociedade em que estava inserida – ou quanto esta lhe parecia permitir ser e fazer. Pôde também mostrar que, independente da sociedade, se de Primeiro, Segundo ou Terceiro Mundo (conforme a designação da época), capitalista ou socialista, medieval, moderna *etc.*, ela sempre reservaria o que há de melhor para o homem; à mulher, submissa, restaria limitar suas “vocações” à aquilo que o homem permitisse, como foi mencionado.

Com isso, a autora não temeu exagerar na crítica às modernas economias capitalistas ocidentais (confirmada que é pelo prefácio de Maria Isaura Pereira de Queiroz). Mas o que ambas pareceram não atentar, ao demonstrarem má-vontade em relação à moderna sociedade capitalista industrializada, é que esta, diferentemente das demais, proporciona, em razoável medida, aos diferentes e “submissos”, realizarem seus intentos, como melhoria de vida, ascensão social, transposição de barreiras *etc.* Nas outras sociedades, tais situações de “submissão” permanecem estancadas, congeladas no tempo. Se aquelas, as capitalistas, são ruins, estas não seriam em nada melhores – seriam piores.

As sociedades modernas, tão criticadas pelas duas sociólogas, teriam sido as únicas a permitirem liberdade, ascensão e maior participação das mulheres em toda a história. Essas conquistas ainda não seriam tão grandes, mas mesmo assim, seriam ainda maiores que nas outras sociedades comparadas. Eis a fundamental diferença, que ambas pareceram escamotear ou ignorar (claro, como o trabalho foi feito há mais de três décadas, podem ter reavaliado essas colocações). Inclusive porque a situação pessimista que Eva Alterman Blay via na época modificou-se para melhor; em particular, na participação econômica e na inserção política da mulher (não obstante essa sua última inserção também não ter trazido as radicais melhorias para as sociedades modernas, que tanto essas mulheres propalavam).

Com todas essas idéias e temas – no caso, industrialização, sociedade urbana e moderna – o livro **Trabalho domesticado: a mulher na indústria**

paulista bem poderia ter identificações com o estilo e as temáticas da Cadeira de Sociologia I. É produto da última *geração* da então recém-extinta Cadeira de Sociologia II; faz uso de gráficos, tabelas, estatísticas de níveis de emprego, de produção e de desenvolvimento, além de outros dados socioeconômicos. Numa passada pelos temas e disciplinas que a professora lecionou nos anos 1960, poderíamos dizer que carregariam grande identidade com a Cadeira de Sociologia I, pois eram Sociologia aplicada; organização social: problemas de mudança social em sociedades industrializadas; Sociologia urbana; estrutura ocupacional, problemas de mudança social; problemas de mudança em sociedades industrializadas; Sociologia da urbanização; planejamento e desenvolvimento em áreas urbanas; urbanização e estrutura ocupacional; urbanização e desenvolvimento³⁰³.

Apesar disso, ela ainda se pautava por suas identidades (culturais e eruditas, principalmente) com as da maioria dos membros, eruditos e aristocráticos, da Cadeira de Sociologia II, como Fernando de Azevedo, Ruy Galvão de Andrada Coelho e Maria Isaura Pereira de Queiroz. Não obstante, também deve ser lembrado, que, com as Cadeiras não mais existindo, as diferenciações também não precisariam mais ser tão rigorosas. As situações no Departamento de Ciências Sociais nesse momento (meados de década de 1970) eram outras, mais independentes e razoavelmente abertas e pulverizadas. De certa forma, a professora construiu seu meio-de-campo.

Dando prosseguimento, temos o livro **Estado e partidos políticos no Brasil (1930-1964)**, de **Maria do Carmo Campello de Souza**. Trata-se de versão de sua Tese de Doutorado, de mesmo nome, defendida em 1976. Nesse mesmo ano, a autora publicaria, com prefácio de Victor Nunes Leal, grande entusiasta da obra. Antes, porém, ainda no início da década de 1970, após sair da prisão por sua militância política, Maria do Carmo Campello de Souza reinicia as atividades acadêmicas começando, com a orientação de Francisco Weffort, a pesquisa sobre os partidos políticos e suas relações com o Estado no período de 1930 a 1964.

No livro, a autora coloca como unidade de análise o *sistema político*. E propõe o que seria a formação e o surgimento/sustentação do sistema político

---

³⁰³ BLAY, Eva A. **Memorial**, 1986: 16-35.

partidário brasileiro – algo ambicioso e de fôlego. Mas foi feliz, tal é a validade da obra até hoje. E a autora procura (através das regularidades que somente uma metodologia verdadeiramente científica poderia auferir) descobrir ou desvelar até onde iriam os condicionamentos do Estado ao sistema partidário nacional. A meta não seria pouco ambiciosa. Aliás, como pesquisadora iniciante e, depois, auxiliar de ensino, ela já começara, desde os primórdios da década de 1960, a estudar e lecionar sobre os temas ligados à história das instituições políticas brasileiras, seus períodos, a evolução dos partidos, as políticas estaduais, as revoluções e transições partidárias.³⁰⁴

Com isso, Maria do Carmo Campello de Souza terá, para a obra em tela, o domínio dos elementos indispensáveis à plena compreensão dos períodos que abordaria, quais sejam, o do fim do Governo Vargas (criador de consistente ideologia política, de interventorias, das DASPs, importantes para a estruturação do futuro regime), o da redemocratização pós-1946 e o do nascente modelo de organização institucional partidária (frágil, não consolidada, herança do período de governo anterior).

A autora também analisa assuntos como *populismo* e *clientelismo* nesse novo regime (1945-1964), as agremiações UDN, PSD e PTB, suas coligações, dissidências e frentes, bem como a centralização burocrática; ao lado desse arcabouço, a professora realiza análise sobre a ideologia e a ação do Estado relativamente ao “processo de *decision making*”, voltado, de modo principal, para a criação de estatais e de medidas econômicas interventoras e regulatórias.

A professora trata a política e os partidos como ligados às questões de disputas de interesses econômicos divergentes entre os diversos setores de elites dominantes, mas não só; vai além, integrando-os numa relação complexa e lógica (assim, sistêmica), mostrando como interesses sociais, econômicos, eleitorais e de poder político andariam condicionados ou em reflexos. Ainda sugere que as idas e vindas do voto do eleitorado, cancelando ou evitando alianças, anulando votos, fazendo e refazendo escolhas, também expressariam certa lógica ou racionalidade em seu comportamento.

---

³⁰⁴ SOUZA, Maria do Carmo Campello de. **Documentos de Maria do Carmo Campello de Souza**. ARQUIVOS DA SEÇÃO DE PROTOCOLO. Administração da FFLCH-USP, s/d..

A obra, na época, era inovadora, além de ousada, por ser perigoso, naquele momento, realizar pesquisas sobre temas políticos em geral (e temáticas como as da autora, em particular), em razão do autoritarismo ainda vigente do então regime militar. Mas esse livro foi inovador por trazer aquela estrutura já da Ciência Política, com o fator político separado da História, da Economia, do Direito, da Filosofia. O que, realmente, sugere a participação de Bolívar Lamounier e a influência da ciência produzida nos Estados Unidos da América, por ele trazida, em seus estudos nesse país. Em termos heurísticos, a professora estaria mais longe de Paula Beiguelman e menos distante, em certo sentido, do “formato” da Cadeira de Sociologia I (então recentemente extinta), de teor empiricista, com quadros, números, fontes, métodos e formas de análise mais globalizantes e sistêmicas. Por isso, e por delimitar e separar a área específica, esse trabalho é *Ciência Política*.

Em relação a tais assuntos em torno do livro, temos a seguinte opinião:

“(Era) uma grande analista, uma grande cientista política. Esse livro (**Estado e partidos políticos no Brasil: 1930-1964**) a gente lê até hoje, passou pelo teste de 30 anos, né? Está nas bibliografias. Quantos dos livros dessas pessoas que foram importantes estão nas bibliografias hoje? Muito poucos... Ela tinha competência, talento, para escrever um grande livro. (...) Mas a influência aqui (do livro) não é a USP, a influência aqui se chama Bolívar Lamounier! A orientação, a embocadura analítica, é um trabalho genial, tem muito dela, mas é algo que foi gerado fora da Cadeira de Política da USP, por mais que ela estivesse na Cadeira. Ela foge completamente ao que era essa Cadeira. Tem um forte componente de história política, mas é mais o que a gente chama hoje de Ciência Política, era diferente do que Paula fez, ou do capítulo da Carmute no **Brasil em perspectiva**, que era um artigo mais de história. Seu livro tem mais o enquadramento de Ciência Política, em entender como é que o sistema funciona. Acho que por isso é tão importante. Mas ele não foi gerado no Departamento, como influência intelectual. Teve muito do Bolívar, mas teve muito também dela. Mas, no momento em que ela escreve isso, a Cadeira de Política está se dismilingüindo. Em 69, 70, ficaram o Weffort e o Oliveiros, teve gente exilada, caçada, não tinha ambiente intelectual. Já o prefácio do Victor Nunes Leal, é engraçado, ele não gosta do que a gente gosta (...).”³⁰⁵

---

³⁰⁵ ALMEIDA, Maria Hermínia T. de. **Depoimento concedido ao autor**. 18/08/2008.

Conforme esse e outros depoimentos³⁰⁶, alguns informais e que não cabem registro, Maria do Carmo Campello de Souza cresceria na carreira nesses anos 1970, em boa medida, por esses já mencionados diálogos com o então marido Bolívar Lamounier, que muito a teriam ajudado na composição da obra. E também devido às boas relações com as mais importantes mulheres de sua Cadeira, com integrantes da Cadeira de Sociologia I e do futuro CEBRAP, com o importante marido, o que demonstram uma frutífera capacidade de se equilibrar em diversos ambientes, “compondo” com semelhantes e com diferentes. Tudo isso teria ajudado tanto na construção da referida obra quanto na carreira de Maria do Carmo Campello de Souza.

Objetos e obras: identidades

Para os questionamentos a seguir, balizamo-nos por fatores unificadores dos referidos trabalhos, em diálogos que supomos tanto explícitos quanto implícitos, posto que foram desenvolvidos, nesse caso, com base em nossas interpretações.

Assim, temos, saltando aos olhos, os termos parentesco, parentela, solidariedade, harmonia, homogeneidade, comunitarismo, consenso, grupos de vizinhança, formas cooperativas de trabalho, ludicidade, reciprocidade e, principalmente, a **família** – tudo isso para o processo de mudança da sociedade tradicional para a sociedade moderna. E família seria, talvez, o elemento “feminino”

---

³⁰⁶ A sua amiga Maria Tereza Sadek forneceu o seguinte depoimento em relação ao referido livro: “(...) Eu acho que tem a ver com a influência do Bolívar, que tinha uma formação mais claramente de Ciência Política, diferente do que era a tradição aqui da USP, ele tinha uma formação norte-americana, que considerava a política uma entidade autônoma. Então, neste ponto de vista, eu acho que a influência do Bolívar foi muito forte. (...). Eu vi a defesa de Tese. Eu acho que a Carmute se filiou a uma linha muito mais da Ciência Política. Então, o Victor Nunes Leal tem uma influência muito forte, eu me lembro que ele estava na banca e marcava muito essa distinção. E ele estar na banca, isso era um dado muito fundamental; ele escreve o prefácio do livro.”. SADEK, Maria Tereza A. **Depoimento concedido ao autor**. 21/08/2008.

a ligar todos eles³⁰⁷. Esse grupo de termos uniria as obras de Gioconda Mussolini, Eunice Ribeiro Durham, Maria Isaura Pereira de Queiroz e Maria Sylvia de Carvalho Franco.

Vejamos. A antropóloga **Gioconda Mussolini** discute em **Persistência e mudança em sociedades de “folk” no Brasil** a existência e as relações de transformação em comunidades antigas do Interior do País. E o foco em que se concentra é o da *solidariedade*, a qual comunga essas comunidades estudadas, torna-as unidas, apesar das (poucas) diferenças no interior delas.

Para isso, temos o trecho em que a antropóloga faz um balanço dos elementos socioculturais que, desprezadas as diferenças regionais, permitiriam concluir sobre a existência de uniformidades básicas nos meios rústicos brasileiros:

“(...) colocaríamos, neste rol, a título de exemplo, a coivara, o mutirão, o “troca-dia”, o adjutório, o “complexo cultural da farinha de mandioca”, o “complexo cultural da pesca da tainha”, o compadrio, as novenas, as folias (principalmente as organizadas ao redor do Divino Espírito Santo e que aprecem fornecer o paradigma para as demais) (...), a prática tão antiga de pagar “o terço”(…).³⁰⁸

---

³⁰⁷ Proposição com a qual encontramos concordância. “Eu acho válida a hipótese de que exista algo de feminino na abordagem da Maria Isaura, em contraposição a abordagens masculinas como as de Caio Prado, por exemplo, pela atenção que Maria Isaura dedica e pela sensibilidade com que ela analisa a constituição, estrutura e dinâmica dos grupos familiares. (...). Levando em conta a hipótese de que o interesse da Maria Isaura pelos temas citados está ligado às suas próprias origens, sou levada a pensar que este interesse foi reforçado pelo grande sucesso da sua Tese de Doutorado, defendida na França “La guerre sainte au Brésil: le mouvement messianique du contestado” e do livro “Messianismo no Brasil e no mundo”, traduzido em vários países, e cuja problemática se refere ao mundo rural no Brasil.” ANTUNIASSI, Maria Helena Rocha. **Depoimento concedido ao autor**. 28/08/2008.

³⁰⁸ MUSSOLINI, Gioconda. “Persistência e mudança em sociedades de “folk” no Brasil”. In: BALDUS, Herbert (org.). **Anais do XXXI Congresso Internacional de Americanistas (1954)**. São Paulo: Anhembi, 1955, Vol. I: 352.

Em linha similar, **Eunice Ribeiro Durham** pensaria a família³⁰⁹, o parentesco, a solidariedade, a harmonia, a homogeneidade, o comunitarismo, o consenso, o grupo de vizinhança, as formas cooperativas de trabalho, a ludicidade, a reciprocidade no processo de mudança da sociedade tradicional para a sociedade moderna. Descontado o elementar fato de tais termos serem caros à Antropologia propriamente dita, poderíamos afirmar que o mesmo raciocínio interpretativo nosso poderia se dar com **Maria Isaura Pereira de Queiroz**, em seus estudos sobre o mandonismo local e o coronelismo.

E, como já havíamos colocado, Maria Isaura Pereira de Queiroz centraliza suas pesquisas sobre dominação política não na categoria “classe social”, mas em categorias de solidariedade bem menor, como “parentelas” e “família”, pois, segundo a autora, estas estariam circundadas em formas de sociabilidade e solidariedade voltadas para um núcleo disperso e extenso de pessoas, unidos por diversos laços (parentesco/sangue, espiritual/compadrio, matrimonial, econômico). Estariam, assim, relacionadas com a estruturação da dominação política no País.

---

³⁰⁹ O trecho do depoimento a seguir é ilustrativo disso: “O **A caminho da cidade** nada tem a ver com o Schaden, tem a ver com o Darcy Ribeiro. Eu conheci o Darcy no fim da década de 50, ele me convidou, eu demorei pra aceitar. Eu fiquei com a parte da migração rural-urbana. Talvez por isso o Schaden não se interessou, não foi ele quem escolheu o tema. Também não posso dizer que fui orientada pelo Darcy. Ele estava envolvido com política nacional, grandes projetos de educação, essas coisas. Eu nunca tive orientação, para falar a verdade. Então essa minha Tese de Doutorado foi bastante atrasada com a maternidade. Mas a Sociologia achou o tema família marginal. Eu mostro que havia uma enorme influência das relações pessoais, de vizinhança, de família e parentesco. Não dava pra trabalhar com proletário, na minha opinião. Foi uma tese muito ignorada pela Sociologia daquele tempo, que liderava. O engraçado é que isso começou a se tornar popular depois..., com o movimento feminista. No começo, ele não ajudou nada, ele era contra a família, e eu mostrava o contrário, que ela era importante! O meu trabalho foi muito controverso. Ele não lidava com o que estava na moda, de modo que teve um sucesso lento. Ele era um trabalho provocativo. Foi considerado marginal. Mas não houve nenhuma crítica porque, na minha opinião, ele está extremamente fundamentado. As pessoas não podiam negar, mas não estavam interessadas em mostrar e ver aquilo na época. Ficaria mais ou menos congelado. Seria descongelado na década de 80. Mas aí eu não queria mais trabalhar com o tema, já estava cansada.”. DURHAM, Eunice Ribeiro. **Depoimento concedido ao autor**. 21/08/2008.

E o que caracterizaria a dominação no mandonismo local³¹⁰, também segundo a socióloga, seriam reciprocidades assimétricas. Assim, a autora põe compreensão sobre o “mando” e a “obediência” na chamada “vida associativa”, um aspecto “micro”, procurando uma racionalidade nesse tipo de lógica de dominação política. E nesses estudos sobre dominação, Maria Isaura Pereira de Queiroz procura determinar as condições orientadoras ou balizadoras das condutas individuais, para auferir as respostas dos eternamente subjogados. Com isso, achava ser possível detectar certo dinamismo nas relações entre o público e o privado, entre os dois lados.³¹¹

Maria Sylvia de Carvalho Franco também enfocaria tais processos. Para ambas, aliás, as “confusões” entre o público e o privado, nas relações de dominação, se não levam à colocação do Estado como tendo papel central a pôr ordenamento nisso, denotam que a sociedade brasileira não ficaria apenas a esperar resoluções puramente institucionais para resolver suas tensões³¹².

Com isso, haveria uma interlocução com Maria Isaura Pereira de Queiroz, que afirma que os interesses da sociedade determinariam os projetos do Estado nacional em gestação; no caso, ela vê grande autonomia no grupo dos mandatários/coronéis/grandes proprietários, e fundamenta ser a família do

---

310 “(...) Historicamente, eu acho que a família dela, ela tem até hoje a irmã que cuida dela, os laços familiares são fortíssimos, e ela não conseguia participar de nenhuma reunião conosco sem contar histórias familiares. As reuniões eram deliciosas, ela contava histórias fantásticas, da família do Sergio Buarque de Hollanda, da família do Estadão. A família dela é de advogados, atéia até a raiz dos cabelos, todos. E advogados, mas também agricultores. Veja a história do Manoel Elpídio, e a tia Carlota, então... (...) A Maria Isaura é de família de coronéis. Ela é de uma família em que a questão do poder, a questão do coronelismo... ela tinha uma ligação com a questão agrária no Brasil. Ela tinha interesse nesse campo, das relações de poder... Dava pra perceber que isso foi uma temática que ela sempre gostou muito, não porque fosse tema para homem ou tema para mulher, mas é um tema que a interessava enquanto cientista social... veja, ela pesquisou temas da vida dela que permeavam a realidade brasileira e paulista, um era o coronelismo, o messianismo, o campo da cultura... Ela ainda pretendia fazer uma análise da família dela, mas tinha pouco tempo para pesquisar..., ela ainda ia, junto com isso, pesquisar o carnaval. Assim, não pretendia mais cargos burocráticos. Eu não sei se a Maria Isaura se preocupou tanto com a família, ela sempre se preocupou com as relações mais amplas da realidade brasileira, ah, mas (se relacionar família com) o poder, sim.”. DEMARTINI, Zeila de Brito F. **Depoimento concedido ao autor**. 29/08/2008; CAMPOS, Maria Christina Siqueira de S. **Depoimento concedido ao autor**. 29/08/2008.

311 Atentemos ao fato de esses termos serem de teor *weberiano*, mas geradores de entendimentos diferentes das explicações globalizantes operadas por Florestan Fernandes e por membros sua Cadeira.

312 BOTELHO, André. Seqüências de uma Sociologia política brasileira. **Dados**, Rio de Janeiro, v. 50, n. 1, 2007. Disponível em <http://www.scielo.br>. Acesso em: 25 ago. 2008.

fazendeiro, do latifundiário, do coronel, o substrato básico da sociedade³¹³. Portanto, o estilo dele (coronel, latifundiário) fundamentaria as formas do Estado e suas relações com a sociedade, concluiríamos. Em certo sentido, também nessa questão, da família do fazendeiro como substrato básico da sociedade (e relacionada com o poder) haveria identidade dela com Maria Sylvia de Carvalho Franco.

No entanto, onde autores como Maria Isaura Pereira de Queiroz (bem como Antonio Candido de Mello Souza) vêem solidariedade, harmonia, homogeneidade, comunitarismo, consenso, cooperação e ludicidade no trabalho, união familiar, reciprocidade, Maria Sylvia de Carvalho Franco vê o conflito, a violência, o dissenso, a ruptura, a tensão. Ou seja, uma contraposição à suposta concepção do velho e do tradicional como (o único) bom, bonito, moral, positivo, romântico – idéias, aliás, relacionadas com os filósofos românticos conservadores alemães, idealizadores do passado, como Tönnies e Freyer, na proposição de José de Souza Martins³¹⁴. Aliás, conforme a professoras, a violência teria aspectos mais agregadores que desagregadores, para as comunidades de homens livres.

De nossa parte, pelo menos, há dúvidas sobre se os homens livres e pobres retratados no livro da referida autora se veriam eles próprios como “violentos”. O correto talvez seja que não. José de Souza Martins vê como marginal e rara as situações de violência que a socióloga tirou dos processos judiciais analisados³¹⁵; nós entendemos que não. Entendemos que haveria sim, uma forma de vida e de relacionamentos que *agregava* e se dava em torno de *valores* como *honra*

---

³¹³ Esse depoimento é, por sua vez, elucidativo: “Acredito que o interesse da Maria Isaura pelo fenômeno do coronelismo e mandonismo que ela analisou com tanto empenho, eficiência e, portanto, com tanto sucesso, tem relação com a sua biografia, levando em conta que ela pertence a uma família cujos ancestrais avós, tios, foram grandes fazendeiros. Essa também é a opinião do Prof. François Bonvin, que colaborou com a tradução para o francês do livro “O mandonismo local na vida política brasileira...” (...). Ele faz observações interessantes sobre possíveis influências das origens sociais da Maria Isaura e os citados temas: “Como sugerir, sem afirmar, certa proximidade da autora com esse mundo? Ela mesma foi uma cidadina, mas sua tia, a célebre Carlota, essa que foi a primeira deputada federal e uma das primeiras médicas brasileiras, deve ter deixado textos nos quais falava sobre os ancestrais fazendeiros que, tanto do lado paterno quanto materno, teriam escravos, um deles, segundo (informação oral) teria tido seiscentos. Assim sendo, se Maria Isaura não viveu diretamente a vida nas fazendas, ela certamente conviveu com avós e parentes próximos que viveram essa vida. (...). Em todo caso, ao leitor que descobre o Brasil, o livro dá a pensar que nas suas análises se encontra uma certa intimidade entre a autora e a cultura negra (...).” (BONVIN, François. *In: CADERNOS CERU*, série 2, n.17, 2006: 266). (...).”. ANTUNIASSI, Maria Helena Rocha. **Depoimento concedido ao autor**. 28/08/2008.

³¹⁴ MARTINS, José de Souza. “Anexo: entrevistas”. *In: JACKSON, L. C., op. cit.*, 2002: 221.

³¹⁵ MARTINS, J. S. *In: JACKSON, L. C., op. cit.*, 2002: 221.

e *status*. Operar a violência, por nosso ângulo, como desagregadora e de valor “negativo” seria uma forma de pensar anacrônica e etnocêntrica. Ao invés de *violência*, poderíamos chamar de *valentia* ou *honra*, e pensar num sistema de estratificação *weberiano*, balizado pelo *status* (ao invés de renda ou poder, partidos *etc.*). A literatura brasileira, os idosos do Interior, as letras do cancionero popular (ou folclórico) estão aí a atestar o quanto a díade *honra/desonra* balizaria as atitudes desses caipiras do velho Centro-Sul, tornando o *status* mais elevado ou mais baixo conforme o homem se afinasse a essas regras de *valentia/covardia*. E à *valentia* estaria intimamente ligada a palavra *violência*³¹⁶.

No caso, o livro de Maria Sylvia de Carvalho Franco, ao destacar esse lado da violência, permite o diálogo sutil, contrapondo-o a **Os parceiros do Rio Bonito: estudo sobre o caipira paulista e a transformação dos seus meios de vida**, de Antonio Candido de Mello e Souza³¹⁷, da Cadeira “oponente” à da professora, a de Sociologia II. Os caipiras estudados por esse sociólogo seriam um tanto mais idílicos em seu paupérrimo, dulcíssimo e pueril mundo. Além disso, a fome até poderia ser um substrato básico para entender as relações sociais, como propõe o referido cientista social, mas não seria o único ou o mais elementar de todos; a vida simbólica e os valores também teriam essa importância.

A violência atual no Brasil parece bem comprovar isso. Em seu recente livro **A dinâmica da cultura: ensaios de antropologia**³¹⁸, Eunice Ribeiro Durham comenta que a violência havia sido captada nas entrevistas de sua Tese **A caminho da cidade**, nos anos 1960, mas a professora acabou desprezando-a, na época. Hoje, contudo, o tema foi revalorizado, segundo ela, e voltou à baila. Isso corresponderia a um diálogo com **Homens livres na ordem escravocrata**, pois ambas as teses trariam, sub-repticiamente (aquela menos, esta mais), a violência como substrato da sociedade brasileira desde sempre.

---

³¹⁶ Há também as distinções de *impureza/virgindade*, *trabalho/vadiagem*, *recato/libidinagem etc.*

³¹⁷ MELLO E SOUZA, Antonio Candido de. **Os parceiros do Rio Bonito: estudo sobre o caipira paulista e a transformação dos seus meios de vida**. São Paulo: Duas Cidades; Ed. 34, 2001b.

³¹⁸ Sob pena de se forçar a mão, e com reservas, a epopéia heróica e violenta da mulher (de Eva Alterman Blay) e do operário (de Paula Beiguelman) poderiam dar a tônica de continuidade desse raciocínio.

Fechando esses raciocínios, outro elemento que une os aqui discutidos trabalhos e objetos de Maria Isaura Pereira de Queiroz, de Maria Sylvia de Carvalho Franco e, em certa medida, o de Eunice Ribeiro Durham, é a aparência de grandes obras literárias que carregam, pelo fato de possuírem tessituras dramáticas, por irromperem em viagens pelo tempo, por colocarem o ser humano permanentemente em luta contra um destino pré-determinado, ao qual se sabe que esse ser humano, muitas vezes, poderá sucumbir. No caso das duas sociólogas, a viagem ou o caminho percorrido por mandatários e “caipiras” pobres livres, com certo gosto de decadência (de perda do poder dos primeiros; de perda de cultura e estilos de vida, dos segundos); na última, a dramática transição/travessia do migrante³¹⁹, do mundo rural para a metrópole.

E, se pensados numa aparência de romance, os textos aqui analisados, dessas três professoras, podem ser lidos com o prazer que o trabalho literário proporciona. Mas, no estilo como se apresentaram, desvelam, antes de tudo, além da educação erudita (principalmente das duas primeiras), as tentativas de suas produtoras em se articular aos novos tempos de ciência a que estavam condenadas, tempos de um apagar das luzes na “literariedade” da forma³²⁰, naquele início da década de 1970, distante das tão “aristocráticas” décadas de 1930/1940.

***

---

³¹⁹ DURHAM, Eunice R.; FRY, Peter (org.). **A dinâmica da cultura: ensaios de antropologia**. São Paulo: Cosac Naify, 2004.

³²⁰ DURHAM, Eunice R.; FRY, Peter (org.), *op. cit.*, 2004.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Neste trabalho, pretendíamos uma interpretação sobre as obras e os produtores da ciência social *uspiana*. Os resultados obtidos, se não são totalmente inéditos, pelo menos referendam outras pesquisas e idéias já escritas.

Também pretendemos que esses resultados possam abrir caminho para futuras trabalhos. Nosso desejo, com tais resgates, é ter oferecido a outros um pouco do prazer dos resultados. É o que pretendemos ter feito com a sistematização das trajetórias intelectuais vasculhadas, bem como das contribuições acadêmicas das professoras.

Entendemos que as estratégias de projeção e de legitimação das sete professoras teriam sido objetivas e muito conscientes. Conhecendo suas histórias posteriores (após 1969), percebemos que todas foram, sim, ambiciosas. Cada uma à sua maneira, com mais ou com menos apetite, ambição, coragem ou vaidade. E auferiram os prestígios e cargos conforme as situações (políticas, econômicas e institucionais) iam permitindo. É difícil, contudo, pensar que tais conquistas tenham sido feitas inconscientemente ou despretensiosamente – se lançaram mão dessas medidas inconscientes, elas o fizeram raramente. Chegar a ser, no máximo, uma professora “secundarizada” nas relações acadêmicas estaria bom? A resposta é pela negativa.

Tão importante quanto tudo o que aqui já foi discutido, as formas mais amplas possíveis de militância que despontavam timidamente já seriam o termômetro do quanto essas mulheres não eram tão ingênuas ou despojadas de desejos intelectuais, acadêmicos ou de poder. Pelo contrário, tinham muito boa noção dos temas com os quais mexiam e das abrangências deles. Se não vejamos, Maria Isaura Pereira de Queiroz, influenciada pela tia Carlota Pereira de Queiroz (sua heroína, cônsua e defensora de futuros direitos da mulher), postou-se ao lado da colega de origem Maria Sylvia de Carvalho Franco – não por acaso ambas

escolheram um tema que bem entendiam, o domínio das grandes famílias ao longo da história do Brasil.

De modo semelhante, junto a elas estariam Eunice Ribeiro Durham (com o tema da estrutura da família, algo em que a situação da mulher é central), Gioconda Mussolini, Eva Alterman Blay (militante feminista que tinha por tema a situação da mulher na sociedade), Maria do Carmo Campello de Souza e Paula Beiguelman. Tiveram por temas, de certa forma, a dominação (pelo lado dos coronéis, dos pobres livres, do povo proletário, da mulher, do migrante e imigrante) e as relações das famílias poderosas com instituições políticas, com partidos políticos ou com relações de poder em geral.

Foram, dessa forma, construindo seus trânsitos no *establishment* da Faculdade de Filosofia da USP. Nada foi por acaso e as obras dessas mulheres refletiriam essas “vontades de poder”. Nessas obras estariam inscritas o quanto suas autoras eram cômicas de suas capacidades – essas autoras sabiam que, mais dia menos dia, venceriam. A pretensão até poderia ser escamoteada; porém, o futuro a desmascararia.

É o que poderia ser entendido quando, em tom amplo, observamos nas obras analisadas o quanto poderiam ter em comum, nos termos *afastamento* e *aproximação*, em relação às temáticas da Cadeira de Sociologia I. Percebemos nessas obras aqui comentadas – em algumas, um pouco mais; em outras, menos – as radicais transformações pelas quais passou a sociedade brasileira nos últimos cem anos e sua “modernização” difícil, complexa, como um grande pano de fundo. De modo que as mais simpáticas, menos críticas ou neutras em relação a essas modificações iriam se aproximar da referida Cadeira. São os casos das obras **Homens livres na ordem escravocrata**, de Maria Sylvia de Carvalho Franco (da própria Cadeira), “Persistência e mudança em sociedades de “folk” no Brasil”, de Gioconda Mussolini, **A caminho da cidade**, de Eunice Ribeiro Durham e **Estado e partidos políticos no Brasil**, de Maria do Carmo Campello de Souza.

As mais críticas e pessimistas em relação a essas transformações, e colocadas distantes da referida Cadeira, seriam **O mandonismo local na vida política brasileira** e **O coronelismo numa interpretação sociológica**, de Maria Isaura Pereira de Queiroz, e **Trabalho domesticado: a mulher na indústria**

paulista, de Eva Alterman Blay. Estas obras não revelam, por exemplo, entusiasmo com as transformações desse período da história do Brasil recortado. Nas obras da primeira, há, inclusive, certo tom passadista, melancólico, nostálgico, pairando nas entrelinhas do texto. Uma dissimulação para uma casa-grande ruindo ou a família aristocrática em decadência. Ou seu estilo de vida escorrendo.

Contudo, o que também entendemos como a grande contribuição das obras dessas mulheres é uma sutil crítica ao grande embate teórico metodológico dos anos 1950/60, o dos temas ligados ao “tradicional”, ao “atraso”, ao “moderno”, principalmente se colocamos uma centralidade maior em Maria Isaura Pereira de Queiroz. As obras dessas mulheres carregavam, de modo geral, uma visão mais crítica, e, por isso, complexificadora, nuançada, desconstruindo, de certa forma, o caráter “afirmativo”, “positivo”, de uma evolucionista sociedade tecno-burocrática, tão trabalhada pela Cadeira de Sociologia I: as temáticas da “mudança” trabalhadas por Gioconda Mussolini nas comunidades pesqueiras e nas rústicas, os difíceis avanços nas conquistas das mulheres e trabalhadores em sociedades modernas, de Eva Alterman Blay, Paula Beiguelman e Eunice Ribeiro Durham, entre outros – tudo isso denotando que características patriarcais no Brasil até se modificam, mas mantêm essências. Essa não-linearidade da visão dessas mulheres é, conforme nosso entendimento, uma grande herança delas ao pensamento e à tradição intelectual brasileira. Nisso tudo, pretendemos deixar claro nosso lado de não proporcionar endosso a Cadeira alguma.

***

Assim, numa síntese sobre as *disputas simbólicas*, podemos dizer que estas teriam existido devido às concorrências no interior do sistema de Cátedras, motivadas por diferentes classes sociais, gerações e relações de gênero. Estas concorrências seriam “violentas” – mas de uma “violência” sublimada. Daí, *simbólica*. Essas disputas escamoteavam concepções de mundo – concepções estas oriundas de classes sociais diferentes. A construção pretendeu ter mostrado o quanto carreiras acadêmicas, bem como a feitura das obras dos intelectuais, ficam a dever

às constrições de origens sociais das pessoas, bem como às redes de relações que as envolvem.

Com base em nossas pesquisas, podemos dizer que teria havido, no fim das contas, um irmanamento de classes e grupos na formação e institucionalização da disciplina Sociologia. Mas irmanamento este que tanto unia homens e mulheres nas Cadeiras, quanto, por sua vez, também os separava de outros homens e mulheres. Isto nos faz explicitar que as fricções que mostram disputas em relações de *gênero*, se não criteriosamente recortadas, poderão escamotear relações e dissensões assimétricas de maior gravidade ou mais profundas, como as de classe ou de visão de mundo.

Da mesma maneira, com os dados disponíveis, não nos pareceu que se poderiam ser feitas conexões entre temas femininos e obras de mulheres, ou melhor dizendo, entre *gênero* e produção. No entanto, fica a sugestão a futuros trabalhos.

Todas essas construções e constatações são assim colocadas, pois encerram parte importante da concepção de mundo da maioria dos componentes (quando não, dos líderes) das Cadeiras do Curso de Ciências Sociais da FFCL-USP. A contraposição deu sustentação, durante décadas, a apaixonados olhares sobre o fazer ciência, como já se escreveu, e a concepções políticas sutilmente habitadas no recôndito do trabalho realizado nessas Cadeiras (sendo a de Sociologia I a de baliza central). Mas, por causa dessas diferenças, com as disputas as pessoas saíram das margens cinzentas e puderam se circunscrever em bandas ou lados intelectuais e políticos, inclusive contrapondo-se a outras instituições (a Escola Livre de Sociologia e Política de São Paulo, o ISEB, e órgãos ou entidades oficiais federais). Tais posições e oposições moldaram carreiras e obras.

A reconstrução das trajetórias não impediu, contudo, frustrações, como o fato de não termos podido conversar mais diretamente com algumas das professoras envolvidas, por causa da recusa de algumas delas, devidamente respeitadas, mas não menos lamentadas. Fica, contudo, a vontade para a continuação, em novas pesquisas. Pois a amplitude do que ainda estaria por ser descoberto é nosso parâmetro a seguir. E isso residiria nos quadros expostos. Se não deram conta da totalidade de informações, pelo menos passaram perto de fazer

surgir a outrem novas idéias. De qualquer forma, estão lá, arroladas e sistematizadas, todas as professoras do Curso de Ciências Sociais da FFCL-USP.

Finalmente, nosso trabalho pretendeu ter mostrado que a capacidade de manobra poderia ser o diferencial inédito, ou não controlado, originador de carreiras possíveis e de obras criativas (por sua vez, também originais). Ou, parafraseando Elias, essa capacidade teria feito surgir um intelectual algo mais parecido com o compositor Mozart, repetimos. Mas, diferentemente de artistas, os atuais profissionais acadêmicos contemporâneos, institucionalizados, burocratizados estariam cada vez menos propensos a brigar com tudo e com todos ao estilo dos modos mostrados e analisados, o daquelas décadas pioneiras da FFCL-USP. As dissensões encontram-se menos radicalizadas. No limite, civilizadamente contidas pela profissionalização e institucionalização acadêmica desses produtores de ciências sociais brasileiras.

***

FONTES CONSULTADAS

a) Depoimentos concedidos ao autor:

ALMEIDA, Maria Hermínia T. de. **Depoimento concedido ao autor.** 18/08/2008.

AMARAL, Renato Brandão do. **Depoimento concedido ao autor.** 01/06/2007.

ANTUNIASSI, Maria Helena R. **Depoimento concedido ao autor.** 28/08/2008.

BEISIEGEL, Celso Rui. **Depoimento concedido ao autor.** 30/08/2008.

BLAY, Eva Alterman. **Depoimento concedido ao autor.** 12/08/2008.

BONILHA, José Fernando Martins. **Depoimento concedido ao autor.** 31/05/2007.

CAMPOS, Maria Christina S. de S. **Depoimento concedido ao autor.** 29/08/2008.

CIACCHI, Andrea. **Depoimento concedido ao autor.** 22/08/2008.

DEMARTINI, Zeila de Brito Fabri. **Depoimento concedido ao autor.** 29/08/2008.

DURHAM, Eunice Ribeiro. **Depoimento concedido ao autor.** 21/08/2008.

EUFRASIO, Mario Antonio. **Depoimento concedido ao autor.** 10/10/2007.

FERNANDES, Heloisa Rodrigues. **Depoimento concedido ao autor.** 27/08/2008.

HANH, Lúcia Campello. **Depoimento concedido ao autor.** 03/10/2008.

OLIVEIRA, Luzia H. Herrman de. **Depoimento concedido ao autor.** 13/04/2009.

MELLO E SOUZA, Antonio C. de. **Depoimento concedido ao autor.** 02/04/2009.

PEREIRA, João Baptista Borges. **Depoimento concedido ao autor.** 04/03/2009.

PEREIRA, João Baptista Borges. **Depoimento concedido ao autor.** 17/10/2007.

SADEK, Maria Tereza A. **Depoimento concedido ao autor.** 21/08/2008.

SANTOS, Célia Nunes G. Q. dos. **Depoimento concedido ao autor.** 03/10/2008.

SCHWARZ, Roberto. **Depoimento concedido ao autor.** 01/10/2008.

VIERTLER, Renate Brigitte Nützler. **Depoimento concedido ao autor.** 21/08/2008.

b) Correspondências pessoais:

Cartas de Maria Isaura Pereira de Queiroz a Florestan Fernandes (de 1952 a 1981).

Cartas de Maria Sylvia de Carvalho Franco a Florestan Fernandes (de 1962 a 1975).

Cartas de Gioconda Mussolini a Florestan Fernandes (de 1968 a 1969).

c) Artigos, depoimentos, discursos, documentos oficiais, entrevistas, memoriais:

ANDRADE, Diva; MACIEL, Alba Costa (orgs.). **Dissertações e teses defendidas na FFLCH/USP: 1939-1977**. São Paulo: FFLCH/USP, 1977. Boletim Especial n. 1. Pp. 177-179.

ANTUNIASSI, Maria Helena Rocha; LANG, Alice Beatriz da Silva Gordo (orgs.). **Maria Isaura Pereira de Queiroz: a mestra**. São Paulo: CERU; Humanitas-FFLCH/USP, 2000.

ARANTES, Otília Beatriz Fiori. Notas sobre o método crítico de Gilda de Mello e Souza. **Estudos Avançados**, São Paulo, v. 20, n. 56, p. 311-322, jan./abr. 2006.

ARANTES, Paulo Eduardo; ARANTES, Otília Beatriz Fiori. **Sentido da formação: três estudos sobre Antônio Candido, Gilda de Mello & Souza e Lúcio Costa**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1997.

ARRUDA, Maria Arminda do Nascimento. “A Sociologia no Brasil: Florestan Fernandes e a ‘escola paulista’”. In: MICELI, Sérgio (org.). **História das Ciências Sociais no Brasil**. São Paulo: Sumaré, 1995. Pp. 107-231, vol. 2.

AUGUSTO, Maria Helena Oliva. Retomada de um legado: Marialice Foracchi e a Sociologia da juventude. **Tempo Social; Rev. Sociol. USP**, São Paulo, USP, v. 17 (02), pp. 11-33, Nov. 2005.

BARRETO, Elba Siqueira de Sá. Em memória da Professora Aparecida Joly Gouveia. **Revista da Faculdade de Educação**, v. 24, n. 2, São Paulo, jul/dez 1998.

BASTOS, Élide Rugai; ABRUCIO, Fernando; LOUREIRO, Maria Rita; REGO, José Marcio. **Conversas com sociólogos brasileiros**. São Paulo: Editora 34, 2006.

BEIGUELMAN, Paula. Depoimento de Paula Beiguelman. **Informe: Informativo da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas – USP**, São Paulo, n. 9, p. 19-21, mar. 2004.

BEIGUELMAN, Paula. Discurso da Prof^a. Dr^a. Paula Beiguelman. **Informe: Informativo da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas – USP**, São Paulo, n. 4, p. 14-17, jul./ago. 2003.

BEIGUELMAN, Paula. **Documentos de Paula Beiguelman**. ARQUIVOS DA SEÇÃO DE PROTOCOLO. Administração da FFLCH-USP, s/d.

BEIGUELMAN, Paula. Morros santistas. **A Tribuna**. Santos (SP), 26 de março de 1944. Disponível em <http://www.novomilenio.inf.br/santos/h0341.htm>. Acesso em: 30 dez. 2006.

BLAY, Eva Alterman **Curriculum Vitae**. Disponível em <http://www.cnpq.br/lattes>. Acesso em 31/08/2006.

BLAY, Eva Alterman. “Gêneros e políticas públicas ou sociedade civil, gênero e relações de poder”. In: SILVA, Alcione L. da; LAGO, Mara C. de Souza; RAMOS, Tânia R. O. (orgs.). **Falas de gênero: teorias, análises, leituras**. Florianópolis: Mulheres, 1989. Pp. 133-146.

BLAY, Eva Alterman. “O preconceito tem muitas ‘vantagens’” (entrevista). **Calendário de Cultura e Extensão**, São Paulo, p. 5-8, mar. 2003.

BLAY, Eva Alterman. Abrindo caminhos e formando novas gerações. **Informe:** Informativo da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas – USP. Encarte. São Paulo, n. 36, p. 3, dez. 2002.

BLAY, Eva Alterman. Entrevista: aposenta-se a Professora Eva Alterman Blay. **Informe:** Informativo da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas – USP. São Paulo, n. 37, pp. 4-7, out. 2007.

BLAY, Eva Alterman. Gênero na Universidade. **Educação em Revista**, Marília (SP), n. 3, pp. 73-78, 2002b.

BLAY, Eva Alterman. Maria Isaura Pereira de Queiroz: uma pioneira na Sociologia brasileira. **Cadernos Ceru**, São Paulo, Série 2, n. 15, p. 262-264, mai. 2004.

BLAY, Eva Alterman. **Memorial. Apresentado à Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, da Universidade de São Paulo, para o concurso de Professor Titular do Departamento de Ciências Sociais.** 1986. ARQUIVOS DA SEÇÃO DE PROTOCOLO. Administração da FFLCH-USP.

BLAY, Eva Alterman. Verbete. In: SCHUMAHER, Schuma & BRAZIL, Érico Vital (orgs.). **Dicionário Mulheres do Brasil: de 1500 até a atualidade.** Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2000. Pp. 213-214.

BLAY, Eva Alterman; ARCO E FLEXA, Rodrigo. Mulher, machismo e sociedade brasileira (entrevista a Rodrigo Arco e Flexa). **Calendário de Cultura e Extensão**, USP, São Paulo, p. 6-7, mar. 1999.

BLAY, Eva Alterman; LANG, Alice Beatriz da Silva Gordo. **Mulheres na USP: horizontes que se abrem.** São Paulo: Associação Editorial Humanitas, 2004b.

BLAY, Eva Alterman; MENDES, J. C.; BECKER, S. “Eva Blay: entrevista à Juliana C. Mendes e Simone Becker”. In: GROSSI, Miriam P.; MINELLA, L. S.; PORTO, Rozeli (orgs.). **Depoimentos: trinta anos de pesquisas feministas brasileiras sobre violência.** Florianópolis, SC: Mulheres, 2006. Pp. 95-110.

BLAY, Eva Alterman; MORENO, Leila K.; BLASQUES, Márcia. Mulher, mãe e cientista: uma travessia de tabus e desafios. **Jornal da USP**, São Paulo, Ano IX, n. 309, 20 a 26/03/1995, pp. 10-11. Inclui entrevista com Eva Alterman Blay.

BLAY, Eva Alterman; SEVILLANO, Daniel C. Entrevista com Eva Blay (entrevista a Daniel C. Sevillano). **Informe:** Informativo da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas – USP, São Paulo, v. 2, p.152-154, edição especial 2006b.

BLAY, Eva Alterman; VIANNA, Rodolfo. A Prof.^a Dr.^a Eva Blay e a questão de gênero (entrevista a Rodolfo Vianna). **Informe:** Informativo da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas – USP, São Paulo, n. 10, p. 67-71, abr. 2004c.

CABRAL, Annita de Castilho e Marcondes. **Annita de Castilho e Marcondes Cabral.** ARQUIVOS DO CAPH - Centro de Apoio à Pesquisa em História “Sérgio Buarque de Hollanda”. São Paulo: FFLCH-USP, s/d. Mimeo. 5p.

CARDOSO, Fernando Henrique. “Memórias da Maria Antonia”. In: SANTOS, Maria Cecília Loschiavo dos (org.). **Maria Antonia: uma rua na contramão.** São Paulo: Nobel, 1988. Pp. 27-34.

CARDOSO, Fernando Henrique. Depoimento. **Língua e Literatura**, São Paulo: FFLCH/USP, ano X, v. 10-13, pp. 158-179, 1981-84.

CARDOSO, Fernando Henrique; TOLEDO, Roberto Pompeu de. As razões do presidente: o sociólogo Fernando Henrique expõe a doutrina do governo Fernando Henrique. **Veja**, n. 1512, 10/09/1997. Disponível em <http://www.veja.com.br>. Acesso em: 09 nov. 2007.

CARDOSO, Ruth Correa Leite. **Documentos de Ruth Correa Leite Cardoso**. ARQUIVOS DA SEÇÃO DE PROTOCOLO. Administração da FFLCH-USP, s/d.

CARDOSO, Ruth Correa Leite. Entrevista com Ruth Cardoso (Entrevista a Alessandra El Far; Carlos Machado Dias Junior; Edgar Teodoro da Cunha; Fraya Frehse; Ronaldo R M de Almeida). **Cadernos de Campo**, São Paulo, v. 8, n. 7, p. 149-166, 1997/98.

CARDOSO, Ruth Correa Leite; SEVILLANO, Daniel Cantinelli. Entrevista com Ruth Cardoso (entrevista a Daniel Cantinelli Sevillano). **Informe: Informativo da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas – USP**, São Paulo, n. 21, p. 34-37, set./out. 2005.

CARONE, Edgard. “Nota explicativa”. In: MUSSOLINI, GIOCONDA. **Ensaio de antropologia indígena e caçara**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1980. (Organização de Edgard Carone). Pp. 15-16.

CASTRO, Consuelo de. “Réquiem para uma calça Lee”. In: SANTOS, Maria Cecilia Loschiavo dos (org.). **Maria Antonia: uma rua na contramão**. São Paulo: Nobel, 1988. Pp. 91-96.

CIACCHI, Andrea. A mulher que puxou a rede. Gioconda Mussolini e os estudos sobre pesca no Brasil. **VII Reunião de Antropologia do Mercosul**. CD-ROM, 2007.

CIACCHI, Andrea. **As testemunhas do silêncio: Gioconda Mussolini entre lembranças e esquecimentos**. Texto apresentado no 31º. Encontro Anual da ANPOCS, de 22 a 26 de outubro de 2007b. Mimeo. 47 p..

CIACCHI, Andrea. **Entrevista com Antonio Augusto Arantes**. Texto inédito (obtido com o consentimento do autor). Mimeo. 2007c.

COHN, Gabriel. Outorga do título de Professor Emérito à Prof.^a Dr.^a Dra. Paula Beiguelman. **Informe: Informativo da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas – USP**, São Paulo, n. 4, p. 11, jul./ago. 2003.

CORRÊA, Mariza. **A antropologia no Brasil (1960-1980)**. In: MICELI, Sergio (org.). **História das Ciências Sociais no Brasil**. São Paulo: Sumaré, 1995. Pp. 25-106, vol. 2.

CORRÊA, Mariza. **História da antropologia no Brasil: 1930-1960/testemunhos de Emílio Willems e Donald Pierson**. Campinas, Vértice/Unicamp, 1987.

CURTI, Nely Pereira Pinto. **Documentos de Nely Pereira Pinto Curti**. ARQUIVOS DA SEÇÃO DE PROTOCOLO. Administração da FFLCH-USP, s/d.

DURHAM, Eunice Ribeiro. **Curriculum Vitae**. Disponível em <http://www.cnpq.br/lattes>. Acesso em: 25 ago. 2006.

DURHAM, Eunice Ribeiro. Guerra dos titulares. **O Estado de São Paulo**. São Paulo, p.2, 16 jun. 1988.

DURHAM, Eunice Ribeiro. **Memorial. Apresentado para o concurso de Livre-Docência em Antropologia na Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da USP.** 1973. ARQUIVOS DA SEÇÃO DE PROTOCOLO. Administração da FFLCH-USP.

DURHAM, Eunice Ribeiro. **Série grandes depoimentos: Eunice Ribeiro Durham.** Brasília: ABMES Editora (Associação Brasileira de Mantenedoras de Ensino Superior), 2002.

DURHAM, Eunice Ribeiro; CARDOSO, Ruth Correa Leite. O ensino da antropologia no Brasil. **Revista de Antropologia**, São Paulo, v. 9, n. 1/2, jun./dez. 1961, pp. 91-107.

DURHAM, Eunice Ribeiro; FRY, Peter (org.). **A dinâmica da cultura: ensaios de antropologia.** São Paulo: Cosac Naify, 2004.

DURHAM, Eunice Ribeiro; SEVILLANO, Daniel Cantinelli. Entrevista com Eunice Durham. **Informe.** Informativo da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas – USP. São Paulo, n. 14, p. 10-13, out. 2004.

FERNANDES, Florestan. “Nota da editora (à 1ª. edição)”. In: MUSSOLINI, Gioconda. **Evolução, raça e cultura: leituras de antropologia física.** São Paulo: Editora Nacional, 1974. 2ª. ed.. Pp. XI-XX.

FERNANDES, Florestan. **A Sociologia no Brasil: contribuição para o estudo de sua formação e desenvolvimento.** Petrópolis: Vozes, 1977.

FERNANDES, Florestan. Ciências sociais: na ótica do intelectual militante. **Estudos Avançados**, Revista do IEA/USP, São Paulo, v. 8, n. 22, set./dez. 1994. Pp. 123-138.

FERREIRA, Oliveiros da Silva. “Maria Antonia começou na praça”. In: SANTOS, Maria Cecília Loschiavo dos (org.). **Maria Antonia: uma rua na contramão.** São Paulo: Nobel, 1988. Pp. 19-26.

FERREIRA, Oliveiros da Silva. Discurso do Prof. Dr. Oliveiros da Silva Ferreira, quando da outorga do título de Professor Emérito à Prof.^a Dr.^a Paula Beiguelman. **Informe:** Informativo da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas – USP, São Paulo, n. 4, p. 12-14, jul./ago. 2003.

FFLCH-USP; Departamento de Sociologia. **Outorga do título de professora emérita a Maria Isaura Pereira de Queiroz.** São Paulo: Serviço de Artes Gráficas – FFLCH/USP, s/d. Separata.

FORACCHI, Marialice Mencarini. **Documentos de Marialice Mencarini Foracchi.** ARQUIVOS DO CAPH – Centro de Apoio à Pesquisa em História “Sérgio Buarque de Hollanda”. São Paulo: FFLCH-USP, s/d.

FORACCHI, Marialice Mencarini. **Documentos de Marialice Mencarini Foracchi.** ARQUIVOS DA SEÇÃO DE PROTOCOLO. Administração da FFLCH-USP, s/d.

FORACCHI, Marialice Mencarini. **Memorial acadêmico do candidato a Livre-docente do Departamento de Ciências Sociais Marialice Mencarini Foracchi.** 1970. ARQUIVOS DA SEÇÃO DE PROTOCOLO. Administração da FFLCH-USP.

FRANCO, Édson. Saudação à professora Eunice Ribeiro Durham. *In*: DURHAM, Eunice Ribeiro. **Série grandes depoimentos: Eunice Ribeiro Durham**. Brasília: ABMES Editora (Associação Brasileira de Mantenedoras de Ensino Superior), 2002, pp. 31-36.

FRANCO, Maria Sylvia de Carvalho. **Memorial acadêmico apresentado ao concurso para provimento de cargo de Professor Titular junto ao Departamento de Filosofia**. 1988. ARQUIVOS DA SEÇÃO DE PROTOCOLO. Administração da FFLCH-USP.

FRANCO, Maria Sylvia de Carvalho. O ilustrado e o filisteu: uma reflexão sobre a universidade. **Cadernos CERU**, São Paulo, n. 13, 1ª. Série, 1980. Pp. 47-55.

FRANCO, Maria Sylvia de Carvalho. Violência e assistencialismo têm raízes na ordem escravocrata – Entrevista. *Site IHU On-Line*. Disponível em <http://amaivos.uol.com.br/templates/amaivos/noticia>. Acesso em 10 set. 2008.

FUKUI, Lia de Freitas Garcia. **Curriculum Vitae**. Disponível em <http://www.cnpq.br/lattes>. Acesso em: 17 jan. 2007.

FUKUI, Lia de Freitas Garcia. **Documentos de Lia de Freitas Garcia Fukui**. ARQUIVOS DA SEÇÃO DE PROTOCOLO. Administração da FFLCH-USP, s/d.

GALVÃO, Walnice Nogueira. **Aula inaugural: Gilda de Mello e Souza – um percurso intelectual**. São Paulo: Serviço de Comunicação Social – FFLCH/USP, 2006. Separata.

GALVÃO, Walnice Nogueira. Gilda de Mello e Souza. **Informe**. Informativo da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas – USP, São Paulo, n.25, pp. 5-6, mar 2006.

GARCIA, Sylvia Gemignani. **Destino ímpar: sobre a formação de Florestan Fernandes**. São Paulo: 34, 2002.

GOUVEIA, Aparecida Joly. **Documentos de Aparecida Joly Gouveia**. ARQUIVOS DA SEÇÃO DE PROTOCOLO. Administração da FFLCH-USP, s/d.

GOUVEIA, Aparecida Joly. **Memorial. Apresentado à FFLCH-USP para o concurso de Professor Titular do Departamento de Ciências Sociais**. 1983. ARQUIVOS DA SEÇÃO DE PROTOCOLO. Administração da FFLCH-USP.

HARTMANN, Thekla Olga. **Memorial. Apresentado à Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humana da Universidade de São Paulo para o concurso de Professor Assistente do Departamento de Ciências Sociais**. 1970. ARQUIVOS DA SEÇÃO DE PROTOCOLO. Administração da FFLCH-USP.

HERRMANN, Lucila. **Documentos de Lucila Herrmann**. ARQUIVOS DA SEÇÃO DE PROTOCOLO. Administração da FFLCH-USP, s/d.

HERRMANN, Lucila. Verbete. *In*: FLORES, Hilda Agner Hübner. **Dicionário de mulheres**. Porto Alegre (RS): Nova Dimensão, 1998. Pp. 238-239.

JACKSON, Luiz Carlos. **A tradição esquecida: os parceiros do Rio Bonito e a Sociologia de Antonio Candido**. Belo Horizonte: UFMG; São Paulo: FAPESP, 2002.

JACKSON, Luiz Carlos. **Representações do mundo rural brasileiro: dos precursores à Sociologia da USP**. São Paulo: FFLCH/USP, 2003. Tese. (Doutorado em Sociologia)

KNOLL, Victor. Discurso de saudação. *In*: KNOLL, Victor; MARCOVITCH, Jacques. **Outorga do título de Professor Emérito a Gilda Rocha de Mello e Souza**. São Paulo: SDI/FFLCH/USP, 2002, pp. 9-13.

KOSMINSKY, Ethel Volfzon (org.). **Agruras e prazeres de uma pesquisadora: ensaios sobre a Sociologia de Maria Isaura Pereira de Queiroz**. Marília: UNESP/FAPESP, 1999.

KOWARICK, Lúcio. Discurso do Prof. Dr. Lúcio Kowarick, quando da outorga do título de Professor Emérito à Prof.^a Dr.^a Paula Beiguelman. **Informe**: Informativo da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas – USP, São Paulo, n. 4, p. 12, jul./ago. 2003.

KUGELMAS, Eduardo. Maria do Carmo Campello de Souza (1936-2006). **Dados**, Rio de Janeiro, v. 49, n. 1, p. 5-10, 2006.

LIMA, Renato Sérgio de (org.). Dissertações e Teses em Sociologia na USP: 1945-1996. **PLURAL**; Sociologia, USP, S. Paulo, número especial, 1. sem. 1997.

LIMONGI, Fernando. “A Escola Livre de Sociologia e Política em São Paulo”. *In*: MICELI, Sergio (org.). **História das Ciências Sociais no Brasil**. São Paulo: Sumaré, 2001, vol. 1. Pp. 257-275.

LIMONGI, Fernando. “Mentores e clientelas na Universidade de São Paulo”. *In*: MICELI, Sergio (org.). **História das Ciências Sociais no Brasil**. São Paulo: Sumaré, 2001, vol. 1. Pp. 135-221.

MACIEL, Alba Costa; ANDRADE, Diva; VALE, Eunides do. A antropologia na Universidade de São Paulo: histórico e situação atual. **Revista de Antropologia**, São Paulo, v. 21 (1^a. e 2^a. partes), 1978. Pp. 117-143.

MARRAS, Stélio. Pessoa e instituição: entrevista com João Baptista Borges Pereira. **Revista de Antropologia**, v. 46, n. 2, São Paulo, pp. 319-345, 2003.

MARTINHO, Cecy. **Documentos de Cecy Martinho**. ARQUIVOS DA SEÇÃO DE PROTOCOLO. Administração da FFLCH-USP, s/d.

MARTINS, Heloisa Helena Teixeira de Souza. **Curriculum Vitae**. Disponível em <http://www.cnpq.br/lattes>. Acesso em: 14 ago. 2006.

MARTINS, Heloisa Helena Teixeira de Souza. **Documentos de Heloisa Helena Teixeira de Souza Martins**. ARQUIVOS DA SEÇÃO DE PROTOCOLO. Administração da FFLCH-USP, s/d.

MARTINS, Heloisa Helena Teixeira de Souza. **Memorial. Apresentado à Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo para o concurso destinado ao provimento efetivo do cargo de professor-assistente junto ao Departamento de Ciências Sociais**. 1978. ARQUIVOS DA SEÇÃO DE PROTOCOLO. Administração da FFLCH-USP.

MARTINS, José de Souza. **Florestan: Sociologia e consciência social no Brasil**. São Paulo: Edusp, 1998.

MELLO E SOUZA, Antonio Candido. “Prefácio”. In: MUSSOLINI, GIOCONDA. **Ensaio de antropologia indígena e caçara**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1980. (Organização de Edgard Carone). Pp. 9-13.

MELLO E SOUZA, Antonio Candido; MATHIAS, Simão *et alii*. **Os acontecimentos da Rua Maria Antonia (2 e 3 de outubro de 1968)**. São Paulo: FFLCH, 1988.

MELLO E SOUZA, Gilda Rocha de. A lembrança que guardo de Mário. **Revista do Instituto de Estudos Brasileiros**, São Paulo, IEB/USP, n.36, pp. 09-25, 1994.

MELLO E SOUZA, Gilda Rocha de. Depoimento. **Língua e Literatura**, São Paulo: FFLCH/USP, ano X, v. 10-13, pp. 134-157, 1981-84.

MELLO E SOUZA, Gilda Rocha de. **Documentos de Gilda de Mello e Souza**. ARQUIVOS DA SEÇÃO DE PROTOCOLO. Administração da FFLCH-USP, s/d.

MELLO E SOUZA, Gilda Rocha de. **Gilda de Mello e Souza**. ARQUIVOS DO CAPH – Centro de Apoio à Pesquisa em História “Sérgio Buarque de Hollanda”. São Paulo: FFLCH-USP, s/d. Mimeo. 3p.

MELLO E SOUZA, Gilda Rocha de. Gilda Rocha de Mello e Souza: discurso proferido quando da entrega do título de Professor Emérito. **Informe**: Informativo da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas – USP, São Paulo, n. 13, p. 19-20, ago./set. 2004.

MELLO E SOUZA, Gilda Rocha de. **O tupi e o alaúde: uma interpretação de Macunaíma**. São Paulo: Duas Cidades, 1979.

MENEZES, Adélia Bezerra de. “Maria Antonia: década de 60”. In: SANTOS, Maria Cecília Loschiavo dos (org.). **Maria Antonia: uma rua na contramão**. São Paulo: Nobel, 1988. Pp. 118-131.

MUSSOLINI, Gioconda. **Documentos de Gioconda Mussolini**. ARQUIVOS DA SEÇÃO DE PROTOCOLO. Administração da FFLCH-USP, s/d.

PAOLI, Niuvenius Junqueira. “Anexo n. 6 – Depoimento: Aparecida Joly Gouveia”. In: **As relações entre as ciências sociais e educação nos anos 50/60 a partir das histórias e produções intelectuais de quatro personagens: Josildeth Gomes Consorte, Aparecida Joly Gouveia, Juarez Brandão Lopes e Oracy Nogueira**. São Paulo: FEUSP, 1995. Tese. (Doutorado em Pedagogia). Vol. I, pp. 175-205; Vol. II. Pp. 141-181.

PEIXOTO, Fernanda Arêas e SIMÕES, Júlio Assis. A *Revista de Antropologia* e as ciências sociais em São Paulo: notas sobre uma cena e alguns debates. **Revista de Antropologia**, vol. 46, n. 2, pp. 383-409, 2003.

PEIXOTO, Fernanda Arêas. **Diálogos brasileiros: uma análise da obra de Roger Bastide**. São Paulo: EDUSP, 2000.

PEIXOTO, Fernanda. “Franceses e norte-americanos nas ciências sociais brasileiras (1930-1960)”. In: MICELI, Sergio (org.). **História das Ciências Sociais no Brasil**. São Paulo: Sumaré, 2001, vol. 1. Pp. 477-231.

PEREIRA DE QUEIROZ, Maria Isaura. “Prólogo”. In: **Carnaval brasileiro: o vivido e o mito**. São Paulo: Brasiliense, 1992. Pp.: 9-25.

PEREIRA DE QUEIROZ, Maria Isaura. “Reminiscências”. In: AGUIAR, Flávio Wolf de (org.). **Antonio Candido: pensamento e militância**. São Paulo: Humanitas/FFLCH-USP, 1999. Pp. 261-266.

PEREIRA DE QUEIROZ, Maria Isaura. **Documentos de Maria Isaura Pereira de Queiroz**. ARQUIVOS DO CAPH – Centro de Apoio à Pesquisa em História “Sérgio Buarque de Hollanda”. São Paulo: FFLCH-USP, s/d. Mimeo. 2p.

PEREIRA DE QUEIROZ, Maria Isaura. O Ceru faz trinta anos: primeiros tempos. **Cadernos CERU**. São Paulo, Série 2, n. 6, pp. 11-31, 1995.

PEREIRA DE QUEIROZ, Maria Isaura. Trechos do discurso da Professora Maria Isaura Pereira de Queiroz, quando da entrega de seu título de Professora Emérita. **Informe**: Informativo da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas – USP, São Paulo, n. 9, p. 17-19, mar. 2004.

PEREIRA, João Baptista Borges. Emilio Willems e Egon Schaden na antropologia. **Estudos Avançados**, Revista do IEA/USP, São Paulo, v. 8, n. 22, set./dez. 1994. Pp. 249-253.

PINHO, Diva Benevides. “Reminiscências da Faculdade da Maria Antonia”. In: SANTOS, Maria Cecília Loschiavo dos (org.). **Maria Antonia: uma rua na contramão**. São Paulo: Nobel, 1988. Pp. 146-149.

PONTES, Heloisa. “Retratos do Brasil: Editores, Editoras e “Coleções Brasileira” nas Décadas de 30, 40 e 50”. In: MICELI, Sérgio (org.). **História das Ciências Sociais no Brasil**. São Paulo: Sumaré, 2001, vol. 1. Pp. 419-476.

PONTES, Heloisa. A paixão pelas formas: Gilda de Mello e Souza. **Novos Estudos/Cebrap**, São Paulo, v. 74, pp. 87-105, 2006.

PONTES, Heloisa. **Destinos mistos: os críticos do Grupo Clima em São Paulo (1940-1968)**. São Paulo: Companhia das Letras, 1998.

PONTES, Heloisa. Modas e modos: uma leitura enviesada de *O espírito das roupas*. **Cadernos Pagu. Revista semestral do Núcleo de Estudos de Gênero**. Campinas (SP): UNICAMP, v. 22, pp. 13-46, 2004.

PONTES, Heloisa; MELLO E SOUZA, Antonio Candido de. Entrevista com Antonio Candido. **Revista Brasileira de Ciências Sociais**, São Paulo, v. 16, n. 47, p. 5-30, 2001.

PULICI, Carolina Martins. **De como o sociólogo deve praticar o seu ofício: as Cátedras de Sociologia da USP entre 1954 e 1969**. São Paulo: FFLCH/USP, 2004. Dissertação (Mestrado em Sociologia).

QUEIROZ JR., Teófilo de. À Professora Aparecida Joly Gouveia. **Revista da Faculdade de Educação**, v. 24, n. 2, São Paulo, jul/dez 1998.

ROMÃO, Wagner de Melo. **A experiência do CESIT: Sociologia e política acadêmica nos anos 1960**. São Paulo: FFLCH/USP, 2003. Dissertação (Mestrado em Sociologia).

SAMPAIO, Lilian Alves. As sutilezas da Sociologia e a Sociologia das sutilezas: entrevista com Gabriel Cohn. **Plural; Sociologia, USP**, S. Paulo, **10**: 211-228, 1. sem. 1995.

SANTOS, Célia Nunes Galvão Quirino dos. “Entrevista”. In: FREITAS, Sônia Maria. **Reminiscências: contribuição à memória da Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras da Universidade de São Paulo, 1934-1945**. São Paulo: FFLCH/USP, 1992. Dissertação (Mestrado em História). Pp. 56-65.

SANTOS, Célia Nunes Galvão Quirino dos. *Curriculum Vitae*. Disponível em <http://www.cnpq.br/lattes>. Acesso em: 10 out. 2007.

SANTOS, Célia Nunes Galvão Quirino dos. Departamento de Ciência Política. **Estudos Avançados**, Revista do IEA/USP, São Paulo, v. 8, n. 22, set./dez. 1994. Pp. 337-348.

SANTOS, Célia Nunes Galvão Quirino dos. **Documentos de Célia Nunes Galvão Quirino dos Santos**. ARQUIVOS DA SEÇÃO DE PROTOCOLO. Administração da FFLCH-USP, s/d.

SANTOS, Célia Nunes Galvão Quirino dos; VIANNA, Rodolfo. Prof.^a Dr.^a Célia Nunes Galvão Quirino dos Santos. **Informe**. Informativo da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas – USP. São Paulo, n. 13, p. 4-5, ago./set. 2004.

SCHWARZ, Roberto. “Um seminário de Marx”. In: **Seqüências brasileiras: ensaios**. São Paulo, Companhia das Letras, 1999. Pp. 86-105.

SEÇÃO DE APOIO AOS EX-ALUNOS DE GRADUAÇÃO. **Diplomados pela Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras. Curso de Ciências Sociais: Turmas de 1936-1969**. São Paulo: Seção de publicações/FFCL-USP, 1969. Mimeo.

SOLA, Lourdes. *Curriculum Vitae*. Disponível em <http://www.cnpq.br/lattes>. Acesso em: 11 out. 2007.

SOLA, Lourdes. **Documentos de Lourdes Sola**. ARQUIVOS DA SEÇÃO DE PROTOCOLO. Administração da FFLCH-USP, s/d.

SOLA, Lourdes. **Memorial. Apresentado para concurso de Livre-Docência**. 1993. ARQUIVOS DA SEÇÃO DE PROTOCOLO. Administração da FFLCH-USP.

SOUZA, Maria do Carmo Campello de. **Documentos de Maria do Carmo Campello de Souza**. ARQUIVOS DA SEÇÃO DE PROTOCOLO. Administração da FFLCH-USP, s/d.

TRIGO, Maria Helena Bueno. **Espaços e tempos vividos: estudo sobre os códigos de sociabilidade e relações de gênero na Faculdade de Filosofia da USP (1934-1970)**. São Paulo: FFLCH/USP, 1997. Tese. (Doutorado em Sociologia)

UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO. **Anuário da Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras da Universidade de São Paulo**. São Paulo: FFCL-USP (volumes de 1952; 1953; 1954).

UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO. **Anuário da Universidade de São Paulo**. São Paulo: Reitoria da Universidade de São Paulo (volumes de 1934-39; 1940-41).

UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO. **Filosofia, Ciências e Letras**. São Paulo: FFCL-USP (volumes de 1936 a 1953).

UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO. **Guia da Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras**. São Paulo: Seção de publicações, FFCL-USP (volumes de 1943; 1948; 1951; 1953; 1959; 1965; 1966).

UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO. **Guia da Universidade de São Paulo**. São Paulo: Reitoria da Universidade de São Paulo/Departamento de Cultura e Ação Social/Divisão de Difusão Cultural (volumes de 1949-50; 1951-52; 1953-54).

UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO. **Programas aprovados pela congregação para o ano letivo de 1954**. São Paulo: FFCL-USP, 1954 (idem para 1953, 1959, 1960, 1961, 1962, 1964, 1966, 1967, 1968).

UNIVERSIDADE FEDERAL DE SÃO CARLOS. **Biblioteca Comunitária - Fundo Florestan Fernandes**.

VIERTLER, Renate Brigitte Nützler. *Curriculum Vitae*. Disponível em <http://www.cnpq.br/lattes>. Acesso em: 09 out. 2007.

VIERTLER, Renate Brigitte Nützler. **Memorial. Para Concurso de Professor Assistente de Antropologia**. 1975. ARQUIVOS DA SEÇÃO DE PROTOCOLO. Administração da FFLCH-USP.

VILELA, Lavinia Costa. **Documentos de Lavinia Costa Vilela**. ARQUIVOS DA SEÇÃO DE PROTOCOLO. Administração da FFLCH-USP, s/d.

WILLEMS, Emilio (em colaboração com Gioconda Mussolini). **A ilha de Búzios: uma comunidade caiçara no Sul do Brasil**. São Paulo: Hucitec; Nupaub, 2003.

d) Fontes bibliográficas:

BEIGUELMAN, Paula. **A formação do povo no complexo cafeeiro: aspectos políticos**. São Paulo: Edusp, 2005.

BLAY, Eva Alterman. **Trabalho domesticado: a mulher na indústria paulista**. São Paulo: Ática, 1978.

DURHAM, Eunice Ribeiro. **A caminho da cidade: a vida rural e a migração para São Paulo**. São Paulo: Perspectiva, 1973b.

FRANCO, Maria Sylvia de Carvalho. **Homens livres na ordem escravocrata**. São Paulo: Fundação Editora da UNESP, 1997.

MUSSOLINI, Gioconda. “Persistência e mudança em sociedades de “folk” no Brasil”. In: BALDUS, Herbert (org.). **Anais do XXXI Congresso Internacional de Americanistas (1954)**. São Paulo: Anhembi, 1955, Vol. I, pp. 333-355.

MUSSOLINI, Gioconda. Resenha. “Cunha: tradição e transição em uma cultura rural do Brasil”. **Revista do Museu Paulista**. São Paulo, Vol. III, 1949, pp. 477-480.

PEREIRA DE QUEIROZ, Maria Isaura. “O Coronelismo numa interpretação sociológica”. In: FAUSTO, Boris (org.). **História geral da civilização brasileira. O Brasil republicano: estrutura de poder e economia (1889-1930)**. São Paulo: Difel, 1975, vol. 1, t. 3. Pp. 155-190.

PEREIRA DE QUEIROZ, Maria Isaura. “O mandonismo local na vida política brasileira”. In: **O mandonismo local na vida política brasileira e outros ensaios**. São Paulo: Alfa & Ômega, 1976b, pp. 33-159.

SOUZA, Maria do Carmo Campello de. **Estado e partidos políticos no Brasil (1930-1964)**. São Paulo: Alfa & Ômega, 1990.

BIBLIOGRAFIA

AGUIAR, Joaquim Alves de. Anotações à margem de um belo livro. **Literatura e Sociedade**, São Paulo: USP/FFLCH/DTLLC, v. 4, 1999. Pp. 129-140.

ALVES, Caleb Faria. **Benedito Calixto e a construção do imaginário republicano**. São Paulo: FFLCH/USP, 2001. Tese. (Doutorado em Sociologia)

ARANTES, Paulo Eduardo. **Sentimento da dialética na experiência intelectual brasileira: dialética e dualidade segundo Antonio Candido e Roberto Schwarz**. São Paulo: Paz e Terra, 1992.

ARANTES, Paulo Eduardo. **Um departamento francês de ultramar: estudos sobre a formação da cultura filosófica uspiana (uma experiência nos anos 60)**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1994.

ARANTES, Paulo Eduardo; ARANTES, Otília Beatriz Fiori. **Sentido da formação: três estudos sobre Antônio Candido, Gilda de Mello & Souza e Lúcio Costa**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1997.

ARAÚJO, Ricardo Benzaquen. **Guerra e paz: casa-grande e Senzala e a obra de Gilberto Freyre nos anos 30**. Rio de Janeiro: Escuta, 1994.

ARINOS, Afonso; LAFER, Celso *et alii*. **Esboço de figura: homenagem a Antonio Candido**. São Paulo: Duas Cidades, 1979.

ARRUDA, Maria Arminda do Nascimento. “A imagem do negro na obra de Florestan Fernandes”. In: SCHWARCZ, Lilia K. M.; QUEIROZ, Renato da Silva (orgs.). **Raça e diversidade**. São Paulo: Edusp, 1996.

ARRUDA, Maria Arminda do Nascimento. “A Sociologia no Brasil: Florestan Fernandes e a ‘escola paulista’”. In: MICELI, Sérgio (org.). **História das Ciências Sociais no Brasil**. São Paulo: Sumaré, 1995. Pp. 107-231, vol. 2.

ARRUDA, Maria Arminda do Nascimento. “Dilemas do Brasil moderno: a questão racial na obra de Florestan Fernandes”. In: MAIO, Marcos Chor; SANTOS, Ricardo Ventura (orgs.). **Raça, ciência e sociedade**. Rio de Janeiro: Fiocruz/CCBB, 1996b.

ARRUDA, Maria Arminda do Nascimento. A trajetória da pesquisa na Sociologia. **Estudos Avançados**, Revista do IEA/USP, São Paulo, v. 8, n. 22, set./dez. 1994. Pp. 315-324.

ARRUDA, Maria Arminda do Nascimento. Arremate de uma reflexão: a revolução burguesa no Brasil de Florestan Fernandes. **Revista USP**, São Paulo, n. 29, pp. 56-65, mar/abr/mai. 1996c.

ARRUDA, Maria Arminda do Nascimento. Descentramento do olhar: a recepção da obra de Norbert Elias no Brasil. **Novos Estudos/Cebrap**, São Paulo, n. 54, pp. 174-179, jul. 1999.

ARRUDA, Maria Arminda do Nascimento. Empreendedores culturais imigrantes em São Paulo de 1950. **Tempo Social**; Rev. Sociol. USP, São Paulo, USP, v. 17 (01), pp. 135-158, junho de 2005.

ARRUDA, Maria Arminda do Nascimento. **Metrópole e cultura: São Paulo no meio do século XX**. Bauru (SP): EDUSC, 2001.

ARRUDA, Maria Arminda do Nascimento. Trajetórias da Sociologia da cultura no Brasil: os anos recentes. **Revista USP**, São Paulo, n. 50, pp. 100-107, junho/agosto 2001b.

ARRUDA, Maria Arminda do Nascimento; GARCIA, Sylvia Gemignani. **Florestan Fernandes: mestre da Sociologia moderna**. São Paulo: Paralelo 15, 2003.

AZEVEDO, Fernando; PEIXOTO, Afrânio *et alii*. **A reconstrução educacional do Brasil: manifesto dos pioneiros da educação de 1932**. S/d. Mimeo. Colaboração do Serviço Social da Indústria – SESI.

BASTIDE, Roger. In: PEREIRA DE QUEIROZ, Maria Isaura (org.). **Roger Bastide: Sociologia**. São Paulo: Ática, 1983.

BASTIDE, Roger. “Stereotypes et préjugé de couleur: à la mémoire de Lucile Hermann”. **Sociologia**, vol. XVIII, n. 2, São Paulo, 1956, pp. 141-171. (Separata).

BASTOS, Élide Rugai. “Pensamento social da escola sociológica paulista”. In: MICELI, Sérgio (org.). **O que ler na ciência social brasileira 4 (1970-2002)**. São Paulo: ANPOCS, Sumaré; Brasília (DF): CAPES, 2002. Pp. 183-230.

BASTOS, Élide Rugai. **Gilberto Freyre e a formação da sociedade brasileira**. São Paulo: PUC, 1986. Tese. (Doutorado em Ciências Sociais)

BASTOS, Élide Rugai; ABRUCIO, Fernando; LOUREIRO, Maria Rita; REGO, José Marcio. **Conversas com sociólogos brasileiros**. São Paulo: Editora 34, 2006.

BEIGUELMAN, Paula. **A formação do povo no complexo cafeeiro: aspectos políticos**. São Paulo: Edusp, 2005.

BLAY, Eva Alterman. **Trabalho domesticado: a mulher na indústria paulista**. São Paulo: Ática, 1978.

BOMENY, Helena. **Guardiães da razão: modernistas mineiros**. Rio de Janeiro: UFRJ, 1994.

BOTELHO, André. Sequências de uma Sociologia política brasileira. **Dados**, Rio de Janeiro, v. 50, n. 1, 2007. Disponível em <http://www.scielo.br>. Acesso em: 25 ago. 2008.

BOURDIEU, Pierre. **A dominação masculina**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2003. 3ª. ed.

BOURDIEU, Pierre. **A economia das trocas simbólicas**. São Paulo: Perspectiva, 1974.

BOURDIEU, Pierre. **As regras da arte: gênese e estrutura do campo literário**. São Paulo: Companhia das Letras, 1996.

BOURDIEU, Pierre. Campo intelectual e projeto criador. In: POUILLON, Jean (org.). **Problemas do estruturalismo**. Rio de Janeiro: Zahar, 1968.

- BOURDIEU, Pierre. **Coisas ditas**. São Paulo: Brasiliense, 2004.
- BOURDIEU, Pierre. In: ORTIZ, Renato (org.). **A Sociologia de Pierre Bourdieu**. São Paulo: Olho d'Água, 2003.
- BOURDIEU, Pierre. In: ORTIZ, Renato (org.). **Pierre Bourdieu: Sociologia**. São Paulo: Ática, 1983.
- BOURDIEU, Pierre. **O poder simbólico**. Lisboa: Bertrand Brasil; Rio de Janeiro: Difel, 1989.
- BOURDIEU, Pierre. **Questões de Sociologia**. Rio de Janeiro: Marco Zero, 1983b.
- BUENO, Francisco da Silveira. **Grande dicionário etimológico-prosódico da língua portuguesa: vocábulos, expressões da língua geral e científica, sinônimos, contribuições do tupi-guarani**. São Paulo: Edição Saraiva, 1964.
- BULMER, Martin. The Chicago School of Sociology: what made it a “School”? **History of sociology**; an international review, vol. 5, n. 2, Spring 1985, pp. 61-77. (Trad.: Mário A. Eufrásio). Mimeo.
- CANDIDO, João Carlos. **Entre a política e a polícia: a contribuição e a crítica da sociedade industrial democrática na Sociologia paulista dos anos 1950 e 1960**. São Paulo: FFLCH/USP, 2002. Dissertação (Mestrado em Sociologia).
- CARDOSO, Fernando Henrique. Universidade precisa de mais método e menos ideologia. **Folhaonline**, 23 de janeiro de 2004. Disponível em <http://www.folha.com.br>. Acesso em: 09 nov. 2007.
- CARDOSO, Irene de Arruda Ribeiro. **A universidade da comunhão paulista: o projeto de criação da Universidade de São Paulo**. São Paulo: Cortez, 1982.
- CARVALHO NETTO, Tania Maria de Castro. **Universidade: a misoginia em desconstrução - gênero e poder na Universidade do Estado do Rio de Janeiro**. São Paulo: FFLCH/USP, 1999. Tese (Doutorado em Sociologia)
- CARVALHO, José Murillo de. Mandonismo, coronelismo, clientelismo: uma discussão conceitual. **Dados**, Rio de Janeiro, v. 40, n. 2, 1997. Disponível em <http://www.scielo.br>. Acesso em: 27 ago. 2008.
- CAVALCANTI, Maria Laura Viveiros de Castro. Oracy Nogueira e a antropologia no Brasil: o estudo do estigma e do preconceito racial. **Revista Brasileira de Ciências Sociais**, São Paulo, v. 31, pp 5-28, 1996.
- CAVALCANTI, Maria Laura Viveiros de Castro. Oracy Nogueira: esboço de uma trajetória intelectual. **História, Ciência e Saúde - Manguinhos**, Rio de Janeiro, v. 2, n. 2, pp. 119-121, 1995.
- CHARTIER, Roger. “Diferença entre os sexos e dominação simbólica”. **Cadernos PAGU** (4). Campinas (SP): NEG/UNICAMP, 1995.
- CIACCHI, Andrea. A mulher que puxou a rede. Gioconda Mussolini e os estudos sobre pesca no Brasil. **VII Reunião de Antropologia do Mercosul**. CD-ROM, 2007.
- CIACCHI, Andrea. **As testemunhas do silêncio: Gioconda Mussolini entre lembranças e esquecimentos**. Texto apresentado no 31º. Encontro Anual da ANPOCS, de 22 a 26 de outubro de 2007b. Mimeo. 47 p..

CIACCHI, Andrea. Gioconda Mussolini: uma travessia bibliográfica. **Revista de Antropologia**, São Paulo, v. 50, n. 1, June 2007. Disponível em http://www.scielo/scielo.php?script=sci_arttext&piel=S003477012007000100005&Ing=in&nrm=iso. Acesso em 10/10/2008.

CLARK, Terry N. **Prophets and patrons: the French university and the emergency of the social science**. Cambridge, Mass. Harvard University Press, 1973.

COELHO, Ruy. **Tempo de Clima**. São Paulo: Perspectiva; CESA, 2002.

COMISSÃO ORGANIZADORA DOS 70 ANOS DA FFLCH-USP. **MEMÓRIA: FFCL-FFLCH-USP**. São Paulo: Serviço de Divulgação e Informação, Assessoria de Comunicação; FFLCH-USP, maio, 2002.

CORRÊA, Mariza. “A Antropologia no Brasil (1960-1980)”. In: MICELI, Sérgio (org.). **História das Ciências Sociais no Brasil**. São Paulo: Sumaré, 1995. Pp. 25-106, vol. 2.

CORRÊA, Mariza. **Antropólogas & antropologia**. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2003.

CORRÊA, Mariza. **História da antropologia no Brasil: 1930-1960/testemunhos de Emílio Willems e Donald Pierson**. Campinas, Vértice/Unicamp, 1987.

COSER, Lewis. “Tendências americanas”. In: BOTTOMORE, Thomas Burton & NISBET, Robert (orgs.). **História da análise sociológica**. Rio de Janeiro: Zahar, 1980. Pp. 379-420.

COUTINHO, Carlos Nelson. Cultura brasileira: um intimismo deslocado, à sombra do poder? **Cadernos de debate**, n.1, São Paulo: Brasiliense, 1976, pp. 65-67.

D’INCAO, Maria Ângela (org.). **O saber militante: ensaios sobre Florestan Fernandes**. Rio de Janeiro: Paz e Terra; São Paulo: UNESP, 1987.

D’INCAO, Maria Ângela; SCARABÔTOLO, Eloísa F. (org.). **Dentro do texto, dentro da vida: ensaios sobre Antonio Candido**. São Paulo: Companhia das Letras, 1992.

DEL PRIORE, Mary (org.). **História das mulheres no Brasil**. São Paulo: Contexto, 1997.

DIAS, André Luís Mattedi. As fundadoras do Instituto de Matemática e Física da Universidade da Bahia. **História, Ciências, Saúde - Manguinhos**, vol. 7 (n.3): 653-674, Rio de Janeiro, nov. 2000-fev. 2001.

DIAS, André Luís Mattedi. **Engenheiros, mulheres, matemáticos: interesses e disputas na profissionalização da matemática na Bahia (1896-1968)**. São Paulo: FFLCH/USP, 2002. Tese. (Doutorado em História)

DOSSIÊ FLORESTAN FERNANDES. **Estudos Avançados**, Revista do IEA/USP, São Paulo, v. 10, n. 26, jan./abr. 1996.

DOSSIÊ FLORESTAN FERNANDES. **Revista USP**, São Paulo, n. 29, março-maio 1996.

DURHAM, Eunice Ribeiro. **A caminho da cidade: a vida rural e a migração para São Paulo**. São Paulo: Perspectiva, 1973b.

DURHAM, Eunice Ribeiro; FRY, Peter (org.). **A dinâmica da cultura: ensaios de antropologia**. São Paulo: Cosac Naify, 2004.

ELEUTÉRIO, Maria de Lourdes. **De esfinges e heroínas: a condição da mulher letrada na transição do fim do século**. São Paulo: FFLCH/USP, 1997. Tese. (Doutorado em Sociologia)

ELIAS, Norbert. **A sociedade de corte: investigação sobre a Sociologia da realeza e da aristocracia de corte**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2001.

ELIAS, Norbert. **A sociedade dos indivíduos**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1994.

ELIAS, Norbert. **Elias por ele mesmo**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2001.

ELIAS, Norbert. **Escritos e ensaios 1: Estado, processo, opinião pública**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2006. (org. e apresent de Federico Neiburg e Leopoldo Waizbort).

ELIAS, Norbert. **Introdução à Sociologia**. Lisboa: Edições 70, 1970. (Trad. Maria Luisa Ribeiro Ferreira).

ELIAS, Norbert. **Mozart: Sociologia de um gênio**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1995.

ELIAS, Norbert. **O processo civilizador – v. 1: uma história dos costumes**. Rio de Janeiro: Zahar, 1994b.

ELIAS, Norbert. **O processo civilizador – v. 2: formação do Estado e civilização**. Rio de Janeiro: Zahar, 1993.

ELIAS, Norbert. **Os alemães: a luta pelo poder e a evolução do *habitus* nos séculos XIX e XX**. Rio de Janeiro: Zahar, 1997.

ELIAS, Norbert; SCOTSON, John L.. **Os estabelecidos e os *outsiders*: Sociologia das relações de poder a partir de uma pequena comunidade**. Rio de Janeiro: Zahar, 2000.

FAORO, Raymundo. **Os donos do poder: formação do patronato brasileiro**. São Paulo: Globo, 1995.

FERNANDES, Florestan. **A questão da USP**. São Paulo: Brasiliense, 1984.

FERNANDES, Florestan. **A Sociologia no Brasil: contribuição para o estudo de sua formação e desenvolvimento**. Petrópolis: Vozes, 1977.

FERNANDES, Florestan. **A Sociologia numa era de revolução social**. Rio de Janeiro: Zahar Editores, 1976. 2ª. ed. reorganizada e ampliada.

FERNANDES, Florestan. Ciências sociais: na ótica do intelectual militante. **Estudos Avançados**, Revista do IEA/USP, São Paulo, v. 8, n. 22, set./dez. 1994. Pp. 123-138.

FERNANDES, Florestan. Depoimento. **Língua e literatura**. São Paulo: FFLCH/USP, 1981/84.

FERNANDES, Florestan. **Elementos de Sociologia teórica**. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo; Companhia Editora Nacional, 1970.

- FERNANDES, Florestan. **Ensaio de Sociologia geral e aplicada**. São Paulo: Livraria Pioneira Editora, 1960.
- FERNANDES, Florestan. Esboço de uma trajetória. **BIB**, São Paulo, n. 40, 1995.
- FERNANDES, Florestan. **Folclore e mudança social na cidade de São Paulo**. São Paulo: Anhambi, 1961.
- FERNANDES, Florestan. **Fundamentos empíricos de explicação sociológica**. São Paulo: Nacional, 1972.
- FERNANDES, Florestan. In: IANNI, Octavio (org.). **Florestan Fernandes: Sociologia**. São Paulo: Ática, 1983.
- FERNANDES, Florestan; BASTIDE, Roger. **Branco e negro em São Paulo: ensaio sociológico sobre aspectos da formação, manifestações atuais e efeitos do preconceito de cor na sociedade paulistana**. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1959.
- FERNANDES, Florestan; BOSI, A.; MOTA, C. G. *et alii*. Florestan Fernandes: história e histórias. **Novos Estudos/Cebrap**, São Paulo, n.42, jul. 1995b, pp. 03-31. (Entrevista a A. Bosi, C. G. Mota e G. Cohn em 26 jun. 1981)
- FERREIRA, Oliveiros da Silva. “Maria Antonia começou na praça”. In: SANTOS, Maria Cecília Loschiavo dos (org.). **Maria Antonia: uma rua na contramão**. São Paulo: Nobel, 1988. Pp. 19-26.
- FERREIRA, Oliveiros da Silva. Lourival Gomes Machado. **Estudos Avançados**, Revista do IEA/USP, São Paulo, v. 8, n. 22, set./dez. 1994. Pp. 279-284.
- FERRY, Luc & RENAUT, Alain. **Pensamento 68: ensaio sobre o anti-humanismo contemporâneo**. São Paulo: Editora Ensaio, 1988. (Trad.: Roberto MarKenson, Nelci do Nascimento Gonçalves).
- FORACCHI, Marialice Mencarini. **A juventude na sociedade moderna**. São Paulo: Livraria Pioneira, 1972.
- FORACCHI, Marialice Mencarini. **O estudante e a transformação da sociedade brasileira**. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1965.
- FORJAZ, Maria Cecília Spina. A emergência da Ciência Política no Brasil: aspectos institucionais. **Revista Brasileira de Ciências Sociais**, São Paulo, v. 12, n. 35, fev. 1997. Disponível em <http://www.scielo.br>. Acesso em: 01 jul. 2008.
- FRANCO, Maria Sílvia de Carvalho. **Homens livres na ordem escravocrata**. São Paulo: Fundação Editora da UNESP, 1997.
- FRANCO, Maria Sílvia de Carvalho. As idéias estão no lugar. **Cadernos de debate**, n.1, São Paulo: Brasiliense, 1976, pp. 61-64.
- GARCIA, Sílvia Gemignani. **Destino ímpar: sobre a formação de Florestan Fernandes**. São Paulo: 34, 2002.
- GARCIA, Sílvia Gemignani. Folclore e Sociologia em Florestan Fernandes. **Tempo Social; Rev. Sociol. USP**, São Paulo, USP, 13 (02), pp. 143-167, novembro de 2001.

- GIANNOTTI, José Arthur. **A universidade em ritmo de barbárie**. São Paulo: Brasiliense, 1987.
- GIANNOTTI, José Arthur. “Maria Antonia: uma certa geração da Faculdade de Filosofia”. In: SANTOS, Maria Cecília Loschiavo dos (org.). **Maria Antonia: uma rua na contramão**. São Paulo: Nobel, 1988. Pp. 44-49.
- HEILBORN, Maria Luiza; SORJ, Bila. “Estudos de gênero no Brasil”. In: MICELI, Sergio. **O que ler na ciência social brasileira 2 (1970-1995)**. São Paulo: ANPOCS, Sumaré; Brasília (DF): CAPES, 1999. Pp. 183-221.
- HOLLANDA, Chico Buarque de; WERNECK, Humberto. **Chico Buarque: letra e música**. São Paulo: Companhia das Letras, 1989.
- HOUAISS, Antônio; VILLAR, Mauro de Salles. **Dicionário Houaiss da língua portuguesa**. Rio de Janeiro: Objetiva, 2001.
- JACKSON, Luiz Carlos. A Sociologia paulista nas revistas especializadas. **Tempo Social**; Rev. Sociol. USP, São Paulo, USP, v. 16 (01), pp. 263-283, Jun. 2004.
- JACKSON, Luiz Carlos. **A tradição esquecida: os parceiros do Rio Bonito e a Sociologia de Antonio Candido**. Belo Horizonte: UFMG; São Paulo: FAPESP, 2002.
- JACKSON, Luiz Carlos. Gerações pioneiras na Sociologia paulista (1934-1969). **Tempo social**, São Paulo, v. 19, n. 1, 2007. Disponível em <http://www.scielo.br>. Acesso em: 10 jan. 2008.
- JACKSON, Luiz Carlos. **Representações do mundo rural brasileiro: dos precursores à Sociologia da USP**. São Paulo: FFLCH/USP, 2003. Tese. (Doutorado em Sociologia)
- JACKSON, Luiz Carlos. Tensões e disputas na Sociologia paulista (1940-1970). **Revista Brasileira de Ciências Sociais**, São Paulo, v. 22, n. 65, out. 2007b. Disponível em <http://www.scielo.br>. Acesso em: 02 jun. 2008.
- JACOBY, Russel. **Os últimos intelectuais: a cultura americana na era da academia**. São Paulo: Edusp, 1990.
- KANTOR, Iris; MACIEL, Débora A.; SIMÕES, Júlio Assis. **A Escola Livre de Sociologia e Política. Anos de formação: 1933-1953. Depoimentos**. São Paulo: Escuta, 2001.
- KOSMINSKY, Ethel Volfzon (org.). **Agruras e prazeres de uma pesquisadora: ensaios sobre a Sociologia de Maria Isaura Pereira de Queiroz**. Marília: UNESP/FAPESP, 1999.
- LAHUERTA, Milton. **Intelectuais e transição: entre a política e a profissão**. São Paulo: FFLCH/USP, 1999. Tese. (Doutorado em Ciência Política)
- LEITE, Miriam Lifchitz Moreira. “Entrevista”. In: FREITAS, Sônia Maria. **Reminiscências: contribuição à memória da Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras da Universidade de São Paulo, 1934-1945**. São Paulo: FFLCH/USP, 1992. Dissertação (Mestrado em História). Pp. 116-124.

- LEITE, Miriam Lifchitz Moreira. Memória da Faculdade de Filosofia (1934-1994). **Estudos Avançados**, Revista do IEA/USP, São Paulo, v. 8, n. 22, set./dez. 1994. Pp. 167-177.
- LEPENIES, Wolf. **As três culturas**. São Paulo: Edusp, 1996.
- LIMONGI, Fernando. "Mentores e clientelas na Universidade de São Paulo". In: MICELI, Sergio (org.). **História das Ciências Sociais no Brasil**. São Paulo: Sumaré, 2001, vol. 1. Pp. 135-221.
- LIMONGI, Fernando. "A Escola Livre de Sociologia e Política em São Paulo". In: MICELI, Sergio (org.). **História das Ciências Sociais no Brasil**. São Paulo: Sumaré, 2001b, vol. 1. Pp. 257-275.
- MACIEL, Alba Costa; ANDRADE, Diva; VALE, Eunides do. A antropologia na Universidade de São Paulo: histórico e situação atual. **Revista de Antropologia**, São Paulo, v. 21 (1ª. e 2ª. partes), 1978. Pp. 117-143.
- MANNHEIM, Karl. "A competição como fenômeno cultural". In: **Sociologia do conhecimento**. Porto: Rés-Editora, s/d, vol. 2. Pp. 5-54.
- MANNHEIM, Karl. "O problema da 'Intelligentsia': um estudo de seu papel no passado e no presente". In: **Sociologia da cultura**. São Paulo: Perspectiva, 2001, 2ª. ed.. Pp. 69-139.
- MANNHEIM, Karl. In: FORACCHI, Marialice Mencarini (org.). **Mannheim: Sociologia**. São Paulo: Ática, 1982.
- MANNHEIM, Karl. **Le problème de générations**. Paris: Nathan, 1990.
- MANNHEIM, Karl. O pensamento conservador. In: MARTINS, José de Souza (org.). **Introdução crítica à Sociologia rural**. São Paulo: HUCITEC, 1979.
- MARRAS, Stélio. Pessoa e instituição: entrevista com João Baptista Borges Pereira. **Revista de Antropologia**, v. 46, n. 2, São Paulo, pp. 319-345, 2003.
- MARTINEZ, Paulo (org.). **Florestan ou o sentido das coisas**. São Paulo: Boitempo, 1998.
- MARTINS, José de Souza. **Florestan: Sociologia e consciência social no Brasil**. São Paulo: Edusp, 1998.
- MAUGER, Gerard. "Postface". In: MANNHEIM, Karl. **Le problème des générations**. Paris: Nathan, 1990. Pp. 85-115.
- MELLO E SOUZA, Antonio Candido de. **Florestan Fernandes**. São Paulo: Fundação Perseu Abramo, 2001.
- MELLO E SOUZA, Antonio Candido de. **Formação da literatura brasileira: momentos decisivos**. Belo Horizonte: Itatiaia, 2000.
- MELLO E SOUZA, Antonio Candido de. **Os parceiros do Rio Bonito: estudo sobre o caipira paulista e a transformação dos seus meios de vida**. São Paulo: Duas Cidades; Ed. 34, 2001b.
- MELLO E SOUZA, Antonio Candido; MATHIAS, Simão *et alii*. **Os acontecimentos da Rua Maria Antonia (2 e 3 de outubro de 1968)**. São Paulo: FFLCH, 1988.

- MELLO E SOUZA, Gilda Rocha de. Depoimento. **Língua e Literatura**, São Paulo: FFLCH/USP, ano X, v. 10-13, pp. 134-157, 1981-84.
- MELLO E SOUZA, Gilda Rocha de. **O tupi e o alaúde: uma interpretação de Macunaíma**. São Paulo: Duas Cidades, 1979.
- MENDOZA, Edgar S. G. Donald Pierson e a escola sociológica de Chicago no Brasil: os estudos urbanos na cidade de São Paulo (1935-1950). **Sociologias**, 14, 2005, pp. 440-470. Disponível em <http://www.scielo.br>. Acesso em: 09 jan. 2008.
- MICELI, Sergio (org.). **História das Ciências Sociais no Brasil**. São Paulo: Vértice; Revista dos Tribunais, 2001, vol. 1.
- MICELI, Sergio (org.). **História das Ciências Sociais no Brasil**. São Paulo: Sumaré; FAPESP, 1995, vol. 2.
- MICELI, Sergio (org.). **O que ler na ciência social brasileira 2 (1970-1995)**. São Paulo: ANPOCS: Editora Sumaré; Brasília (DF): CAPES, 1999.
- MICELI, Sergio (org.). **O que ler na ciência social brasileira 4 (1970-2002)**. São Paulo: ANPOCS: Editora Sumaré; Brasília (DF): CAPES, 2002.
- MICELI, Sérgio. “Carne e osso da elite política brasileira pós-1930”. In: FAUSTO, Boris (org.). **História geral da civilização brasileira. O Brasil republicano: sociedade e política (1930-1964)**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1996, vol. 3, t. 3. Pp. 557-596.
- MICELI, Sergio. “Condicionantes do desenvolvimento das ciências sociais”. In: MICELI, S., *op. cit.*, 2001, vol. 1. Pp. 91-133.
- MICELI, Sérgio. “Intelectuais e classe dirigente no Brasil (1920-1945)”. In: **Intelectuais à brasileira**. São Paulo: Companhia das Letras, 2001b: 69-291.
- MICELI, Sergio. “O cenário institucional das Ciências Sociais no Brasil”. In: MICELI, S., *op. cit.*, 1995, vol. 2. Pp. 7-24.
- MICELI, Sergio. “Por uma Sociologia das Ciências Sociais no Brasil”. In: MICELI, S., *op. cit.*, 2001, vol. 1. Pp. 11-28.
- MICELI, Sérgio. **A elite eclesiástica brasileira**. Rio de Janeiro: Editora Bertrand Brasil S.A., 1988.
- MICELI, Sergio. **Imagens negociadas: retratos da elite brasileira (1920-1945)**. São Paulo: Companhia das Letras, 1996b.
- MICELI, Sergio. **Intelectuais à brasileira**. São Paulo: Companhia das Letras, 2001b.
- MICELI, Sérgio. **Nacional estrangeiro: história social e cultural do modernismo artístico em São Paulo**. São Paulo: Companhia das Letras, 2003.
- MORSE, Richard M.. “Economia *manchesteriana* e Sociologia paulista”. In: **A volta de McLuhanaíma: cinco estudos solenes e uma brincadeira séria**. São Paulo: Companhia das Letras, 1990.
- MOTA, Carlos Guilherme. **Ideologia da cultura brasileira (1933-1974): pontos de partida para uma revisão histórica**. São Paulo: Ática, 1994.

MOTA, Lourenço Dantas (org.). **Introdução ao Brasil 2: um banquete no trópico**. São Paulo: Senac, 2001.

MOTA, Lourenço Dantas (org.). **Introdução ao Brasil: um banquete no trópico**. São Paulo: Senac, 1999.

MOURÃO, Fernando Augusto Albuquerque. Ruy Galvão de Andrada Coelho. **Estudos Avançados**, Revista do IEA/USP, São Paulo, v. 8, n. 22, set./dez. 1994. Pp. 275-277.

MUSSOLINI, Gioconda. “Aspectos da cultura e da vida social no litoral brasileiro”. In: MUSSOLINI, Gioconda; CARONE, Edgard (org.). **Ensaio de antropologia indígena e caiçara**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1980, pp. 219-242.

MUSSOLINI, Gioconda. Resenha. “Cunha: tradição e transição em uma cultura rural do Brasil”. **Revista do Museu Paulista**. São Paulo, Vol. III, 1949, pp. 477-480.

MUSSOLINI, Gioconda. “Persistência e mudança em sociedades de “folk” no Brasil”. In: BALDUS, Herbert (org.). **Anais do XXXI Congresso Internacional de Americanistas (1954)**. São Paulo: Anhembi, 1955, vol. I, pp. 333-355.

NEGRÃO, Lísias Nogueira. Revisitando o messianismo no Brasil e profetizando seu futuro. **Revista Brasileira de Ciências Sociais**, São Paulo, v. 16, n. 46, junho 2001.

NEIBURG, Federico *et alii*.; WAIZBORT, Leopoldo (org.). **Dossiê Norbert Elias**. São Paulo: Edusp, 2001. 2ª. ed.

NEME, Mario (org.). **Plataforma da nova geração**. Porto Alegre: Globo, 1945.

NOGUEIRA, Oracy. A Sociologia no Brasil. In: FERRI, Mário Guimarães; MOTOYAMA, Shozo (coords.). **História das ciências no Brasil**. São Paulo: EPU; Ed. da Universidade de São Paulo, 1979-1981. Pp. 181-234.

OLIVA, Alberto. **Ciência e ideologia: Florestan Fernandes e a formação das ciências sociais no Brasil**. Porto Alegre: Edipucrs, 1997.

OLIVEIRA, Lúcia Lippi. “Interpretações sobre o Brasil”. In: MICELI, Sergio (org.). **O que ler na ciência social brasileira 2 (1970-1995)**. São Paulo: ANPOCS: Editora Sumaré; Brasília (DF): CAPES, 1999. Pp. 147-181.

OLIVEIRA, Lúcia Lippi. **A Sociologia do Guerreiro**. Rio de Janeiro: UFRJ, 1995.

ORTIZ, Renato. **Cultura brasileira e identidade nacional**. São Paulo: Brasiliense, 1985.

PASSIANI, Enio. **Na trilha do Jeca: Monteiro Lobato e a formação do campo literário no Brasil**. Bauru (SP): EDUSC, 2003.

PAULA, Maria de Fátima Costa de. **A modernização da universidade e a transformação do perfil de intelligentsia universitária: casos USP e UFRJ**. São Paulo: FFLCH/USP, 1998. Tese. (Doutorado em Sociologia)

PEIXOTO, Fernanda Arêas e SIMÕES, Júlio Assis. A *Revista de Antropologia* e as ciências sociais em São Paulo: notas sobre uma cena e alguns debates. **Revista de Antropologia**, vol. 46, n. 2, pp. 383-409, 2003.

PEIXOTO, Fernanda Arêas. **Diálogos brasileiros: uma análise da obra de Roger Bastide**. São Paulo: EDUSP, 2000.

PEIXOTO, Fernanda. “Franceses e norte-americanos nas ciências sociais brasileiras (1930-1960)”. In: MICELI, Sergio (org.). **História das Ciências Sociais no Brasil**. São Paulo: Sumaré, 2001, vol. 1. Pp. 477-231.

PEREIRA DE QUEIROZ, Maria Isaura. “Do rural e do urbano no Brasil”. In: SZMRECZANY, Tamás; QUEDA, Oriovaldo (orgs.). **Vida rural e mudança social: leituras básicas de Sociologia rural**. São Paulo: Nacional, 1979.

PEREIRA DE QUEIROZ, Maria Isaura. “O Coronelismo numa interpretação sociológica”. In: FAUSTO, Boris (org.). **História geral da civilização brasileira. O Brasil republicano: estrutura de poder e economia (1889-1930)**. São Paulo: Difel, 1975, vol. 1, t. 3. Pp. 155-190.

PEREIRA DE QUEIROZ, Maria Isaura. “O mandonismo local na vida política brasileira”. In: **O mandonismo local na vida política brasileira e outros ensaios**. São Paulo: Alfa & Ômega, 1976b, pp. 33-159.

PEREIRA DE QUEIROZ, Maria Isaura. **Bairros rurais paulistas: dinâmica das relações bairro rural-cidade**. São Paulo: Duas Cidades, 1973.

PEREIRA DE QUEIROZ, Maria Isaura. **Carnaval brasileiro: o vivido e o mito**. São Paulo: Brasiliense, 1992.

PEREIRA DE QUEIROZ, Maria Isaura. **Cultura, sociedade rural, sociedade urbana no Brasil: ensaios**. São Paulo: EDUSP, 1978.

PEREIRA DE QUEIROZ, Maria Isaura. Florestan Fernandes: um trabalhador intelectual fora de série. **Cadernos Ceru**, São Paulo, Série 2, n. 7, p.167-77, 1996.

PEREIRA DE QUEIROZ, Maria Isaura. **Messianismo no Brasil e no mundo**. São Paulo: Dominus, 1965.

PEREIRA DE QUEIROZ, Maria Isaura. **O campesinato brasileiro: ensaios sobre civilização e grupos rústicos no Brasil**. São Paulo: EDUSP, 1973b.

PEREIRA DE QUEIROZ, Maria Isaura. O catolicismo rústico no Brasil. **Revista do Instituto de Estudos Brasileiros**, São Paulo, IEB/USP, n. 05, pp. 103-123, 1968.

PEREIRA DE QUEIROZ, Maria Isaura. O sitiante tradicional e a percepção do espaço. **Revista do Instituto de Estudos Brasileiros**, São Paulo, IEB/USP, n. 15, pp. 79-96, 1974.

PEREIRA DE QUEIROZ, Maria Isaura. Política, ascensão social e liderança num povoado baiano. **Revista do Instituto de Estudos Brasileiros**, São Paulo, IEB/USP, n. 03, pp. 117-133, 1968b.

PEREIRA DE QUEIROZ, Maria Isaura. Roger Bastide, professor da Universidade de São Paulo. **Estudos Avançados**, Revista do IEA/USP, São Paulo, v. 8, n. 22, set./dez. 1994. Pp. 215-220.

PEREIRA DE QUEIROZ, Maria Isaura. **Sociologia e folclore: a dança de São Gonçalo num povoado baiano**. Salvador: Livraria Progresso Editora, 1958.

- PEREIRA, Alessandro Eugenio. **O ISEB na perspectiva de seu tempo: intelectuais, política e cultura no Brasil, 1952-1964**. São Paulo: FFLCH-USP, 2003. Tese. (Doutorado em Sociologia)
- PEREIRA, João Baptista Borges. Emilio Willems e Egon Schaden na antropologia. **Estudos Avançados**, Revista do IEA/USP, São Paulo, v. 8, n. 22, set./dez. 1994. Pp. 249-253.
- PILETTI, Nelson. Fernando de Azevedo. **Estudos Avançados**, Revista do IEA/USP, São Paulo, v. 8, n. 22, set./dez. 1994. Pp. 181-184.
- PINHO, Diva Benevides. Economia política e história das doutrinas econômicas. **Estudos Avançados**, Revista do IEA/USP, São Paulo, v. 8, n. 22, set./dez. 1994. Pp. 325-328.
- PONTES, Heloisa. “Retratos do Brasil: Editores, Editoras e “Coleções Brasileira” nas Décadas de 30, 40 e 50”. In: MICELI, Sergio (org.). **História das Ciências Sociais no Brasil**. São Paulo: Sumaré, 2001, vol. 1. Pp. 419-476.
- PONTES, Heloisa. Cidades e intelectuais: os “nova-iorquinos” da *Partisan Review* e os “paulistas” de Clima entre 1930 e 1950. **Revista Brasileira de Ciências Sociais**, São Paulo, ANPOCS, vol. 18, n. 55, outubro de 2003, pp. 33-52.
- PONTES, Heloisa. Círculos de intelectuais e experiência social. **Revista Brasileira de Ciências Sociais**, São Paulo, ANPOCS, vol. 12, n. 34, junho de 1997, pp. 57-69.
- PONTES, Heloisa. **Destinos mistos: os críticos do Grupo Clima em São Paulo (1940-1968)**. São Paulo: Companhia das Letras, 1998.
- PONTES, Heloisa. **Romance de formação: cruzando fronteiras, inventando tradições disciplinares, construindo o campo universitário da antropologia em São Paulo, 1930-50**. Mimeo. 12 p., s/d.
- PONTES, Heloisa; MELLO E SOUZA, Antonio Candido de. Entrevista com Antonio Candido. **Revista Brasileira de Ciências Sociais**, São Paulo, v. 16, n. 47, p. 5-30, 2001.
- PULICI, Carolina Martins. **De como o sociólogo deve praticar o seu ofício: as Cátedras de Sociologia da USP entre 1954 e 1969**. São Paulo: FFLCH/USP, 2004. Dissertação (Mestrado em Sociologia).
- RAMOS, Guerreiro Alberto. **Introdução crítica à Sociologia brasileira**. Rio de Janeiro: Andes Ltda., 1957 (3a. parte).
- RINGER, Fritz. **O declínio dos mandarins alemães: a comunidade acadêmica alemã, 1890-1933**. São Paulo: EDUSP, 2000.
- RODRIGUES, João Paulo Coelho de Souza. **A dança das Cadeiras: literatura e política na Academia Brasileira de Letras (1896-1913)**. Campinas, SP: Editora da Unicamp; Cecult, 2001.
- ROMÃO, Wagner de Melo. **A experiência do CESIT: Sociologia e política acadêmica nos anos 1960**. São Paulo: FFLCH/USP, 2003. Dissertação (Mestrado em Sociologia).

- ROSEMBERG, Fúlvia. “Estudos sobre mulher e relações de gênero”. In: MICELI, Sérgio (coord.). **A Fundação Ford no Brasil**. São Paulo: Editora Sumaré; FAPESP, 1993. Pp. 205-236.
- SAMPAIO, Lilian Alves. As sutilezas da Sociologia e a Sociologia das sutilezas: entrevista com Gabriel Cohn. **Plural**; Sociologia, USP, S. Paulo, **10**: 211-228, 1. sem. 1995.
- SANTOS, Célia Nunes Galvão Quirino dos. Departamento de Ciência Política. **Estudos Avançados**, Revista do IEA/USP, São Paulo, v. 8, n. 22, set./dez. 1994. Pp. 337-348.
- SCHADEN, Egon. Os primeiros tempos da antropologia em São Paulo. **Anuário Antropológico/82**. Fortaleza, Edições UFC; Rio de Janeiro, Tempo Brasileiro, 1984, p. 251-258.
- SCHORSKE, Carl E. **Pensando com a história**: indagações na passagem para o Modernismo. São Paulo: Companhia das Letras, 2000.
- SCHORSKE, Carl E. **Viena fin-de-siècle: política e cultura**. São Paulo, Companhia da Letras, 1988.
- SCHWARZ, Roberto. “Um seminário de Marx”. In: **Seqüências brasileiras: ensaios**. São Paulo, Companhia das Letras, 1999. Pp. 86-105.
- SEVCENKO, Nicolau. **Literatura como missão: tensões sociais e criação cultural na Primeira República**. São Paulo: Brasiliense, 1983.
- SIMIONI, Ana Paula Cavalcanti. **Profissão artista: pintoras e escultoras brasileiras entre 1884 e 1922**. São Paulo: FFLCH/USP, 2004. Tese. (Doutorado em Sociologia)
- SIMMEL, Georg. In: MORAES FILHO, Evaristo de (org.). **Simmel**: Sociologia. São Paulo: Ática, 1983.
- SOARES, Eliane Veras. **Florestan Fernandes: o militante solitário**. São Paulo: MEC/Funarte, 1997.
- SOUZA, Maria do Carmo Campello de. **Estado e partidos políticos no Brasil (1930-1964)**. São Paulo: Alfa & Ômega, 1990.
- TRIGO, Maria Helena Bueno. **Espaços e tempos vividos: estudo sobre os códigos de sociabilidade e relações de gênero na Faculdade de Filosofia da USP (1934-1970)**. São Paulo: FFLCH/USP, 1997. Tese. (Doutorado em Sociologia)
- TRIGO, Maria Helena Bueno. Maria Antonia: um mito? **Plural**; Sociologia, USP, São Paulo, 2, pp. 98-108, 1º. sem. 1995.
- TRIGO, Maria Helena Bueno. **Os paulistas de quatrocentos anos: ser e parecer**. São Paulo: Annablume, 2001.
- TRIGO, Maria Helena Bueno; BRIOSCHI, Lucila Reis. *Habitus* e campo. In: **Família**: representação e cotidiano. Reflexões sobre um trabalho de campo. Textos CERU 1, 2a série, 1989.
- VILHENA, Luís Rodolfo da Paixão. Os intelectuais regionais: os estudos do folclore e o campo das ciências sociais nos anos 50. **Revista Brasileira de Ciências Sociais**. São Paulo, Anpocs, 32, pp. 125-150, 1996.

VILHENA, Luís Rodolfo da Paixão. **Projeto e missão: o movimento folclórico brasileiro, 1947-1964**. Rio de Janeiro: FGV/Funarte, 1997.

VILLAS BOAS, Gláucia. De Berlim a Brusque, de São Paulo a Nashville: a Sociologia de Emílio Willems entre fronteiras. **Tempo Social**. Revista de Sociologia da USP, São Paulo, v. 12, p. 171-188, 2000.

WEBER, Max. “Sociologia da religião (tipos de relações comunitárias religiosas)”. *In: Economia e sociedade: fundamentos da Sociologia compreensiva*. Brasília (DF): Editora UnB; São Paulo: Imprensa Oficial do Estado de São Paulo, 1999, vol. I. Pp. 279-418.

WEBER, Max. **A ética protestante e o “espírito” do capitalismo**. São Paulo: Companhia das Letras, 2004. Trad. de José Marcos Mariani de Macedo; Rev. Téc. de Antônio Flávio Pierucci.

WEBER, Max. **Ensaio de Sociologia**. Rio de Janeiro: Zahar Editores, 1963 (org. e introd. de H. H. Gerth e C. Wright Mills; trad. de Waltensir Dutra).

WEBER, Max. **Ensayos sobre sociología de la religión**. Madrid: Taurus, 1991. 3 Volumes.

WERNECK VIANNA, Luiz. Weber e a interpretação do Brasil. *In: SOUZA, Jessé (org.). O malandro e o protestante: a tese weberiana e a singularidade cultural brasileira*. Brasília: Editora Universidade de Brasília, 1999: 173-193.

WILLIAMS, Raymond. A fração *Bloomsbury*. **Plural**; Sociologia, USP, S. Paulo, **6**: 139-168, 1. sem 1999.

WITTER, José Sebastião. **USP/50 anos: registros de um debate**. São Paulo: Reitoria da Universidade de São Paulo, 1984.